

# BERNARD CORNWELL

TOLOS & MORTAIS







## Obras do autor publicadas pela Editora Record

*1356*  
*Azincourt*  
*O condenado*  
*Stonehenge*  
*O forte*

### **Trilogia *As Crônicas de Artur***

*O rei do inverno*  
*O inimigo de Deus*  
*Excalibur*

### **Trilogia *A Busca do Graal***

*O arqueiro*  
*O andarilho*  
*O herege*

### **Série *As Aventuras de um Soldado nas Guerras Napoleônicas***

*O tigre de Sharpe (Índia, 1799)*  
*O triunfo de Sharpe (Índia, setembro de 1803)*  
*A fortaleza de Sharpe (Índia, dezembro de 1803)*  
*Sharpe em Trafalgar (Espanha, 1805)*  
*A presa de Sharpe (Dinamarca, 1807)*  
*Os fuzileiros de Sharpe (Espanha, janeiro de 1809)*  
*A devastação de Sharpe (Portugal, maio de 1809)*  
*A águia de Sharpe (Espanha, julho de 1809)*  
*O ouro de Sharpe (Portugal, agosto de 1810)*  
*A fuga de Sharpe (Portugal, setembro de 1810)*  
*A fúria de Sharpe (Espanha, março de 1811)*  
*A batalha de Sharpe (Espanha, maio de 1811)*  
*A companhia de Sharpe (janeiro a abril de 1812)*

### **Série *Crônicas Saxônicas***

*O último reino*

*O cavaleiro da morte*  
*Os senhores do norte*  
*A canção da espada*  
*Terra em chamas*  
*Morte dos reis*  
*O guerreiro pagão*  
*O trono vazio*  
*Guerreiros da tempestade*  
*O Portador do Fogo*

**Série *As Crônicas de Starbuck***

*Rebelde*  
*Traidor*  
*Inimigo*

# BERNARD CORNWELL

## TOLOS & MORTAIS

Tradução de  
José Roberto O'Shea  
1ª edição



EDITORIA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cornwell, Bernard, 1944-

C834t

Tolos e mortais [recurso eletrônico] / Bernard Cornwell ;  
tradução José Roberto O'Shea. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record,  
2018.

recurso digital

Tradução de: Fools and mortals

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11608-6 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. O'Shea, José Roberto.  
II. Título.

18-52716

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)

Título original:

Fools and Mortals

Copyright © Bernard Cornwell 2017

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens e acontecimentos aqui narrados, ainda que às vezes sejam baseados em figuras históricas, são fruto da imaginação do autor.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



**EDITORA AFILIADA**

ISBN 978-85-01-11608-6

Seja um leitor preferencial Record.

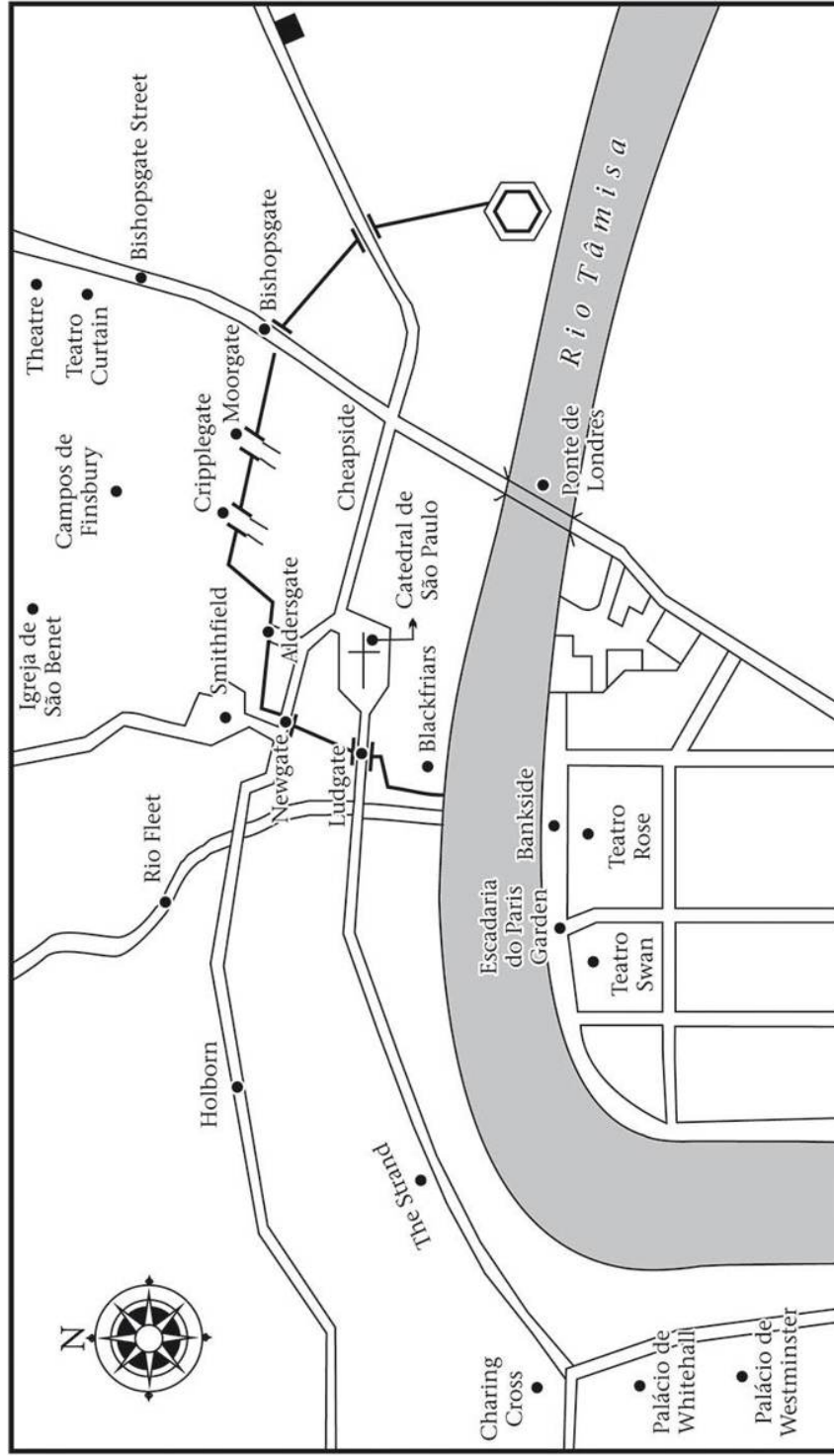
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*Tolos e Mortais*  
é dedicado, com afeto,  
a todos os atores, diretores,  
músicos e técnicos do  
Teatro Monomoy.





PUCK: Senhor, como são tolos esses mortais!

*Sonho de uma noite de verão*

Ato 3, cena 2

HIPÓLITA: Essa é a maior tolice que eu já vi.

TESEU: Mesmo os melhores atores não passam de sombras, e os piores não são piores, se a imaginação os emendar.

HIPÓLITA: Neste caso terá de ser a sua imaginação, não a deles.

TESEU: Se pensarmos que eles não são piores do que se imaginam a si mesmos, podem passar por excelentes atores.

*Sonho de uma noite de verão*

Ato 5, cena 1

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE

UM

DOIS

TRÊS

## SEGUNDA PARTE

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

## TERCEIRA PARTE

OITO

NOVE

DEZ

## QUARTA PARTE

ONZE

DOZE

## EPÍLOGO

## NOTA HISTÓRICA

PRIMEIRA PARTE

*ATORES EXCELENTES*

## UM

Morri assim que o relógio do corredor bateu nove horas. Há quem diga que Sua Majestade, Elizabeth, pela graça de Deus, Rainha da Inglaterra, França e Irlanda, não permite que relógios batam as horas em palácios reais. O tempo para ela não tem permissão de passar. Ela venceu o tempo. Mas aquele relógio bateu. Lembro-me disso.

Contei as badaladas. Nove. Então meu carrasco agiu.

E eu morri.

Meu irmão diz que só há um modo de contar uma história. “Comece”, diz ele, com seu jeito irritantemente pedante, “pelo começo. Por onde mais?”

Percebo que comecei um pouco tarde demais; portanto, vamos voltar a cinco minutos antes das nove e recomeçar.

Imagine, por gentileza, uma mulher. Já não é jovem, tampouco velha. É alta e, conforme sempre ouço dizer, extremamente bela. Na noite de sua morte, ela usa um vestido confeccionado de um veludo do mais escuro tom de azul, bordado com uma profusão de estrelas prateadas, cada qual adornada com uma pérola. Quando ela se movimenta, camadas de seda molhada, da cor lilás, irrompem-se da saia aberta à frente. A mesma seda cara forra as mangas do vestido, o lilás surgindo das aberturas feitas no veludo cravejado de estrelas. A saia roça pelo assoalho, escondendo as sapatilhas delicadas, feitas de gobelino. As sapatilhas eram desconfortáveis, como é sempre o caso de sapatos de gobelino, exceto quando forrados de linho ou, melhor, cetim. Ela usa um rufo, alto atrás e bem engomado, e acima do rufo seu rosto marcante é emoldurado por cabelos da cor da asa da graúna, presos em cachos e caracóis, envoltos por fios de pérolas que combinam com o colar que cai sobre corpete. Uma tiara de prata, igualmente adornada com pérolas, demonstra seu elevado status social. As faces pálidas reluzem um brilho estranho, quase espectral, refletindo a luz das chamas de uma miríade de velas, enquanto os olhos parecem enegrecidos, e os lábios, avermelhados. Ela mantém as costas eretas, projeta os quadris para a frente e os ombros para trás, de modo que o busto coberto de seda, que não é grande em excesso nem demasiado pequeno, atrai o olhar. Nessa noite, ela capta muitos olhares, pois é, dizem-me com frequência, uma mulher de beleza pungente.

A linda mulher está acompanhada de dois homens e uma jovem, sendo um dos três o seu assassino, embora ela ainda não o saiba. A jovem está vestida tão belamente quanto a mulher mais velha; na verdade, seu corpete e sua saia devem ser ainda mais caros, cintilando com sedas em tons suaves e pedras preciosas. Tem cabelos louros, presos acima da cabeça, e o rosto dotado de uma doçura inocente, embora isso seja ilusório, pois está pleiteando prisão e tortura para a mulher mais velha. É rival desta no amor e, sendo mais jovem e não menos bela, vencerá o confronto. Os dois homens ouvem, entretidos, enquanto a jovem insulta a rival e a veem pegar um pesado castiçal de ferro que acomoda quatro velas. Ela dança, fingindo que o castiçal é um homem. As chamas tremulam e expelem fumaça, mas não se apagam. A jovem baila graciosamente, põe o castiçal no chão e dirige um olhar provocante a um dos homens.

— Se tu me conhecesses intimamente — diz ela, com astúcia —, reconhecerias o meu sofrimento.

— Conhecer-te? — intervém a mulher mais velha. — Ora, já és bem conhecida! — A fala é sagaz, enunciada com clareza, embora a voz da mulher mais velha soe um tanto rouca e ofegante.

— O teu sofrimento, senhora — diz o mais baixo dos dois homens —, a mim compete.

Ele saca um punhal. Por um instante que dura o tempo de um tremor da chama, parece estar prestes a fincar a lâmina na jovem, mas vira-se e atinge a mulher mais velha. O relógio, uma maravilha mecânica que deve estar localizada no corredor, logo à saída do salão, começa a bater, e eu conto as badaladas.

Os espectadores se espantam.

O punhal penetra entre a cintura e o braço direito da mulher mais velha. Ela também se espanta. Em seguida, cambaleia. Na mão esquerda, escondida dos espectadores atônitos, há uma faca minúscula, que a mulher utiliza para perfurar uma bexiga de porco escondida dentro de uma bolsinha de linho que pende de seu cinto, amarrada por cordões prateados. O cinto é belo, feito de pelica bege-clara com apliques de tecido escarlate em losangos, nos quais cintilam pequenas pérolas. Uma vez perfurada, a bolsinha verte um jato de sangue de carneiro.

— Fui assassinada — exclama ela —, ai de mim! Fui assassinada!

Não escrevi a fala; portanto, não sou responsável pelo fato de a mulher mais velha afirmar o que, àquela altura, já devia ser óbvio. A jovem grita, não de susto, mas de alegria.

A mulher mais velha cambaleia um pouco mais, virando-se para que os espectadores possam ver o sangue. Se não estivéssemos em um palácio, não teríamos utilizado sangue de carneiro, para não estragar o requintado e caro traje de veludo, mas para Elizabeth, para quem o tempo não existe, é preciso gastar. Então



gastamos. O sangue encharca o vestido de veludo, mal aparecendo, visto que o tecido é bastante escuro, mas mancha profusamente a seda lilás e respinga sobre a lona que fora utilizada para cobrir os tapetes turcos. A mulher agora oscila, grita mais uma vez, cai de joelhos e, após outra exclamação, morre. Para quem porventura achou que apenas desfaleceu, ela brada duas palavras derradeiras, em desespero: “Eu morro!” E, então, morre.

O relógio acaba de soar nove badaladas.

O assassino remove a tiara dos cabelos do cadáver e, com uma cortesia exagerada, oferece-a à jovem. Em seguida, pega a morta pelas mãos e, com uma força desnecessariamente exagerada, arrasta-a para fora de cena.

— O corpo dela aqui abandonaremos — diz ele em voz alta, grunhindo com o esforço de arrastar o corpo —, para apodrecer na eternidade.

Ele esconde a mulher atrás de um biombo alto, que esconde uma porta nos fundos do tablado. O biombo foi enfeitado com painéis bordados, exibindo rosas brancas e vermelhas entrelaçadas e brotando de duas frondosas roseiras.

— A peste que te carregue — diz a mulher agonizante, em voz baixa.

— Chuto os teus colhões — cochicha o assassino e volta para perto dos espectadores, que estão imóveis e calados, atônitos diante da morte repentina da beldade de cabelos negros.

Eu era a mulher mais velha.

O salão onde eu acabara de morrer está iluminado por uma infinidade de velas, mas detrás do biombo está sombrio e escuro como a morte. Rastejei até a porta entreaberta e me esgueirei para entrar na antessala, cuidando para não mover a porta, cuja parte superior permanece visível acima do painel das rosas.

— Misericórdia, Richard — disse-me Jean, falando baixo. Ela passou a mão pela minha linda saia manchada com sangue de carneiro. — Que lambança!

— Lavando, sai? — perguntei, já de pé.

— Talvez — disse ela, duvidosa —, mas essa saia nunca mais vai ser a mesma, vai? Que pena. — Jean é uma boa mulher, viúva, e nossa costureira. — Deixa eu molhar essa seda. — Ela foi buscar uma jarra com água e um pano.

Uma dúzia de homens e meninos aguardava nas laterais da antessala. Alan estava sentado perto de duas velas e lia em voz baixa o texto de um longo rolo de papel, enquanto George Bryan e Will Kemp jogavam cartas, usando um dos nossos baús de figurinos e objetos de cena como mesa. Kemp exibiu um sorriso gozador.

— Qualquer dia ele vai enfiar aquela faca no meio das suas costelas — disse ele, dirigindo-se a mim, e então fez uma careta, fazendo-se de morto. — Ele bem que gostaria. Eu também.

— A peste que te carregue, também — falei.

— Você devia ser bonzinho com ele — disse-me Jean, esfregando em vão o sangue de carneiro. — Estou falando do seu irmão — prosseguiu ela.

Eu não disse nada, apenas fiquei parado enquanto ela tentava limpar a seda. Eu ouvia de longe os atores no salão principal, onde a Rainha ocupa o trono.

Era a quinta vez que eu atuava para a Rainha; duas vezes em Greenwich, duas vezes em Richmond, e agora em Whitehall, e as pessoas sempre me perguntam como ela é, e eu geralmente invento uma resposta, porque é difícil ver ou descrever a Rainha. A maioria das velas ficava na parte do salão destinada aos atores, e Elizabeth, pela graça de Deus, Rainha da Inglaterra, França e Irlanda, ficava sentada à sombra de um requintado toldo vermelho. Porém, mesmo estando ela à sombra, eu enxergava seu rosto, branco como a neve, imóvel, grave, sob cabelos ruivos, presos e coroados com prata ou ouro. Ela costumava ficar rígida como uma estátua, a não ser quando ria. Seu semblante, tão branco, esboçava uma expressão perpétua de desaprovação, mas era evidente que ela se deleitava com as peças, e os cortesãos a observavam tanto quanto a nós, em busca de pistas para saber se deveriam apreciar o espetáculo ou não.

Seu colo era branco como o rosto, e eu sabia que ela usava cerusa, uma pasta que torna a pele branca e lisa. Ela trajava vestidos decotados, como uma jovem que seduz homens com a insinuação de seios alvos, embora Deus bem saiba o quanto ela é idosa. Mas não parecia idosa, e cintilava em seus caros tecidos cravejados de pedras preciosas que refletiam a luz das velas. Tão idosa, tão impassível, tão alva, tão régia. Não ousávamos olhar para ela, pois encará-la implicaria quebrar a ilusão da cena que a ela oferecíamos, mas eu dava uma espiada, sempre que podia, e via seu rosto coberto de branco sobre a multidão de espectadores bem asseados que ocupava os assentos mais baixos.

— Acho que vou ter de costurar mais seda nessa saia — disse Jean, ainda falando baixo, então sentiu um calafrio, quando uma lufada de vento soprou chuva nas enormes janelas da antessala. — Noitezinha feia para sair — disse ela. — Chovendo que nem mijo do capeta, lá fora.

— Quanto tempo falta para essa merda acabar? — perguntou Will Kemp.

— Quinze minutos — disse Alan, sem erguer os olhos do papel que estava lendo.

Simon Willoughby chegou, entrando pela porta de acesso à antessala. Ele fazia o papel da jovem, minha rival, e estampava um largo sorriso. É um rapaz bonito, de apenas dezesseis anos. Jogou a tiara em direção a Jean e deu uma voltinha, de modo que a saia cintilante se inflou.

— A gente se saiu bem hoje! — disse ele, feliz.

— Você sempre se sai bem, Simon — disse Will Kemp, carinhosamente.

— Fala mais baixo, Simon, mais baixo — advertiu Alan, com um sorriso.

— Aonde você vai? — perguntou-me Jean.

Eu tinha ido até a porta de acesso ao pátio.

— Preciso mijar.

— Não vai molhar o veludo — ralhou ela. — Toma, leva isso aqui!

Ela me trouxe um manto pesado e cobriu meus ombros. Saí pela área interna, a chuva martelando as pedras do calçamento, e abriguei-me embaixo de um alpendre de madeira que percorria toda a extensão do pátio, como um claustro improvisado. Senti um calafrio. O inverno estava chegando. No lado oposto do pátio, havia um pórtico em forma de arco, onde duas tochas tremulavam debilmente. Algo escuro se mexeu em um canto do alpendre. Um rato, talvez, ou um dos gatos que viviam no palácio. A peste que leve esse palácio, pensei, e a peste que leve Sua Majestade, para quem o tempo não existe. Ela gosta que as peças se iniciem no meio da tarde, mas a visita de um embaixador tinha atrasado a apresentação, e a jornada de volta para casa haveria de ser molhada, sombria e fria.

— Você não ia mijar? — Simon Willoughby tinha me seguido até o pátio.

— Eu só queria um pouco de ar puro.

— Lá dentro está quente — disse ele, então levantou as lindas saias e começou a urinar na chuva. — Mas a gente se saiu muito bem, não foi? — Eu não disse nada. — Você viu a Rainha? — perguntou ele. — Ela estava olhando para mim! — Novamente, eu não disse nada, porque não havia o que dizer. É claro que a Rainha estava olhando para ele. Olhou para todos nós. Foi ela que nos convocou! — Você me viu dançando com aquele castiçal? — perguntou Simon.

— Vi, sim — falei, sumariamente, então me afastei dele, seguindo pelo alpendre com jeito de claustro que corria ao redor do pátio. Eu sabia que ele queria elogios, porque o jovem Simon Willoughby precisa de elogios como uma prostituta precisa de prata, e não há elogio que lhe satisfaça. Fora isso, é um rapaz decente, bom ator e, com seus cabelos louros, belo o suficiente para fazer os homens suspirarem quando interpreta uma moça.

— A ideia foi minha — disse ele enquanto eu me afastava —, fingir que o castiçal era um homem!

Eu o ignorei.

— Foi bom, não foi? — perguntou ele, um tanto ávido.

Eu agora estava do lado oposto do pátio, em meio às sombras. A luz das tochas que tremulavam no pórtico não me alcançava ali. Havia uma porta à minha direita, quase imperceptível, e eu a abri cautelosamente. Qualquer que fosse o cômodo detrás daquela porta, estava ainda mais escuro. Percebi que se tratava de um pequeno recinto, mas não entrei, apenas espreitei, nada ouvindo além da ventania e da incessante pancada da chuva. Eu esperava achar algo para furtar, algo que pudesse vender, algo pequeno e fácil de esconder. No Palácio de Greenwich,

encontrei uma bolsinha com pérolas minúsculas, esquecida embaixo de uma banqueta forrada de gobelino num corredor. Na ocasião, escondi a bolsinha embaixo da saia e depois vendi as pérolas a um apotecário, que as triturou e as utilizou para tratar casos de insanidade; foi o que ele disse. Ele pagou bem abaixo do valor das pérolas porque sabia que tinham sido furtadas, mas, mesmo assim, ganhei mais dinheiro naquele dia do que costumo ganhar em um mês.

— Richard? — chamou Simon Willoughby. Permaneci calado. O cômodo escuro cheirava mal, como se fosse usado para armazenar ração de cavalo apodrecida. Deduzi que não haveria o que furtar, então fechei a porta. — Richard? — voltou a chamar Simon. Fiquei calado e imóvel, sabendo que não seria visto com minha capa escura. Eu gostava de Simon, mas não estava disposto a ficar repetindo o quanto ele havia se saído bem na peça.

Então uma porta do outro lado do pátio se abriu, lançando um facho de luz de lamparina pelo terreno alagado de chuva. De início, pensei que fosse um dos atores vindo avisar que estávamos sendo convocados, mas era um homem que eu nunca tinha visto. Jovem e rico. Era fácil identificar os ricos pelas roupas que trajavam, e esse homem vestia um gibão de seda amarela vibrante com listras azuis. As meias compridas, também amarelas, as botas de cano alto, marrons e lustradas. Trazia consigo uma espada. O chapéu era azul, com uma grande pluma, e havia ouro em seu pescoço e mais ouro no cinto; o que mais se destacava, porém, eram suas longas madeixas, de um louro tão claro que era quase branco. Perguntei-me se não seria peruca.

— Simon? — chamou o jovem.

Simon Willoughby respondeu com uma risadinha nervosa.

— Você está sozinho?

— Creio que sim, milorde.

Simon ouvira-me abrir e fechar uma porta, e deve ter pensado que eu retornara ao palácio. Então a porta ao fundo foi fechada, lançando o recém-chegado na escuridão. Mantive-me absolutamente imóvel, apenas mais uma sombra em meio às sombras. O jovem caminhou em direção a Simon, e as tochas trêmulas no arco do pórtico emitiram luz suficiente para eu ver que suas botas tinham saltos semelhantes aos de sapatos femininos. Ele era baixo e queria parecer mais alto.

— Richard estava aqui — ouvi Simon dizer —, mas foi embora. Acho que ele foi embora.

O homem nada disse, apenas empurrou Simon contra a parede e o beijou. Eu o vi levantar a saia de Simon e prenda a respiração. Os dois estavam agarrados.

Não havia nada de surpreendente naquilo, a não ser o fato de Sua Senhoria, fosse lá quem fosse, não ter aguardado o fim da peça para se encontrar com Simon Willoughby. Todas as vezes que encenávamos em um dos palácios da Rainha,

fidalgotes visitavam o camarim, e eu via Simon desaparecer na companhia de algum deles, o que explicava por que Simon Willoughby sempre tinha dinheiro. Eu não tinha, por isso precisava roubar.

— Isso, assim — ouvi Simon dizer, ofegante —, milorde!

Aproximei-me com toda cautela. Minhas sapatilhas de gobelino não faziam ruído nas pedras do calçamento. O vento uivava nos telhados do palácio, e a chuva, já implacável, tornou-se mais intensa, abafando o que era dito entre os dois. A luz emitida pelas tochas era suficiente para revelar a cabeça de Simon inclinada para trás, a boca aberta. Ainda curioso, aproximei-me mais um pouco.

— Milorde! — exclamou Simon, quase um grito de dor.

Sua Senhoria deu uma risadinha e um passo atrás, soltando a saia de Simon.

— Minha putinha — disse ele, em um tom de voz que não deixava de ser afetuoso. Pude constatar que, apesar das botas de saltos femininos, ele não era mais alto que Simon, que é bem mais baixo que eu. — Eu não te quero esta noite — disse Sua Senhoria —, mas cumpre o teu dever, meu pequeno Simon, cumpre o teu dever que eu te garanto um teto.

Ele disse mais alguma coisa, mas não pude ouvir, porque as rajadas de vento sopraram a chuva contra o telhado do claustro. Sua Senhoria então inclinou-se para a frente, beijou a face de Simon e voltou ao camarim.

Continuei imóvel. Simon ainda escorado na parede, ofegante.

— E aí, quem é o anão? — perguntei.

— Richard! — exclamou ele, assustado e receoso. — É você?

— É claro que sou eu. Quem é Sua Senhoria?

— É só um amigo — disse ele, então foi poupado de responder outras perguntas porque a porta da antessala voltou a se abrir, e Will Kemp apareceu.

— Venham logo, suas putas — falou ele entre dentes. — Precisamos de vocês! É o final.

Evidentemente, meu irmão estava declamando o epílogo. Eu sabia que ele tinha escrito o texto com esmero, ornando o fim da peça como fitas na cauda de um cavalo no Festival da Colheita, e as palavras, é claro, cobriam a Rainha de elogios.

— Vamos! — ralhou novamente Will Kemp, e nós dois corremos para dentro.

Quando estamos no teatro, concluimos todas as apresentações dançando uma giga. Até as tragédias são concluídas com uma giga. Nós dançamos, e Will Kemp faz suas palhaçadas, e os meninos que representam papéis femininos dão gritinhos. Will fala um monte de palavrões e faz piadinhas obscenas, o público cai na gargalhada, e a tragédia é esquecida; mas, quando atuamos para Sua Majestade, não dançamos nem fazemos palhaçadas. Não fazemos piadas sobre pintos e bundas; em vez disso, formamos fileira à beira do tablado, como pedintes, e curvamo-nos respeitosamente, para demonstrar que, embora tenhamos fingido ser

reis e rainhas, duques e duquesas, e até deuses e deusas, temos consciência de nossa humilde condição. Somos meros atores e estamos abaixo do público palaciano assim como os demônios do inferno estão abaixo dos anjos do céu. E assim, naquela noite, fizemos nossa reverência e, porque a Rainha tinha assentido com um gesto da cabeça, o público nos recompensou com seus aplausos. Tenho certeza de que metade detestara a peça, mas seguiu a deixa de Sua Majestade e aplaudiu polidamente. A Rainha apenas nos fitou, imperiosa, sua fisionomia alva, cor de osso, inescrutável; então se levantou, os cortesãos se calaram, todos fizemos mais uma reverência, e ela se retirou.

E assim nossa peça chegou ao fim.

— Vamos nos encontrar no Theatre — anunciou meu irmão quando, finalmente, estávamos todos de volta à antessala. Ele bateu palmas para atrair a nossa atenção, pois sabia que precisava falar rapidamente, antes que as damas e os cavalheiros do público adentrassem o recinto. — Precisamos de todos que vão participar da *Comédia* e de *Hester*. Os demais não precisam ir.

— Os músicos também? — indagou alguém.

— Os músicos também, no Theatre, amanhã de manhã, cedo.

Alguém resmungou.

— Cedo... a que horas?

— Nove horas — disse meu irmão.

Mais resmungos.

— A gente vai encenar *A fortuna do defunto* amanhã? — perguntou um dos atores temporários.

— Não seja idiota — respondeu Will Kemp, em vez de meu irmão. — Como poderíamos?

O desdém e a brevidade da resposta decorriam da moléstia que acometera Augustine Phillips, um dos principais atores da companhia, e Christopher Beeston, aprendiz de ator sob os cuidados de Augustine. Ambos estavam demasiado doentes para trabalhar. Felizmente, Augustine não fazia parte da peça que tínhamos acabado de apresentar, e eu consegui decorar as falas de Christopher e assim o substituir. Precisaríamos substituir os dois em outras peças, se bem que, caso a chuva que ainda caía lá fora não parasse, não haveria apresentação no Theatre no dia seguinte. Mas o problema foi esquecido quando a porta da antessala se abriu e meia dúzia de cavalheiros e suas damas perfumadas entraram. Meu irmão fez uma grande reverência. Vi o jovem louro de gibão amarelo e azul e fiquei surpreso quando ele ignorou Simon Willoughby. O fidalgo passou bem ao lado dele, e Simon, mais do que advertido, nada fez além de uma reverência.

Virei-me de costas para os visitantes enquanto tirava a saia e o corpete e vestia minha camisa encardida. Utilizei um pano úmido para remover a cerusa que branqueava meu rosto e meu colo, e que fora macerada com pérolas para fazer a pele brilhar sob a luz das velas. Eu me dirigi ao local mais escuro da antessala, rezando para que ninguém me notasse, e ninguém me notou. Rezei para que nos oferecessem um canto para dormir no palácio, talvez um estábulo, mas a oferta não se concretizou, exceto para aqueles que, a exemplo do meu irmão, residiam no interior das muralhas da cidade e, portanto, só poderiam ir para casa depois que os portões se abrissem ao amanhecer. Os demais teriam de ir embora, com ou sem chuva. Era quase meia-noite quando saímos, e a caminhada até em casa, contornando a zona norte da cidade, demorou quase uma hora. Ainda chovia, e a estrada estava um breu, mas caminhei ao lado de três atores temporários, companhia suficiente para deter algum salteador insano o bastante para vaguear naquele tremendo mau tempo. Precisei acordar Agnes, a criada que dormia na cozinha da casa cujo sótão eu alugava, mas Agnes estava apaixonada por mim, pobre coitada, e não se importou.

— Você devia ficar aqui na cozinha — sugeriu ela, com recato. — Está mais quentinho!

Em vez disso, subi as escadas, cuidando para não acordar a viúva Morrison, minha senhoria, a quem eu devia aluguel demais. Depois de tirar a roupa encharcada, fiquei tremendo embaixo da cobertura fina até, por fim, pegar no sono.

Na manhã seguinte, acordei cansado, com frio e ainda molhado. Vesti um gibão e meias compridas, enfiei os cabelos dentro de uma touca, limpei o rosto com um pano meio congelado, usei a latrina que ficava no quintal, engoli uma caneca de cerveja rala, apanhei uma crosta de pão duro na cozinha, prometi à viúva Morrison pagar o aluguel atrasado e saí na manhã fria. Ao menos, não estava chovendo.

Havia dois trajetos para se chegar ao Theatre saindo da casa da viúva. Eu podia virar à esquerda no beco e então subir a Bishopsgate Street, mas, na maioria das manhãs, aquela rua ficava apinhada de vacas e carneiros sendo conduzidos aos matadouros municipais e, além disso, depois da chuva, a lama, o excremento e o lixo chegariam à altura do tornozelo; portanto, virei à direita e pulei por cima da vala de esgoto a céu aberto que contornava os Campos de Finsbury. Escorreguei quando aterrissei, e meu pé direito resvalou e caiu dentro da água esverdeada da vala.

— Você e esse seu charme de sempre — disse uma voz sarcástica.

Ergui a vista e percebi que meu irmão tinha optado por caminhar em direção ao norte pelos Campos, em vez de seguir por entre os animais assustados na rua. John Heminges, outro ator da companhia, estava com ele.

— Bom dia, irmão — falei, erguendo-me.

Ele ignorou o cumprimento e não me ofereceu ajuda para sair da vala escorregadiça. Minha mão direita tinha encostado em urtigas, e agora ardia, e eu disse um palavrão, fazendo-o rir. Foi John Heminges que deu um passo à frente e me estendeu a mão por pena. Agradei a ele e dirigi a meu irmão um olhar ressentido.

— Você podia ter me ajudado — falei.

— Eu podia mesmo — concordou ele, com frieza.

Ele trajava um pesado manto de lã e um chapéu escuro, com uma aba extravagante que lhe escondia o rosto. Em nada me pareço com ele. Sou alto, tenho rosto fino e não uso barba, ao passo que ele tem rosto redondo, traços fortes, barba rala, lábios grossos e olhos bem escuros. Meus olhos são azuis; os dele são misteriosos, sombrios e sempre atentos e precavidos. Eu sabia que ele teria me ignorado e seguido adiante, mas a chegada repentina e o tombo vala abaixo o forçaram a dar ciência da minha presença e até a falar comigo.

— O jovem Simon se saiu muito bem ontem à noite — disse ele, com falso entusiasmo.

— Foi o que ele me disse — falei. — Várias vezes.

Ele não conseguiu conter um sorrisinho, uma leve contração dos lábios mostrando seu contentamento, logo reprimido.

— A dancinha com o castiçal? — ele prosseguiu, fingindo não se dar conta da minha resposta. — Aquilo foi genial.

Eu sabia que ele elogiava Simon Willoughby para me incomodar.

— E onde está ele? — perguntei. Supus que o aprendiz Simon Willoughby estivesse com seu mestre, John Heminges.

— Eu... — Heminges começou a falar, e então mostrou-se encabulado.

— Deve estar lambuzando os lençóis de algum senhorzinho — disse meu irmão, como se a resposta fosse óbvia —, é claro.

— Ele tem amigos em Westminster — disse John Heminges, um tanto constrangido.

Heminges é pouco mais jovem que meu irmão, tem vinte e nove anos, ou trinta, mas costumava representar papéis mais velhos. É um homem bom, ciente do antagonismo que existe entre mim e meu irmão, e esforça-se em vão para amenizar a hostilidade.

Meu irmão olhou para o céu.

— Acho que o tempo vai abrir. Até que enfim. Mas não vamos conseguir encenar nada hoje à tarde, uma pena. — Ele me dirigiu um sorriso azedo. — Isso significa nada de dinheiro para você hoje.

— Mas vamos ensaiar, certo? — perguntei.

— Você não é pago para ensaiar — disse ele. — Só para se apresentar.



— Não podemos encenar *A fortuna do defunto*? — interveio John Heminges, ansioso por acabar com a nossa birra.

— Sem Augustine e Christopher, não — disse meu irmão.

— É, acho que não... claro que não. Que pena! Eu gosto da peça.

— É um texto esquisito — disse meu irmão —, mas não deixa de ter as suas virtudes. Dois casais, e ambas as mulheres apaixonadas por outros homens! Tem margem aí para alguns passinhos de dança!

— A gente vai incluir danças? — indagou Heminges, um tanto confuso.

— Não, não, não, estou me referindo à possibilidade de complicações no enredo. Duas mulheres e quatro homens. É homem demais! É homem demais! — Enquanto falava, meu irmão se deteve a contemplar os moinhos do outro lado dos Campos de Finsbury. — E então tem a poção do amor! Uma ideia com algumas possibilidades, mas todas erradas, todas erradas!

— Por que erradas?

— Porque é o pai das jovens que fabrica a poção. Tinha que ser a feiticeira! Para que serve uma feiticeira se não faz feitiço algum?

— Ela tem um espelho mágico — observei. Eu sabia disso porque fazia o papel da feiticeira.

— Espelho mágico! — disse ele, debochando. E seguiu adiante, apertando o passo, talvez com a intenção de me deixar para trás. — Espelho mágico! — repetiu ele. — Isso é truque de saltimbanco. A magia está no... — ele se deteve, e então concluiu que, fosse lá o que estivesse prestes a falar, o comentário seria desperdiçado comigo. — Deixa para lá! Não podemos encenar a peça sem Augustine e Christopher.

— Como vai a peça sobre Verona? — perguntou Heminges.

Se eu tivesse me atrevido a fazer a mesma pergunta, teria sido ignorado, mas meu irmão gostava de Heminges. Ainda assim, hesitou em responder na minha presença.

— Quase terminada — disse ele vagamente —, quase.

Eu sabia que ele estava escrevendo uma peça ambientada em Verona e que fora obrigado a interromper o trabalho para criar uma peça de casamento a pedido do nosso patrono, Lorde Hunsdon. Ele tinha se queixado da interrupção.

— Você ainda gosta da peça? — indagou Heminges, sem ligar para o mau humor do meu irmão.

— Gostaria mais se conseguisse terminar de escrevê-la — disse ele, zangado —, mas Lorde Hunsdon quer uma peça para as bodas; então que se dane Verona. — Continuamos andando em silêncio. À nossa direita, além da vala imunda e de um muro de tijolos, ficava o Curtain, teatro que fora construído para concorrer com o nosso. Uma bandeira azul estava içada no mastro do telhado, anunciando que

haveria apresentação naquela tarde. — Outro espetáculo com feras — disse meu irmão com desprezo.

Não se encenavam peças no Curtain havia meses, e, pelo visto, tampouco haveria peça no Theatre naquela tarde. Não tínhamos o que encenar enquanto outros atores não decorassem os papéis de Augustine e Christopher. Poderíamos encenar a peça apresentada à Rainha, mas o texto já havia ido ao palco muitas vezes no último mês. Apresente a mesma peça com demasiada frequência e é provável que o público bombardeie o palco com garrafas de cerveja vazias.

Chegamos à ponte de madeira que cruzava a vala do esgoto e dava acesso a uma abertura tosca no longo muro de tijolos. Do outro lado ficava o Theatre, o nosso teatro, uma torre de madeira da altura de um campanário de igreja. A ideia de construir o teatro tinha partido de James Burbage, assim como a ideia de construir a ponte e fazer uma abertura no muro para que os espectadores, em vez de andar na lama da Bishopsgate para chegar até nós, pudessem sair do perímetro da cidade pela Cripplegate e atravessar os Campos de Finsbury. Tanta gente optara por esse caminho que uma trilha larga e lamacenta já se estendia em diagonal pela área.

— Esse manto aí pertence à companhia? — perguntou meu irmão enquanto atravessávamos a ponte.

— Sim.

— Vê se não se esquece de devolver para o camarim — disse ele, com mesquinhez, e então parou diante da abertura no muro. Permitiu que John Heminges passasse e então, pela primeira vez desde que nos encontramos à beira da vala do esgoto, olhou-me nos olhos. Precisou erguer a vista, porque eu era bem mais alto que ele. — Você pretende continuar na companhia? — perguntou.

— Não posso — falei. — Estou devendo aluguel. Você não tem me dado trabalho suficiente.

— Então pare de ir à Falcon toda noite — foi a resposta dele. Pensei que não fosse dizer mais nada, porque saiu andando; mas, depois de dois passos, virou-se para mim. — Você vai ter mais trabalho — disse ele, rispidamente. — Com Augustine doente e o aprendiz dele pior ainda? Vamos ter que substituir os dois.

— Você não vai me dar os papéis do Augustine — falei —, e estou velho demais para fazer papel de mocinha.

— Você vai fazer o papel que a gente mandar. Precisamos de você o inverno todo, pelo menos.

— Vocês precisam de mim? — retruquei bem na cara dele. — Então me paguem melhor.

Ele ignorou o pleito.

— Vamos começar hoje, ensaiando *Hester* — disse ele, com frieza. — Vamos focar apenas nas cenas de Augustine e Christopher. Amanhã encenamos *Hester*,

domingo apresentamos *Comédia*. Conto com você lá.

Dei de ombros. Em *Hester e Assuero* eu fazia o papel de Uashti, em *Comédia* eu era Emilia. Já sabia de cor todas as falas.

— Você paga ao William Sly o dobro do que paga a mim — falei —, e meus papéis são tão importantes quanto os dele.

— Quem sabe não é porque ele é duas vezes melhor que você? Além disso, você é meu irmão — disse ele, como se isso explicasse tudo. — Fique durante o inverno, e depois? Faça o que quiser. Deixe a companhia e morra de fome, se é isso que você quer.

Ele seguiu em direção ao teatro.

E eu cuspi no rastro dele. Amor fraternal.

George Bryan adiantou-se até a boca de cena, onde fez uma reverência tão exagerada que quase perdeu o equilíbrio.

— “Nobre Príncipe” — disse ele assim que se aprumou —, “segundo o meu dever, hei de vos servir até eu morrer.”

Isaiah Humble, o ponto, tossiu, no intuito de chamar a atenção.

— Desculpe! É “até morrer”. Não tem esse “eu”. Desculpe!

— Fica melhor com o “eu” — disse meu irmão, calmamente.

— Está uma merda colossal, com ou sem o “eu” — disse Alan Rust —, mas, se George quiser falar “eu”, Mestre Humble, então ele vai falar “eu”.

— Desculpe — disse Isaiah, sentado na banquetta ao fundo do palco.

— Você fez bem em corrigir George. — Meu irmão o consolou. — É o seu trabalho.

— Mesmo assim, peço desculpas.

George tirou o chapéu e voltou a se curvar.

— “Blá-blá-blá, blá-blá-blá” — disse ele —, “até eu morrer.”

George Bryan, sujeito nervoso e estressado que, de alguma forma, se tornava confiante e decidido quando o teatro estava cheio, havia substituído o enfermo Augustine Phillips. No ensaio, ele fazia par com Simon Willoughby, que tomara o lugar de Christopher Beeston na peça.

Com um aceno de mão, John Heminges agradeceu a segunda reverência feita por George.

— “Por algum tempo vamos nos consolar, indo ao jardim ou a outro lugar.”

Will Kemp entrou no palco com um grande salto.

— “Quem quiser beber vinho” — gritou ele —, “e não tiver vinha, na França vai buscar uvinhas. E se não for vai ficar brochinha!” — Ao pronunciar a palavra *brochinha*, ele se agachou, fez cara de medo e agarrou a braguilha, gesto que provocou em Simon Willoughby um ataque de riso.

— A gente vai para o jardim? — George interrompeu Will Kemp para perguntar.

— Ao jardim, sim — disse Isaiah —, ou a outro lugar. É o que diz o texto, “jardim ou a outro lugar”. — Ele acenou com o livro do ponto. — Desculpe, Will.

— É que eu gostaria de saber se é mesmo um jardim.

— Por quê? — perguntou Alan Rust, irritado.

— Eu devo imaginar árvores? Ou algum lugar sem árvores? — George parecia ansioso. — Vai me ajudar se eu souber.

— Imagine árvores — rugiu Rust. — Macieiras. Onde você vai dar de cara com o Bicho-papão. — Ele apontou para Will Kemp.

— As maçãs estão maduras? — perguntou George.

— Faz diferença? — perguntou Rust.

— Se estiverem maduras — disse George, ainda tenso —, eu poderia comer uma.

— São maçãzinhas — disse Rust — ainda verdes, como os peitinhos do Simon.

— Isso não é uma parábola das Escrituras? — interveio John Heminges.

— Meus peitos não são pequenos — disse Simon Willoughby, estufando o peito magricela.

— É do Antigo Testamento — disse meu irmão. — A história está no Livro de Ester.

— Mas não tem Bicho-papão nenhum na Bíblia! — disse John Heminges.

— Pois fique sabendo que agora tem — disse Alan Rust. — Será que a gente pode continuar?

— Livro de Ester? — indagou George. — Então, por que ela se chama Hester?

— Porque o reverendíssimo William Venables, que escreveu esta merda, não sabe a diferença entre a própria bunda e o pinto mole dele — disse Alan Rust, com veemência. — Agora vocês podem calar a boca e deixar o Will dizer as falas dele?

— Se é tão ruim — perguntou George —, por que a gente vai encenar de novo?

— Você consegue pensar em outra peça que a gente possa preparar para amanhã?

— Não.

— Então é por isso.

— Continue, Will — disse meu irmão, já cansado.

— Tem uma tábua solta aqui — disse George, cutucando um ponto da boca de cena com o dedão do pé. — Foi por isso que eu quase caí quando fiz a reverência.

— “Estou cheio de sede e fome” — disse Will Kemp, apelando às galerias desertas do Theatre —, “mas, eu digo, até cachorro tem amigo, minha hora chegou, e agora eu já vou!”

— Vai mesmo! — Simon Willoughby quase urinou de tanto rir. Ele tinha chegado ao Theatre antes de mim e parecia surpreendentemente alegre e bem-

disposto.

— Você não dormiu em casa ontem à noite? — perguntei a ele, mas, em vez de responder, ele apenas deu uma risadinha. — Ele te pagou? — perguntei.

— Talvez.

— Pode me emprestar um pouco?

— Estão me chamando no palco — disse ele e saiu apressado.

— Não deveria ser “fome e sede”? — George voltou a interromper o ensaio.

— A fala é minha — resmungou Will Kemp —, o que você tem a ver com isso? Isaiah examinou o texto.

— Não — disse ele —, Will está certo, é “sede e fome”, desculpe.

Eu estava cansado, então saí para o pátio e fui em direção ao escuro túnel de acesso ao teatro, onde Jeremias Poll, um velho soldado que perdera um olho na Irlanda, guardava o portão.

— Vai chover de novo — disse ele quando passei, e fiz que sim com a cabeça.

Jeremias dizia isso todas as vezes que eu passava por ele, mesmo nos dias mais quentes e mais secos. Ouvi um ruído de lâminas se chocando e, ao emergir do túnel sob a luz pálida do sol, vi Richard Burbage e Henry Condell treinando com suas espadas. Eram ágeis, as lâminas avançavam, recuavam, cruzavam-se e estocavam. Henry riu de algo que Richard Burbage disse, então me viu e recuou, ergueu a espada e fez um movimento com a mão que segurava um punhal, sinalizando a suspensão do treino. Ambos se viraram para me olhar, mas fingi não os ter visto e segui em direção à porta de entrada das galerias. Ouvi risadas no caminho.

Subi a escadinha até a galeria inferior, de onde avistei o tablado, George ainda falando sobre maçãs e tábuas soltas; então, quando o ruído das espadas recomeçou, deitei-me. Eu estava fazendo o papel de Uashti, uma rainha da Pérsia, mas faltava pelo menos uma hora até a minha parte, então fechei os olhos.

Acordei com um chute nas minhas pernas; abri os olhos e vi James Burbage postado na minha frente.

— Tem uns Percies na sua casa — disse ele.

— Tem o quê? — perguntei, com dificuldade de despertar e me levantar.

— Percies — disse ele —, na sua casa. Acabei de passar por lá.

— Eles estão lá por causa do Padre Lourenço — expliquei —, esses desgraçados.

— Já estiveram lá antes?

— Os desgraçados vão lá todo mês.

Padre Lourenço, como eu, morava na casa da viúva Morrison. Era um padre idoso que alugava o quarto logo abaixo do sótão, mas eu desconfiava que a viúva o deixava morar de graça. Era um sessentão, meio incapacitado em consequência de dores nas articulações, mas a cabeça ainda funcionava bem. Era um sacerdote

católico, o que já seria motivo suficiente para levar a maioria dos homens arrastados numa carroça até Tyburn ou Tower Hill, onde, ainda vivos, teriam suas vísceras arrancadas, mas Padre Lourenço era mariano, fora ordenado durante o reino da meia-irmã de nossa Majestade, a católica Rainha Maria, e tais indivíduos, se não causassem problemas, eram poupados. Padre Lourenço não causava problemas, mas os perseguidores, homens que caçavam católicos traidores, sempre vasculhavam o quarto dele, como se o pobre idoso estivesse escondendo um jesuíta na latrina. Nunca encontraram nada, porque meu irmão tinha escondido os paramentos e os cálices pertencentes ao Padre Lourenço em meio aos figurinos e aos objetos de cena do Theatre.

— Eles não vão encontrar nada — falei. — Nunca encontram. — Olhei para o palco. — Estão precisando de mim?

— Está na hora da dança das judias — disse James Burbage. — Então, ainda não.

No palco, Simon Willoughby, Billy Rowley, Alexander Cooke e Tom Belte evoluíam lado a lado, assistidos por um sujeito que portava um bastão com ponta de prata e com o qual cutucava as pernas e os braços dos atores.

— Mais alto! — exclamava ele. — Vocês estão aqui para mostrar as pernas. Saltem, seus moleques mancos, saltem!

— Quem é aquele? — perguntei.

— Ralph Perkins. Amigo meu. É mestre de dança na corte.

— Na corte? — falei, impressionado.

— A Rainha gosta de ver dança de verdade. Eu também.

— Um, dois, três, quatro, cinco, saltem! — dizia Ralph Perkins. — É uma galharda, seus fedelhos idiotas, e não uma dancinha medieval qualquer! Saltem!

— Má sorte dos infernos, essa situação do Augustine e do aprendiz dele — resmungou James Burbage.

— Eles vão melhorar? — perguntei.

— Quem sabe? Já lhes deram laxantes, sangrias e enemas. Talvez melhorem. Estou rezando para que isso aconteça. — Ele franziu a testa. — Simon Willoughby vai estar muito ocupado até Christopher se recuperar.

— Ele vai adorar isso — falei, meio azedo.

— Mas você, não?

Sacudi os ombros e não respondi. Eu tinha medo de James Burbage. Era o arrendatário do Theatre, ou seja, o proprietário da edificação e provavelmente do terreno onde o teatro fora construído, e seu primogênito, Richard, meu xará, era um dos nossos atores principais. O próprio James tinha sido ator e, antes disso, carpinteiro, e ainda era dono da compleição robusta típica de um homem que trabalhava com as mãos. Era alto, grisalho e dotado de traços fisionômicos fortes,

com barba curta e, embora não atuasse mais, era sócio, um dos oito indivíduos que dividiam as despesas do Theatre e compartilhavam os lucros. “Ele é duro nos negócios”, disse certa vez meu irmão, que também era um dos sócios, “mas tem palavra. É um homem bom.” Agora James franziu o cenho, olhando para o tablado enquanto falava comigo.

— Você ainda está pensando em ir embora?

Eu não disse nada.

— O Henry Lanman — Burbage pronunciou o nome sem ênfase —, aquele desgraçado tem falado com você?

— Não.

— Ele está querendo roubar você de nós?

— Não — repeti.

— Mas o seu irmão está certo? Ele disse que você está pensando em abandonar a gente. É verdade?

— Já pensei nisso — falei, acabrunhado.

— Não seja tolo, garoto. E não caia na conversa de Lanman. Ele está perdendo dinheiro. — Henry Lanman era o proprietário do Teatro Curtain, localizado a poucos passos ao sul do nosso. Durante nossas apresentações, era possível ouvir a vibração do público de lá, o rufar dos tambores e o som dos clarins, embora ultimamente tais sons tivessem se tornado escassos. — No momento ele só está apresentando luta de espadas — prosseguiu Burbage —, luta de espadas e rinhas de cães contra ursos. Então o que ele vai querer que você faça? Que fique que nem bobo, de vestidinho, com uma cara bonitinha?

— Eu não falei com ele — afirmei, dizendo a verdade.

— Então você ainda tem um pinga de bom-senso. Ele não tem ninguém para escrever peças e ninguém para atuar.

— Eu não falei com ele! — repeti, impaciente.

— Você acha que o Philip Henslowe vai contratar você?

— Não!

— Ele tem ator de sobra. — Henslowe era o dono do Teatro Rose, ao sul do Tâmis, e nosso principal concorrente. — E o Francis Langley — continuou James Burbage, insistentemente —, ele falou com você?

— Não.

— Ele está construindo aquele teatrão monstruoso em Bankside, e não tem atores, e também não tem peças. Concorrentes e inimigos. — Ele pronunciou as três últimas palavras num tom amargo.

— Inimigos?

— O Lanman e o Langley? O Lanman odeia a gente. O dono do terreno aqui odeia a gente. Os malditos vereadores odeiam a gente. O prefeito odeia a gente.

Você odeia a gente?

— Não.

— Mas está pensando em ir embora?

— Eu não ganho quase nada — murmurei. — Eu sou pobre.

— É claro que você é pobre! Quantos anos você tem? Vinte? Vinte e um?

— Vinte e um.

— Você acha que quando comecei eu tinha dinheiro? — indagou Burbage, irritado. — Eu não tive ninguém para me ensinar nada, não, garoto; ganhei o meu dinheiro, guardei dinheiro, pedi dinheiro emprestado, arrendei esse terreno, construí o teatro! Eu dei duro, garoto!

Desviei o olhar em direção ao pátio.

— O senhor foi marceneiro, não foi?

— E dos bons — disse ele, com orgulho —, mas quando comecei eu não tinha dinheiro. Só tinha duas mãos e disposição para trabalhar. Aprendi a serrar, cinzelar e curvar madeira. Aprendi um ofício. Dei duro.

— E esse aqui é o meu único ofício — falei, amargurado. Acenei com a cabeça em direção a meu irmão. — Ele se assegurou de que fosse assim, não foi? Mas dentro de um ano ou dois ele vai me descartar. Não vai ter mais papel para mim.

— Não tem como você saber — disse ele, embora não soasse convicto. — Então que papéis você quer?

Eu estava prestes a responder quando Burbage ergueu uma das mãos indicando que eu parasse. Virei-me e vi que um grupo de estranhos tinha acabado de entrar no teatro e agora estavam no pátio observando os rapazes que dançavam no palco. Quatro dos estranhos eram sujeitos mal-encarados, todos com espadas embainhadas e todos envergando a rosa branca característica da libré de Lorde Hunsdon. Os homens se posicionaram, audazes e decididos, escoltando quatro mulheres. Uma das mulheres era mais velha, com cabelos grisalhos aparecendo embaixo da touca. Ela fez um sinal para que os homens permanecessem onde estavam e dirigiu-se ao palco, ereta e confiante. Meu irmão, ao vê-la, fez uma grande reverência.

— Milady! — ele a saudou, parecendo surpreso.

— Estivemos em Finsbury, inspecionando uma propriedade — disse a dama, bruscamente —, e minha neta expressou o desejo de visitar o teatro dos senhores.

— A senhora é muito bem-vinda — disse meu irmão.

Os rapazes no palco haviam retirado os gorros e se ajoelhado.

— Parem com essa bajulação — disse a dama, rispidamente. — Os senhores estavam dançando?

— Sim, milady — respondeu Ralph Perkins.



— Então continuem dançando — ordenou ela, antes de fazer um gesto em direção a meu irmão. — Uma palavrinha, por gentileza?

Eu sabia que se tratava de Lady Anne Hunsdon, esposa do Lorde Camerlengo, o patrono da nossa trupe. Alguns nobres exibiam sua riqueza levando atrás de si um séquito de serviçais bem vestidos, ou possuindo os cães de caça mais velozes do reino, ou residindo em palácios luxuosos, com extensos jardins, enquanto outros, em menor número, patrocinavam companhias teatrais. Nós éramos os bichinhos de estimação do Lorde Hunsdon, atuávamos para seu deleite e o bajulávamos quando ele se dignava a nos dar atenção. E, quando percorríamos o país, o que fazíamos sempre que a peste causava o fechamento dos teatros londrinos, o nome e a insígnia do Lorde Camerlengo nos protegiam dos infames vereadores puritanos que queriam nos aprisionar ou, melhor ainda, nos expulsar da cidade às chibatadas.

— Venha, Elizabeth — ordenou Lady Hunsdon, e a neta, cujas bodas obrigaram meu irmão a abandonar a peça italiana e escrever algo novo, juntou-se à avó e a meu irmão. As duas criadas ficaram esperando, ao lado dos guardas, e foi uma daquelas duas criadas que me atraiu e me fez perder o fôlego.

Lady Anne Hunsdon e a neta trajavam roupas requintadas. Elizabeth Carey estava gloriosa numa saia-balão de linho bege-claro, cortada de modo a exibir o brilho de uma seda fina prateada. Eu não conseguia ver o corpete, porque ela vestia uma capa curta, cinza-claro, bordada com as rosas brancas que faziam parte da insígnia de seu pai e de seu avô. Seus cabelos eram de um tom louro-claro, cobertos apenas por uma rede de linha prateada com pequenas pérolas brilhantes; a pele era alva, em consonância com a moda, mas ela não precisava de cerusa para obter tal efeito, pois sua face era imaculada, e nas maçãs do rosto não se via o menor sinal de ruge. Os lábios, pintados, eram polpudos e sorridentes, e os olhos azuis fitavam, com nítida satisfação, os quatro rapazes que haviam retomado a dança, seguindo as instruções de Ralph Perkins. Elizabeth Carey era uma beldade, mas eu só tinha olhos para sua criada, uma jovem de baixa estatura e esbelta, cujos olhos cintilavam de fascínio diante do que transcorria sobre o tablado. A jovem usava saia e corpete de lã cinza-escuro e uma touca preta que encobria parte de seus cabelos castanho-claros, mas havia algo em seu rosto, algo especial quanto ao formato e aos lábios, que fazia com que ela ofuscasse a esplendorosa Elizabeth. A jovem virou-se para contemplar o auditório do teatro e cruzou olhares comigo, e insinuou um sorriso maroto antes de voltar-se novamente para o palco.

— Meu bom Jesus — murmurei, por sorte baixo o bastante para que as palavras não chegassem até as mulheres.

James Burbage deu uma risadinha. Eu o ignorei.

Elizabeth Carey bateu palmas, com as mãos enluvadas, quando a dança terminou. Meu irmão conversava com a avó dela, que ria de algo que ela acabara

de dizer. Mantive meu olhar fixo na criada.

— Então você gostou dela — disse James Burbage, mordazmente.

Ele achou que eu estivesse olhando para Elizabeth Carey.

— E o senhor, não?

— É um petisquinho e tanto — assentiu ele —, mas tire esses seus olhos imundos de cima dela. Ela vai se casar daqui a dois meses. Vai se casar com um Berkeley — prosseguiu ele —, Thomas. Ele vai ter o direito de lavrar aquela terrinha, não você.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntei.

— Como é que eu vou saber?

— Talvez ela queira dar uma olhada na peça que meu irmão escreveu — sugeri.

— Ele não vai mostrar a peça para ela.

— O senhor já viu?

Ele fez que sim.

— Mas por que você está interessado? Pensei que fosse nos abandonar.

— Eu tinha esperança de que houvesse algum papel para mim — falei, sem convicção.

James Burbage riu.

— Tem papel para a gentilha toda! É uma peça grande. Tem de ser grande, porque precisamos fazer algo especial para Sua Senhoria, o Lorde Camerlengo. Grande e novo. Não podemos servir comida requentada para a neta do Lorde Camerlengo; temos de oferecer para ela algo fresquinho. Algo exuberante.

— Exuberante?

— É um casamento, não a droga de um enterro. Eles querem cantoria, dança, e amantes banhados pelo luar.

Olhei para o outro lado do pátio. Meu irmão gesticulava, quase como se estivesse discursando no tablado. Lady Anne Hunsdon e a neta riam, e a jovem criada ainda contemplava o interior do Theatre com olhos arregalados.

— É claro que — continuou Burbage —, se a gente for apresentar uma peça para as bodas dela, vamos precisar ensaiar no local da apresentação.

— Em Somerset House? — perguntei. Eu sabia que era lá que o Lorde Hunsdon morava.

— A droga do teto do salão principal desabou — disse Burbage, achando graça —, então é provável que a gente tenha de ensaiar na casa que eles têm em Blackfriars.

— Onde eu vou fazer papel de mulher — falei, amargurado.

Ele franziu a testa.

— Então é isso? Você está cansado de usar saia?

— Estou velho demais! Minha voz já mudou.

Burbage fez um gesto indicando a circunferência do teatro.

— Olhe para isso, garoto! Madeira, gesso e argamassa. Tábuas apodrecidas pela chuva no proscênio, umas pinceladas de tinta, e pronto. Mas a gente faz isso aqui virar a Roma Antiga, a Pérsia, Éfeso, e o povão na plateia acredita. Arregala os olhos. Suspira! Sabe o que seu irmão me falou? — Ele agarrou meu colete e puxou-me para perto de si. — “Eles não enxergam o que estão vendo; eles enxergam o que pensam que estão vendo.” — Então me soltou e exibiu um sorriso torto. — Ele costuma falar coisas desse tipo, teu irmão, mas sei o que ele está querendo dizer. Quando você está encenando, eles pensam que estão vendo uma mulher! Talvez você já não possa fazer papel de mocinha, mas, como mulher madura, você é bom!

— Eu tenho voz de homem — falei, com tristeza.

— Sim, e você se barbeia e tem pinto, mas, quando fala mansinho, eles adoram!

— Mas por quanto tempo ainda? — insisti. — Daqui a um mês, ou pouco mais, vocês vão dizer que só posso fazer papéis masculinos, e vocês já têm muitos atores para papéis masculinos.

— Você está querendo o papel do herói? — disse ele, debochando.

Não respondi. O filho dele, Richard, que eu acabara de ver praticando esgrima com Henry Condell, sempre fazia o papel do herói em nossas peças, e era tentador pensar que ele só ganhava os melhores papéis porque o pai arrendava o terreno do teatro, assim como era tentador crer que ele só tinha se tornado sócio da companhia por causa do pai, mas na verdade ele era bom ator. O povo o adorava e atravessava os Campos de Finsbury a pé para ver Richard Burbage conquistar a donzela, destruir os vilões e corrigir os males do mundo. Richard era apenas três ou quatro anos mais velho que eu, o que significava que eu não tinha a menor chance de conquistar a donzela ou de impressionar o público com minha esgrima. E alguns dos aprendizes, os meninos que saltitavam no palco naquele exato momento, estavam crescendo e em breve poderiam atuar nos papéis em que eu atuava, e isso pouparia algum dinheiro ao Theatre porque aprendizes ganhavam meros tostões. Eu, ao menos, ganhava dois xelins por semana, mas por quanto tempo ainda?

O sol refletia nas poças ao longo das pedras do calçamento do pátio. Elizabeth Carey e sua avó, erguendo as barras das saias, cruzaram em direção ao palco, e os rapazes ali presentes interromperam a dança, tiraram os gorros e inclinaram a cabeça, à exceção de Simon, que fez uma grande mesura. Lady Anne lhes falou algo, e eles riram; então ela se virou e, acompanhada da neta, dirigiu-se à entrada do Theatre. Elizabeth falava com animação. Notei que, seguindo o que ditava a moda, fios de cabelo tinham sido arrancados de sua fronte, levando ao recuo em alguns centímetros da linha onde a cabeleira se iniciava.

— Fadas — ouvi quando ela disse —, eu adoro fadas!

James Burbage e eu, prevendo que as damas caminhariam até poucos passos da galeria onde conversávamos, tínhamos removido nossos gorros, o que fez com que meus cabelos compridos caíssem sobre meu rosto. Puxei os cabelos para trás.

— Vamos ter de pedir ao capelão para exorcizar a casa — prosseguiu Elizabeth Carey, alegremente —, caso as fadas resolvam ficar!

— Antes um bando de fadas que os ratos em Blackfriars — disse Lady Anne, ríspida; então ela me viu e parou. — Você se saiu bem ontem à noite — disse ela, bruscamente.

— Milady — falei, curvando-me.

— Gosto de uma bela morte.

— Foi emocionante — acrescentou Elizabeth Carey. Sua fisionomia, já contente, iluminou-se. — Quando você morreu — disse ela, soltando a barra da saia e levando as mãos aos seios —, eu não esperava, fiquei tão... — ela hesitou, uma fração de segundo, sem encontrar a palavra que desejava — angustiada!

— Obrigado, milady — falei, respeitosamente.

— E agora é tão estranho ver você de gibão! — exclamou ela.

— Para a carruagem, querida — interrompeu a avó.

— Você tem que fazer o papel da Rainha das Fadas — ordenou-me Elizabeth Carey, com uma severidade dissimulada.

Os olhos da jovem criada se arregalaram. Ela me fitava, e eu a fitava também. Seus olhos eram acinzentados. Achei que tivesse visto novamente a insinuação de um sorriso, um ar meio maroto no rosto dela. Estaria zombando de mim porque faço papéis femininos? Então, receando ofender Elizabeth Carey por ignorá-la, curvei-me uma segunda vez.

— Milady — falei, sem saber o que mais dizer.

— Venha, Elizabeth — ordenou Lady Anne. — E você, Silvia — acrescentou ela com rigidez, dirigindo-se à criada de olhos acinzentados que continuava a olhar para mim.

Silvia! Era o nome mais lindo que eu já ouvira na vida.

James Burbage riu. Depois que as mulheres e os guardas se retiraram, ele puxou o gorro por cima dos cabelos grisalhos curtos.

— Angustiada — disse ele. — Angustiada! A meretriz é sagaz.

— A gente vai fazer uma peça sobre fadas? — perguntei, enojado.

— Fadas e tolos — disse ele —, e ainda não está terminada. — Ele parou, cofiando a barba curta. — Mas talvez você tenha razão, Richard.

— Razão?

— Talvez esteja na hora de lhe darmos papéis masculinos. Você é alto! Isso não tem problema para papéis como Uashti, porque ela é uma rainha. Mas ser alto cai bem com papéis masculinos. — Ele contraiu a testa, olhando para o tablado. — O

Simon não tem boa estatura, tem? Não chega nem na bunda de um anão. E a sua voz vai ficar mais grave, com a idade, e você atua bem. — Ele subiu pela galeria até o corredor externo. — Você atua bem; então, se lhe dermos um papel masculino na peça das bodas, você fica conosco durante todo o inverno?

Titubeei, e então me lembrei que James Burbage era um homem de palavra. Sujeito durão, meu irmão dizia, mas justo.

— Isso é uma promessa, Sr. Burbage? — indaguei.

— Até onde posso fazer disso uma promessa, sim, é. — Ele cuspiu na mão e a estendeu para mim. — Farei o possível para que você tenha um papel masculino na peça das bodas. Eis a minha promessa.

Trocamos um aperto de mão.

— Obrigado — falei.

— Mas por ora você é a Rainha da porcaria da Pérsia; então suba no palco e atue tal e qual uma rainha.

Subi no palco e atuei tal e qual uma rainha.

## DOIS

Sábado.

O tempo tinha clareado, deixando um céu pálido do qual um sol de começo de inverno projetava sombras alongadas mesmo ao meio-dia, quando os sinos das igrejas da cidade dobravam em estridente desarmonia. Nuvens altas sopravam do oeste com vigor, mas não havia sinal de chuva, e o bom tempo significava que poderíamos nos apresentar; então, quando a algazarra dos sinos do meio-dia chegou ao fim, nosso corneteiro, posicionando-se na torre do Theatre, fez soar o toque, e a bandeira que estampava a cruz vermelha de São Jorge foi hasteada para anunciar que estaríamos encenando uma peça.

Os primeiros espectadores começaram a chegar antes de uma hora da tarde. Vieram pelos Campos de Finsbury, grupos pequenos, de início, mas logo uma multidão, à medida que homens, mulheres, aprendizes, comerciantes e nobres chegavam por Cripplegate. Outros subiam por Bishopsgate e desciam pela via estreita que, passando pelo bebedouro de cavalos, dava acesso ao teatro, em cuja entrada Jeremias, que só tinha um olho, se postava com uma caixa trancada, com uma abertura na tampa, e onde dois homens, ambos armados com espadas, clavas e carrancas, guardavam o velho soldado e sua caixa. Cada espectador depositava um tostão dentro da caixa. Três prostitutas da taberna Dolphin vendiam avelã do lado de fora do Theatre; Michael, o cego, protegido pelo filho, um gigante surdo e mudo, vendia ostras, e Harry Forcado vendia cerveja engarrafada. O público, como sempre, estava bastante animado. Velhos amigos se cumprimentavam, conversavam e riam enquanto o pátio ficava lotado.

Os mais abastados dirigiam-se à porta menor, pagavam dois tostões e subiam a escada até as galerias, onde, mediante outro tostão, podiam alugar uma almofada, para amaciar os bancos de carvalho. Mulheres debruçavam-se nos parapeitos para ver o público amontoado no pátio, e alguns jovens, por vezes com trajes elegantes, retribuía os olhares. Muitos homens que tinham pagado um tostão para assistir ao espetáculo não pretendiam permanecer ali. Em vez disso, observavam as galerias em busca das mulheres mais belas e, ao avistarem uma que fosse de seu agrado, pagavam outros tostões e subiam a escada.

Will Kemp espiou por um buraco.

— Bastante gente — disse ele.

— Quanta gente? — perguntou alguém.

— Mil e quinhentas pessoas? — palpitou ele. — E ainda tem gente chegando. Estou surpreso.

— Surpreso? — indagou John Heminges. — Por quê?

— Porque essa peça é uma merda, por isso. — Will afastou-se do buraco e pegou um par de botas. — Mas — prosseguiu ele — eu gosto de atuar em peças de merda.

— Santo Deus! Você gosta? Por quê?

— Porque daí eu não preciso assistir às malditas!

— Jean — ouviu-se uma voz vindo das sombras —, esta meia aqui está rasgada.

— Já vou aí levar outra.

O corneteiro voltou a soar seu instrumento, e cada cascata de notas fazia o público ingressante vibrar.

— Qual é mesmo a giga que vamos dançar hoje? — perguntou Henry Condell.

— *Jeremias* — respondeu Will Kemp.

— De novo?

— Eles gostam — disse Will, em tom agressivo.

George Bryan tremia em um canto da sala. Não de frio, mas de nervoso. Uma de suas pernas se contraía involuntariamente. Ele piscava os olhos, mordida o lábio, tentando repetir suas falas em voz baixa, mas apenas gaguejava. George sempre se apavorava antes das apresentações, embora, uma vez no palco, fosse a confiança em pessoa. Richard Burbage alongava-se em outro canto, relaxando os braços e as pernas para as iminentes acrobacias, enquanto Simon Willoughby, deslumbrante com uma saia de babados em tom de marfim e os cabelos presos e enfeitados com falsos rubis, rodopiava no meio do camarim até que Alan Rust o mandou ficar quieto, e Simon, acabrunhado, dirigiu-se ao fundo da sala, sentou-se em um barril e pôs-se a cutucar o nariz. Meu irmão desceu a escada que levava ao escritório aonde as caixas de dinheiro eram conduzidas para serem esvaziadas, como era de esperar.

— Sete fidalgotes no palco — disse ele, contente.

Sentar à beira do tablado custava seis tostões, ou seja, cada sócio tinha acabado de ganhar três xelins e seis tostões com sete banquetas duras. Com sorte eu conseguia ganhar três xelins e seis tostões em uma semana, e em breve, quando o clima do inverno forçar o fechamento do teatro por vários dias, se eu ganhar um mero xelim, vai ser muito.

Jean, nossa costureira, barbeou-me. Era a segunda vez que eu fazia a barba naquele dia, e daquela vez, com água fria, ardeu quando ela me raspou o queixo, o bigode, as faces e o ponto em que minha cabeleira iniciava, para eu ficar com a testa mais comprida. Ela usou uma pinça para desenhar minhas sobrancelhas, então me disse para inclinar a cabeça para trás.

— Detesto isso — falei.

— Deixe de frescura, Richard! — Ela introduziu uma lasquinha de madeira dentro de um pequeno frasco. — E não pisque! — disse ela, então segurou a lasquinha acima do meu olho direito. Uma gota do líquido caiu, e eu pisquei. Ardeu. — Agora, o outro — disse ela.

— Chamam isso de erva mortal — falei.

— Não seja tolo. É só essência de beladona. — Ela pingou uma segunda gota em meu olho esquerdo. — Pronto. Tudo certo.

A beladona, além de arder e deixar a minha visão temporariamente turva, dilatava minhas pupilas, fazendo meus olhos parecerem maiores. Mantive os olhos fechados enquanto Jean cobria meu rosto, meu pescoço e meu colo com cerusa, a pasta que tornava minha pele branca como a neve.

— Agora a sombra — disse ela, feliz da vida, e usou o dedo para aplicar uma pasta de banha de porco e fuligem ao redor dos meus olhos. — Você está linda!

Resmunguei, e Jean riu. Ela retirou mais um pote de sua maleta e se inclinou sobre mim.

— Cochonilha, querido; não conta para o Simon.

— Por que não?

— Eu usei rúbia nele, porque é mais barato — cochichou ela, então pintou meus lábios com o dedo, deixando-os vermelhos como cerejas. Eu já não era Richard, e sim Uashti, Rainha da Pérsia.

— Queremos um beijo! — exclamou Henry Condell, dirigindo-se a mim.

— Santo Deus — murmurou George Bryan e baixou a cabeça entre os joelhos. Pensei que fosse vomitar, mas ele se ergueu e respirou fundo. — Santo Deus — repetiu. Todos nós o ignoramos; já tínhamos visto e ouvido aquilo antes e sabíamos que ele atuaria bem, como sempre. Meu irmão segurou um peitoral à altura do tórax e Richard Burbage o afivelou.

— Tem um elmo também — disse meu irmão, sacudindo os ombros para tornar mais confortável o peitoral recém-afivelado. — Cadê o elmo?

— No baú de peles — disse Jean —, ao lado da porta dos fundos.

— Por que o elmo está lá?

— Para esquentar um pouco.

Subi a escada de madeira até a sala que ficava no piso superior, onde a maioria dos figurinos e os adereços de cena eram guardados, e onde os músicos afinavam seus instrumentos.

— Você está uma graça, Richard — saudou-me Philip, o músico principal.

— Enfia esse teu alaúde no cu — falei —, e dá uma girada nele.

Éramos amigos.

— Primeiro você tem que dar um beijo na gente.



— E depois gira de novo — concluí.

Espiei pela porta do balcão. Naquela tarde, os músicos tocariam lá, e um percussionista, com seu pequeno tambor, já estava posicionado.

— Plateia bonita, muita gente — ele me disse, então bateu com as baquetas no couro do tambor, provocando a vibração da plateia lá embaixo. Voltei para dentro da sala e subi a escadinha de acesso à torre do telhado. Eu me sentia meio desajeitado, com aquela saia comprida, mas levantei as anáguas e subi os degraus, devagar. — Estou vendo sua bunda! — gritou Philip.

— Poucos têm essa sorte — falei, então me esgueirei pelo alçapão da torre, onde Will Tawyer, o corneteiro, aguardava.

Will sorriu para mim.

— Estava esperando você — disse ele.

Will sabia que eu apareceria ali, porque subir aquela torre instável antes de entrar em cena era minha superstição. Todas as vezes que eu me apresentava no Theatre, tinha de subir a torre. Eu desconhecia o motivo, mas acreditava que atuaria mal se não subisse aquela escadinha com minha saia pesada e incômoda. Todo ator tinha sua superstição. John Heminges levava consigo uma pata de lebre pendurada em uma corrente de prata; George Bryan, entre uma tremedeira e outra, tocava uma viga do teto do camarim; Will Kemp roubava um beijo de Jean, a costureira, enquanto Richard Burbage sacava a espada e beijava a lâmina. Meu irmão fingia não ter ritual, mas, pensando que ninguém estava olhando, fazia o sinal da cruz. Ele não era papista, mas, quando afrontado por Will Kemp, que o acusava de lambar a bunda suja da Grande Meretriz da Babilônia como ritual, meu irmão apenas ria.

— Eu faço isso — explicava ele — porque foi a primeira coisa que fiz no palco. Ao menos, foi a primeira coisa que me pagaram para fazer no palco.

— E qual foi o papel?

— Cardeal Pandolfo.

— Você atuou naquele lixo?

Meu irmão assentiu.

— Foi a primeira peça em que atuei. Como ator remunerado, ao menos. *O tumultuado reino do Rei João*, e o Cardeal Pandolfo não parava de se benzer. Isso não significa nada.

— Para a Igreja, significa, sim!

— E você beijar Jean significa amor por ela?

— Deus me livre!

— Tem mulher pior que ela — disse meu irmão. — Ela trabalha bastante.

— Até demais! — Jean tinha ouvido a conversa. — Eu preciso de alguém para me ajudar. Uma mulher sozinha não pode fazer tudo.

— Mas ela pode tentar — resmungou Will Kemp.

— Animal nojento — disse Jean, rangendo os dentes.

As superstições, fosse subir à torre, fazer o sinal da cruz ou beijar a costureira, não eram nem de longe desprovidas de significado, porque todos nós acreditávamos que elas mantinham os demônios longe do teatro, diabos que nos faziam esquecer o texto ou nos contemplavam com uma plateia fria, ou até emperravam o alçapão do tablado, o que às vezes acontecia depois de um período de clima chuvoso.

Detive-me por mais um instante na pequena plataforma da torre. Uma brisa soprava forte, agitando a bandeira com a cruz vermelha no mastro acima de nós. Olhei para o sul e vi que não havia bandeira nem corneteiro no Curtain; ou seja, eles não apresentariam sequer o espetáculo com feras naquela bela tarde. Para além do teatro vazio, a cidade estava escura, sob a constante camada de fumaça que a envolvia. Encolhi-me quando Will Tawyer fez soar outro toque, a fim de atirar o público no pátio, que, como sempre, vibrou ao ouvir o som.

— Isso deu uma acordada neles — disse Will, contente.

— Me acordou também — falei.

Olhei para o norte, além do campanário da Igreja de São Leonardo, em direção às colinas verdes que ficavam depois do vilarejo de Shoreditch, onde as sombras das nuvens corriam pelo bosque e pelas cercas vivas. O barulho do público aumentava no pátio e nas galerias. O teatro estava quase lotado, o que significava que os sócios haveriam de faturar seis ou sete libras em moedas naquele dia, e eu ganharia um xelim.

Desci a escadinha.

— Você tem algum ritual? — perguntei ao Phil.

— Um ritual?

— Alguma coisa que você costuma fazer antes de se apresentar?

— Eu olho embaixo da sua saia!

— Além disso.

Ele abriu um sorriso.

— Eu dou um beijinho no cromorno do Robert.

— É mesmo?

Robert, amigo de Phil, ergueu o instrumento, que parecia um pequeno cajado de pastor.

— Ele dá um beijinho — disse ele —, e eu toco.

Os demais músicos riram. Eu também ri, então descí a escada e vi Isaiah Humble, o ponto, pendurando um papel na entrada do palco à direita.

— Suas entradas e saídas, senhores — disse ele em voz alta, conforme sempre fazia.

Todos sabíamos nossas entradas, mas era alentador tê-las arroladas ali. Era ainda mais alentador ver Picles, o gato mal-humorado que vivia no teatro, a postos naquele mesmo lugar. Quem entrava em cena por ali tinha de tocar Picles, a fim de manter os demônios a distância, e se Picles reagisse, fincando as garras em alguém e arrancando sangue, o fato era visto como excelente presságio.

— Eu preciso mijar — disse Thomas Pope. Ele sempre tinha que mijar antes de uma apresentação.

— Mija nos teus culotes — resmungou Will Kemp, como sempre fazia.

— Jean! Cadê o manto verde? — chamou John Duke.

— No lugar de sempre.

— Meu Jesus — disse George Bryan.

Ele tremia, visivelmente, mas ninguém tentava acalmar nem animar George, porque isso traria azar, e mais, todos nós sabíamos que a choradeira desapareceria no instante em que ele pisasse no palco, e o rato se transformasse em leão.

Os rapazolas, de tez esbranquiçada, lábios avermelhados e olhos negros, com seus belos vestidos, reuniram-se diante da entrada da esquerda, as tranças nos cabelos encorpadas com apliques e fitas. Simon Willoughby encarou uma placa de metal polido pregada ao lado da entrada e admirou o próprio reflexo. Então Will, o corneteiro, lá no alto, fez soar seis notas estridentes e imperiosas que pareciam um chamado à caça. O sino da primeira igreja da cidade acabara de marcar duas horas.

— Esperem — disse meu irmão, como sempre fazia, e permanecemos calados enquanto, uma depois da outra, as igrejas marcavam a hora, enchendo o céu com seus sinos. O último sino dobrou, mas ninguém se mexeu nem falou nada. Até mesmo a plateia ansiosa se manteve calada. Então, em algum ponto ao sul da cidade, uma igreja ao longe marcou as horas. Os sinos dobraram uns bons minutos depois de todos os outros, mas nós não nos mexemos.

— Ainda temos que esperar — disse meu irmão, em voz baixa. Ele estava de olhos fechados.

— Santo Deus — murmurou George Bryan.

— Eu preciso mijar! — gemeu Thomas Pope.

— Mantenham o texto fresco! — resmungou Will Kemp, como sempre fazia. — Mantenham as palavras vivas!

E então, depois do que pareceu uma eternidade, o sino da última igreja bateu duas horas. A Igreja de São Leonardo, logo ao norte de nós, em Shoreditch, era sempre a última, e o público, sabendo que aquele dobre era o sinal para o início da peça, voltou a vibrar. Passos soaram acima de nós no momento em que os músicos se deslocaram até o balcão. Seguiu-se uma pausa, o clarim soou pela derradeira vez, e dois tambores começaram a rufar.

— Agora! — disse meu irmão aos rapazolas que aguardavam; Simon Willoughby abriu a porta da esquerda, e os rapazes adentraram, dançando pelo tablado.

Éramos atores e estávamos atuando.

— “As fronte furiosas dos rivais raivosos são ágeis” — declamei —, “movidas por fraude e força a encontrar a caça!” — falei suavemente, ou seja, emiti a voz mais aguda possível, mas mantive um volume capaz de alcançar a plateia debruçada no parapeito da galeria superior. — “Ares sorridentes espreitam maus presságios” — enunciei —, “assim como riachos constantes serpenteiam!”.

Para ser justo, devo dizer que não foi meu irmão que escreveu essa verborreia repugnante, embora Deus bem saiba que ele já escreveu muita idiotice que declamei no palco. Estávamos encenando *Hester e Assuero*; e eu era Uashti, Rainha da Pérsia, embora vestido em belos trajes modernos, com apenas uma concessão ao ambiente bíblico: um longo manto de linho, forrado de pele, que rodopiava elegantemente quando eu me virava. O manto era cinza-escuro, quase preto, porque eu era uma vilã, e a heroína era o cutucador de nariz Simon Willoughby, o gorduchinho de dezesseis anos que fazia o papel de Hester, usando um manto bege-claro. Só Deus sabe por que a personagem se chama Hester, visto que o nome correto era Ester, mas, fosse qual fosse o nome, ela estava prestes a me desbancar e se tornar Rainha da Pérsia. A história está na Bíblia; portanto, não preciso recontá-la aqui, a não ser para explicar como a peça alterou o relato bíblico. Na nossa versão, Uashti tenta envenenar Hester, fracassa, é acometida por um ataque de fúria, renuncia à coroa e ainda puxa o saco da gorducha, o que eu fazia naquele momento. Eu estava de joelhos diante do miserável, que sorria com afetação.

— “Ficai tranquila, boa Rainha” — falei, conferindo à palavra “tranquila” mais ênfase do que o necessário, porque Willoughby, aquela putinha presunçosa, abanava um leque de penas de pavão a fim de atrair os olhares do público para sua cara exageradamente maquiada —, “sois deles o refúgio e a rocha” — continuei —, “assim como são eles vossos a servir com amor e temor. Nem fraude, nem força, nem inimigo forasteiro haverá pois de resistir ao furor da vossa mão implacável!”

A plateia adora esse tipo de coisa. Alguns gritavam enquanto eu me prostrava diante de Hester, e os mais ricos, nas galerias, aplaudiam. Todos sabiam que não estavam assistindo à encenação de uma história bíblica. De fato, Uashti era Rainha da Pérsia, mas representava Catarina de Aragão, ao passo que Hester era a Rainha Ana Bolena, e a peça não passava de uma descarada adulação a Elizabeth, sugerindo que a católica Rainha Catarina teria respeitado os direitos da mãe

protestante de Elizabeth. Raramente encenávamos essa peça, pois, embora o público parecesse gostar da história, o texto era um lixo; porém, quando o lixo é de autoria do capelão real, precisa ser apresentado de vez em quando. O tal capelão, o reverendíssimo William Venables, estava na galeria inferior, radiante, convencido de ter escrito uma obra-prima. Ele achava que estávamos encenando a peça porque ela era genial, mas a verdade é que buscávamos o beneplácito da Rainha, visto que os vereadores da cidade pretendiam, mais uma vez, fechar os teatros. O Theatre tinha sido construído fora dos limites da cidade, para que os vereadores não gozassem de autoridade sobre nós, mas eles eram influentes. Diziam que éramos poços de pecado, arenas de corrupção, “e estão absolutamente corretos, é claro”, meu irmão se aprazia em dizer.

— “Tu vais convenientemente a um convento” — disse meu irmão, no papel de Mordecaus, chutando minhas costelas —, “onde haverás de ser contemplativa e orar constantemente.”

Dito isto, dois guardas persas, de elmo e peitoril, e ambos portando grandes alabardas, puseram-me de pé e levaram-me em direção ao camarim. A peça estava prestes a terminar.

— Ai, Richard — disse Jean, com um muxoxo —, olha só esse seu corpete. Todo rasgado! Deixe eu alfinetar ele para você.

— Foi o George Bryan — falei. — Ele acabou comigo.

Às vezes fico intrigado com o reverendíssimo William Venables. No relato bíblico, Haman, o vilão, é acusado de investir contra Ester, mas isso não bastou para o reverendo, que acrescentou uma cena em que Uashti é quase violentada pelo desgraçado. A cena não fazia sentido, porque, supostamente, Haman e Uashti são aliados, mas a plateia adorava. George Bryan, livre de qualquer nervosismo, lascou as unhas em mim, para deleite dos espectadores, que o incentivavam a levantar minha saia e mostrar-lhes minhas pernas, mas consegui desferir-lhe uma joelhada entre as coxas. Ele ficou muito quieto por um segundo, e a plateia provavelmente achou que naquele momento ele sentia ainda mais prazer, mas eu o empurrei e gritei minha fala seguinte, fazendo o público vibrar.

A plateia gostava de mim. Eu sabia disso. Ainda sei disso. Mesmo quando faço papel de vilão, o público me aplaude. Há sempre alguns grosseirões, que gritam para eu mostrar as tetas, mas são logo silenciados pelos demais. Os espectadores mais rudes têm o seu momento predileto no fim da peça, quando dançamos a giga, uma apresentação à parte, com o objetivo de fazer o povão que fica ao redor do tablado ir embora contente. Eles aplaudiram quando a peça acabou, e então gritaram, chamando os atores de volta ao palco. Phil e os músicos tocaram uma melodia alegre, os chamados pela nossa volta se tornaram mais intensos, e então se

ouviu uma aclamação estridente quando a porta central de acesso ao camarim se abriu e os rapazes entraram bailando no palco.

Ouviu-se uma explosão de aplausos quando Simon Willoughby juntou-se à giga, ainda caracterizado de Rainha Hester, mas o barulho foi duas vezes mais alto quando eu entrei no tablado dançando. Flertei com os rostos sorridentes, rodopiando à frente do palco, levantando minha saia e piscando o olho para algum açougueiro de cara vermelha que me fitava deslumbrado. O nome da giga era *Jeremias e a Vaca Leiteira*, e tinha sido composta por Will Kemp, que fazia o papel de um soldado que, após ser ferido na guerra, voltava para casa à procura da esposa, que tinha fugido com um fazendeiro cujo papel era interpretado por meu irmão. O fazendeiro oferecia outras moças ao soldado. Jeremias, embora cego, percebia que nenhuma das jovens a ele oferecidas era sua esposa, até que, finalmente, meu irmão lhe oferecia Bessie, a vaca, o papel que eu desempenhava. Eu formava chifres com os dedos e mugia, e corria de Will Kemp, que finalmente me agarrava pelos quadris, girava meu corpo e desferia-me um violento golpe com o quadril, o que fazia a plateia vibrar mais uma vez.

— “Eu reconheceria essa bunda em qualquer lugar!” — berrava Will Kemp, e eu mugia, enquanto ele voltava a me golpear com o quadril, e o público gargalhava, e ele repetia o movimento diversas vezes, e gritava que finalmente encontrara a esposa. Por fim, ele me soltava e desfiava uma série de piadas picantes, enquanto eu me juntava à dança dos demais atores. Consegui pisar no manto de Simon, fazendo com que ele perdesse o passo e levasse um tombo. O palco tem suas compensações.

— Vocês foram... vocês foram... — O reverendíssimo Venables compareceu ao camarim no fim da apresentação e gesticulava como se não fosse capaz de encontrar as palavras desejadas. Ele se dirigia a todos os atores, agora seminus. — Vocês foram magníficos! — disse ele. — Simplesmente magníficos! Richard, meu caro. — Ele partiu para cima de mim e, antes que eu pudesse me esquivar, levou as mãos às minhas faces e beijou-me os lábios. — Nunca vi você tão bem! E você, meu caro, meu doce Simon. — Lá foi ele, beijar Willoughby. — Vou dizer à Rainha o quanto é leal — disse o reverendo, exultante, e em seguida olhou para meu irmão. — Escrevi outra giga: *Judite e Holofernes*.

Seguiu-se uma breve pausa, antes de meu irmão responder.

— Estou transbordando de felicidade — disse ele, secamente.

— E o jovem Richard — disse o reverendo, tocando meu ombro com os dedos — seria esplêndido como Judite. Enquanto o caro Simon pode fazer o papel da irmã.

— A Judite tinha irmã? — indagou meu irmão, visivelmente perplexo.

— Não, não na Vulgata — disse Venables, com certa malícia —, mas na minha giga? Um par de seios a mais nunca é demais, não é mesmo? — Ele sorriu para Simon, que se contorceu todo e retribuiu o sorriso.

Meu irmão parecia cansado.

— A Judite não corta fora a cabeça do Holofernes? — perguntou ele.

— Com uma espada!

— Decapitações — advertiu meu irmão — são extremamente difíceis de fazer no palco.

— Mas vocês conseguem! — exclamou Venables. — Vocês são todos uns magos. Vocês são todos... — Ele titubeou, com uma fisionomia aflita, como se não pudesse encontrar a palavra que nos fizesse jus. — Vocês são todos uns feiticeiros!

Por que será que em um teatro os homens e as mulheres na plateia se transformam em cãezinhos indefesos? Nós apenas fingimos. Contamos histórias. Encerrada a apresentação, no entanto, o público se amontoa diante da porta do camarim, desejando nos ver, falar conosco, como se fôssemos santos cujo simples toque pudesse curar-lhes as enfermidades. Mas que sorte de enfermidades? Melancolia? Tédio? O reverendíssimo William Venables estava evidentemente fascinado conosco, com o teatro, e com o que acreditava ser uma espécie de magia branca. Ele tocou meu cotovelo.

— Richard, querido — sussurrou ele —, uma palavrinha?

Pegou-me pelo antebraço e conduziu-me até a entrada do palco. Resisti, por uma fração de segundo, mas, para um homem franzino e baixo, ele era bastante forte, e puxou-me com ele enquanto Simon Willoughby exibia um sorriso falso, e meu irmão se mostrava surpreso. O reverendo levou-me pela porta à esquerda até o tablado; ali ele parou e contemplou o pátio, onde Jeremias varria cascas de avelã e conchas de ostras espalhadas pelo calçamento de pedras toscas. Picles, o gato, estava deitado numa nesga de luz, lambendo a pata machucada.

— Ouvi dizer que talvez você deixe a companhia — disse o reverendo. — É verdade?

A pergunta inesperada me desconcertou.

— Talvez — murmurei. Na verdade, eu não tinha planos, não tinha qualquer oferta de emprego, e não tinha futuro. Minha ameaça de abandonar a trupe dos Homens do Lorde Camerlengo era apenas ressentimento, uma tentativa de sensibilizar meu irmão, na esperança de que ele me concedesse papéis masculinos e uma remuneração melhor. — Não estou certo, senhor — acrescentei, pesaroso.

— Por que você iria embora? — perguntou ele, com ar severo.

Hesitei.

— Eu quero deixar minha barba crescer — falei, finalmente.

Ele riu.

— Isso seria uma pena! Mas eu entendo.

— O senhor entende?

— Ah, meu querido, não é óbvio? Você está ficando velho. A sua voz ainda consegue passar pela voz de uma mulher madura, mas até quando isso vai ser possível? E que papéis masculinos haveria para você? Você não pode competir com Richard e Henry, pode? Eles são nossos heróis, os jovens galãs, não é? E Alexander e Simon estão mordendo os seus calcanhares, os dois são extremamente talentosos. — Ele me dirigiu um sorriso condoído. — Quem sabe você não tenta a sorte nos mares?

— Não sou marinheiro — falei. Eu tinha visto o mar uma vez, e aquela vez tinha bastado.

— Não, não é — disse Venables, com convicção. — Você é ator, e dos bons.

— Sou mesmo? — perguntei, parecendo Simon Willoughby.

— Você tem charme no palco; foi abençoado com sua beleza; fala com clareza.

— Obrigado, senhor — falei, na voz de Uashti —, mas não tenho barba.

— E não precisa de uma — disse ele, e voltou a pegar-me pelo braço, conduzindo-me à frente do palco.

— Ainda não posso deixar a barba crescer — falei —, porque ainda tenho que fazer papel de mulher. Mas James me prometeu um papel masculino em breve.

Ele soltou meu braço.

— James Burbage prometeu um papel masculino a você? — O tom de voz de repente ríspido.

— Prometeu, senhor.

— Que papel?

— Eu não sei.

— E em qual peça?

Ele continuava a falar com rispidez, e lembrei-me que meu irmão dizia que era fácil subestimar o reverendíssimo William Venables.

— Ele pode parecer bobo — dissera meu irmão —, mas continua na corte, e olha que Sua Majestade não gosta nem de clérigos nem de bobos.

— Ela não gosta de clérigos? — eu tinha perguntado, surpreso.

— Depois de ser tratada daquele jeito pelos bispos da irmã? Ela despreza os clérigos. Ela acha que religiosos criam problemas à toa, e ela odeia problemas criados à toa. Mas gosta de Venables. Ele a diverte.

Eu não estava me divertindo com o reverendíssimo William Venables. Ele voltara a pressionar meu cotovelo e agora se inclinava demasiado perto de mim. Tentei me soltar, mas ele me segurava com firmeza.

— Em qual peça? — inquireu ele uma segunda vez.



— É uma peça encomendada para um casamento — falei —, para a neta do Lorde Camerlengo.

— Ah, é claro! — Ele diminuiu a pressão sobre meu cotovelo e sorriu. — Uma peça nova, que maravilha! Você sabe quem a está escrevendo?

— Meu irmão, senhor.

— É claro que é ele — disse, ainda sorrindo. — Diga-me, Richard. Você já ouviu falar no Lancelot Torrens?

— Não, senhor.

— Lancelot Torrens é o terceiro Conde de Lechlade e um jovem notável. — Percebi que aquele era o motivo de ele ter me conduzido até o palco vazio, onde ninguém poderia ouvir o que dizíamos, e tive certeza de minha suspeita quando Venables baixou o tom de voz. — O avô dele enriqueceu com Henrique, deu dinheiro ao rei obeso e, de repente, um comerciante de couro em Bristol se torna conde. Nosso Deus Todo-Poderoso às vezes age de maneira espantosa, mas devo confessar que o jovem Lancelot faz jus ao título, e o jovem Lancelot também tem dinheiro. — Ele fez uma pausa, exibindo um sorriso matreiro. — Você gosta de dinheiro, Richard?

— Quem não gosta?

— Seu irmão me disse que você é ladrão.

Enrubesci.

— Não é verdade, senhor — falei, com exagerada assertividade.

— Que jovem não é? E no palco você rouba os nossos corações! — Ele sorriu com vontade. — Você é bom.

— Obrigado — falei, constrangido.

— E Lancelot Torrens, o terceiro Conde de Lechlade, gostaria de ser o proprietário de uma companhia teatral, e o rapazola tem dinheiro, bastante dinheiro. Eu acho que ele o consideraria um integrante valioso da trupe que tivesse a sorte de se gabar do patronato dele. — Ele ficou me observando, esperando que eu dissesse algo, mas eu não sabia o que dizer. — Ele já ouviu falar de você — acrescentou ele, de um jeito maroto.

Eu ri.

— Duvido, senhor.

— E eu lhe garanto que sim, ou melhor, que o encarregado dos negócios dele já ouviu falar de você. Entreguei a ele uma lista de atores à altura do novo teatro.

— Ele tem um teatro?

— É claro! Uma companhia tem que ter um teatro, e só o melhor teatro poderá satisfazer ao jovem Lancelot. Quem você acha que está pagando por aquele monstro lá em Bankside?

Tentei lembrar-me do nome do sujeito que estava construindo o novo teatro, o tal camarada com quem James Burbage pensou que eu tivesse conversado.

— Francis Langley?

— Langley tem dinheiro, mas, mesmo que ele fosse o dono de todos os bordéis de Southwark, o dinheiro não seria suficiente. O conde nanico está pagando.

— Nanico? — perguntei.

— Ele tem beleza, mas carece de estatura — explicou o reverendo —, ao passo que você, meu caro, tem as duas coisas.

Tive a súbita lembrança de Simon Willoughby sendo agarrado no pátio do palácio enquanto a chuva caía.

— Esse conde... — falei, e então hesitei.

— Richard?

— Ele é louro?

— Louro? — O reverendo William Venables sorriu, angelicalmente. — Eu diria que seus cachos foram fiados com o ouro mais alvo, na roca de um anjo. — Então foi o Conde de Lechlade quem abordou Simon naquela noite? Eu não podia ter certeza, é claro, mas era bastante provável. — Por que você pergunta? — indagou o reverendo.

— Eu queria saber se já o tinha visto, só isso.

— Você se lembraria dele, se tivesse.

— O senhor está escrevendo para a companhia dele? — perguntei.

Venables pareceu melindrado.

— O seu irmão não quer mais encenar as minhas peças. *Hester* atrai multidões, mas ele está disposto a encenar *Susana e os Anciãos*? Não! Ou *Davi e Betsabá*? Não!

— E o Langley está disposto? — perguntei.

— Francis e o conde sabem reconhecer talento — disse ele, mantendo a linha —, mas precisam de outras peças. — Ele se virou e olhou-me diretamente nos olhos. — Se você entregasse ao Langley a nova peça do seu irmão, acho que nunca mais precisaria roubar!

Incapaz de pronunciar uma palavra que fosse, limitei-me apenas a encará-lo, pasmo.

— Você precisa falar com o Langley — disse o reverendo.

Eu não sabia o que dizer. A proposta era tão indecente, tão absurda que eu não conseguia encontrar palavras. Os escritos de um teatro constam entre os bens mais preciosos, porque qualquer trupe que se aposse da cópia de uma peça pode encená-la. Às vezes, quando surtos da peste obrigavam o fechamento dos teatros, as companhias publicavam seus textos para ganhar algumas libras, e então os respectivos textos se tornavam propriedade de qualquer pessoa que os quisesse. Foi

assim que conseguimos *Os sete pecados capitais*. Não precisávamos pagar nada ao autor; encenávamos a peça quando bem quiséssemos, embora um número excessivo de apresentações da mesma peça resultasse em casa vazia. Se a trupe do Conde de Lechlade pusesse as mãos na peça das bodas, ou na nova peça situada em Verona, ambas ainda sendo escritas por meu irmão, os atores de Lechlade poderiam encená-las, e assim roubar nosso público. O texto de uma peça é algo precioso, valendo oito, nove ou até dez libras e, portanto, costuma ficar muito bem guardado. Furtar um texto seria trair a companhia, e então titubeei, gaguejei e finalmente me esquivei de responder, dizendo que havia prometido permanecer na companhia do meu irmão durante todo o inverno.

— Promessas em teatros — disse o reverendo William Venables impacientemente — são como beijos no festival da primavera. Não contam. Vá falar com o Langley.

Porque o conde tinha dinheiro.

E eu, não.

Não fui procurar Francis Langley. Londres pode ser uma cidade enorme, mas todos os atores de teatro se conhecem. Eu receava que, se James Burbage ou meu irmão descobrissem que eu tinha falado com Francis Langley, a promessa de um papel masculino na nova peça desapareceria como névoa de verão. Fiquei tentado, mas, ao menos dessa vez, não cedi à tentação.

Então, na segunda-feira, os Percies chegaram.

Costumamos chamá-los de Percies, mas são, na realidade, os perseguidores de Sua Majestade, funcionários que se vestem de preto e cuja função é caçar e desentocar católicos dispostos a assassinar a Rainha e devolver a Inglaterra à Igreja Romana. A presa mais cobiçada são os jesuítas, mas qualquer sacerdote católico ou qualquer indivíduo que os proteja pode receber a visita dos Percies, e naquela segunda-feira eles visitaram o Theatre.

Estávamos ensaiando a *Comédia*, ou, para citar o título completo, *A comédia dos erros*. Conhecíamos a peça muito bem, mas, no domingo, George Bryan tinha tropeçado no lintel da Igreja de São Leonardo e fraturado o nariz.

— Fomos amaldiçoados — disse meu irmão ao trazer a notícia. — Primeiro Augustine, agora George.

O ensaio não ia bem. Um ator temporário chamado Robert Pallant foi obrigado a assumir o papel antes atribuído a George. Pallant era um sujeito de meia-idade, pançudo, de barba pontuda e expressão servil. Pallant estava nervoso porque fazia o papel de Egeu, um mercador que abria a peça com uma fala extremamente longa, que ele já havia memorizado, mas com a qual ainda se atrapalhava. Os demais estavam apenas mal-humorados.

— Vamos começar de novo — sugeriu meu irmão, depois que Pallant gaguejou e parou pela quarta ou quinta vez.

Os seis atores se dirigiram ao fundo do tablado, como se tivessem acabado de surgir através das portas de acesso ao camarim.

— O clarim dá o toque — disse Alan Rust —, depois para, e aí vocês entram.

Pallant encaminhou-se à boca de cena.

— “Selai” — começou ele, e não foi adiante.

— Jesus! Você caminha como se tivesse um osso enfiado no cu! — berrou Alan Rust.

Pallant parou; parecia atônito.

— Como? — disse ele.

— Qual é a primeira linha da sua fala? — ralhou Rust.

— Hum...

— Por Cristo na cruz do Calvário! Se eu ouvir a palavra “hum” mais uma vez nesse palco, eu mato um! Eu mato! Qual é a porra da sua fala?

— “Selai então, ó Duque, a minha sorte; meu sofrimento acabará com a morte.”

— O fim do nosso sofrimento. Que Cristo nos conceda tal bênção! E a quem você está se dirigindo? Você pode me dizer?

— Ao Duque.

— Ao Duque! Então por que você saiu andando que nem um ganso constipado até a frente da porra do palco? O Duque está ali!

Ele apontou para meu irmão, posicionado ao lado direito do palco.

— É que a fala... — Pallant começou a dizer, debilmente.

— Eu já li a porra da fala — esbravejou Rust. — Custou uma semana da minha vida, mas eu li! Por Deus misericordioso, homem! Não temos tempo para ver você andando que nem um pato e depois ouvir esse troço sem fim. Dirija as palavras ao Duque! Isso é a porra de uma peça, e não um maldito sermão na Catedral de São Paulo. A coisa precisa de vida, homem, vida! Comece novamente.

Alan Rust era novo na companhia. Ele trabalhava com os atores do Lorde Pembroke, e James Burbage e meu irmão tinham convencido os demais sócios a recrutá-lo.

— Ele é muito bom — havia explicado meu irmão à trupe —, e o público gosta dele. Ele é um bom encenador, também. Vocês já notaram?

— Não — dissera Will Kemp.

Entre os sócios, Kemp fora o único a se opor ao ingresso de Rust, desconfiando de que o recém-chegado tivesse uma personalidade tão forte quanto a dele próprio. Mas Kemp perdeu no voto, e Rust foi admitido para nos dizer como proceder no palco: aonde ir, como enunciar as falas, como fazer tudo o que era motivo de bate-

boca entre os sócios. Eles ainda batiam boca, é claro, mas Rust tinha imposto alguma ordem ao caos.

— Jesus amado! — Rust agora gritou para Robert Pallant. — O que em nome de Cristo você está fazendo?

— Indo até o Duque — disse Pallant, esperançoso.

— Você anda que nem uma freira constipada! Se você está andando, então, pelo amor de Cristo, ande! — Rust estava no pátio, local dos espectadores que pagavam para ficar de pé. — E fale ao mesmo tempo! Você consegue fazer isso, não? Vamos voltar à última fala do Duque. Qual é mesmo? — perguntou ele a meu irmão, que fazia o papel do Duque Solino.

— “Contai-nos, em resumo, qual a causa...” — meu irmão começou.

— “Em resumo”? Meu Jesus! Em resumo? A fala é mais comprida que o livro de Gênesis! E você — ele apontou para mim — está rindo do quê?

— Simon Willoughby acabou de peidar — falei.

— Ao menos isso é mais interessante que a fala de Egeu — disse Rust.

— Eu não peidei! — guinchou Simon. O restante de nós vestia roupas comuns, mas o franzino Simon ensaiava com uma saia comprida. Ele avançou para a frente do tablado. — Eu não peidei!

— Podemos continuar, cavalheiros? — indagou Rust, de mau humor.

Então continuamos, mas devagar. Sentei-me à beira do palco, porque não seria chamado à ação por algum tempo. Eu fazia Emilia, esposa de Egeu. Não era um papel importante, minhas falas mal preenchiam uma folha, mas não encenávamos a *Comédia* havia algumas semanas, e eu tinha esquecido muita coisa.

— “Ó nobre Duque” — eu repetia comigo, tentando relembrar as palavras —, “veja um homem injustiçado!”

— Vai murmurar em outro lugar — reclamou Rust comigo —, um lugar de onde eu não consiga te ouvir.

Fui até a galeria inferior, onde tinha conversado com James Burbage. Havia uma quantidade razoável de pessoas na galeria, porque os sócios não se importavam que assistissem aos ensaios. Lá estavam as namoradas de alguns dos atores, dois amigos e um mulhério animado que frequentava a Dolphin. A Dolphin é uma bela taberna que vende cerveja, comida e prostitutas; antes de cada espetáculo, as mulheres ganhavam alguns tostões a mais vendendo avelãs à plateia em volta do palco, e então ganhavam xelins subindo às galerias e vendendo a si mesmas. Três delas estavam dando risadinhas na primeira fileira e dirigiram-me olhares sedutores quando me sentei atrás delas. Jeremias, o soldado velho e arisco que guardava a entrada do teatro, gostava das garotas e tinha dado a cada jovem um saquinho de avelãs, e elas quebravam as avelãs embaixo dos saltos dos sapatos enquanto Robert Pallant se esforçava para relatar a história do naufrágio por ele sofrido.

A história sempre me pareceu improvável. Egeu, o mercador, estava no mar, acompanhado da esposa, dos filhos gêmeos e de dois criados, também gêmeos, quando o navio se chocou contra um rochedo e todos foram atirados às ondas furiosas, ficando à deriva; a esposa, um filho e um criado seguiram numa direção, enquanto Egeu, o outro filho e o outro criado seguiram noutra. Pallant levou uma eternidade para contar a história. Fechei os olhos e, no instante seguinte, ouvi uma voz:

— Abra a boca.

— Oi, Alice — falei, sem abrir os olhos.

— Avelã para você — disse ela. Abri a boca, e ela pôs uma avelã na minha língua. — Você vai fazer papel de mocinha de novo? — perguntou ela.

— Papel de mulher. Uma abadessa.

Ela enfiou o braço no meu e se aconchegou a mim.

— Não consigo ver você de abadessa — disse ela. Fazia frio, embora ao menos não chovesse. — Mas você fica uma graça de mocinha — prosseguiu ela.

— Obrigado — falei, expressando o mínimo possível de gratidão.

— Você deveria trabalhar com a gente.

— Eu gostaria — falei —, mas o que vai acontecer quando algum cretino levantar a minha saia?

— Basta virar o traseiro, é claro — disse ela.

— As suas mãos vão ficar amarradas atrás das costas — gritou Rust, dirigindo-se ao pobre Pallant. — Então não gesticule!

— Ele consegue encontrar a esposa? — perguntou Alice.

— Eu sou a esposa — falei —, e, sim. Ele me encontra no fim da peça.

— Mas você é uma abadessa! Como é possível uma abadessa ser casada? Elas eram freiras, não?

— É uma longa história — falei.

— Mas ele a encontra?

— Encontra — falei —, e encontra o filho desaparecido também.

— Ah, que bom! Fiquei preocupada.

Alice tinha dezesseis anos, ou quinze, ou talvez dezessete, uma jovem franzina, procedente de Huntingdonshire, de cabelo louro-claro, rosto comprido, olhos de esquilo e pouquíssimo queixo; no entanto, de algum jeito, as partes somavam uma beleza delicada. Poderia fazer papel de elfo, pensei, ou de fada, mas a maneira mais garantida de provocar a fúria dos puritanos era exhibir uma mulher no palco. Eles já nos acusavam de sermos fantoches do diabo, provedores do mal e prole de Satanás, e, se não contássemos com a proteção da Rainha e da nobreza, teríamos sido escorraçados da cidade muito tempo atrás.

— É muito triste — disse Alice.

— O que é triste?  
— Que ele tenha sofrido um naufrágio e perdido a esposa.  
— É uma baita asneira — comentei. — Se eles tivessem ficado à deriva, teriam seguido todos na mesma direção.  
— Mas não foi isso o que aconteceu — protestou ela. — Pobre velho.  
— Por que você não vai para casa? — perguntei.  
— Para Dolphin?  
— Não, para Huntingdon.  
— Para tirar leite de vaca? Fazer manteiga? — sua voz soava melancólica. — Sofri um naufrágio. Você também.  
— Culpa do desgraçado do meu irmão — retribuí, com rancor.  
— Culpa do desgraçado do meu namorado — ecoou ela.

Alice tinha sido seduzida por um salafrário charmoso, um sujeito que corria o interior vendendo botões, pentes e agulhas, e a enganou com a promessa de uma vida conjugal feliz em Londres, e a tola acreditou em cada palavra da história para, no fim das contas, ser vendida à Dolphin, o que foi até uma sorte, visto que se tratava de uma boa casa, dirigida por Mama Harwood, que se afeiçoou da jovem abandonada. Eu também me afeiçoei dela.

Cascos de cavalo soaram no pátio exterior, mas não dei importância. Eu sabia que aguardávamos uma carroça com madeira para realizar reparos no proscênio e imaginei que a carga tivesse chegado. Voltei a fechar os olhos, tentando relembrar minha segunda fala; então Alice soltou um leve grunhido.

— Aaahhh, eu não gosto desses sujeitos! — disse ela, e abri os olhos.

Os Percies tinham chegado.

Eram cinco perseguidores. Adentraram o túnel de acesso, todos vestidos de preto, com a insígnia da Rainha nas mangas e espadas guardadas em bainhas pretas. Dois permaneceram no pátio, enquanto três pularam no tablado e caminharam em direção ao camarim.

— Que diabo os senhores estão fazendo? — inquiriu Alan Rust.

Eles o ignoraram e seguiram diretamente para o camarim. Os dois Percies remanescentes se posicionaram no centro do pátio, e Rust voltou-se para eles.

— O que os senhores estão fazendo?

— Assunto de interesse da Rainha — disse um, rispidamente.

Os dois olharam em volta do Theatre, e vi que eram gêmeos. Lembro-me de ter achado estranho que estivéssemos ensaiando uma peça sobre dois pares de gêmeos, e ali estava a vida real. E algo naquela dupla causou minha repulsa imediata. Eram jovens, talvez um ou dois anos mais velhos que eu, e eram presunçosos. Não tinham estatura, mas tudo neles parecia grande: traseiros grandes, narizes grandes,

queixos grandes, cabelos pretos entufados embaixo de capuzes de veludo preto, e músculos fortes, visíveis embaixo das meias compridas pretas e das mangas. A meu ver, pareciam uns brutamontes inflados e grosseiros, ambos armados de espada e desdém. Alice estremeceu.

— Que aspecto medonho — disse ela. — Parecem bois de corte! Você pode imaginar esses dois...

— Prefiro não imaginar — falei.

— Eu também — disse Alice, com fervor, e fez o sinal da cruz.

— Pelo amor de Cristo — eu a repreendi —, não faça isso! Não na frente dos Percies.

— Eu sempre esqueço. Em casa, sabe, a gente tinha que fazer isso.

— Mas não faça isso aqui!

— Eles são medonhos — cochichou Alice, no momento em que os gêmeos se viraram para encarar as mulheres da Dolphin. Os dois vieram em nossa direção.

— Mostrem os peitinhos para a gente, damas — disse um deles, com um sorriso forçado.

— Elas não são damas, irmão — disse o outro. — São putas.

— Mostrem os peitinhos para a gente, putas!

— Vou embora — murmurou Alice.

As mulheres fugiram pelos fundos, e os dois homens riram. Os atores, exceto meu irmão e Will Kemp, tinham recuado até o fundo do palco, sem saber o que fazer. Kemp ficou no centro do tablado, enquanto meu irmão seguiu os Percies camarim adentro. Os gêmeos foram até o palco e viram Simon Willoughby com sua saia comprida.

— Bonito, esse menino, irmão.

— Não é que ele é mesmo?

— Você é ator? — perguntou um deles a Simon.

— Mostra as tetas para a gente, menino bonito — disse o outro, e os dois riram.

— Dá um gostinho para a gente, menino!

— O que os senhores estão fazendo aqui? — inquiriu Will Kemp, em tom agressivo.

— Cumprindo o nosso dever — respondeu um dos gêmeos.

— Nosso dever para com a Rainha — disse o outro.

— Este teatro — disse Rust, pomposamente — está sob a proteção do Lorde Camerlengo.

— Ah, estou morrendo de medo — disse um dos gêmeos.

— Deus me defenda — disse o outro, e então olhou para Simon. — Vamos lá, menino, mostra aí para a gente as suas mamocas!

— Saiam! — berrou Kemp do palco.



— Ele dá tanto medo! — Um dos gêmeos fingiu sentir medo, encolhendo os ombros e tremelicando-se. — Você não quer mandar a gente embora à força, quer? — perguntou ele.

— Ah, eu quero! — disse Alan.

Um dos gêmeos desembainhou a espada.

— Então tente fazer isso — disse ele, debochado.

Alan Rust estalou os dedos, e um dos homens que guardava o prisioneiro Egeu, conhecendo o significado daquele estalar de dedos, jogou uma espada para Rust. Este, de pé ao lado dos gêmeos estufados, apontou a lâmina para as duas caras sorridentes.

— Isto aqui — resmungou ele — é um teatro. Não é o pátio de uma fazenda. Se vocês querem vomitar o seu estrume, façam isso em outro lugar. Voltem para a casa imunda de vocês e digam para sua mãe que ela é uma puta por ter parido vocês.

— Você que se dane! — disse o gêmeo que sacara a espada, mas, naquele instante, antes que a luta começasse, a porta da direita se abriu, e dois dos três Percies, que evidentemente tinham vasculhado o camarim, voltaram ao tablado. Um trazia umas roupas empilhadas nos braços, enquanto o outro trazia uma sacola, que sacudiu para os gêmeos.

— Quinquilharia! — disse ele. — Quinquilharia e terços! Lixo católico.

— São figurinos — resmungou Will Kemp —, figurinos e adereços de cena.

— E isto aqui? — O perseguidor tirou um cálice de dentro da sacola.

— Ou isto? — O parceiro exibiu uma batina branca, toda ornada com renda.

— É um figurino, seu idiota! — protestou Kemp.

— É tudo o que alguém precisa para rezar uma missa católica — disse o perseguidor.

— Deixa eu ver essa camisola! — exigiu o gêmeo cuja espada ainda estava na bainha, e o Percy jogou a batina para ele.

— Hum, é bonita — disse o gêmeo. — É isso o que os papistas usam quando vomitam a imundície deles?

— Devolva isso — exigiu Alan Rust, erguendo ligeiramente a espada emprestada.

— Você está me ameaçando? — perguntou o gêmeo com a espada em punho.

— Estou — disse Rust.

— Poderíamos prendê-lo — disse o gêmeo, e desferiu uma estocada contra Alan.

Mas isso foi um erro.

Foi um erro porque uma das primeiras habilidades que qualquer ator adquire é o manejo de uma espada. A plateia adora combates. Os espectadores presenciam

muitas lutas, Deus sabe, nas ruas, mas tais lutas são quase sempre travadas entre imbecis que desferem golpes aleatórios até que, geralmente em questão de segundos, um deles já se vê com o crânio rachado ou o abdômen perfurado e jaz estirado no chão. O que os espectadores admiram é um homem que luta com habilidade, e não há ovação mais fervorosa do que quando Richard Burbage e Henry Condell brandem suas lâminas. A plateia se espanta com a graciosidade dos dois atores, com a velocidade das lâminas e, embora saiba que a luta não é de verdade, sabe que a habilidade é. Meu irmão insistiu que eu fizesse aulas de esgrima, e eu fiz, porque, se eu alimentava qualquer esperança de assumir um papel masculino em alguma peça, precisava saber lutar. Alan Rust aprendera esgrima muito tempo atrás; tinha sido uma atração junto aos atores do Lorde Pembroke e, embora fosse a simulação de lutas o que tinha aprendido, ele só era capaz de simular porque sabia lutar para valer, e os gêmeos estavam prestes a receber uma lição.

Isso porque, antes que o segundo gêmeo desembainhasse a espada, Alan Rust já havia desarmado o primeiro, girando a espada, com elegância, em redor da primeira estocada canhestra e torcendo a lâmina, lateral e rapidamente, fazendo voar para longe a arma do jovem. Em seguida, reposicionou a arma, defendeu um golpe desferido pelo segundo gêmeo, estocou-lhe o abdômen, a fim de obrigá-lo a recuar, e então voltou-se à esquerda, ameaçando com a ponta da espada o rosto do primeiro gêmeo.

— Largue a batina, seu cagalhão fedorento — disse Rust, dirigindo-se a um dos gêmeos enquanto ameaçava o outro, utilizando o mesmo tom de voz que empregaria para representar um rei tirano, uma voz que parecia emergir das entranhas da terra —, a menos que você queira que o seu irmão perca um olho.

— Prendam ele! — gritou um dos gêmeos para os perseguidores. Sua voz soou demasiado fina, desesperada.

Naquele momento, o último dos perseguidores saiu do camarim com pilhas de papel nos braços. Eram os textos das nossas peças, que ficavam trancados em um grande baú no piso superior.

— Já temos o que queremos — disse ele aos companheiros, e então franziu o cenho ao ver os gêmeos desconcertados. — O que... — ele começou a dizer.

— Os senhores não *têm* nada — meu irmão o interrompeu. Eu jamais o vira tão enraivecido, mas ele manteve o tom de voz sereno.

Por uma fração de segundo, ninguém se mexeu. Então Richard Burbage e Henry Condell sacaram suas espadas, as lâminas raspando contra o gargalo das bainhas.

— Os textos, não! — disse Burbage.

— E nem nada mais — disse Rust, a ponta da espada balançando a poucos centímetros do globo ocular do gêmeo.

— Estamos aqui em nome da Rainha... — O perseguidor que carregava nossos textos começou a dizer, mas foi, mais uma vez, interrompido por meu irmão.

— Houve um mal-entendido — disse meu irmão. — Se os senhores têm algum assunto aqui — falou ele, calma e racionalmente —, devem dirigir a questão ao Lorde Camerlengo, pois somos os homens dele.

— E nós somos os homens da Rainha — insistiu o mais alto dos perseguidores que estavam sobre o tablado.

— E o Lorde Camerlengo — seguiu meu irmão, falando com calma — é primo de Sua Majestade. Tenho certeza de que ele a consultaria a respeito dessa questão. O senhor pode me entregar esses papéis. — Ele estendeu as mãos em direção à preciosa pilha de textos. — Um mal-entendido — repetiu ele.

— Um mal-entendido — disse o perseguidor e, obedientemente, permitiu que meu irmão pegasse os papéis. O sujeito mais alto largou os figurinos. Ele tinha visto a facilidade com que Alan Rust desarmara um dos gêmeos e dirigiu um olhar apreensivo a Richard Burbage, cuja espada estava em riste, pronta a atacar. Eu duvidava que as espadas o houvessem convencido a recuar, a despeito da habilidade de Rust. Eu desconfiava de que a menção a Lorde Hunsdon, o Lorde Camerlengo, o persuadira. — Vamos embora — disse ele aos companheiros.

— Mas... — Um dos gêmeos iniciou um protesto.

— Vamos embora!

Nada levaram consigo; em vez disso, esforçando-se para manter a dignidade já abalada, retiraram-se discretamente do Theatre, e ouvi o barulho dos cascos dos cavalos enquanto o bando se afastava.

— O que, em nome de Deus... — Richard Burbage começou a dizer, e então sacudiu a cabeça. — Como eles se atrevem a vir aqui? Eles não sabem que o Lorde Hunsdon é o nosso patrono?

— O Lorde Hunsdon não pode nos proteger da heresia — disse meu irmão.

— Não tem heresia aqui! — disse Will Kemp, com raiva.

— É a prefeitura — disse meu irmão, desanimado. — Eles não podem fechar as nossas portas porque estamos fora da jurisdição municipal, mas podem insinuar aos perseguidores que somos um antro de corrupção.

— Espero que a gente seja mesmo — disse Will Kemp, rangendo os dentes.

— Eles vão voltar — disse Alan Rust —, a não ser que Lorde Hunsdon dê um basta nisso.

— Ele não vai gostar — disse meu irmão —, mas vou escrever à Sua Senhoria.

— Faça isso agora mesmo! — disse Will Kemp, furioso.

Meu irmão se conteve diante do tom agressivo de Kemp, e então fez que sim.

— É, agora mesmo, e alguém vai entregar a carta.

Eu queria que ele me designasse, porque isso me daria a oportunidade de visitar a mansão do Lorde Camerlengo, em Blackfriars, e era lá que a jovem de olhos acinzentados e sorriso maroto trabalhava. Silvia, eu disse o nome comigo mesmo, Silvia. Então disse em voz alta: “Silvia.”

Mas meu irmão pediu a John Duke que levasse a mensagem.

E eu voltei a Éfeso para atuar como Emilia.

## TRÊS

Somente duas semanas mais tarde, Henry Carey — ou seja, Lorde Hunsdon, Lorde Camerlengo e nosso patrono — compareceu pessoalmente ao Theatre. Não veio assistir a um espetáculo; na verdade, ele jamais havia assistido a uma peça no Theatre, mas veio inesperadamente a um ensaio matinal. O primeiro sinal de sua chegada foi quando quatro serviçais, todos trajando libré cinza-escuro com a insígnia dos Carey no ombro, ou seja, a estampa de uma rosa branca, adentraram o pátio. Portavam espadas, exibiam um ar confiante, e nós, que estávamos no palco, ficamos imóveis. Os quatro foram seguidos por um idoso, ligeiramente manco, dotado de fisionomia severa, maltratada pela vida, e barba grisalha aparada. Era atarracado, tinha o tórax largo e usava roupas simples, sem adornos, mas tingidas impecavelmente de preto, o que lhes assinalava o alto custo. Trazia uma corrente de ouro ao pescoço e um distintivo dourado no chapéu de veludo preto. Não fossem o ouro e as vestes ricamente tingidas, o idoso poderia ser confundido com um mercador, alguém que houvesse passado a vida trabalhando com madeira e pedra, um homem duro e forte, e decerto alguém que não seria contrariado sem consequências.

— Mestre Shakespeare — dirigiu-se ele a meu irmão —, recebi sua mensagem.

— Milorde. — Meu irmão retirou o chapéu e dobrou um dos joelhos.

Todos nós fizemos o mesmo. Ninguém precisava nos dizer quem era o idoso de fisionomia severa. As insígnias nos ombros dos criados nos informavam tudo o que precisávamos saber. Um quinto guarda, um sujeito esbelto que também usava a libré cinza-escuro e a insígnia dos Carey, chegou com uma pasta nas mãos e posicionou-se respeitosamente alguns passos atrás de Sua Senhoria.

— Não é preciso ajoelhar, não é preciso ajoelhar — disse Lorde Hunsdon. — Tenho assuntos em Hampstead e achei por bem visitar o local onde os senhores se escondem. — Ele se virou para contemplar as galerias superiores do Theatre. — Faz-me lembrar o pátio interno de uma estalagem.

— Muito semelhante, milorde — concordou meu irmão.

— Então isso é um teatro, hein? — Sua Senhoria olhou ao redor com evidente interesse, correndo a vista pelas galerias até o toldo que encimava o palco e que era sustentado por pilares idênticos. — Os senhores acham que vão vingar?

— Vingar, milorde?

— Esses estabelecimentos não existiam quando eu era jovem. Nenhum deles sequer! Agora existem quantos? Três deles? Quatro?

— Acho que vão vingar, milorde. O público gosta.

— Mas os puritanos, não, hein? Eles querem nos ver entoando salmos, e não assistindo a peças de teatro. A exemplo daqueles malditos Percies.

Meu irmão ficou tenso diante da referência aos perseguidores.

— Conseguimos evitar derramar-lhes o sangue, milorde.

— Que pena — disse Lorde Hunsdon, com um sorriso forçado. Simon Willoughby, vestindo uma saia por cima das meias compridas, buscara uma cadeira no camarim e pulou do tablado para oferecê-la, mas a cortesia provocou apenas uma carranca em Lorde Hunsdon. — Não sou um maldito aleijado, menino — ele voltou a olhar para meu irmão. — Tem um homem nojento chamado Price. George Price. É o líder dos perseguidores e um porco em forma humana. Já ouviu falar dele?

— Já ouvi falar dele, milorde, sim. Mas não o conheço.

Meu irmão falava em nome da companhia. Até mesmo Will Kemp, geralmente tão loquaz, ficara mudo diante da chegada do Lorde Camerlengo.

— É um sodomitazinho tarado, o nosso Porquinho Price — disse Lorde Hunsdon. — É puritano, obviamente, o que o torna enfadonho. Não me importo que o maldito cace jesuítas, mas ai dele se meter com meus servidores! E é isso que os senhores são.

— Temos essa honra, milorde.

— E são servidores não remunerados, o melhor tipo! — Lorde Hunsdon soltou uma gargalhada que parecia um latido. — Eu disse ao maldito que deixasse os senhores em paz.

— Sou grato a Vossa Senhoria.

— O que ele pode ou não fazer. São uma matilha de vira-latas insolentes, esses Percies. Acho que insolência faz parte das funções deles, hein?

— Com frequência, sim, milorde — disse meu irmão.

— E a Rainha gosta dos perseguidores — prosseguiu o Lorde Camerlengo. — Ela não quer que algum jesuíta maldito lhe corte a garganta, o que é compreensível, e o Porquinho Price é muito bom em farejar os safados. É reconhecido por Sua Majestade. Eu disse a ele que deixasse os senhores em paz, mas, no instante em que farejar subversão, ele vai soltar os cachorros e, se encontrarem algo, nem mesmo eu vou poder proteger vocês.

— Subversão, milorde? — Meu irmão parecia perplexo.

— O senhor me ouviu, Mestre Shakespeare. Subversão.

— Nós somos atores, milorde, não conspiradores.

— Ele afirmou que os senhores estão escondendo exemplares de *A conferência*.  
— A acusação foi dura e direta, enunciada em um tom bastante diverso das observações anteriores de Sua Senhoria. — Ele foi informado, por fonte confiável, segundo me disse, que os senhores distribuem exemplares do maldito livro aos seus espectadores.

— Fazemos o quê? — indagou meu irmão, atônito.

Nós somos atores. Fingimos e, fingindo, persuadimos. Se um homem me perguntasse se eu havia lhe furtado a bolsa, eu exibiria uma expressão de tamanha inocência e surpresa que, antes mesmo de eu responder, ele saberia a resposta, e o tempo todo a bolsa estaria escondida no meu gibão.

Naquele momento, no entanto, não havia necessidade de fingir. Duvido que muitos de nós soubessem o que Sua Senhoria quis dizer com “*A conferência*”, a maioria se limitou a demonstrar perplexidade ou preocupação. Meu irmão sabia, perfeitamente, mas também se mostrou perplexo, até descrente. Se tivéssemos fingido naquele momento, teria sido a atuação mais convincente já encenada no Theatre, mais do que suficiente para convencer o Lorde Camerlengo de que éramos inocentes com relação a qualquer pecado que ele nos atribuísse. Meu irmão, franzindo a testa, sacudiu a cabeça.

— Milorde — ele fez uma grande reverência —, não fazemos esse tipo de coisa!

James Burbage decerto sabia o que era “*A conferência*”, porque também se curvou, e então, depois de se reerguer, estendeu as mãos.

— Faça uma busca no teatro, milorde.

— Ah! — Lorde Hunsdon tratou o convite com o merecido deboche. — A esta altura, os senhores já esconderam os exemplares. Pensam que sou bobo?

Meu irmão falou com seriedade.

— Não possuímos exemplares, milorde, e jamais possuímos um sequer.

Sua Senhoria sorriu, repentinamente.

— Mestre Shakespeare, eu não dou a mínima ao fato de os senhores terem um exemplar sequer. Apenas escondam bem o maldito. O senhor já leu a publicação?

Meu irmão hesitou, e então assentiu.

— Já, milorde.

— Eu também. Mas se os homens do Porquinho Price encontrarem um exemplar aqui, os senhores todos acabarão confinados em Marshalsea. Todos! Minha prima — ele se referia à Rainha — tolera muita coisa, mas não suporta aquele livro.

Marshalsea é uma prisão ao sul do Tâmis, não muito longe do Teatro Rose, que é a sede dos Homens do Lorde Almirante, com os quais nossa companhia mantém uma rivalidade amistosa.

— Milorde — meu irmão seguia falando lenta e cautelosamente —, jamais escondemos um exemplar.

— Não vejo por que os senhores fariam isso. — Lorde Hunsdon, subitamente, voltara à alegria de antes. — Não é de interesse dos senhores, hein? Fadas e enamorados são de seu interesse, hein?

— Deveras, milorde.

Lorde Hunsdon estalou os dedos, e o criado esbelto abriu a pasta e retirou um maço de papéis.

— Gostei — disse Lorde Hunsdon, embora não parecesse muito convencido.

— Obrigado, milorde — respondeu meu irmão, com cautela.

— Não li tudo — disse Sua Senhoria, pegando os papéis do criado esbelto —, mas gostei do que li. Principalmente daquela coisa no final. Pirâmide e Timble. Muito bom!

— Obrigado — disse meu irmão, debilmente.

— Mas minha esposa leu tudo. Ela disse que é uma maravilha. Uma maravilha! Meu irmão parecia ter ficado sem palavras.

— E a opinião que conta é a da minha senhora — continuou Lorde Hunsdon. — Eu teria preferido algumas lutas, quem sabe uma ou duas punhaladas, um degolamento, talvez? Mas suponho que sangue e bodas não combinem, hein?

— São incompatíveis, milorde — conseguiu dizer meu irmão, recebendo as páginas que Sua Senhoria lhe entregava.

— Mas tem uma coisa. Minha esposa reparou que a peça ainda não tem título.

— Estive pensando... — começou a dizer meu irmão, mas hesitou.

— Sim? Então?

— *Sonho de uma noite de verão*, milorde.

— O que de uma noite de verão? — indagou Lorde Hunsdon, franzindo o cenho.

— Mas a droga do casamento vai ser em pleno inverno.

— Exatamente por isso, milorde.

Seguiu-se uma pausa, e então Lorde Hunsdon soltou uma gargalhada.

— Gostei! Essa foi boa, gostei! É tudo uma maldita besteirada, não é?

— Besteirada, milorde? — meu irmão indagou, delicadamente.

— Fadas! Pirâmide e Timble! Aquele sujeito sendo transformado em burro!

— Ah, sim, tudo uma besteirada, milorde — disse meu irmão. — É claro — e fez mais uma reverência.

— Mas o mulherio gosta de besteirada; então vai bem com um casamento. Vai bem com um casamento! Se aquele maldito do Price, sem motivo, apoquentar os senhores de novo, mandem me avisar. Eu estrangulo o desgraçado com prazer.

Sua Senhoria acenou, afavelmente, e então virou-se e deixou o teatro, seguido por seus criados.

E meu irmão riu.



— É uma besteirada — disse meu irmão. Como sempre, ao falar comigo, parecia distante. Quando fugi de casa e encontrei-me com ele em Londres, ele me saudou com uma frieza que não tinha se alterado ao longo dos anos. — Sua Senhoria tem razão. O que fazemos é uma besteirada — disse ele, então.

— Besteirada?

— Nós não trabalhamos; nós encenamos, ou seja, brincamos de faz de conta. Somos atores, e o teatro é onde brincamos — falou ele como se eu fosse uma criança cuja pergunta o tivesse incomodado. Era o dia seguinte à visita de Lorde Hunsdon ao Theatre, e meu irmão tinha me enviado uma mensagem convidando-me à sua casa, àquela época situada em Wormwood Street, próxima a Bishopsgate. Ele estava sentado à mesa abaixo da janela, escrevendo; a pena arranhava com rapidez a superfície do papel. — As outras pessoas... — prosseguiu ele, embora não olhasse para mim — ... as outras pessoas trabalham. Cavam valas, serram madeira, empilham pedras, aram campos. Constroem cerca, costuram, ordenham, fazem manteiga, fiam, tiram água do poço, trabalham. Até o Lorde Hunsdon trabalha. Foi soldado. Hoje tem grandes responsabilidades diante da Rainha. Quase todo mundo trabalha, irmão, menos nós. Nós brincamos. — Ele pôs de lado uma folha de papel e pegou uma nova da pilha ao lado da mesa. Tentei ver o que estava escrevendo, mas ele inclinou o corpo e escondeu o papel com o ombro. Aguardei que me dissesse por que havia me chamado, mas ele continuou escrevendo, sem dizer nada.

— Então, o que é essa conferência? — perguntei.

— Geralmente, uma conferência é uma ocasião em que pessoas se reúnem para conversar.

— Me refiro àquela que o Lorde Hunsdon mencionou.

Ele suspirou, exasperado, então esticou o braço e pegou o volume que estava no topo de uma pequena pilha de livros. A publicação não tinha capa; era apenas um bolo de páginas costuradas umas às outras.

— Isso — disse ele, entregando-me o livro — é *A conferência*.

Levei o livro até a outra janela, onde a luz me permitiria ler. O título da publicação era *Conferência acerca da próxima sucessão à Coroa da Inglaterra*, e a data era MDXCIII.

— É novo — falei.

— Recente — corrigiu-me ele, de um jeito pedante.

— Publicado por R. Doleman — li em voz alta.

— De quem ninguém nunca ouviu falar — disse meu irmão, voltando a escrever —, mas é, sem dúvida, algum católico.

— Então é subversivo?

— O livro sugere... — Ele fez uma pausa para molhar a pena no tinteiro, escorreu o bico na beira do frasco e recomeçou a escrever — ... o livro sugere que nós, o povo da Inglaterra, temos o direito de escolher o nosso próprio monarca, e que devemos escolher a Princesa Isabella da Espanha, que, naturalmente, insistiria que a Inglaterra voltasse a ser um país católico.

— Nós devemos escolher um monarca? — perguntei, atônito diante da ideia.

— O autor faz uma provocação — disse ele —, e a Rainha está enfurecida. Ela ainda não apontou seu sucessor, e a qualquer conversa acerca da sucessão ela reage com gritos de fúria. O livro está proibido. Pode me devolver.

Devolvi, obedientemente.

— E você vai preso se eles acharem esse livro?

— Quando você diz “eles” — falou ele, meio azedo —, suponho que esteja se referindo aos perseguidores. Sim. Você bem que gostaria disso, não é mesmo?

— Não.

— Estou comovido, irmão — disse ele, ácido —, comovido.

— Por que alguém mentiria dizendo que nós tínhamos cópias desse livro no Theatre? — perguntei.

Ele se virou e me dirigiu um olhar irritado, como se minha pergunta fosse idiota.

— Nós temos inimigos — disse ele, voltando-se à folha em que estava escrevendo. — Os puritanos pregam contra nós, a câmara municipal quer fechar o teatro, e até nosso senhorio nos detesta.

— Ele nos detesta?

— Gyles Allen se converteu. Virou puritano. Agora se arrepende de ter arrendado o terreno para um teatro e quer nos despejar. Ele não pode, porque, ao menos desta vez, a lei está do nosso lado. Mas ele, ou algum outro inimigo, nos delatou.

— Mas não era verdade!

— É claro que a acusação não era verdadeira. A verdade não importa em questões de fé, apenas a crença. Estamos sendo perseguidos.

Pensei que ele fosse continuar falando, mas voltou a escrever. Um gavião-real voou pela janela e pousou no beiral de um telhado próximo. Fiquei observando o pássaro, mas ele não se moveu. A pena manuseada por meu irmão seguia rabiscando.

— O que você está escrevendo? — perguntei.

— Uma carta.

— Então a nova peça já está pronta? — perguntei.

— Você ouviu o que o Lorde Hunsdon disse — *rabiscando, rabiscando*.

— *Sonho de uma noite de verão?*

— Sua memória ainda funciona. Bom.

— E eu vou fazer papel de homem nela? — perguntei, desconfiado.

Como resposta ele suspirou novamente, então mexeu numa pilha de papéis, à procura de determinada folha, a qual me entregou, em silêncio. Então recomeçou a escrever.

A página continha uma lista de papéis e atores. Pedro Madeira aparecia no topo da lista, diante do qual se via o nome do meu irmão. O restante da lista era o seguinte:

|                            |                                            |
|----------------------------|--------------------------------------------|
| <i>Teseu</i>               | <i>George Bryan, se estiver bem</i>        |
| <i>Hipólita</i>            | <i>Tom Belte</i>                           |
| <i>Lisandro</i>            | <i>Richard Burbage</i>                     |
| <i>Demétrio</i>            | <i>Henry Condell</i>                       |
| <i>Helena</i>              | <i>Christopher Beeston, se estiver bem</i> |
| <i>Hérnia</i>              | <i>Kit Saunders</i>                        |
| <i>Oberon</i>              | <i>John Heminges</i>                       |
| <i>itânia</i>              | <i>Simon Willoughby</i>                    |
| <i>Puck</i>                | <i>Alan Rust</i>                           |
| <i>Egeu</i>                | <i>Thomas Pope</i>                         |
| <i>Filóstrato</i>          | <i>Robert Pallant</i>                      |
| <i>Nico Novelo</i>         | <i>Will Kemp</i>                           |
| <i>Bicão, latoeiro</i>     | <i>Richard Cowley</i>                      |
| <i>Acomodado</i>           | <i>John Duke</i>                           |
| <i>Faminto</i>             | <i>John Sinklo</i>                         |
| <i>Francis Foles</i>       | <i>Richard Shakespeare</i>                 |
| <i>Flor-de-Ervilha</i>     |                                            |
| <i>Mariposinha</i>         |                                            |
| <i>Teia-de-Aranha</i>      |                                            |
| <i>Semente-de-Mostarda</i> |                                            |

Os quatro últimos papéis não tinham atores designados e deixaram-me curioso. Flor-de-Ervilha... Teia-de-Aranha... imaginei que fossem fadas, mas eu só queria saber se faria um papel masculino!

— Francis Foles é homem? — perguntei, apenas para me certificar.

— É, sim. — Meu irmão escreveu algumas palavras. — Então você vai precisar cortar os cabelos. Mas só quando chegar o momento da peça. Enquanto isso você

vai atuar nos papéis de sempre.

— Cortar meu cabelo?

— Você não quer fazer papel de homem? Precisa se parecer com um homem. — Ele fez uma pausa, a ponta da pena posicionada acima do papel. — Remendadores de foles não usam cabelos compridos.

— Francis Foles é remendador de foles? — perguntei, sem conseguir disfarçar a decepção na voz.

— O que você esperava que ele fosse? Um cavaleiro andante? Um tirano?

— Não — falei —, não. Eu só quero fazer papel de homem.

— E você vai — disse ele. — Você vai.

— Posso ver minha parte? — perguntei, ansioso.

— Isaiah está copiando o texto; portanto, não.

— A peça é sobre o quê?

Ele rabiscou mais algumas palavras.

— Amor.

— Porque é para um casamento?

— Porque é para um casamento.

— E eu remendo foles num casamento?

— Eu não recomendaria. Só indiquei o seu ofício para que saiba do seu lugar na sociedade, conforme todos devemos saber.

— Então o que Francis Foles faz na peça?

Ele fez uma pausa para selecionar mais uma folha de papel.

— Você se apaixona. Você é um amante.

Por um momento, quase gostei dele. Um amante! No palco, são os amantes que desfilam, que sacam espadas, que fazem discursos apaixonados, que conquistam a simpatia da plateia e que mandam o público de volta à vida cotidiana com a certeza de que o destino pode ser triunfal. Um amante!

— Por quem eu me apaixono? — perguntei.

Ele parou para molhar mais uma vez a pena no tinteiro, escorreu o bico cuidadosamente e se pôs a escrever noutra folha.

— O que o reverendo Venables falou com você? — perguntou ele.

— Venables? — Fui surpreendido pela pergunta.

— Algumas semanas atrás — disse ele —, depois que encenamos aquele lixo dele, o reverendo Venables trocou umas palavras com você. O que ele queria?

— Ele falou que eu atuei bem como Uashti — gaguejei.

— Agora diga a verdade.

Fiz uma pausa, tentando organizar os pensamentos.

— Ele tinha ouvido dizer que eu talvez fosse embora da companhia.

— Realmente. Eu disse a ele. E daí?

— Ele queria que eu ficasse — menti.

A pena arranhou.

— Ele não sugeriu que você se juntasse à nova trupe do Conde de Lechlade? — Fiquei calado, e o silêncio foi suficientemente loquaz. Meu irmão sorriu, talvez com um ar de escárnio. — Sugeriu. Mas você me prometeu ficar na nossa companhia durante todo o inverno.

— Prometi.

Ele assentiu, então depôs a pena e remexeu a pilha de papéis.

— Você está sempre se queixando da falta de dinheiro. — Ele encontrou as folhas que procurava e, sem me olhar, entregou-as a mim. — Copie o papel de Titânia. Eu lhe pago dois xelins, e quero isso pronto até segunda-feira. Por favor, que seja legível.

Peguei as folhas.

— Até segunda-feira?

— Começaremos os ensaios na segunda-feira. Em Blackfriars.

— Blackfriars?

— Tem um eco neste quarto — disse ele, entregando-me algumas folhas em branco. — Lorde Hunsdon e a família estão passando o inverno na mansão deles, em Blackfriars. Vamos encenar a peça no salão principal.

Tive mais um ímpeto de felicidade. Silvia estaria lá! E senti mais uma efusão de alegria diante da ideia de fazer um papel masculino, finalmente.

— Quem é Titânia? — perguntei, imaginando se ela acabaria em meus braços.

— A Rainha das Fadas. Não perca essas páginas.

— Então a peça é sobre fadas?

— Todas as peças são sobre fadas. Agora, pode ir.

Fui.

Eu gostava de fazer cópias. Nem todo mundo gosta desse tipo de tarefa, mas eu nunca me queixava. Eu costumava copiar o papel que me cabia, escrever as falas me auxiliava na memorização, mas eu gostava de copiar os papéis de outros atores também.

Cada ator recebia apenas o seu papel, e nenhum outro, o que significava que, para aquela peça de comemoração de bodas, cerca de quinze papéis seriam copiados, os quais, reunidos, somariam o texto como um todo. Isaiah Humble, o ponto, teria em mãos uma cópia completa e, normalmente, outra cópia completa era enviada ao Mestre de Cerimônias, para que ele se certificasse de que nenhuma afronta seria verbalizada no palco; no entanto, visto que nossa peça seria uma apresentação particular, no domicílio de um nobre, tal permissão era provavelmente desnecessária. Ainda assim, Sir Edmund Tilney, o Mestre de

Cerimônias, tinha sido designado pelo Lorde Camerlengo, que já havia aprovado a peça.

Trabalhei no quarto do Padre Lourenço. Ele morava embaixo do meu sótão, na casa da viúva Morrison. O quarto do padre tinha uma mesa espaçosa abaixo de uma janela com vista para o norte. O quarto era, também, mais bem aquecido que o meu. O padre tinha uma lareira que queimava carvão mineral, ao lado da qual costumava sentar-se, envolto numa coberta de lã, com nada além da calva à mostra, parecendo uma tartaruga velha.

— Leia em voz alta, Richard — ele me incentivou.

— Acabei de começar, padre.

— Em voz alta! — repetiu ele.

Eu tinha copiado as palavras que precediam a entrada de Titânia, as últimas duas linhas da fala de Puck, seguidas da fala de uma fada cujo nome não era informado. Então vinha uma marcação de cena indicando a presença de Oberon e Titânia no tablado.

— “Altiva Titânia, que infeliz é este nosso encontro ao luar” — falei, em voz alta.

— Quem diz isso?

— Oberon, o Rei das Fadas.

— Titânia! Um nome adorável — disse Padre Lourenço —, seu irmão se inspirou em Ovídio, não foi?

— Foi?

— Nas *Metamorfoses*, é claro. E Oberon, Oberon? — Ele contraiu a testa, refletindo. — Ah! Lembrei, eu tinha um exemplar desse livro.

— Um exemplar do quê, padre?

— É um antigo conto francês — ele deu uma risadinha. — Huon de Bordeaux tinha de realizar façanhas incríveis, à semelhança dos trabalhos de Hércules, e contou com o auxílio do Rei das Fadas, que se chamava Oberon. Continue, Richard, continue!

— “Como assim, ciumento Oberon?” — eu li. — “Ó fadas, fugi! Dele, não quero nem leito nem companhia.”

Fui trabalhar no quarto do Padre Lourenço porque a janela propiciava boa luz e porque os Percies, apesar de terem levado muita coisa, tinham deixado tinta e um punhado de penas que pertenciam ao velho. Além disso, eu gostava do Padre Lourenço. Era bastante idoso, calmo, sábio, e fazia tempo que deixara de lutar contra a inimizade dos protestantes. “Eu só quero morrer em paz”, ele costumava dizer, “e prefiro não ser arrastado ao cadafalso numa padiola de vime para ter minha barriga aberta por um açougueiro de Smithfield.” Estava inválido e não conseguia caminhar sem ajuda. Acho que a viúva Morrison permitia que ele

morasse de graça, e suspeito que ela se confessasse com ele, mas era melhor não fazer perguntas sobre esse tipo de coisa; o fato é que quase todos os dias eu escutava passos na escada do piso inferior e o ranger da porta do padre, e o murmúrio de vozes, e deduzia que alguém tivesse vindo confessar seus pecados e receber absolvição. Os constabulários da paróquia, provavelmente, tinham conhecimento da situação, pois não eram tolos, mas o velho era inofensivo e benquisto. O novo pastor da paróquia era um egresso de Oxford, um jovem fanático que amaldiçoava tudo o que dissesse respeito a Roma, mas, quando um paroquiano agonizava, era o Padre Lourenço que costumava ser chamado, e ele descia a rua mancando, em sua velha e rota batina, e as pessoas saudavam-no com um sorriso, exceto os puritanos, mais propensos a cuspir quando ele passava. Quando eu tinha dinheiro, levava comida, carvão ou lenha para ele e sempre ajudava a arrumar o quarto depois que os Percies faziam suas buscas.

— Leia mais — disse ele. — Leia mais!

— “Eis as invencionices do ciúme” — li, em voz alta,

*Desde meados do verão, jamais  
Nos encontramos em clareira ou  
prado,  
Nem em florestas, nem mesmo nas  
fontes,  
Nem nos riachos, nem à beira-mar,  
Para dançar cachos ao vento  
sibilante.*

Padre Lourenço suspirou, baixinho. Olhei para o canto do quarto e vi que ele recostara a cabeça no espaldar da cadeira, com olhos cerrados e boca aberta. Ele não se mexia, tampouco emitia qualquer som, e levantei-me, pensando que tivesse morrido. Então ele falou.

— “Para dançar cachos ao vento sibilante”! — disse ele, suavemente. — “Para dançar cachos”! Ah, que perfeição.

— Perfeição?

— Lembro-me, quando ainda era um jovem padre, de ter visto uma jovem dançando. Seus cabelos tinham cachos, e ela se chamava Jess — ele parecia tristonho. — Ela dançava ao lado de um riacho, a minha Jess, e fiquei olhando enquanto ela dançava cachos ao vento sibilante — ele abriu os olhos e sorriu para mim. — Seu irmão é genial!

— É mesmo? — perguntei, austero.

— Você precisa ser mais generoso, Richard. Ele fala pela boca de um anjo.

— Ele não gosta de mim.

— O que é triste — disse Padre Lourenço. — Será porque você é jovem e ele, não?

— Ele não é velho!

— Trinta e um, você disse? Ele está na meia-idade, Richard. E não gosta de você porque você tem algo que Deus não concedeu a ele. Boa aparência. O rosto dele é tosco, o queixo, inexistente, e a barba, rala. Você, por outro lado... — Ele deixou não dito o que estava prestes a dizer.

— Dizem que sou bonitinho — falei, ressentido.

— Mas bonitinho num menino torna-se belo num homem, e agora és um homem.

— Não de acordo com meu irmão.

— E ele não gosta de você, também — prosseguiu Padre Lourenço —, porque você o faz lembrar de Stratford.

— Ele gosta de Stratford — protestei. — Ele sempre me diz que vai comprar propriedades lá.

— Você me contou que ele nasceu, cresceu e se casou em Stratford, mas eu me pergunto se ele foi feliz lá. Acho que ele se tornou um homem diferente em Londres, e não quer ser lembrado do William do passado, infeliz.

— Então por que ele compraria propriedades lá?

— Porque, quando voltar, Richard, ele será o homem mais importante do vilarejo. Ele quer uma desforra contra a infância. Quer o respeito do vilarejo. São Paulo nos diz que, quando crianças, falamos qual crianças, entendemos e pensamos qual crianças, mas, quando nos tornamos homens, deixamos de lado a nossa infantilidade; mas, se nos livramos dela de fato, disso não estou certo. Acho que a infantilidade perdura, e seu irmão anseia por algo que desejava quando criança: o respeito da cidade natal.

— Ele disse isso ao senhor, padre?

Ele sorriu.

— Ele não me visita muito, mas, quando o faz, nós conversamos. É um homem interessante.

— Eu só queria que ele me ajudasse mais — falei, com ressentimento.

— Richard, Richard! Nesta vida, podemos buscar a ajuda de Deus, mas Deus espera que ajudemos a nós mesmos. Você tem de ser um bom ator, um bom homem, e seu irmão vai reconhecer isso um dia. Não busque ajuda do seu irmão, procure ajudá-lo.

Dei risada, não por achar graça no que ele disse, mas porque não consegui encontrar o que dizer, então voltei a molhar a pena na tinta e continuei copiando. Como sempre, ao usar a pena, lembrei-me de Thomas Mulliver, um dos



preceptores na escola de Stratford, o homem que me ensinara a ler e escrever. Ele portava uma vara, com a qual batia em nossas cabeças se detectasse falta de atenção ou erro. “Escrever nos eleva acima das feras”, ele costumava entoar. “Tu és uma fera, menino?” A vara assobiava no ar, e uma dor aguda atravessava o crânio. Ele gostava de fazer citações em latim, embora a maioria de nós tivesse dificuldade com o estranho idioma. “*Audaces fortuna iuvat*”, entoava ele. “E o que isso significa? Significa a fortuna favorece os audazes! Tu és audaz, menino?” E a vara voltava a zunir. Ele ficava mais afável à tarde, quando seu hálito recendia a cerveja, e nos contava anedotas e até nos dava uma moedinha, se nosso desempenho lhe agradasse. Eu até gostava dele, mas ele foi surpreendido detrás da Igreja da Santíssima Trindade com a mão enfiada embaixo da saia da Sra. Cybbes, esposa do prefeito, e aquilo significou o fim de Thomas Mulliver.

Não demorei a seguir meu irmão. Eu detestava Stratford. Detestava o mau humor deprimente do meu pai e as lágrimas da minha mãe. Meu irmão deixara a esposa e três filhos pequenos em casa; as crianças choravam, e Anne gritava com minha mãe, que também chorava e se atormentava. Ninguém era feliz. Colheitas malogradas tinham elevado, de modo cruel, o preço dos alimentos; os verões eram chuvosos, os invernos eram frios, e meu pai me tirou da escola porque, conforme não cansava de dizer, a família não tinha mais condições de me educar nem de me alimentar. Eu tinha catorze anos quando ele me disse que meus dias escolares haviam chegado ao fim e que eu precisava aprender um ofício.

— Thomas Butler concordou em ter você como aprendiz. É uma boa oportunidade. — Butler era carpinteiro e, na condição de aprendiz, eu teria de residir na casa dele, sendo menos uma boca para minha mãe alimentar. Lembro que, na manhã de uma terça-feira, meu pai me levou até a casa de Butler. — É um bom ofício, a carpintaria — ele me disse enquanto caminhávamos sob os olmos ao longo de Henley Street. — O marido da Santa Virgem era carpinteiro, Deus o bendiga.

— Por que eu? — perguntei. — Por que não Gilbert ou Edmund?

— Não seja idiota, menino. Gilbert já é aprendiz. E seu irmão caçula ainda não tem idade. Sua irmã está trabalhando; por que você não haveria de trabalhar?

— Eu não quero ser carpinteiro!

— Bem, mas é isso que você vai ser. E agradeça por saber ler, escrever e somar! Isso é mais instrução que a maioria dos meninos consegue ter. Não faz mal nenhum conhecer as letras e os números, e agora você pode aprender um ofício também. — Eu levei comigo uma sacola contendo uma muda de roupa, à qual me agarrava enquanto meu pai bebia um caneco de cerveja com meu novo mestre na cozinha da família Butler, e Agnes, criatura grosseira, dirigia a mim um olhar desconfiado. O casal não tinha filhos, mas Bess, uma órfã que acabara de completar onze anos de

idade, servia-lhes como criada. Era uma coisinha magricela, com olhos castanhos e arregalados, cabelos ruivos escorridos e um galo escuro na testa. Agnes me viu olhando para a menina.

— Tire esses olhos perversos de cima dela, menino! — ralhou ela. — Ele vai ter que dormir na oficina — acrescentou, dirigindo-se ao marido.

— Ele vai — disse meu novo mestre —, ele vai mesmo.

Então meu pai deu um tapinha na minha cabeça.

— Ele é um bom menino, quase sempre. Comporte-se, Richard — e, dito isso, ele se foi.

— Vou lhe ensinar um ofício útil. — Thomas Butler me prometeu, mas tudo o que me ensinou foi a empilhar lenha. — O inverno está chegando — disse ele —, é tempo de rachar lenha e matar porco.

Quando achava que eu não tinha trabalhado com o devido afinco, ele me batia, e batia com vontade, às vezes se valendo de um pedaço de pau. Batia em Bess, também, e às vezes na esposa, que revidava. Eles gritavam um com o outro. Eu os odiava e tinha saudades de casa. Meu pai, quando sóbrio, era jovial, e minha mãe, quando não estava aflita e preocupada, era amável. Ele nos contava histórias, mesclando fantasias de castelos e cavaleiros galantes, animais que falavam e espíritos que assombravam bosques verdejantes. Certa vez, depois de uma visita da minha mãe, eu chorei, e Agnes Butler desferiu-me um cachação.

— Você não pode voltar para casa — resmungou ela. — A gente pagou por você! Você nos deve sete anos de trabalho, e sete anos de trabalho você vai nos dar.

Eles me alimentavam à base de pão mofado e restos de comida, e me obrigavam a dormir na oficina, um barraco velho e úmido no fundo do quintal. Eu ficava trancado à noite, sem velas, era proibido de alimentar a pequena fogueira em que Thomas Butler derretia cola. Certa manhã, ele encontrou as cinzas ainda mornas, e por isso fui espancado, embora não tivesse alimentado a fogueira, que, simplesmente, tinha ardido por mais tempo do que de costume. Thomas Butler bateu em mim, e então brandiu um furador diante do meu rosto.

— Faz isso de novo, menino, que te arranco fora um olho. Aí você não vai mais ser tão bonitinho, vai?

Sete anos de trabalho, mas duraram apenas três semanas.

Tudo acabou numa manhã de sábado, quando, inadvertidamente, derrubei um pote de cola.

— Seu filho da mãe — esbravejou Thomas e pegou uma ripa de faia que estava ao lado do torno —, vou te bater até você perder os sentidos. — Ele partiu para cima de mim e, em pânico, peguei uma pesada marreta de madeira e dei na cara dele.

A marreta o atingiu. Bateu na lateral do crânio, e ele tombou feito um boi aturdido. Lembro que ele se contorceu, por um instante, entre as aparas de madeira, e então ficou imóvel. Um filete de sangue verteu do ouvido dele, e fiquei paralisado, choramingando, lembrando que os assassinos eram enforcados. Thomas Butler não se mexia. Uma pequena bolsa pendia de seu cinto e, quando ele tombou, algumas moedas rolaram para fora. Três xelins e oito tostões, que roubei. Ladrões eram enforcados também, mas deduzi que não poderia ser enforcado duas vezes.

Eu não podia ir para casa. Os constabulários me procurariam em Henley Street, mas tampouco podia permanecer ali. Eu mal conseguia raciocinar. O pânico que me levava a agarrar a marreta de madeira ainda me fazia tremer. Aos catorze anos eu era um assassino. Então saí correndo. Eu chorava, lembro-me disso, chorava enquanto fugia para o mundo.

O destino é estranho, mas é real. Muito tempo depois, disseram-me que eu tinha nascido sob a influência de uma estrela benévola, e minha mãe, que Deus a tenha, acreditava que anjos nos protegiam, um anjo para cada pessoa, e meu anjo estava alerta naquela manhã. Saí correndo pelo quintal e segui para o norte, em direção a Warwick. Por que Warwick? Talvez porque a ideia de ser enforcado ainda me atormentasse, e Warwick era o local onde assassinos eram enforcados, mas, a poucos metros, avistei Peg Quiney, uma amiga da minha mãe que teria me reconhecido, então dei meia-volta e corri na direção contrária. Corri sem olhar para trás, sem parar para recuperar o fôlego, até atravessar a ponte e tomar a estrada de Ettington. Carneiros baliavam em um campo além de uma vala e uma cerca viva. Dois cavaleiros vinham do sul, e me escondi no meio de uma moita de canabrás. Os cavaleiros passaram sem me ver. Eu ainda tremia e tentava não soluçar.

Os cavaleiros seguiram em direção ao vilarejo, e eu adormeci. Isso ainda me surpreende, que em meio àquele terror eu tenha dormido, e Deus sabe por quanto tempo. Quiçá uma hora? Quiçá duas, mas acordei com um cão lambendo meu rosto, e ouvi uma voz conhecida e amiga.

— Se escondendo, menino? — Era Edward Sales, um carroceiro de Stratford, homem bondoso, sentado no alto de sua carroça, puxada por seus dois cavalos malhados, Gog e Magog. A caçamba da carroça estava cheia de sacas e caixotes. Edward costumava transportar sacas de lã para meu pai, em Londres, no tempo em que havia dinheiro na nossa casa. — Venha cá, Lúcifer! — ele chamou o cão. — Eu não teria visto você — disse ele — se Lúcifer não tivesse te farejado.

Lúcifer, um cão de caça grandalhão e feioso, tinha um aspecto assustador, mas eu sabia que ele era mais propenso a lamber um homem até a morte do que a mordê-lo.

— Estão procurando por você, Richard — prosseguiu Edward —, na maior gritaria, morro acima e morro abaixo.

— Eu não queria matar ele — gaguejei.

— O quê? Matar Tom Butler? — ele riu. — Ele não está morto. Vai ter dor de cabeça por um mês, e vai ser muito bem feito para aquele salafrário miserável. Mas você não o matou. Ele está com um galo que parece um nó de carvalho.

— Ele está vivo?

— Vivo e praguejando.

— Ele vai me matar se eu voltar — falei.

— É provável que sim. Ele não é do tipo que perdoa, você sabe. Eu também não seria se fosse casado com aquela megera. Aquela mulher seria capaz de arrancar com as unhas os olhos de um anjo e depois mijar nos buracos.

Saí da vala onde tinha me escondido.

— E também não posso voltar para casa.

Eu tinha roubado dinheiro. Era um ladrão, e ladrões são enforcados.

Ed parecia ter lido meus pensamentos, porque deu uma risadinha.

— Eles não vão enforcar você, menino. Talvez o marquem com um L bem grande na testa. Mas o mais provável é seu pai pagar umas pratas ao Tom Butler e mandar você de volta para ele.

Hesitei, por um instante, e então fiz a pergunta que mudou minha vida.

— Para onde você está indo, Ed?

— Para Londres, menino. Lá para aquela imundice.

— Eu tenho dinheiro. — Tirei do bolso dois xelins e limpei a serragem que os encobria. — Posso ir?

Ed me encarou durante um bom tempo. Um dos cavalos, Gog ou Magog, pastava no mato espesso à beira da estrada.

— Ele vai ter gases comendo isso — disse Ed e sacudiu as rédeas. — E o que você vai fazer em Londres, Richard?

— Meu irmão está lá.

— Está mesmo. Bem, sobe aí, então, sobe aí.

Fui para Londres.

Londres!

Desde que meu irmão foi para Londres, fiquei fascinado pela cidade, pelas histórias que homens e mulheres contavam de lá, falando de uma glória que em muito excedia Warwick e Kenilworth, quanto mais a pequenina Stratford. Em várias ocasiões, Ed Sales falara a respeito, sentado em nossa cozinha.

— Eu vi a Rainha em carne e osso uma vez — lembro-me dele contando —, e ela surgiu com mil cavaleiros carregando tochas acesas que ardiam em volta dela. Ela brilhava! Como um rubi, rubra e cintilante! É claro, limpavam a cidade para ela passar — disse ele, dando risada. — Penduraram tapeçarias e bandeiras nas

janelas. Às vezes, só lençóis. — Ele dava um gole na cerveja e olhava para mim. — Isso era para impedir o povo de jogar merda e mijar pela janela. Seria inconveniente se um cagalhão respingasse os cabelos de Sua Majestade.

— Não fale assim — disse minha mãe, mas deu risada.

— É verdade, dona Mary, eu juro. — Ele fez o sinal da cruz, e minha mãe respondeu com um muxoxo, mas ainda rindo.

— Nunca estive em Londres — disse ela, com certa melancolia.

— A cidade é cheia de estrangeiro. Da França, dos Países Baixos, das Alemanhas, até mouros! E as construções... Meu bom Jesus, dá para a gente enfiar Stratford inteira dentro da Catedral de São Paulo, e ainda sobrava espaço para Shottery!

— Eu fico preocupada com o meu Will lá — disse minha mãe.

— Ele está indo bem, minha senhora. Eu o vi na semana passada, quando ele me entregou aquela carta. — Ed tinha trazido uma carta enviada por meu irmão, junto a duas moedas de ouro embrulhadas em um trapo de linho. — Ele está indo bem — repetiu. — Os cadarços dos sapatos dele têm pontas de prata!

Minha mãe brincou com as moedas de ouro.

— Dizem que a peste é mais violenta em Londres.

Ed fez o sinal da cruz mais uma vez.

— Tudo é maior, melhor e pior em Londres. A coisa é assim mesmo.

Agora, viajando na carroça de Ed, atrás das ancas volumosas de Gog e Magog, eu dispunha de uma semana inteira para fazer mais perguntas.

— É uma cidade suja, menino — ele me disse enquanto atravessávamos, lentamente, as vastas pastagens de Oxfordshire e os campos onde a cevada crescia —, suja como você não faz ideia. E a cidade fede... merda embaixo dos pés e fumaça em cima da cabeça, mas tem ouro entre a merda e a fumaça. Não para gente como você, é claro.

— O meu irmão manda ouro...

— É, mas o Will é esperto. Sempre foi.

— A mãe diz que ele devia voltar para a vida de mestre-escola.

— Mães são assim mesmo, menino. Elas acham que a gente não deve subir muito, porque a queda é grande.

Eu sabia a opinião da minha mãe porque ela costumava me ditar suas cartas, e em todas as cartas ela pedia a meu irmão que voltasse à antiga ocupação de preceptor em uma escola de Warwickshire.

— Mas ele não vai voltar — disse Ed, com uma risada. — Ele nunca esteve melhor; falo sério. Espere só para ver.

Àquela época, meu irmão residia na Dolphin, uma taberna ao norte de Bishopsgate, e foi para lá que Ed me conduziu.

— Não vou deixar você atravessar Londres a pé, menino; seria preferível largar você no inferno. — Ele parou a carroça embaixo da grande tabuleta em frente ao albergue, na qual se via um peixe grotesco pulando fora da água, e me entregou a última carta ditada por minha mãe, que provavelmente tinha sido escrita por Gilbert ou Edmund, e então me devolveu um dos dois xelins que eu lhe dera. — Se cuida, menino. Londres é uma cidade magnífica, mas pode ser perigosa.

Pulei fora da carroça, mas antes que eu pudesse chegar à porta da taberna, um homem agarrou meu braço com uma pressão tão forte quanto a do enorme torno utilizado por Thomas Butler.

— Um trocado para um velho soldado, senhor — disse ele.

Uma das mãos do homem me segurava, a outra tateava o interior do meu gibão, procurando moedas ou alguma bugiganga pendurada em meu pescoço. O chicote de Ed estalou, a ponta raspou a face do sujeito e arrancou uma gota de sangue na hora.

— Deixe o menino em paz — resmungou Ed e voltou a estalar o chicote. — Entre logo, Richard — disse ele. — Entre logo.

Eu hesitei. Por uma fração de segundo, fui tentado a implorar ao Ed que me levasse para casa. Eu seria espancado até sangrar, e talvez marcassem um L com ferro em brasa na minha testa, mas estaria seguro. Parei, assustado e indeciso, e então me lembrei de Thomas Mulliver golpeando-me com a vara, enquanto dizia, em latim: “*Audaces fortuna iuvat*, criança horrorosa!” A fortuna favorece os audazes: então a criança horrorosa virou-se e entrou na Dolphin.

Decidi ficar.

Meu irmão não estava no albergue.

— Não sei bem o paradeiro dele, querido — disse Nell. Ela estava na cama do meu irmão, embora eu só conseguisse ver uma cabeleira ruiva espalhada sobre um travesseiro. — Você é irmão dele?

— Sou.

Ela baixou a cobertura que lhe encobria o rosto e olhou para mim.

— Você é bonitinho. Qual é o seu nome?

— Richard.

— E quantos anos você tem?

Hesitei, e então menti.

— Dezessete.

— E eu sou virgem, querido — disse ela, com um sorriso. — Você fugiu de casa?

Hesitei novamente, e então assenti.

— Fugi.

— Eu fiz a mesma coisa — disse ela, bocejando. — Seu irmão foi a algum lugar em Sussex, querido, apresentar uma peça numa mansão. Lorde não-sei-das-quantas. Eles todos vão voltar amanhã.

Fiquei acanhado. Agora era possível ver os ombros despidos e a parte superior dos seios alvos. Ela era atraente. Tinha olhos verdes cintilantes, a boca bem carnuda e aquela cabeleira ruiva. Não teria mais do que dezesseis ou dezessete anos, mas fazia-me sentir demasiado jovem e demasiado sem jeito.

— Você... — comecei a dizer, e então empaquei.

— Se eu moro aqui? Não neste quarto, querido, mas a cama dele é bem mais confortável que a minha. Imagino que você vá querer a cama hoje à noite?

Eu não sabia o que dizer, então me limitei a olhar em redor do quarto, mobiliado com uma cama, uma latrina com penico, uma cômoda, uma mesa larga, abaixo de uma janela que dava para o norte, e uma cadeira pesada. A mesa estava coberta de papéis. Havia três tinteiros e uma jarra de estanho contendo um feixe de penas. Em uma pequena lareira via-se uma pilha de cinzas.

— Eu posso dormir no chão — murmurei.

— Não seja bobo. Tem espaço para dois na cama. — Ela me viu corar e riu. — Não se preocupe, querido; pode ficar com a cama, e eu volto para o sótão.

— Você... — comecei a dizer, e empaquei de novo. Eu ia sugerir que, evidentemente, ela podia ficar, mas perdi a coragem.

— Sim? — perguntou ela, sabendo muito bem o que eu estivera prestes a dizer, e então riu novamente, livrou-se da coberta e girou as pernas até o chão. Estava nua. Fez aquilo de propósito, é claro, sabendo que eu coraria ainda mais. Colocou um penhoar sobre os ombros e se levantou. — Você parece um bom menino, Richard — disse ela, sem maldade. — Quando foi a última vez que você comeu?

— Ontem à noite.

— Mais tarde, se eu conseguir um minuto de paz, levo você lá embaixo para comer alguma coisa. Agora, vire de costas; preciso mijar.

Fitei a parede, ainda corado. Ela era prostituta, é claro, eu sabia disso, e tinha sido avisado de que prostitutas são criaturas do demônio. Havia mulheres em Stratford que eram chamadas de prostitutas, e ninguém as mencionava sem um tom de indignação e reprovação, mas elas fascinavam a nós, meninos, é óbvio. Lembro quando Susan Fletcher foi obrigada a ficar de pé na igreja, acusada de adultério, eu olhando para ela de olhos arregalados. “Vejam esta mulher depravada!”, declarou o reverendo Bramhall. “Criatura de Satanás!” Mas Susan não parecia depravada nem satânica; ela era bela e vestia-se como qualquer outra dona de casa de Stratford, o que não impediu o reverendo Bramhall de levá-la às lágrimas com sua pregação cruel.

Então Nell era mais uma criatura de Satanás, mas gostei dela de cara. Mais do que gostar dela, quis que ela ficasse na cama do meu irmão mais uma noite; quanto a tal esperança, porém, decepcionei-me, embora naquela tarde ela tivesse me servido pão, torta de ervilha e cerveja.

— Ele não é bonitinho? — perguntou ela a Meg, outra jovem que morava e trabalhava na Dolphin. — Você precisa manter seus dentes brancos, Richard — acrescentou ela, dirigindo-se a mim.

— Eu limpo eles — resmunguei.

— Como? Lambendo? Não, querido, você precisa triturar concha de choco e misturar com sal e vinagre.

— Ou fuligem — disse Meg, mostrando-me seus dentes brancos. — Fuligem é bom para limpar os dentes.

— Tem gosto de merda — disse Nell.

— Mas funciona! — disse Meg.

— Concha de choco, sal e vinagre é melhor — disse Nell. — É só misturar e esfregar nos dentes. Esfregar com força! Imagino que você saiba esfregar, né? — As duas jovens caíram na gargalhada, e eu, evidentemente, corei.

Meu irmão voltou no dia seguinte. Ouvi seus passos na escada, então a porta se abriu e ele apenas parou e franziu o cenho.

— Deus do Céu! — disse ele, por fim. — O que, em nome de Cristo, você está fazendo aqui? — Ele largou no chão um saco pesado, jogou o chapéu na cama e foi até a janela, escancarando-a. — Isso aqui está fedendo igual a um curtume. Você esvaziou o penico?

— Não — recuei, diante da raiva dele —, eu não sabia onde.

— Lá embaixo; pegue o corredor até os fundos, entre no pátio e siga seu nariz. Lave o penico com a água da tina dos cavalos e depois volte aqui e se explique.

Fiz o que ele mandou e depois, gaguejando, nervoso, expliquei minha situação. Ele ficou sentado à mesa, examinando papéis, enquanto eu falava. Não olhou para mim uma vez sequer enquanto eu contava minha história, e continuou de olhos fitos nos papéis quando terminei.

— Não vai dar para você ficar aqui — disse ele, finalmente, ainda lendo.

Eu não sabia o que dizer, então desembuchei.

— Eu conheci Nell.

— Nell não tem nada a ver com isso, e, quando voltar para Stratford, não toque no nome dela.

— Eu não vou voltar!

— Não dá para você ficar aqui, e você insiste em não voltar para casa. — Ele, afinal, virou-se para mim. — Então, o que vai fazer?

— Eu pensei que você fosse me ajudar...



— Não comece a choramingar, pelo amor de Jesus. — Ele bateu com a mão na mesa. — Não dá para você ficar aqui. Não vou aguentar. Você precisa de um lugar para dormir, um lugar para comer e de um lugar onde possa aprender um ofício.

— Eu não quero ser carpinteiro — falei, tristonho.

— E vai ser o quê? — indagou, mas a pergunta parecia endereçada a ele próprio, e não a mim. Ele me encarou, franzindo a testa, e pensei no quanto havia mudado nos últimos anos. Estava com os ombros mais largos, a fisionomia mais severa, os cabelos mais ralos e um jeito decidido e implacável. — O que você quer fazer? — perguntou ele.

— Quero ser ator — murmurei —, como você.

Ele riu.

— Jesus amado! A metade desses jovens vagabundos de Londres quer ser ator! Você tem aptidão? Sabe falar com clareza? Sabe dançar? Lutar com espada? Dar cambalhota?

— Eu posso aprender — falei.

— Você devia ter começado a aprender oito anos atrás. — Ele se virou de volta aos papéis, e então parou, subitamente. — Sir Godfrey — disse ele.

— Sir Godfrey?

Ele voltou a olhar para mim.

— Não dá para você ficar aqui — repetiu ele —, e você insiste em não querer voltar para casa. Então, vou lhe dar uma chance. O nome da chance é Sir Godfrey. Você tem alguma bagagem?

— Quem é Sir Godfrey? — perguntei.

— Você tem alguma bagagem? — perguntou ele mais uma vez, irritado. Eu não tinha. — Então venha comigo — disse ele, e me conduziu pelas ruas de Londres.

Caos! Eis a impressão que tive quando Ed me levava pelas ruas apinhadas, espremendo a carroça entre coches e carroças, e agora, seguindo meu irmão, que andava a passos largos mais adiante, fiquei apavorado. Quanta gente! Eu nunca tinha visto tanta gente, e a algazarra, mascates berrando, cavalos relinchando e cães uivando. Algumas mulheres usavam tamancos de madeira para evitar que seus sapatos pisassem em excrementos, e meninos catavam fezes de cachorro para vender aos curtidores que trabalhavam nas margens do rio Fleet. O sino de uma igreja dobrava, anunciando um funeral. Aprendiz com seus gorros azuis ficavam à porta das oficinas dos mestres, observando os transeuntes, tentando vender seus artigos a qualquer pessoa de aspecto abastado. Empunhavam porretes. Outros homens, mais ricos, exibiam espadas, e o povo abria caminho para eles. Descemos por becos, atravessamos ruas, e meu irmão só falou comigo quando chegamos a Cheapside, uma via mais larga onde um pregador de batina preta, posicionado nos degraus de uma grande cruz de pedra, esbravejava.

— Excremento papista! Arrependei-vos de vossos pecados e derrubai esta cruz!

Meu irmão, com o chapéu de aba larga afundado na cabeça, parou para ouvir a pregação. Parecia se divertir. Fiquei ao lado dele, tímido, ouvindo o irado pregador denunciar todas as cruzes como imagens do demônio.

— Londres foi amaldiçoada! — cuspiu o homem. — A cidade tolera cruzes, prostíbulos e teatros! A cidade precisa ser lavada! Precisamos nos lavar com o sangue do cordeiro!

— Meu Pai amado! — disse meu irmão, então se deu conta da minha presença. — Vamos, deixe de moleza. — Adiantou-se à minha frente, e eu o segui, sem saber aonde ele me levava nem por quê. Ele só voltou a falar quando chegamos a uma casa de pedra alta, ao lado de uma igreja. A casa tinha uma porta pesada, reforçada. — Estamos em Blackfriars — disse ele, como se tal informação explicasse tudo, então bateu à porta.

Um homenzarrão, de proporções semelhantes às de um touro, abriu a porta. Tinha a cara larga e achatada, o nariz fraturado e cicatrizes em volta dos olhos. Dirigiu-nos uma carranca.

— O que é? — resmungou ele.

— Sir Godfrey está em casa, Papoula? — perguntou meu irmão.

Papoula? Mal pude crer no que tinha ouvido, mas a menção do nome fez o homenzarrão deter-se.

— Eu conheço você — disse ele, meio na dúvida.

— Conhece mesmo — disse meu irmão, bruscamente —, e nós queremos falar com Sir Godfrey.

O homenzarrão olhou para mim, franzindo o cenho.

— É melhor vocês entrarem — disse ele, abrindo a porta pesada.

Dois minutos depois, eu estava diante de Sir Godfrey.

E dois dias depois, eu me arrependi de não ter ficado com Thomas Butler.

— Você não escreveu uma palavra sequer desde que a Igreja de São Leonardo bateu dez horas — repreendeu-me Padre Lourenço —, e isso já faz uns dez minutos.

— Estava pensando — falei, molhando o bico da pena na tinta.

— Deu para perceber. Qual foi a última fala que você copiou?

— “As estações se alteram” — li em voz alta —, “grisalhas geadas caem no colo ainda cálido da rosa rubra.”

— Minha nossa, que verso mais floreado — disse ele, com uma risadinha. — Floreado, rosa. — Ele explicou a piadinha e suspirou quando eu não sorri. — Então o que você faria, Richard, se deixasse a companhia?

— Me juntaria a outra?

— Aos Homens do Lorde Almirante?

Fiz que não.

— Eles não estão precisando de atores. Mas ouvi dizer que alguém está montando uma nova trupe.

— Ah, é?

— O Conde de Lechlade.

— Deve ser o novo conde — disse Padre Lourenço —, espero que o filho não seja como o pai.

Virei-me para ele.

— O senhor conheceu o pai dele?

— Ouvi falar dele, era um homem bastante indecente. — A mão do padre, que se assemelhava a uma garra, surgiu de dentro da coberta e fez o sinal da cruz sobre o peito. — Pecados da carne — disse ele, desolado.

— Ele gostava de mulheres, seu padre? — perguntei, com um sorriso.

— De mulheres, rapazinhos, mocinhas, crianças. Se gostava? Gostava de lhes fazer mal. São boatos, é claro. Talvez eu esteja julgando mal o homem, mas os boatos eram bem persistentes, e a Rainha o expulsou da corte. Quer dizer que o filho está montando uma companhia de teatro?

— Foi o que me disseram.

— Tomara que dê certo. Quem será que vai escrever as peças dele?

— Não sei.

— Dizem que ele é rico. O pai era. Na verdade, o pai pagou para se livrar de encrenca diversas vezes, ao menos era isso o que diziam. Ele está atrás de favores, não é?

— Atrás de favores?

— O novo conde. A Rainha adora peças; que jeito melhor de agradar a ela do que lhe oferecendo uma nova trupe e novas peças? Quem sabe não é uma oportunidade para você?

— Prometi ficar com o pessoal do Theatre por mais algumas semanas, padre — falei, sentindo um arroubo de satisfação porque finalmente faria um papel masculino. — E talvez eu fique depois disso.

Então lembrei que os ensaios se iniciavam na segunda-feira e que teriam lugar no salão da mansão do Lorde Camerlengo, em Blackfriars. E minha satisfação se transformou em entusiasmo quando pensei em Silvia, a criada. Folheei as páginas ainda por copiar e encontrei um dístico que me fez sorrir:

*E a força de tua virtude leva-me,  
À primeira vista, a jurar: eu te amo!*

Na segunda-feira, jurei, o mundo teria um novo começo. Eu faria papel de homem.

## SEGUNDA PARTE

### *RAZÃO E AMOR*

Mas, para falar a verdade, razão e amor não andam juntos hoje em dia.

*Sonho de uma noite de verão*

Ato III, cena 1

## QUATRO

Preparei-me bem na segunda-feira. Acordei cedo e senti um calafrio de ansiedade, não apenas porque finalmente começaria a ensaiar um papel masculino, mas porque ensaiaríamos na mansão do Lorde Camerlengo, em Blackfriars, e era lá que Silvia trabalhava. Tentei trazer à mente a imagem dela, mas, embora pudesse me lembrar dos olhos acinzentados, dos lábios carnudos, dos cabelos castanho-claros e do sorriso maroto, não conseguia visualizar o rosto dela como um todo. Minha mente não era capaz de compor a imagem, mas hoje talvez eu voltasse a vê-la. Silvia!

Lavei-me com um pano úmido e em seguida limpei os dentes, esfregando com tanta força a pasta de concha de choco que minhas gengivas sangraram. Vesti roupa limpa, recém-lavada por Agnes, a criada, que sempre enrubescia quando me encontrava na escada ou na cozinha, nos fundos da casa da viúva Morrison. Agnes era um ou dois anos mais velha que eu e tinha a pele marcada pela varíola, uma cabeleira fina e castanha, e era manca. Às vezes, eu a ajudava a carregar a água da bica que abastecia a paróquia, e ela gaguejava um agradecimento e corava intensamente.

Calcei minhas meias compridas mais limpas, cinza-escuro, presas com fitas de seda branca, e vesti os calções pretos acolchoados que pegara emprestado do camarim do Theatre. Roupas pretas eram caras por causa da tinta, e meus culotes eram bonitos, apesar de bastante remendados com um tecido azul-escuro que era quase preto. Vesti uma camisa limpa, de linho branco, e um gibão com listras cinzas e amarelas por cima, as mangas enfeitadas até o ombro com viés branco, as pontas de prata. Pontas de prata! Sorri ao me lembrar de Ed, o carroceiro, contando a minha mãe que os cadarços dos sapatos de meu irmão tinham pontas de prata, embora, sem dúvida, as pontas dele fossem adquiridas honestamente, ao passo que as minhas eram furtadas do camarim. O gibão, tal qual os calções, pertencia ao Theatre, e eu tinha esperança de que os sócios houvessem esquecido completamente aquelas roupas, assim como esperava que houvessem esquecido o colete cor de mostarda adornado com uma fileira de botões prateados, que eu usava por cima do gibão. Os botões eram puro enfeite, porque o colete era usado aberto, e acima do colete pendurei uma gola postiça branca em vez de um rufo. Bati a poeira de um chapelão de feltro cinza-escuro, afivelei um cinto de couro preto à cintura e

pendurei minha faca embainhada ao lado da fivela; então pus minhas melhores botas, que subiam até o joelho, a fim de evitar que a lama sujasse as meias compridas.

— Meu bom Senhor! — disse a viúva Morrison quando me viu na cozinha. — Mas vejam só! Você vai a algum casamento, Richard? — Ela estendeu a mão e ajeitou minha gola postiça. — Vai se casar, é?

Coloquei um xelim sobre a mesa.

— Eu sei que devo mais que isso à senhora — falei.

— Deve mesmo. — O xelim desapareceu como num passe de mágica. — Você podia empenhar essas roupas, Richard.

— Ele está bem elegante — murmurou Agnes.

— Eu não sei como ele tem condições de andar elegante assim — disse a viúva. — Ele não paga o aluguel, mas anda bem vestido. Não vai querer um pãozinho também? — disse ela. — Não quero que você morra de fome sem ter me pagado, estou errada?

— Por favor — falei, humildemente.

A viúva cortou uma fatia de pão.

— Você tem ensaio hoje?

— Na casa do Lorde Camerlengo — falei, casualmente, como se ensaiasse lá todos os dias. — Na mansão dele, em Blackfriars.

— Ah! — Ela se iluminou. Qualquer referência à aristocracia despertava o interesse da viúva, e o relato de uma apresentação diante da Rainha valia uma semana de aluguel. — Que bom, querido — disse ela, e me recompensou lambuzando meu pão em banha. — Você vai ter que me contar tudo.

— Ele é primo da Rainha — falei, aproveitando-me da situação.

— Sei disso, querido — disse ela. A viúva Morrison era uma mulher imponente, de cabelos pretos e um jeito brusco, e tinha sido casada com um ator. — Fui apresentada a Sua Senhoria — disse ela — quando meu marido estava vivo. Que Deus o tenha. — Ela fez o sinal da cruz. — Homem bastante charmoso, ele era.

— O marido da senhora?

— É claro que ele era charmoso. Por Deus! Eu olho para esses novos atores, e só Deus sabe como eu queria que o meu Morrison estivesse vivo. Ele incendiava o palco com um simples gesto. — Ela fungou. — E que voz! Ele era capaz de invocar um anjo no céu com aquela voz. Ao contrário desses embromeiros e resmungões que hoje em dia passam por atores. E Sua Senhoria também era charmoso. E obrigada pelo pagamento, querido.

Um dia antes, eu havia entregado a cópia do papel de Titânia a meu irmão e, para minha surpresa, ele me dera os dois xelins prometidos sem que eu precisasse implorar. Antes de grunhir uma aprovação, porém, ele folheou meu trabalho.



— Você copia bem — disse ele, surpreendendo-me em seguida ao perguntar se eu tinha gostado do que copiara. Duvido que realmente se importasse com a minha opinião; ele só queria ouvir algum elogio.

— Gostei — falei, então me lembrei do conselho oferecido por Padre Lourenço, de que fosse mais gentil com meu irmão. — Gostei, principalmente... — comecei a dizer, mas titubeei.

— Sim?

— “A dançar cachos ao vento sibilante” — citei.

Ele sorriu.

— Às vezes — disse ele —, as palavras chegam, e a gente não faz a menor ideia de onde elas vêm. Eu também gosto desse verso. — Ele juntou as páginas que eu copiara às folhas espalhadas na mesa. — Obrigado, e até amanhã.

Apontei para as folhas.

— O papel de Francis Foles está aí?

— Todos os papéis estão aqui.

— Por favor, posso ver?

— Você vai poder ver amanhã — disse ele, e sua voz voltara ao tom ríspido de sempre. — E não se atrase.

Atrasar-me? Com Silvia em Blackfriars? Se pudesse, eu teria caminhado até Blackfriars no domingo e esperado a noite inteira por mais uma olhada em Silvia, mas, em vez disso, levantei-me cedo na segunda-feira e agora, vestido com pompa e elegância, agradei à viúva, aceitei o pão com banha que ela me oferecia, tomei um gole de cerveja rala e saí às pressas. Pulei a vala de esgoto sem cair e segui a trilha aberta pela plateia do teatro, atravessando os Campos de Finsbury, onde os moinhos rangiam com a brisa que vinha do sul. O dia estava frio, mas o sol brilhava, e isso parecia ser um bom presságio. Lavadeiras tinham estendido lençóis de linho no chão, para secar, os quais eram vigiados por meninos acompanhados de canzarrões. Pairava sobre a cidade uma espessa bruma de fumaça, como sempre, mas ainda assim o sol lançava sombras sinuosas das ameias de Moorgate. Depois de cruzar o portão, precisei andar mais devagar, porque as ruas estavam apinhadas de gente. Meus trajes emprestados conferiam-me aspecto de rico, e aprendizes me chamavam, oferecendo-me prata, linho, apetrechos de montaria, luvas ou finas rendas francesas. Eu os ignorava, caminhando com segurança pela cidade, mas sempre me lembrando do medo constante que senti quando da minha chegada. Ninguém me abordava agora, ninguém me ameaçava, porque, passados sete anos, eu me tornara um londrino. Eu tinha desenvolvido a percepção dos londrinos para com forasteiros recém-chegados, que seguravam suas bolsas com exagerada força e olhavam em redor de si com olhos nervosos. Eles recuavam diante de mendigos,

muitos dos quais mutilados de guerras travadas na Irlanda ou nos Países Baixos, e quase todos famintos.

Era uma longa caminhada. O Theatre se situava ao norte da cidade, do lado leste, ao passo que Blackfriars ficava à margem do rio que beirava as muralhas a oeste. Eu detestava Blackfriars e, depois de contornar o enorme vulto da Igreja de São Paulo, desci até Carter Lane e dei uma cusparada na direção de Addle Hill. Era lá que morava Sir Godfrey, num casarão de pedra ao lado da Igreja de São Benet. Eu sonhava com o dia em que teria o prazer de fincar uma lâmina na barriga dele. Eu pensava nisso com frequência, pensava no olhar dele, apavorado, enquanto subia a lâmina num rasgão; pensava nele me suplicando perdão, e no meu sorriso, recusando-me a poupar-lhe a vida. Então esqueci completamente Sir Godfrey quando dobrei em Saint Andrew's Hill, descendo em direção ao local onde ficava a mansão urbana do Lorde Camerlengo. O casarão já fora um monastério e ficava do lado oeste da rua, logo acima do rio. Eu nunca estivera ali antes, mas não foi difícil encontrá-lo, porque uma grande rosa de pedra, pintada de branco, fora esculpida acima do portão principal, cercado de pedintes e guardado por dois homens uniformizados portando alabardas. Após escapar das garras dos mendigos, um dos guardas me abordou:

— Aonde você vai? — perguntou ele.

— Eu sou... — comecei a dizer.

— Você é um dos atores? — interrompeu-me ele. Era um monstrengo com cara de mau, as faces hirsutas emolduradas por um capacete justo.

— Sou.

— Então pode dar a volta pelos fundos, rapaz. — Ele me olhou com desprezo, dos pés à cabeça, visivelmente incrédulo diante da fineza de minhas vestes. — Pelos fundos — repetiu ele, pausadamente. Ele transferiu o peso do corpo para a outra perna, e a lâmina da alabarda refletiu a luz do sol. — Tem uma entrada de serviço na Water Lane — acrescentou, indicando com a cabeça —, e é para lá que você vai.

Virei-me, mas novamente fui interrompido.

— Somos servidores de Sua Senhoria! — ribombou uma voz. — Entramos na casa de Sua Senhoria como quisermos, onde quisermos e pelo portão que quisermos.

Era Alan Rust, que me agarrara pelo braço e me reconduzia ao imponente portão.

— Vocês vão... — começou a dizer o guarda com cara de mau.

— Informar Sua Senhoria da petulância de vocês. — Rust concluiu a frase do guarda. — Seu nome, rapaz? — Os dois guardas pareciam confusos. — Fomos convocados, rapaz — disse Rust ao homem que tinha me barrado —, fomos

convocados por Sua Senhoria, que não vai ficar nem um pouco feliz quando souber que você nos barrou. A porta, por obséquio! — Rust apontou uma portinhola embutida em uma das enormes metades do portão. — Agora, rapaz! Agora! — Ele recorreu à voz de rei tirano, e o guarda com cara de mau apressou-se em abrir a portinhola, em vez de discutir. — Adiante, Mestre Foles! — ordenou-me Rust.

Adentrei um pátio ensolarado. Alan Rust veio em seguida, permitindo que o guarda fechasse a portinhola às suas costas. Ele sorria.

— Isso é o que eu chamo de uma entrada triunfal — disse ele. — Usar a porta de serviço na Water Lane... essa é boa! Quem ele pensa que nós somos? Criadinhos de Sua Senhoria? Agora, aonde diabos a gente vai?

No pátio só avistei uma porta que dava para o interior da mansão e apontei para lá.

— Por ali, eu acho.

— Também acho. — Ele atravessou o pátio calçado de pedras. — O sol está radiante! Eu tinha até esquecido como era. Céu aberto, sem chuva!

— Sem chuva — concordei, com alegria.

O verão e o outono tinham sido frios e chuvosos, e isso significava que, mais uma vez, a colheita fora escassa. O povo estava faminto, e eu escutara um burburinho nas ruas sobre pilhar as residências dos ricos. Os preços subiam, e corria o boato de que as tropas haviam reprimido com truculência uma rebelião em Londres, e os líderes foram sumariamente enforcados. Mas os teatros continuavam lotados.

A porta, num grande arco precedido por um curto lance de degraus de pedra, estava trancada. Alan Rust bateu com o punho na porta, então me olhou de cima a baixo.

— Vejo que você se vestiu de acordo com a ocasião, hein, Richard?

— Me pareceu de bom-tom — falei, vagamente.

— De bom-tom! — Ele parecia se divertir. — Deus que nos abençoe com igual cortesia! Cadê essa gente maldita? — Ele esmurrou a porta novamente, e ninguém respondeu. — Você deve estar contente com o papel de Francis Foles.

— Muito.

— É um bom papel — disse ele, com entusiasmo.

— Ele é um amante, pelo que meu irmão me contou? — falei, com entonação de pergunta, na esperança de que ele me revelasse mais sobre o personagem.

— Foles é um amante, sem dúvida — disse Rust, sério —, e, se a peça não fosse uma comédia, poderíamos até dizer que é um amante trágico.

— Trágico? — Fiquei intrigado.

Rust bateu à porta, que seguia fechada obstinadamente.

— Estão todos dormindo?

E, naquele momento, ouvimos ferrolhos sendo puxados. A porta se abriu, e uma mulher nervosa espiou por uma fresta.

— Senhores? — perguntou ela.

— Fomos convocados ao salão principal, mulher — disse Rust, com altivez.

— Sim, senhor — disse ela, abrindo o restante da porta.

Era idosa e carregava uma vassoura de gravetos; ao ver meus trajés, ofereceu-me uma reverência.

— E onde fica o salão principal, boa mulher? — indagou Rust, adentrando um aposento com piso de pedra e paredes cobertas de tapeçarias.

— É só seguir adiante, senhor — disse a mulher, apontando para um corredor largo. — Logo ali.

— Seremos eternamente gratos — disse Rust e guiou-me pelo corredor, que levava a uma grande porta dupla. Ele escancarou os dois lados da porta, então parou, subitamente. — Ó Deus! — disse ele, após uma longa pausa. — Meu Deus! — Estávamos no salão principal e fomos, evidentemente, os primeiros da companhia a chegar. — Meu Deus! — repetiu Rust.

O salão era amplo, penumbroso e grandioso. Vigas de carvalho elegantemente torneadas sustentavam o teto alto, cada viga decorada com rosas entalhadas, pintadas de branco e rodeadas de folhas douradas. As paredes eram apaineladas, e delas pendiam belas tapeçarias estampando cenas de caça, e entre as tapeçarias havia espadas, lanças e machados antigos, estratégica e artisticamente dispostos.

Entráramos por uma das laterais do salão retangular. À nossa frente, havia uma lareira, com batente e cornija de mármore branco esculpido, emoldurando um espaço enegrecido pelo fogo, no qual um boi poderia ser assado. Não havia fogo aceso, apenas dois imensos suportes de ferro preto para lenha, em meio a uma baita pilha de cinzas. No centro do salão via-se uma mesa comprida, cercada por cadeiras de espaldar alto. Contei as cadeiras: trinta e seis. À nossa esquerda, havia um mezanino para músicos, embaixo do qual portas duplas davam acesso ao restante da mansão. Na outra extremidade do salão, voltado para o sul, havia uma sacada envidraçada que se projetava da parede de lambri e cujo acesso se dava por meio de escadas duplas de madeira entalhada.

— A sacada deve ter vista para o rio — disse Rust. Havia um assento acolchoado ao longo da sacada, onde se encontrava a única janela do salão cavernoso. — Só uma janela? — disse Rust. — Imagina o quanto eles gastam com velas! — Ele foi até a área escura embaixo do mezanino dos músicos, de onde se virou para contemplar o salão em toda a sua extensão. — Faça-se a luz! — disse ele em voz alta, então resmungou. — Tem eco. Mas, se enchermos o salão com os convidados às bodas, não vai ser tão ruim. Você já atuou numa peça de bodas?

— Não.

— Detesto esse tipo de peça — resmungou ele —, detesto.

— Por quê?

— Porque a plateia fica bêbada, por isso. Os desgraçados começam a beber de manhã e, quando chega a hora da peça, ao entardecer, já estão cambaleando ou entorpecidos. É como atuar diante de uma sala cheia de defuntos flatulentos. — Ele andou de um extremo ao outro do salão, com as passadas soando alto no piso de pedra; então subiu a escadinha até a sacada envidraçada, através da qual contemplou a luz do sol em meio à bruma acima do Tâmis. — E essa gente é privilegiada, Richard. Não se pode mandar que se calem. Se estão entediados, conversam do começo ao fim da peça. Só se calam se a Rainha estiver presente e gostar da peça. Aí, sim, fica todo mundo calado.

— A Rainha vai estar lá?

Ele sacudiu os ombros.

— Quem sabe? Ela é prima do Lorde Hunsdon, então talvez esteja. Espero que sim, não suportaria atuar diante de um salão cheio de fidalgotes tagarelas.

— Por que nos contratar se não vão prestar atenção na gente? — perguntei.

— Para mostrar que podem nos pagar, é claro. Somos pérolas atiradas a porcos adormecidos.

Subi as escadas atrás dele. A luz do sol refletia no rio, repleto de embarcações. Um grande veleiro descia pela correnteza, supostamente transportando grãos ou legumes procedentes do interior. Cisnes nadavam entre os barcos. Na margem sul avistavam-se as arenas de rinhas de touro, curiosamente parecidas com o Theatre, enquanto a oeste via-se o novo teatro que Francis Langley construía. A construção se agigantava por cima dos casebres ao longo da margem sul do rio, embora as paredes de seixo ainda estivessem inacabadas e cercadas por um emaranhado de andaimes de madeira.

— Olha só o tamanho da coisa — disse Rust, desdenhosamente. — Vai ser preciso três mil pessoas para lotar aquilo!

— Ele vai precisar de atores — falei, pensando na conversa que tivera com o reverendo Venables.

Rust pareceu não ter me ouvido. Contemplava os andaimes ao longe.

— Vinte anos atrás — disse ele, pensativo —, não havia em Londres um teatro sequer. Nem em nenhum outro lugar. A gente se apresentava nos pátios internos das tabernas, três vezes por semana. Segunda-feira em Gloucester, quarta-feira em Worcester, sábado em Warwick, e podíamos encenar o mesmo lixo nos três lugares. Agora nos apresentamos à mesma plateia, semana após semana, e precisamos de quantas peças? Trinta, quarenta por ano? De onde Langley vai tirar tantas peças? Ele não precisa de atores; atores existem aos montes. Ele precisa de homens capazes de escrever peças, e esse tipo de homem não cresce em árvore. Se você

quer ganhar dinheiro, filho — ele deu um soquinho no meu braço —, não perca seu tempo saltitando no palco; escreva as malditas peças! É daí que vem o dinheiro!

— Não sou escritor.

— Graças a Deus, o seu irmão é. Eu só queria que ele escrevesse mais. A fera tem que ser alimentada.

— A fera?

— O público. A grande fera infame, sempre faminta por algo novo.

Os demais atores começavam a chegar, atravessando a porta abaixo do mezanino dos músicos. Ouvi suas expressões de espanto enquanto contemplavam o salão. Kit Saunders e Simon Willoughby subiram na mesa comprida e dançaram, de uma ponta à outra, entrelaçando os braços e fazendo volteios, rindo quando quase caíam. Isaiah Humble, o ponto, remexia papéis numa das pontas da mesa e verbalizou um leve protesto quando Simon Willoughby dançou perto demais das folhas cuidadosamente empilhadas. Alan Rust desceu para se juntar a meu irmão e a Will Kemp, que estavam ao lado da lareira apagada, confabulando, quando a eles se dirigiu um distinto senhor de cabeleira grisalha, vestindo a libré de rosa branca da casa de Lorde Hunsdon. O senhor virou-se para Kit e Simon e contraiu o cenho.

— Agora, meus jovens senhores — disse ele, severo —, essa mesa foi encerada. Tenham cuidado!

— O que ele quis dizer foi para vocês tirarem os pés pestilentos de cima da mesa — grunhiu Will Kemp.

Da sacada envidraçada, observei os dois rapazes e senti uma onda de prazer. Finalmente faria papel de homem! Eu já não era um menino. Tinha me tornado um ator, um homem, um dos Homens do Lorde Camerlengo! Até então eu não passava de um João-ninguém, nem aprendiz nem ator profissional. Era aceito meramente como irmão caçula de um dos sócios, mas agora teria um papel de verdade e desci as escadinhas decidido a provar ser digno da confiança em mim depositada. Eu faria os sócios reconhecerem meu valor.

— Precisamos de velas — disse Isaiah Humble, hesitante. — É possível? Desculpe, mas está muito escuro.

— As velas estão a caminho — disse o homem de libré.

Ele vestia um manto cinza-escuro adornado com pele e trazia ao pescoço um colar que identificava sua função.

— E fogo? — perguntou meu irmão. — Está frio.

— Estou certo de que Sua Senhoria vai lhes permitir um fogo.

— Obrigado — disse meu irmão, então bateu na mesa para atrair a atenção de todos. — Sentem-se, sentem-se! E obrigado a todos por chegarem aqui tão cedo. — Ressoou um murmúrio de risos. Os membros da companhia sentaram-se, os sócios a uma ponta da mesa, os meninos à outra, e os atores temporários ao meio.

Sentei-me entre John Duke e John Sinklo, ambos temporários. — Eu queria que nos encontrássemos aqui — prosseguiu meu irmão quando as cadeiras pararam de arrastar — para que vocês vissem o local onde vamos atuar. Vai ficar bem diferente, é claro. Sua Senhoria nos autorizou a construir um tablado. — Ele se virou e olhou para o senhor grisalho trajando a libré de Lorde Hunsdon, que fez que sim. — Quero apresentar aos senhores Walter Harrison, intendente de Sua Senhoria, que vai cuidar dos interesses de Lorde Hunsdon enquanto estivermos aqui. O senhor gostaria de dizer alguma coisa? — perguntou ele ao intendente.

Harrison estivera de pé ao lado da lareira, mas então deu um passo à frente e olhou-nos com ar sério.

— Sua Senhoria lhes deseja boas-vindas — começou a dizer —, e os senhores podem fazer pleno uso deste salão para suas práticas.

— Ensaaios — disse John Sinklo, irritado, mas não alto o bastante para o intendente ouvir.

— Os senhores vão entrar e sair pelo portão de Water Lane — continuou Harrison —, e o acesso ao salão será pelo corredor de serviços, não pelo corredor principal, como alguns dos senhores fizeram hoje.

— Mea-culpa — disse Alan Rust, alegremente.

— O corredor de serviços dá para aquelas portas. — Harrison apontou para as duas portas embaixo do mezanino dos músicos. — Logo atrás delas temos as escadas para o mezanino, e os senhores podem usá-las. Suponho que os senhores queiram utilizar o mezanino, também? — perguntou ele, dirigindo-se a meu irmão, que assentiu. — E isso é tudo — disse Harrison com bastante firmeza. — Os senhores podem usar o pátio do estábulo, o corredor de serviços, o saguão detrás daquelas portas, o mezanino e este salão. O restante da casa está vedado.

— Então onde a gente pode mijar? — perguntou Will Kemp, bruscamente.

— No pátio do estábulo — disse Harrison.

— Que cômodo podemos utilizar como camarim? — perguntou George Bryan, franzindo a testa. A fratura do nariz já havia sarado, embora o inchaço e o hematoma ainda não tivessem desaparecido.

Meu irmão respondeu.

— Sua Senhoria permitiu que ergamos uma parede embaixo do mezanino; portanto, uma boa parte desse espaço vai nos servir de camarim. O palco vai ficar de frente a essa parede. Haverá três portas. Uma porta central, maior, e duas menores, nas laterais.

— Exatamente como no Theatre — acrescentou John Heminges.

— Exatamente como no Theatre — assentiu meu irmão.

— É uma peça longa — interveio Will Kemp, levantando-se para se dirigir a todos nós. Ele gostava de demonstrar autoridade. Era um dos sócios, é claro, e meu

irmão já havia falado por tempo demais para o gosto de Will. — Há muitos papéis. Isso quer dizer que alguns de vocês vão ficar à toa, sem ter o que fazer além de peidar, enquanto os demais ensaiam, e é bom que fiquem calados! Estou de olho em vocês, aprendizes...

— Uma palavrinha? — Walter Harrison dirigiu um olhar indagador a meu irmão, mas foi Will Kemp quem respondeu.

— Fale, mestre intendente!

— Sua Senhoria — disse Harrison — deu instruções, instruções bastante severas, no sentido de que ninguém da casa assista às práticas dos senhores. Ele e a esposa leram a peça, obviamente, e gostaram, mas ele quer que a apresentação seja uma surpresa aos demais residentes no dia das bodas. Eu sei que Lady Elizabeth foi ao Theatre falar com os senhores, mas ela não sabe do que se trata a peça, nem deve saber. Caso os senhores peguem algum criado escutando, talvez do mezanino, devem convidar o intruso a se retirar. Os senhores devem insistir em sua retirada — disse ele, enfaticamente, e eu fiz uma careta. Eu tinha me vestido com todo o zelo na esperança de ver Silvia, a criada de Elizabeth Carey, mas pelo jeito tal esperança seria frustrada. — As únicas exceções — prosseguiu o intendente — são os tutores que acompanham os meninos.

— Meninos? — perguntou Will Kemp, com um tom de voz horrorizado.

— Vai ter música — disse meu irmão —, e os meninos do coro de Sua Senhoria vão cantar como se fossem um coro de fadas.

— Que Deus nos ajude — resmungou Will Kemp.

— E o coro de fadas vai dançar? — perguntou Ralph Perkins, que ensaiava os dançarinos no Theatre.

— Vai dançar, Ralph, e você vai ensinar. No entanto — meu irmão deu um passo à frente, sutilmente reafirmando sua autoridade acima de Will Kemp —, nós não dispomos de tanto tempo quanto gostaríamos, pois precisamos estar no Theatre logo depois do meio-dia, mas vamos ler até onde pudermos. Vocês podem levar para casa os seus respectivos papéis, levem e estudem bem suas partes.

— Decorem bem — resmungou Will Kemp.

— E não percam esses papéis — resmungou também meu irmão.

— Diga do que trata a peça — pediu Will Kemp, ainda de pé, a meu irmão.

— A peça trata da celebração de um casamento — disse meu irmão —, e a ação inteira se passa durante uma noite em Atenas.

— Atenas? — perguntou George Bryan. E franziu o cenho. — Por que Atenas?

— Porque a maldita da chuva não cai em Atenas — disse Will Kemp.

— Chove em todo lugar.

— Atenas fica na França? — perguntou Simon Willoughby.

Meu irmão deu uma batida na mesa, no intuito de parar a tagarelice.



— Vamos começar distribuindo os papéis — disse ele —, e a peça tem início no palácio de Teseu, Duque de Atenas, que está se casando com Hipólita, Rainha das Amazonas.

— Essa sou eu — disse Thomas Belte com entusiasmo, sentado junto aos aprendizes, a uma das pontas da mesa.

— Sr. Humble, por favor? — disse meu irmão, e Isaiah retirou, cuidadosamente, da pilha que estava sobre a mesa dois maços de folhas e depositou o primeiro diante de George Bryan. Pelo número de páginas, tentávamos avaliar a extensão do papel de Teseu. Parecia substancioso.

— Eu tenho que decorar tudo isso? — disse George, folheando as páginas.

— A menos que você prefira fazer o papel do Semente-de-Mostarda? — retrucou meu irmão.

— Eu sou a Rainha das Amazonas — disse, todo contente, Thomas Belte, um rapazola magricela e sardento, enquanto Isaiah lhe entregava um maço mais fino.

Foram necessários alguns minutos para a distribuição dos papéis, e, à medida que eram postos sobre a mesa, meu irmão foi explicando o enredo da peça, que, a meu ver, parecia bastante confuso. Havia o Duque e Hipólita, que estavam se casando, e dois casais de enamorados, membros da corte de Teseu. Uma das duas jovens, Hérnia, papel atribuído a Kit Saunders, fora prometida em casamento a Demétrio, que seria interpretado por Henry Condell, mas estava apaixonada por Lisandro, que era Richard Burbage. Entrementes, Helena, encarnada por Alexander Cooke, também estava perdidamente apaixonada por Lisandro, e os quatro enamorados perambulam por um bosque enluarado onde ficam ainda mais desnorteados em consequência de uma poção do amor a eles ministrada por Alan Rust, no papel de Puck, que, por sua vez, servia a Oberon, o Rei das Fadas, papel de John Heminges.

Richard Burbage folheou seu papel, que, naturalmente, parecia extenso.

— Por que vamos para o bosque, Will? — perguntou ele.

— Você está fugindo com a Hérnia.

— E esse tal de Puck faz o quê?

— Cria confusão.

— Não é melhor eu fazer o papel de Puck? — indagou Will Kemp.

— Não — respondeu meu irmão, secamente. — Nesse ínterim — prosseguiu ele —, um grupo de artesãos de Atenas também vai ao bosque para ensaiar uma peça que eles querem apresentar diante do Duque na noite das bodas.

— O bosque está lotado — resmungou Will Kemp.

— Por que eles não ensaiam num celeiro? — perguntou George Bryan, lamentoso. — Ou em casa? Por que vão para o bosque?

— Tudo é esclarecido na peça — disse meu irmão, pacientemente.

— E sobre a peça desejamos ouvir — resmungou Alan Rust. — Então vocês querem calar a boca e deixar Will falar?

Meu irmão prosseguiu, explicando que Nico Novelo, um dos artesãos, na verdade, um tecelão, papel que caberia a Will Kemp, era transformado em asno, e que Titânia, a Rainha das Fadas, papel de Simon Willoughby, apaixonava-se por Novelo graças à poção mágica administrada por Puck. Meu irmão ia descrevendo, e eu tentando assimilar as diversas histórias e me manter atento a qualquer referência a Francis Foles ou à mulher que ele amava. Não ouvi nada que pudesse me elucidar, então deduzi que deveria aguardar até receber meu papel.

Fizemos uma pausa enquanto dois criados chegavam com velas, que foram posicionadas ao longo da mesa e acesas, para nos possibilitar a leitura das páginas. Walter Harrison, o intendente, fez um sinal de assentimento com a cabeça quando as velas estavam todas acesas.

— Agora deixaremos os senhores em paz — disse ele e retirou-se do salão, seguido pelos dois serviçais.

— Agora os artífices — disse meu irmão.

— Artífices? — interrompeu Will Kemp. — O que, em nome de Deus, são “artífices”?

— São artesãos de Atenas — disse meu irmão, sumariamente. — Eu vou fazer o papel de Pedro Madeira, um carpinteiro.

— Não tinha um Pedro Madeira numa oficina lá em Cow Lane? — perguntou John Heminges.

— Tinha — disse meu irmão. — Will, você já está com o papel de Novelo, certo?

— Ele era carpinteiro — disse John Heminges.

— Ele fazia roda para carroça! — corrigiu Henry Condell. — O carpinteiro era o irmão dele, James.

— Os dois morreram por causa da peste, que Deus os tenha — disse John Heminges.

— Vocês já acabaram? — disse Will Kemp, de cara emburrada. — E, sim, Will, já estou com o papel. — Ele acenou com algumas folhas.

— Richard... — Meu irmão dirigiu o olhar para Richard Cowley, não para mim. — Você vai fazer Bicão, um latoeiro. — Ele aguardou enquanto Isaiah punha o papel de Bicão em frente a Cowley. — John? — Ele olhou para John Sinklo, que estava ao meu lado. — Você será Faminto, um alfaiate.

— Faminto! — disse Simon Willoughby, dando risada. O nome calhava bem, porque John Sinklo era assustadoramente magro.

— John Duke? — Meu irmão olhou em redor da mesa. — Aí está você. Você será Acomodado, um marceneiro.

Isaiah pôs uma única folha diante de John Duke. Alguém deu uma risada abafada, e John Duque, um dos atores temporários, franziu o cenho.

— É tão pequeno, o papel — disse ele, queixoso.

— Vai ter muito improvisado — disse meu irmão. — Você vai rugir.

— Rugir? — Duke ficou intrigado.

— Eu sei rugir! — interveio Will Kemp, prontamente, e fez logo uma demonstração, rugindo como uma fera enlouquecida. Simon Willoughby deu uma risadinha nervosa e tentou rugir também.

— Chega! — Meu irmão deu um tapa na mesa. — Acomodado ruga, e somente Acomodado! — Ele fez cara feia para Will Kemp, que retribuiu apenas com um sorriso. — E o último dos artífices — continuou meu irmão — é Francis Foles, um remendador de foles. E esse papel — ele sorriu para mim, sorriu de verdade —, esse papel será todo seu, Richard.

Isaiah depositou o derradeiro maço de folhas diante de mim. Havia quatro ou cinco páginas, e isso significava que o papel era bastante substancioso, decerto mais extenso do que os papéis de alguns dos outros artífices. Meu irmão começou a explicar a primeira cena da peça, ambientada no palácio de Teseu, mas não escutei. Em vez disso, comecei a ler ansiosamente as primeiras falas de Foles, à procura da personagem por quem eu me apaixonaria. Era meu primeiro papel masculino! Eu estava empolgado.

Então cheguei à terceira fala de Francis Foles e senti um aperto no coração. Fiquei perplexo. Por um instante, não pude acreditar no que via, então voltei ao alto da página e reli as marcações de cena e as primeiras falas. Ô desgraçado, pensei, desgraçado do cacete!

— Então, vamos começar — disse meu irmão. — George? A primeira fala é sua. Ô miserável!

Minha vontade foi levantar e ir embora. Em vez disso, continuei sentado, fervendo de raiva. O começo da peça zumbiu nos meus ouvidos, com falas tipicamente extensas. “Aqui venho indignado”, ouvi Thomas Pope dizer, e tais palavras não chegavam nem perto de descrever como eu me sentia. Eu é que estava indignado; estava furioso e escarnecido. Levante-se, eu disse comigo, levante-se e vá embora, mas, à época, um simples pãozinho custava um tostão, e eu precisava de dinheiro. Minhas opções eram aguentar o escárnio ou passar fome.

A peça prosseguiu. Ninguém parecia muito entusiasmado com o que estava ouvindo. O Duque ameaçou matar Hérnia se ela recusasse desposar Demétrio, mas... e eu com isso? Eu sabia que meu rosto estava corado e fitava a página sobre a mesa, sem ousar erguer a vista e olhar nos olhos de meu irmão.

— “Nossa companhia está toda aqui?” — A voz de meu irmão surgiu.

— “Penso que você deve chamar todo mundo junto, um por um, de acordo com o que está escrito.” — Will Kemp, no papel de Novelo, imprimiu finalmente alguma energia à leitura.

Os atores se empolgaram, movidos pela espirotuosidade de Will Kemp. Imaginei que minha parte estivesse se aproximando, então fixei os olhos na primeira fala da minha primeira página.

— “Aqui está a lista” — leu meu irmão — “com o nome daqueles que, em toda Atenas, têm condições de atuar na peça que vamos apresentar ao Duque e à Duquesa, na noite das bodas.”

— “Primeiro, meu bom Pedro Madeira” — interrompeu Will Kemp, vigorosamente —, “diga do que trata a peça, depois faça a leitura dos nomes dos atores, para entrarmos no assunto sem demora.” — Os atores riram, porque a interrupção de Nico Novelo e o modo como ele espezinhava Pedro Madeira em muito se assemelhavam ao jeito como Will Kemp interrompia e espezinhava os demais sócios, sempre que ensaiávamos uma peça. Kemp entendeu a piada e riu: — Sem demora, Will! — exclamou ele.

— “Bravo!” — Meu irmão também riu, energizado pelo entusiasmo demonstrado por Kemp. — “Nossa peça se chama *A mui lamentável comédia e crudelíssima morte de Píramo e Tisbe*.” — Dessa vez a risada foi mais intensa, os atores em redor da mesa gostaram do diálogo.

*A mui lamentável comédia e crudelíssima morte de Píramo e Tisbe* era a peça que os artesãos de Atenas pretendiam encenar na celebração das bodas do Duque. Seria, sem dúvida, um deboche do tipo de encenação que todos nós testemunháramos por parte de alfaiates, carpinteiros e lavradores nas noites de inverno em nossas cidades natais.

— “Uma excelente obra, posso assegurar” — disse Will Kemp, com emoção —, “e divertida! Agora, meu bom Pedro Madeira, chame os atores pelos nomes, de acordo com os papéis. Mestres, avante!”

— “Respondam à medida que eu chamar” — disse meu irmão. — “Nico Novelo, o tecelão?”

Eu sabia que minhas falas não tardariam. Fitei a folha de papel. Em volta, os atores riam enquanto Will Kemp enunciava uma fala bombástica. Nico Novelo fazia papel de Píramo na peça que os artífices pretendiam encenar, mas insistia com Pedro Madeira que lhe fosse designado um papel mais heroico. Todos sorriam, reconhecendo que Nico Novelo era um retrato de Will Kemp, e o próprio Kemp se divertia com a brincadeira.

— “Esse é o jeito de Hércules” — concluiu ele —, “o jeito de um tirano. Um amante é mais bonzinho!”

— “Francis Foles?” — disse meu irmão. — “O remendador de foles?”

— “Presente, Pedro Madeira” — li, sem entonação.

Os sócios olhavam para mim, rindo à luz das velas. Sabiam o que estava por vir.

— “Foles” — eu detectava a gozação contida na voz de meu irmão —, “você vai fazer o papel de Tisbe.”

— “Quem é Tisbe?” — li, ainda sem entonação. — “Um cavaleiro andante?”

— “É a dama por quem Píramo se apaixona” — disse meu irmão, incapaz de disfarçar sua satisfação, e, diante de tais palavras, o salão inteiro caiu na gargalhada.

— Ah, essa é boa, Will, essa é muito boa! — disse John Heminges.

— “É a dama por quem Píramo se apaixona!” — Simon Willoughby deu um gritinho, e senti vontade de estrangular aquele merdinha.

— Fale mais alto, Tisbe — disse Will Kemp, divertindo-se loucamente. — Queremos ouvir você!

— “Ora, por minha fé” — li —, “não me deis papel de mulher.” — Após essa fala, todos voltaram a rir. Esperei, mas a risada não parava; então elevei a voz, com raiva, a fim de concluir a fala. — “Está me nascendo barba na cara.”

— Está nascendo barba na cara dele! — cacarejou Simon Willoughby.

— “Não tem problema.” — Meu irmão não me olhava enquanto pronunciava suas falas. — “Você vai usar a máscara e vai ter de falar o mais fino que puder.”

— Com uma máscara! — disse Richard Burbage, cobrindo o rosto com as mãos para simular as máscaras que mulheres bem-nascidas usavam para impedir que o sol lhes escurecesse a pele.

— E fale fino, Richard! — gritou Simon Willoughby, feliz da vida. — Fale fino!

— Você está fazendo papel de homem — disse Rust. — Era o que você sempre queria!

— De homem que faz papel de mulher — completou Simon Willoughby, caso alguém em volta da mesa não houvesse percebido o deboche.

Will Kemp, ou melhor, Nico Novelo, interveio, pedindo para atuar como Tisbe, em meu lugar, e isso provocou ainda mais risos, porque Kemp era famoso por querer fazer outros papéis além do dele. A companhia começava a gostar da peça, e o entusiasmo no salão era crescente, à medida que o trabalho prosseguia, mas eu continuava sentado, ressentido e fervendo de raiva. Alan Rust tinha razão, eu estava desempenhando um papel masculino, mas o homem que eu representava tinha de se passar por mulher. E eu nada podia fazer a respeito da questão.

Eu tinha sido ludibriado por meu irmão sorridente.

Então, quando o ensaio acabou, achei que poderia fazer algo a respeito da situação.

Não conseguimos terminar de ler a peça naquele dia; o tempo estava escasso. Quando as igrejas da cidade cortaram o ar, badalando onze horas, meu irmão

mandou-nos cuidar dos nossos papéis, estudar nossas partes e nos reunir no Theatre na manhã seguinte para concluir a leitura.

— Todos que fazem parte do elenco de *Os sete pecados capitais* devem ir para o Theatre agora — disse ele.

— Por que não vamos ensaiar aqui amanhã? — indagou George Bryan.

— Peter Strete vai vir aqui amanhã — explicou meu irmão. Strete era o carpinteiro que se encarregava da maior parte dos trabalhos no Theatre. — Nós vamos ensaiar aqui na maioria das vezes — prosseguiu meu irmão —, mas amanhã eles vão trazer todo o madeirame para o novo palco e para a parede, e não teríamos tranquilidade.

Eu não estava no elenco de *Os sete pecados capitais*, portanto, não seria requisitado. Meu irmão, concentrado numa conversa com John Heminges e Henry Condell, ignorou-me, no momento em que fui embora. Alan Rust, contudo, foi atrás de mim.

— Você está agindo como um tolo — disse ele.

— Por quê?

— Porque Foles é um bom papel. A ideia é, justamente, você se sair mal no papel de mulher! A plateia vai saber que você é homem.

— A plateia já sabe disso — falei, emburrado.

— Por Cristo na cruz! Mas como você é tolo! Quando representa Uashti, o público não vê um homem vestido de mulher, veem uma rainha! Eles até ouvem uma rainha! A gente ilude a plateia, Richard! Mas o Foles? A ideia mesmo é que você *não* iluda o público. Que você seja o que a peça diz que é: um homem fazendo papel de mulher. Então você tem de interpretar a mulher como um homem, e precisa atuar mal. É uma brincadeira, e das boas. — Ele havia me conduzido através de uma das duas portas situadas embaixo do mezanino dos músicos, mas agora hesitava, indeciso quanto ao trajeto a seguir. — Isso aqui deve ser o corredor de serviço.

Era, de fato, o corredor de serviço e dava acesso ao pátio do estábulo, onde dois cavalos presos a uma carruagem estavam sendo lavados e escovados.

— Eu diria — observou Rust, olhando para mim — que a sua cena final com Will Kemp vai ser a mais engraçada da peça. É um bom papel! Você deveria ficar contente.

— Eu tenho de me apaixonar por Will Kemp? — perguntei, furioso.

— Nada fácil, eu concordo, mas você é ator. Sabe fingir. Falando sério, Richard, você deveria ficar contente.

Eu estava tudo, menos contente. Rust tinha razão, era uma brincadeira, mas a brincadeira era à minha custa. E, para piorar meu sofrimento, eu não tinha visto Silvia.

Sáímos do pátio do estábulo e, uma vez em Water Lane, Rust subiu em direção ao Theatre, e eu dobrei à esquerda, em direção ao rio. Eu tinha um punhado de moedas em minha bolsa e, por mais que me desagradasse gastar, decidi pegar um bote e atravessar até a escadaria do Paris Garden, na margem sul do Tâmis. Eu não tinha mais o que fazer naquele dia, exceto, talvez, estudar as falas de Francis Foles, e carecia de entusiasmo para fazê-lo.

Meia dúzia de barqueiros aguardavam na escadaria da parte mais baixa de Water Lane, mas, antes de chamar um bote, fui chamado, ou melhor, fui distraído por uma expressão de susto que me fez dar meia-volta, e bem ali, para minha surpresa e deleite, estava Silvia. Ela evidentemente tinha me seguido pela Water Lane, caminhando, como eu, em direção à escadaria do rio. Ela vestia um comprido manto cinzento, com capuz, e levava uma cesta coberta com um pano de linho limpo. Estava sorrindo, e isso me agradava.

— Você é o ator! — disse ela.

— Francis Foles — falei impulsivamente. Por quê? Eu não fazia a menor ideia, e, a fim de disfarçar minha perturbação, ofereci-lhe uma reverência: — Às suas ordens.

Ela deu uma risadinha do exagero em minha reverência.

— Você vai atravessar o rio?

— Vou.

— Pode vir comigo, então! — disse ela, alegremente. — Naquele bote lá no fim. Ela apontou para o fim do cais, onde dois barqueiros quedavam-se em um bote.

— Por que aquele?

— Porque o grandalhão que vai remar é meu pai. — Ela sorriu.

Todos os barqueiros que aguardavam a conheciam. Todos a saudaram, chamando-a pelo nome ou tratando-a por “querida” ou “meu bem”.

— Arranjou um belo rapagão, hein, querida? — gritou um.

— Para você, é Sr. Foles, Billy — respondeu ela.

— Vai tocar a gaita do Foles, é, querida?

Pensei que fosse ficar constrangida, mas ela se virou e sorriu para o homem.

— Pelo menos o instrumento dele funciona, Billy!

Os barqueiros aplaudiram, enquanto o pai, sorrindo com orgulho, levantou-se para ajudá-la a entrar em seu bote. Ela lhe dirigiu um respeitoso aceno com a cabeça, então o pai inclinou a face para que ela a pudesse beijar.

— Para o lugar de sempre? — perguntou ele.

— Para o lugar de sempre — disse ela, então me olhou, apreensiva. — Na escadaria do Paris Garden está bom para você?

— É aonde estou indo — falei, embarcando no bote.

— Este é o Sr. Foles — apresentou-me Silvia a seu pai. — Ele é um dos Homens do Lorde Hunsdon, um ator!

— Prazer em conhecê-lo, senhor — disse o pai, obviamente impressionado com as roupas finas que eu trajava, e as quais pegara emprestadas. — Eu me chamo Joe Lester.

— O prazer é todo meu, senhor — respondi, então sentei-me ao lado de Silvia, no banco largo que havia na popa do bote. Ela acenou para os demais barqueiros enquanto nos afastávamos.

— Eu conheço esses caras desde criança — disse-me ela, explicando aquela intimidade, então sorriu para o pai, um homem grande manejando um remo grande. — Meu Deus! — disse ela. — Como é bom sair de lá.

— Você teve sorte de conseguir esse trabalho, Silvia — disse o pai. — Você e o seu irmão.

— Você tem um irmão? — perguntei.

— Dois! Dois bestalhões. É, Ned trabalha para Sua Senhoria. Eu sei que tive sorte, pai, e eles são bons para a gente, mas, meu Deus! Tem vezes que a gente fica sem fazer nada, enquanto a patroa lê. Bem, nada, não, mas quantos unicórnios uma moça aguenta bordar num dia?

— É isso que uma criada faz — disse o pai.

— Esta aqui preferiria trabalhar — disse ela.

Dei uma olhadela discreta nela. Como pude esquecer aquele rosto? Olhar para ela era ser atingido pela flecha de Cupido. Ela fazia o ar emperrar na minha garganta, fazia meu sangue evaporar, privava-me dos sentidos. Lembrei-me de uma fala de Titânia que eu copiara e murmurei:

— “Ah, como eu te amo! Como te adoro!”

— O que foi que você disse? — perguntou Silvia.

— Nada, nada.

— Então o senhor é ator — disse o pai. — O senhor trabalha no Teatro Rose?

— Nós trabalhamos no Theatre — falei. — O Rose é da trupe do Lorde Almirante.

— A gente vai ao Rose às vezes — disse Joe, com satisfação. — A última peça que vimos lá foi *Frei Bacon e Frei Bungay*. Eu ri muito!

— É uma peça engraçada.

— Vai ser bom quando o novo teatro abrir — disse Silvia, fazendo, com a cabeça, um gesto no sentido da construção monstruosa que se agigantava sobre os casebres da margem sul. — Vai ser bem em frente à sua casa, pai!

— E também vai ter um monte de bêbados malditos — disse o pai. — Sem ofensa, senhor. — Ele olhou por cima do ombro com o intuito de avaliar o avanço contra a correnteza da maré. — Já é ruim com a Ugly Duck lá.



— A Ugly Duck?

— É uma taberna — explicou ela. — Perto da casa dos meus pais. Eu trabalhava lá.

— Trabalhava lá? — perguntei, surpreso.

— Não é o que você está pensando! — disse Silvia, e fiquei encabulado por ela ter adivinhado meu pensamento, embora nem ela nem o pai parecessem melindrados. — Não — continuou ela —, quando eu era pequena, lavava as panelas.

— Ela é trabalhadeira, a nossa Silvia — disse o pai, com orgulho.

— É por isso que você está atravessando o rio? — perguntou ela. — Para ver o novo teatro?

— Queria dar uma olhada — falei, meio sem jeito.

— Eu também!

— Você tem que visitar a Ama Dodds — disse o pai, intransigente.

— É isso que vou fazer, pai; é isso que vou fazer — disse Silvia, então olhou para mim. — Milly Dodds é a velha ama do Sir George — explicou ela.

— Sir George? — perguntei, estarrecido.

— É o filho de Lorde Hunsdon — disse ela —, e o pai da noiva. Um homem direito, não é, pai?

— Sir George Carey é um perfeito cavalheiro — disse o pai.

— Daí, ao meio-dia, toda segunda-feira, eu levo para ela confeitos e doces — disse Silvia, mostrando a cesta. — Sir George faz questão. Às vezes, ele mesmo leva.

— Um perfeito cavalheiro — repetiu o pai, puxando a empunhadura do remo.

— Eles deram a ela um belo casebre — prosseguiu Silvia. — Bem, eles não deram o casebre, mas a deixam morar lá. É uma velhinha querida. Às quintas-feiras, eu a levo nas rinhas de ursos! Ela adora o passeio. Você gosta de marzipã?

— Nunca comi.

— Nunca comeu marzipã! Deus do Céu! Tome. — Ela levantou o pano de linho e pegou um quadrado amarelado, macio o bastante para ser dividido em quatro partes. — A Ama Dodds não gosta de marzipã, mas isso eu não conto ao Sir George, porque eu adoro, tome aqui, um pedaço para você, um para mim, um para meu pai e um para Tom. — Tom era, evidentemente, o remador que ia à proa e não dissera uma palavra sequer desde que eu embarcara no bote. — É só amêndoa, água de rosas e açúcar — disse ela. — E a gente acrescenta clara de ovo, nem todo mundo faz isso, experimente. É como mordiscar um pedacinho do céu!

O bote entrou no remanso e atracou ao longo da escadaria do Paris Garden. Saí primeiro, então estendi a mão para ajudar Silvia. O toque dos dedos dela!

— Eu venho lhe buscar, querida — disse o pai.

— Por volta de uma hora, pai — disse ela. — E obrigada, Tom.

Tom, um rapaz corpulento, apenas assentiu.

— Quanto eu devo? — perguntei ao pai dela.

— Ande logo, vá, rapaz! — disse ele.

Ele me chamara de “senhor” quando entrei no bote, mas decerto a breve travessia do rio o convencera de meu verdadeiro status social.

Agradei, então subi os degraus de pedra com a filha do barqueiro. Quisera tanto estar com ela, mas agora me via sem saber o que dizer, ou melhor, minha mente deu branco. Eu ensaiara uma centena de falas para impressionar Silvia, mas não conseguia recordar nenhuma. Isso tinha acontecido comigo no Theatre certa vez, eu fazia o papel da Rainha na peça *Ricardo II*, escrita por meu irmão, papel que eu conhecia muito bem, mas houve uma tarde em que as palavras simplesmente evaporaram como orvalho ao sol. John Duke, um ator temporário, virou-se para o lado esquerdo do palco e disse “Eis que surge o Duque de York”, e George Bryan, usando um gorjal, entrou, e eu precisava ter falado logo em seguida:

*Com sinais de guerra em seu velho  
pescoço:*

*Ah, mas que olhar tão cheio de  
angústia!*

*Tio, por Deus, falai palavras de  
alento.*

Em vez disso, gaguejei incoerentemente, e Isaiah Humble, que deveria me soprar as palavras, tinha saído pelos fundos para urinar. George Bryan ficou boquiaberto por um instante, e a plateia começou a caçoar de mim: “Decore o texto!”, gritou alguém, e o miolo de uma maçã veio voando do público e derrubou meu diadema dourado. George, finalmente, depois de uma pausa terrível, enunciou sua próxima fala, que começava com “Se o fizesse...”, mas as palavras não faziam sentido para mim porque eu me tornara um tartamudo, um tolo inútil, e assim eu me sentia ao lado de Silvia quando subíamos a escadaria do Paris Garden.

— Ele é muito querido, o meu velho pai — disse Silvia.

— Ele me pareceu um bom homem — falei, ineptamente.

— É um amor, ele — disse Silvia. — Finge não ser, mas é. Tem o coração mole, na verdade.

Tentei falar alguma coisa, qualquer coisa!

— Posso levar isso? — desembuchei, apontando a cesta.

— Já estou quase chegando — disse ela, indicando os casebres à frente com um meneio da cabeça. Ela me deu um sorriso radiante como o sol. — Se você quiser

um bote de volta, meu pai vai estar aqui quando os relógios baterem uma hora.

— Bem que eu queria — falei.

— Até mais tarde — disse ela, e se foi.

— Meu nome é Richard — gritei.

— Eu sei — disse ela, sem se virar —, mas eu gosto de Francis Foles!

Ela assobiou duas notas e, ainda sem se virar, acenou um adeus.

Vi quando ela se dirigiu à porta de um casebre, vi quando entrou, então caminhei até o novo teatro. Precisavam de atores.

O marzipã estava docinho, uma delícia, dos deuses.

E como ela sabia que meu nome era Richard?

## CINCO

Do rio parti ao sul, praguejando a mim mesmo por ter permanecido tão calado com Silvia. Que fim tiveram todas aquelas palavras de sabedoria que eu sonhara usar? Prometi a mim mesmo que as pronunciaria à uma hora da tarde, quando pegasse carona no bote de volta a Blackfriars.

As casas na margem sul ficavam próximas ao Tâmis, em ambos os lados de uma via que seguia beirando o rio. Peguei outra via que se afastava da orla, passei por uma cruz de pedra torta e coberta de musgo e, depois de quarenta ou cinquenta passos, as casas haviam ficado para trás e eu caminhava entre cercas vivas que ladeavam valas de esgoto apinhadas de urtigas. Vacas magras pastavam em pequenos relvados. As poucas árvores, despidas de folhas, davam um ar sombrio e pareciam atrofiadas, e a via estava esburacada e molhada, de modo que precisei pular as poças para evitar que minhas botas se sujassem de lama. O teatro, à minha direita, avultava aos olhos, e o acesso era por um portão deteriorado que fora deixado aberto. No terreno em redor da nova construção havia pilhas de madeira e pedra. Uma dúzia de homens trabalhava no alto do andaime, dois dos quais suspendiam com um guindaste uma precária plataforma repleta de telhas.

Era grande. Maior que o Theatre e maior que o Rose, que se encontra a leste, próximo à extremidade sul da Ponte de Londres. Esse novo teatro, pensei, atrairia espectadores tanto de Westminster como de Londres, e quase todos pagariam tostões aos barqueiros para que os levassem à escadaria do Paris Garden. O pai de Silvia podia até se queixar da barulheira, mas o teatro também lhe traria clientes. Um cão peludo acordou quando me esgueirei por entre as pilhas de madeira e começou a latir furiosamente. Pulou em cima de mim, mas foi detido, com um solavanco, por uma corrente presa a uma estaca à entrada do teatro.

— Sultão! — bradou uma voz de cima do andaime. — Pare já com esse ladrado dos infernos! — O cão rosnou e ganiu, mas deixou-me passar. — Não se preocupe com o Sultão, senhor. Ele não vai encostar no senhor, a não ser que Jem mande. — O homem que falou era um artesão apoiado no alto de uma escada, aplicando gesso no teto abaulado do túnel de entrada. — E cuidado, senhor — acrescentou ele, quando um pinga de gesso caiu de sua colher de pedreiro. — Você está pondo água demais na mistura! — resmungou ele para seu aprendiz, um menino que estava meio curvado por cima de um enorme barril. — Tudo bem, agora, senhor —

acrescentou ele, dirigindo-se a mim; trilhei meu caminho entre o barril e a escada, e então adentrei o imenso pátio.

Ali detive-me, espantado. O teatro novo fora construído com grande semelhança ao Theatre, mas tudo numa escala maior e com um acabamento bem mais requintado. Homens pintavam de dourado as balaustradas das três galerias, que, diferentemente das duas do Theatre, eram acessadas por escadarias com portões posicionados no amplo pátio. Dois operários instalavam lajotas de pedra em uma base de areia e cascalho. Ninguém, pensei, conseguiria atirar uma daquelas lajotas no palco, ao passo que o palco do Theatre era vulnerável aos seixos do calçamento do pátio. Will Kemp, certa vez, exigiu que os seixos fossem substituídos.

— Eu não me importo que os malditos joguem coisas leves — dissera ele, na ocasião —, mas seixos machucam!

— Considere os seixos motivo suficiente para agradar à nossa plateia — respondera meu irmão, e os seixos ficaram onde estavam.

A frente do tablado avançava bastante sobre o pátio e era adornada com um tecido com bordados de cisnes nadando entre juncos. Um telhado cobria a parte de trás do palco, abaixo do qual, porém acima das três portas por onde os atores entravam e saíam de cena, havia um mezanino sustentado por pilastras, local de onde, imaginei, os frequentadores mais abastados poderiam contemplar o palco. Dois imponentes pilares sustentavam o elevado telhado, e um pintor, em cima de um andaime, transformava a madeira crua do pilar à direita no mais liso dos mármore. Evidentemente, ele trabalhava de cima para baixo, porque a metade inferior do pilar ainda parecia madeira, enquanto a parte superior reluzia como pedras bege com veios cinzentos. Era extraordinário. Aproximei-me e teria sido capaz de jurar que a metade superior do pilar era feita do mármore mais caro. O pintor, um sujeito lúgubre que usava um lenço em volta da cabeça em vez de chapéu, percebeu meu interesse.

— Gostou? — perguntou ele, mas sem o menor entusiasmo.

— É magnífico! — respondi, com genuína admiração.

O pintor deu meio passo atrás sobre o andaime e franziu o cenho, olhando para o trabalho.

— É um teatro — disse ele, sem rodeios.

— Claro que é — falei, confuso diante da reação dele.

— Um lugar de ilusões — disse ele, irritado.

— O senhor não aprova?

— Se eu aprovo fingimento? Falsidade? Não, senhor, não aprovo. Bajulação? Mentiras? Como posso aprovar? Blasfêmia? Depravação? Eu abomino tudo isso, senhor, abomino, mas a gente tem que ganhar a vida. — Voltou ao seu trabalho

meticuloso. — A gente tem que ganhar a vida — repetiu ele, dessa vez com ressentimento, falando a si mesmo.

— O Sr. Timothy Nairn é puritano — uma voz soou atrás de mim —, mas se rebaixa para decorar nossa casa de prazeres satânicos.

— Nestes tempos difíceis, Sr. Langley — disse o pintor —, sou grato a Deus Todo-Poderoso por me conceder trabalho para que eu possa dar pão à minha família. E Deus é que vai decidir o destino deste lugar, não eu.

— Fico surpreso que Deus não fulmine o senhor por pintar meus pilares.

— Tudo que faço é pela glória Dele — respondeu Timothy Nairn, obstinado. — Mesmo neste antro de iniquidade.

— Iniquidade! — Langley parecia se divertir.

Eu me volvei para ele e vi um homem robusto, de traços fortes, com uma barba castanha curta. Usava roupas finas, de lã azul-escura com listras de seda amarela, vestes que contradiziam a cara ardilosa, sofrida e cheia de cicatrizes. Um homem formidável. Eu sabia que ele integrava a Guilda dos Joalheiros, mas seu dinheiro, conforme se dizia, não vinha de joias exuberantes, mas de meia dúzia de bordeis de sua propriedade. Ofereci-lhe uma respeitosa reverência.

— Sr. Langley — falei —, eu sou...

— Eu sei quem você é, rapaz. Vi você no Theatre. — Ele franziu o cenho, decerto tentando lembrar-se. — Você fez o papel de uma vadia maluca que desmaiava. Como era o nome da peça?

— *Os dois cavalheiros de Verona*, senhor? — sugeri, embora tivesse desmaiado em meia dúzia de outras peças. — Eu fiz o papel de Julia.

— Talvez tenha sido essa. Era uma pecinha superficial, seja lá qual for — disse ele, desdenhando —, mas você foi bom. Quem era o outro rapaz?

— Simon Willoughby, senhor. Ele fez Silvia.

Só de pensar que Simon Willoughby representara uma personagem chamada Silvia, enchi-me de tristeza. Ele não era digno!

— Simon Willoughby, sim. — Algo acerca do nome divertia Langley, porque ele fungou e riu. — Então, o que traz você aqui?

— Curiosidade, senhor.

— Curiosidade! — Ele zombou da palavra. — Espero que você não seja um marica, hein? Agora suba no palco, garoto, e veja se lhe agrada.

Subi correndo dois ou três degraus e pulei no tablado, quase da altura de um homem. A plataforma, então pude ver, tinha três alçapões, que podiam ser usados como túmulos, portões de entrada ou saída do inferno, ou simplesmente para aparições inesperadas. No Theatre, tínhamos somente um alçapão, cujo acesso se dava através do espaço fedorento embaixo do tablado, onde Picles, o gato, travava uma guerra incansável contra ratos e camundongos. Andei embaixo do teto, ou do

céu, conforme alguns atores chamavam, olhei para cima e vi nuvens brancas, pintadas com esmero, num céu azul. Havia dois alçapões no teto de nuvens, e acima deles, eu sabia, ficavam as manivelas com roldanas, utilizadas para baixar atores do “céu”. Deuses, deusas e anjos prendiam-se a uma corda, abriam o alçapão e rezavam para que o sujeito encarregado de girar a manivela estivesse sóbrio. Virei-me para olhar a entrada e pensei como era grande aquele teatro, com suas galerias elevadas e o pátio que, por si só, ocuparia metade do Theatre.

— Esteve aqui um bobalhão, semana passada — disse Langley —, dizendo que o teatro é grande demais. Que a voz dele não chegava até a galeria mais alta. Fale alguma coisa, rapaz, mas não grite. Fale como se estivesse atuando, naturalmente. — Ele se virou e ergueu os olhos. — Ben, você está aí em cima?

— Estou aqui, senhor.

Ben, fosse ele quem fosse, estava escondido na terceira galeria, de onde eu ouvia o som intermitente de uma serra mordendo madeira.

— Preste atenção, Ben — disse Langley —, e me diga se dá para ouvir o rapaz. — Ele voltou a olhar para mim. — Vamos, menino, fale.

Me deu um branco. Busquei palavras, mas não as encontrei.

— Vamos, rapaz! Ben está esperando.

— “Quanto a ti, menino” — de repente lembrei-me de uma fala —, “vai-te da minha vista! Estás banido, e não deves ficar!” — Não gritei as palavras, mas as pronunciei no mesmo volume que faria no Theatre e, sabendo que haveria plateia atrás e diante de mim, virei-me lentamente enquanto enunciava a fala, que pertencia à segunda peça em que atuei na companhia de teatro do meu irmão. Nessa peça, fiz o papel de uma jovem chamada Lavínia, que era barbaramente violentada e ainda tinha a língua e as mãos decepadas, mas as palavras que eu acabara de falar eram de George Bryan, que representara o pai da jovem, um romano chamado Tito Andrônico. — “E, se me amas, e acho que pode ser” — prossegui, concluindo minha parte —, “um beijo e adeus, temos muito a fazer”.

— Um beijo e adeus! — repetiu Langley, divertindo-se. — Deu para ouvir isso, Ben?

— Cada palavrinha, Sr. Langley!

— É, eu acho que aquele pedaço de bosta asqueroso que veio aqui semana passada era surdo.

— No entanto, se o teatro estiver lotado... — comecei a dizer, mas titubeei.

— Vamos, rapaz, desembuche!

— Se estiver lotado, senhor, o som vai ficar abafado. Ainda mais se estiver chovendo.

Eu tentava falar com propriedade, repetindo coisas que ouvira de gente como Alan Rust, meu irmão e James Burbage. Mas era verdade. Se as roupas dos

espectadores estivessem encharcadas, nós precisávamos falar mais alto.

— Então os safados vão ter que gritar — disse Francis Langley. — É tarde demais para encolher o teatro.

— “Temos muito a fazer!” — soou outra voz, forte e irada. — Ouviu isso, Langley? “Temos muito a fazer.” — A voz parecia vir de algum local acima do palco, do mezanino com pilastras, logo abaixo do “céu” pintado com nuvens. — Ele é ator?

— É, sim, Sr. deValle.

— Então traga o sujeito aqui em cima!

Langley usou uma pequena escada para subir ao tablado.

— Seja respeitoso quando chegarmos lá em cima — murmurou ele entre dentes, então me conduziu por uma das três portas até o camarim. Ele deixou a porta aberta para que um pouco de luz entrasse no recinto, que não tinha janelas. Era espaçoso, duas vezes maior que o camarim do Theatre, e cheirava a madeira recém-serrada.

— Gastei quase trezentas libras em figurinos — disse Langley, queixoso. — Trezentas libras! Ele faz questão, sabe. Por aqui, rapaz. — Atravessamos uma porta, entramos num corredor e subimos uma escada. — Essa escada aqui vai dar na saleta dos fidalgotes — explicou ele enquanto subíamos.

— Fidalgotes?

— Um lugar para os ricos assistirem à peça — disse ele, com um ar ambicioso —, são seis tostões por cabeça, pelo menos. Talvez, um xelim.

— Quem pagaria um xelim para ver uma peça? — perguntei.

— Quem senta aqui em cima, é claro. E não vai ter só a peça, rapaz — paramos em um pequeno patamar, e ele piscou para mim. — Vai ter putas também. Então, se eles não gostarem da peça, podem ficar com as vadias. Vou lhe dizer, rapaz, as prostitutas saem mais em conta. A gente não tem que comprar figurinos para as prostitutas, tem?

Um segundo lance de degraus, mais estreito e mais íngreme, subia do patamar até a plataforma de onde os trompetistas tocariam suas trompas, anunciando o espetáculo, mas Langley ignorou aquela parte e abriu uma porta esplendidamente entalhada que dava acesso à saleta dos fidalgotes. Fez sinal para que eu entrasse.

Fiquei abismado. Eu tinha crescido em uma casa modesta e agora morava em um sótão decadente e desconfortável, mas sabia o que era luxo. Nós havíamos atuado no salão de banquetes da Rainha, em Whitehall, nós a divertimos em Greenwich e a entretemos em meio ao esplendor das velas do palácio de Richmond, e aquela saleta para os fidalgotes não destoaria em nenhuma daquelas mansões. As paredes eram de painéis entalhados, pintados com uma resina escura que os fazia brilhar. O cheiro da resina recendia no local, ainda que o mezanino



fosse aberto. O piso exibia um brilho idêntico, enquanto o teto fora pintado com imagens de anjos nus voando entre nuvens celestes. Perguntei-me se o Sr. Nairn, o pintor puritano, teria se encarregado de retratar aquelas mulheres aladas e despudoradas cujos olhares convergiam para uma grande mesa centralizada na saleta. A mesa estava coberta de projetos do novo teatro, e na parede do fundo via-se uma grande lareira de pedra, quase tão suntuosamente entalhada como a que havia no salão principal do Lorde Camerlengo, com a diferença de que, na lareira da saleta, a cornija de mármore era sustentada por um par de mulheres nuas, esculpidas em pedra branca feito leite, com os braços cruzados acima da cabeça, uma em cada lado de um borralho de tijolos onde um fogo ardia. À esquerda do fogo, via-se um banco de madeira com espaldar alto e um baú sob o assento, coberto em tapeçaria e sobre o qual uma jovem se estirava. Parecia bêbada, ou adormecida, pelo menos. Tinha cabelos ruivos, a tez pálida e sardenta, e estava com a boca aberta e as pernas separadas, uma sobre o assento e a outra no chão. Até onde pude ver, ela usava apenas uma camisola curta.

— Então, quem é esse aí? — perguntou um homem, de forma agressiva. Estava sentado à mesa, mas levantou-se. Era alto como eu e vestia-se com muito mais elegância. Levava consigo um florete, com o punho de prata enrolado em couro vermelho, e no ombro direito trazia uma requintada insígnia, exibindo um cisne envolto em lírios. Calculei que tivesse cerca de trinta anos, e esbanjava autoconfiança e empáfia. Usava uma barba curta e alourada, que se afunilava no queixo, e o bigode era grande, com as pontas viradas para cima. Ele viu que eu fitava a jovem. — Não preste atenção em Becky — resmungou ele. — Preste atenção em mim.

— Senhor — falei, fazendo uma reverência.

— Quem é você?

— Richard Shakespeare, senhor.

— É o escritor? — Ele parecia curioso. — O que possui uma das cotas dos puteiros do Langley?

Fiquei tão surpreso diante da segunda pergunta que nada respondi. Meu irmão era sócio de Francis Langley? Era proprietário de bordeis? Aquilo não podia ser verdade!

— Bem? — insistiu deValle.

— Richard é irmão dele, Sr. deValle — disse Langley, sem negar a ligação comercial.

— Irmão do seu sócio no puteiro — dirigiu-se deValle a Langley, selvagem —, e se recusa a escrever peças para nós, não é verdade?

— Ele escreve para a própria trupe, Sr. deValle.

DeValle fungou, então olhou para mim durante alguns segundos, como alguém que examina uma novilha que pretendesse adquirir.

— Meu nome é Christopher deValle — disse ele, finalmente —, e não se atreva a pensar que o nome é francês. Os deValle não são franceses. Os deValle odeiam aquela nação de rãs grudentas e sifilíticas. Os deValle são feitos de carvalho inglês, do cocuruto ao cu. Nascemos em Berkshire, crescemos em Berkshire e somos súditos leais à nossa Rainha, longo seja seu reinado e Deus abençoe suas tetas brancas como a neve. Eu sou o encarregado dos negócios do Conde de Lechlade.

— Sim, senhor — falei, porque ele parecia esperar algum tipo de resposta.

— Você é talentoso? — indagou deValle, peremptoriamente.

— Ele é, senhor — respondeu Francis Langley por mim. — É famoso pelas mulheres que representa.

— Mulheres! — O Sr. deValle parecia horrorizado.

— Eu faço papéis masculinos agora, senhor — intervim de pronto. — Quando eu era menino, fazia papel de mulher — acrescentei, tentando disfarçar o nervosismo —, mas agora tenho sido designado para papéis masculinos. — O que, a meu ver, era quase uma verdade. Francis Foles era homem.

— Becky! — gritou deValle. — Acorde, puta! — A jovem se remexeu e sentou-se, afastando do rosto os cabelos ruivos. Olhou calada para deValle, que apontava para mim. — Diga-me o que você acha — ordenou ele.

Ela bocejou e espreguiçou-se, então levantou e contornou a mesa para me olhar. Eu a encarei. Imaginei que tivesse a minha idade, mas era dotada de uma astúcia que fazia com que parecesse mais velha. Tinha olhos verdes, semelhantes aos de um gato, um rosto sardento e o cabelo um emaranhado de cachos espessos. Era atraente; homem nenhum olharia para ela sem se entusiasmar, mas a astúcia a tornava um tanto assustadora. Ela estendeu uma das mãos e acariciou minha face.

— Ele é bonitinho.

— Bonitinho! — esbravejou deValle.

— Bonitão, que seja. — Ela sorriu e deu um peteleco no meu nariz. — Gostei dele.

— Se ele pudesse pagar por você, não estaria aqui — disse deValle, azedo. — Por que você está aqui?

O que eu poderia responder? Que era pobre, estava com o aluguel atrasado e precisava de trabalho? Ou que pretendia me vingar do meu irmão, dono de bordel, que tinha me enganado oferecendo-me um papel masculino que, na verdade, fazia papel de mulher? Minha raiva diante do engodo me levava a cruzar o rio, mas não era hora de falar a verdade.

— Ouvi dizer que o senhor está procurando atores — falei, com o máximo de dignidade que pude resgatar.

DeValle resmungou algo.

— Você está trabalhando agora?

Aquiesci.

— No Theatre, senhor.

— E por que quer sair de lá?

— Fui contratado como ator temporário, senhor, e eles já têm muitos lá.

— Então eles não têm passado muito trabalho para você, é isso?

— Eu gostaria de trabalhar mais, senhor — falei.

— Ele é bom, senhor deValle — disse Francis Langley, um tanto ansioso.

No momento em que nos encontramos no tablado, Langley demonstrou uma certa prepotência, mas agora, perante deValle, ficou humilde.

— Assim como os outros que já vimos — disse deValle. — Ao menos é isso o que você diz.

— Eles não são bonitões que nem esse aí — disse Becky.

— Bota um pouco de lenha nesse fogo, menina — disse deValle —, e depois cala essa boca de puta. — Ele ainda olhava para mim, com cara de quem não estava gostando. — Me disseram — falou ele — que atores têm que saber lutar com espada. É verdade?

— Se a peça exigir, sim, senhor.

— E a maioria das peças exige?

— O público gosta de ver luta de espada — falei.

— Então vamos ver se o público ia gostar de ver você em ação — disse deValle, dirigindo-se a um baú que ficava em meio às sombras da parede do fundo. Ele ergueu a tampa, remexeu o conteúdo do baú por um instante, retirou uma espada e sacou-a da bainha. Atirou-me a espada, mas, em vez de tentar agarrá-la pela lâmina, deixei-a cair no chão. Peguei-a e constatei que era um velho sabre, com a lâmina cega e o couro do punho roto. A arma estava empenada e surrada. DeValle riu da minha expressão e sacou seu florete, com um belo punho de prata, a lâmina comprida escorregando para fora da bainha quase sem emitir som. — Vamos tentar um embate — disse deValle — e ver se você tem condições de agradar ao nosso público.

— Sr. deValle — disse Francis Langley, nervoso.

— Quietos, Langley — disse deValle, fixando os olhos em mim. Becky parecia empolgada. — Até a primeira gota de sangue? — sugeriu deValle, querendo dizer que o embate seria interrompido assim que um de nós se ferisse.

— Talvez seja melhor eu me render logo — falei, segurando a espada canhestramente, com a ponta voltada para baixo.

— Não se você quiser trabalhar aqui — respondeu deValle, feroz, e ergueu o florete.

Ele estava propondo um embate entre um velho sabre empenado e um florete. No palco, as lutas costumavam ser com espadas, capazes de cortar e estocar, porque tais lutas exigiam menos espaço cênico do que era o caso com floretes de lâmina comprida e porque o público gostava de ver cortes espetaculares tanto quanto estocadas elegantes. Florete não cortava; era projetado apenas para perfurar. O florete exigia tanta perícia quanto a espada, mas era uma perícia de natureza diferente. Henry Condell e Richard Burbage, que encenavam a maioria das nossas lutas no Theatre, eram peritos em ambas as armas, mas Signor Mancini, em cujo salão eu treinava ao menos uma vez por semana, só tinha me ensinado o manejo do sabre. “Você vai aprender com essa espada primeiro”, costumava dizer ele, com seu sotaque líquido, “porque o florete vai ficar mais fácil depois.”

Fingi nada saber quando me vi diante de deValle. Eu desconfiava que ele fosse bom espadachim, orgulhoso de sua aptidão e ávido por ferir, mas eu não era tão canhestro como dava a entender. Eu era ator, então fiz o papel de um cara meio sem jeito, imperito e assustado. Mantive-me numa postura preguiçosa, completamente vulnerável a deValle, que se posicionou com elegância, o pé direito adiantando e a lâmina angulada para cima.

— Pronto? — perguntou ele.

— Senhor? — falei, hesitante.

— Até a primeira gota de sangue, garoto — disse ele, dando um passo à frente; a lâmina comprida veio contra meu rosto, e eu a bloqueei usando o lado cego do sabre. Cambaleei para trás e exibi uma expressão de medo.

— No rosto, não, Sr. deValle — disse Francis Langley —, por favor, no rosto, não! Ele é ator!

DeValle ignorou o pedido. Tinha recuado, sorrindo. Achou que minha defesa tinha sido um golpe de sorte, porque dificilmente algum espadachim defenderia um golpe com o lado cego da espada. Então deu um passo à frente, estocando com a lâmina comprida e, imediatamente, um passo atrás. Era só uma finta, mas eu sacudi minha espada e dei dois passos trôpegos para trás, como se estivesse em pânico. Ele riu.

— Talvez o senhor devesse fazer somente papéis femininos, Sr. Shakespeare — disse ele.

— Fura ele, Kit — disse Becky, cruelmente.

— No rosto, não, Sr. deValle! — Langley voltou a pedir.

— No rosto, não — disse deValle. — Então vou furar a coxa.

Eu sabia que ele alvejaria meu rosto. Era um valentão, confiante em sua perícia, e queria me humilhar. Mas era mau ator, mentindo sem convicção alguma a respeito de ferir minha coxa. Queria apenas me enganar e arrancar sangue do meu rosto e, conforme eu esperava, ele dirigiu o olhar às minhas pernas, baixou um

pouco o florete, sorriu e deu um passo à frente. Naturalmente, a lâmina comprida subiu e veio contra meu rosto, e dei um passo à esquerda, caindo depressa para a direita e golpeando o florete para baixo, então subi minha lâmina em direção à parte exposta do antebraço dele. A lâmina o atingiu, e ele pareceu assustado. Eu já não parecia hesitante, já não me mostrava desajeitado. Movia-me com leveza. Eu o forcara a virar-se. Agora, o florete dele estava à minha direita, e o comprimento da lâmina obrigou-o a recuar para poder usá-la, mas não lhe dei a menor chance, avancei, estoquei e parei com a lâmina a poucos centímetros de sua barba.

— Até a primeira gota de sangue, senhor — falei, indicando, com um meneio da cabeça, o antebraço dele, onde uma nódoa vermelha começava a manchar o punho rendado de sua camisa.

Por uma fração de segundo, ele pareceu furioso. Em seguida, forçou um sorriso.

— Espertinho — disse ele.

— Sorte de principiante, senhor — falei, baixando a lâmina. Então, para mostrar-lhe que eu dera a luta por encerrada, entreguei a espada a Francis Langley.

— Sorte de principiante, hein? — perguntou deValle, embainhando o florete. — Acho que não. Acho que você é muito astuto, Sr. Shakespeare. Acho que é uma cobra. Acho que é dissimulado. Mas arrancou a primeira gota de sangue. — Ele arregaçou a manga. Minha lâmina cega tão somente lhe arranhara a pele, mas havia sangue, e ele teria um ferimento para se lembrar de mim. Ele cuspiu sobre o sangue, esfregou o local e baixou a manga. — Quem é seu treinador?

— Signor Mancini.

— Da Silver Street — disse deValle e acrescentou, contrariado: — Ele é bom.

Eu não podia pagar por aulas de esgrima, mas não tinha a menor chance de atuar em papéis masculinos se não soubesse manejar uma espada. Signor Mancini gostava de mim e por isso permitia que eu ficasse lhe devendo, mas por quanto tempo toleraria? Pensei quão desesperadamente eu precisava de dinheiro. Precisava pagar o aluguel, precisava comprar comida, precisava sobreviver. E o Theatre mal funcionava agora, à medida que entrávamos mais no inverno e o clima piorava. Eu vislumbrava uma situação de penúria, e quanto tempo mais levaria até a Viúva Morrison me botar na rua?

— Sente-se. — O Sr. deValle indicou-me uma das cadeiras em volta da mesa. Sentei-me, e ele se sentou numa cadeira defronte à minha. Minhas costas estavam voltadas para o mezanino aberto, de modo que a luz do inverno refletia no rosto dele. Ele me encarou, ainda contrariado. — Então você sabe lutar — disse ele.

— Luta de palco — disse eu, em tom depreciativo —, onde tentamos não ferir nem machucar.

— O Conde de Lechlade, milorde — disse ele, ignorando minhas palavras —, quer formar uma companhia de atores. Não entendo o porquê de tal desejo, mas ele

não vai voltar atrás. Os atores, como você acaba de me demonstrar, são cheios de engodos. — Ele parou para se servir de uma taça de vinho tinto. — A minha tarefa é encontrar, em benefício de Sua Senhoria, atores para praticar seus engodos no teatro do Sr. Langley.

— O Swan — interveio Francis Langley.

— Assim chamado — disse deValle — porque o emblema de Sua Senhoria é um cisne. — Ele tocou a insígnia em seu ombro. — Mas ainda não revelamos o nome a ninguém. Só vamos divulgar quando anunciarmos a peça de estreia. — Ele dirigiu a Francis Langley um olhar de pura malevolência, então olhou de volta para mim. — O senhor gostaria de atuar no Swan, Sr. Shakespeare?

— Gostaria, senhor — falei, embora não tivesse absoluta certeza quanto à resposta.

— Quanto você está ganhando agora? — perguntou ele.

— Depende, senhor — falei —, de quanto eu for requisitado às peças e de o Theatre estar aberto. Se o tempo estiver ruim, não trabalhamos. E estamos no inverno, senhor, então tem semanas que não apresentamos nada.

— Não lhe pedi uma aula — disse ele. — Quanto você está ganhando?

— Numa semana ruim, senhor? Nada. Numa semana boa? Três xelins, quatro xelins. Na maioria das semanas, só um xelim ou dois.

— Uma miséria. Vamos pagar mais aos atores que envergarem o cisne de Sua Senhoria, correto, Sr. Langley?

— Se o senhor está dizendo... — disse Langley.

Ele parecia assustado, e tive a impressão de que o custo da construção do Teatro Swan estivesse fugindo ao controle, em decorrência das promessas e exigências feitas pelo Conde de Lechlade. A nobreza era famosa por não pagar suas dívidas ou por atrasar os pagamentos durante meses, ou até mesmo anos, e Sua Senhoria decerto queria mais imitações de mármore, mais pinturas de mulheres nuas e mais uma farta quantidade de folhas douradas, e Francis Langley estava providenciando tudo às suas próprias custas, rezando para um dia ser pago.

— Nós vamos pagar bem — disse-me deValle. Sarcásticos e hostis, seus olhos azuis me fitavam. — Mas devo lhe dizer que não é difícil encontrar atores. Basta virar qualquer pedra em Londres, e eis que debaixo surge um ator. — Ele fez uma pausa, como se esperasse meu protesto, mas eu o encarei e não disse nada. — Becky disse que você é bonitão — prosseguiu ele, contrariado —, e Deus sabe que ela já viu uma quantidade suficiente de homens para avaliar com propriedade.

— É um rapaz bem-apessoado — disse Francis Langley.

DeValle o ignorou.

— Você sabe dançar?

— Sei — falei.

Ele hesitou, talvez irritado por eu não o ter chamado de “senhor”.

— Então devemos considerá-lo, não é, Sr. Langley?

— Considerá-lo? Sim, senhor. Ele é bom! O público gosta de vê-lo em ação.

— Mas para que servem os atores? — perguntou deValle. — Para que serve um teatro?

Ele formulou as perguntas e as deixou pairando no ar. Ninguém respondeu. O fogo estalou no borralho e espalhou fagulhas, pois uma tora caíra.

— Um teatro não serve para nada — continuou deValle, desdenhoso —, e os atores são um desperdício de dinheiro, a menos que haja uma peça. Nós temos um teatro, e Deus sabe que podemos encontrar atores, mas cadê o sujeito que escreve as peças?

Francis Langley remexeu os pés.

— Eu tenho conversado com o reverendo...

— Nem me fale de Venables! Quem encena as peças dele?

— Os Homens do Lorde Camerlengo já encenaram... — disse Langley — ... bem, encenaram uma.

— *Hester e Assuero* — falei.

— E? — perguntou deValle.

— Uma merda — respondi.

Diante disso ele exibiu um sorriso sincero.

— Não queremos merda! Queremos peças!

— Tom Nashe concordou em escrever alguma coisa — disse Francis Langley, sem convicção.

— Você já viu alguma?

— Bem, acho que ele ainda não começou. Ele disse que ia começar logo. E Ben Jonson, o senhor ainda não foi apresentado a ele, mas Ben disse que poderia pensar em algo... — Sua voz foi definhando.

— Ben escreve para o Rose! — assinalei.

— E cobrou vinte e cinco libras por uma peça — rosnou deValle.

— Cobrou mesmo, senhor — confirmou Langley.

— Sua Senhoria não é uma vaca a ser ordenhada — disse deValle, zangado. Era patente que o Swan tinha um palco e, sem dúvida, disporia de atores, mas carecia de peças. DeValle levantou-se, caminhou até a balaustrada e de lá contemplou o palco, lá embaixo. — Quando o teatro estará concluído, Langley?

— No fim de janeiro, senhor. Se houver dinheiro. — Ele acrescentou as últimas três palavras em tom de desespero.

DeValle ignorou o tom de desespero.

— Então poderemos encenar uma peça no fim de janeiro?

— Se o tempo estiver bom, poderemos, senhor.

— Mas não temos nenhuma peça! — DeValle virou-se para Langley, enfurecido.  
— Não temos peça!

— Mas vamos ter, senhor. — Langley não parecia convencido. — E a gente sempre pode encenar *Os sete pecados capitais*, o público gosta.

— Por Cristo! Aquilo está velho! Aquilo está ultrapassado! Sua Senhoria não investe recursos para vocês peidarem uma besteirada velha que metade de Londres já viu. Vocês abririam um puteiro só com putas velhas e sífilíticas mijando em colchões carcomidos por traças?

— Não, senhor.

— Os clientes querem putas novas. Carne fresca. Não vagabundas como Becky, que todo mundo já comeu.

— Obrigada — disse Becky.

DeValle ignorou-a, virando-se para contemplar o teatro.

— Quando é o tal casamento? — perguntou ele, bruscamente.

— Senhor? — perguntou Langley, confuso.

— Eu não perguntei a você. — DeValle continuava de costas para nós.

— Casamento? — perguntei, incerto.

— A neta do Lorde Camerlengo vai se casar com Thomas Berkeley — disse deValle, em tom ameaçador. — Quando?

— Em fevereiro, senhor — falei.

— Em fevereiro — disse deValle —, e na corte se fala muito nesse casamento. O Lorde Camerlengo e a esposa têm se gabado da peça que vai ser encenada na ocasião. Uma comédia, como disse Sua Senhoria. Um texto da maior qualidade, segundo dizem. Você já viu?

Hesitei.

— Algumas partes — admiti, finalmente.

Não disse que havia escutado a peça quase toda naquela manhã.

— Qual é o título?

— Meu irmão ainda está pensando em um título, senhor — menti.

— É mesmo? — DeValle virou-se e caminhou de volta até o outro lado da mesa. Sentou-se, apalpou uma bolsinha que pendia de seu cinto e retirou um punhado de moedas de ouro. Fez uma das moedas girar sobre si mesma no tampo da mesa. Eu fitei o brilho, Becky arregalou os olhos, e Langley parecia ávido. — Traga-me a peça — disse deValle, brandamente.

Ergui os olhos para encará-lo.

— Senhor?

— Traga-me... a... peça — repetiu ele, com uma pausa entre cada palavra.

Eu não disse nada. Fiquei assustado, amedrontado, com uma sensação de perigo.

— A peça é boa, Richard? — perguntou Francis Langley, nervoso.



— Eu não sei.

— Lady Anne Hunsdon garantiu que é boa — disse deValle, com astúcia. — Ela elogiou a peça para a Rainha. Disse que nunca leu uma comédia tão boa.

— Eu sei que ela leu — falei —, mas o marido dela pagou pela peça... e, se outro teatro a encenar antes...

— Nós também temos amigos na corte — interrompeu-me deValle, rispidamente. — A insatisfação do Lorde Camerlengo é problema nosso, não de vocês.

— Quantos atores, Richard? — perguntou Langley.

— Muitos, senhor! — falei, na esperança de que isso o detivesse. — Uma dúzia, pelo menos.

— Peça cara, realmente — disse Langley.

DeValle ignorou o comentário.

— Você está com medo, garoto?

— Não sei se consigo roubar a peça, senhor. Os escritos estão muito bem guardados.

— Foi seu irmão que escreveu?

— Foi, senhor.

— Então, quem melhor que você para roubar a peça? — Ele rolou uma das moedas sobre a mesa, e fui obrigado a pegá-la antes que caísse no chão. — Fique com essa moeda, garoto — disse deValle —, e eu lhe dou outras seis quando me trouxer a peça. — Fixei o olhar na preciosa moeda, grande, pesada e reluzente na minha mão. Uma imagem malfeita da Rainha ilustrava um dos lados; a coroa se encaixava precariamente em seus cabelos longos e esvoaçantes, e ela olhava de perfil, com um nariz adunco que lhe conferia um ar meio petulante. Virei a moeda e contemplei o brasão real entre as letras E e R. — Esta moeda é um soberano, uma libra, garoto — disse deValle —, uma libra em ouro. Você já teve um soberano na mão alguma vez?

Sacudi a cabeça. Eu sequer tinha visto um soberano antes. Dizia-se que a moeda era feita de ouro puro e, embora o valor fosse estimado em vinte xelins, corriam boatos de que valia muito mais. Coloquei a moeda sobre a mesa, respirei fundo, e a empurrei de volta para deValle.

— Os escritos estão bem guardados, senhor.

— Então não quer trabalhar aqui?

Se aquele momento, naquela vala, na estrada de Stratford a Ettington, tinha mudado minha vida, quando perguntei a Ned Sales aonde ele ia e, impulsivamente, pedi-lhe que me levasse até Londres, este momento, agora, era outro. Eu tinha uma escolha a fazer. Eu podia aceitar o ouro oferecido por deValle e trair meu irmão. Eu podia roubar *Sonho de uma noite de verão* e talvez até a nova peça que ele estava

escrevendo, ambientada em Verona. Eu ficaria rico! Eu teria emprego. Seria uma agradável vingança contra o papel de Francis Foles, contra anos de sofrimento com Sir Godfrey, mas as palavras do Padre Lourenço me perseguiram. “Não busque ajuda do seu irmão, procure ajudá-lo.” Encarei deValle, que também me encarava.

— E aí, garoto?

— O senhor quer que eu roube a peça do meu irmão?

— Por Cristo na cruz! Você é burro? Não foi isso o que eu acabei de dizer?

Respirei fundo.

— Se depender disso, senhor, não.

— Então caia fora — rosnou ele. — Caia fora, já!

Ninguém falou nada quando me levantei. Arrastei a cadeira no piso da saleta, produzindo um forte ruído. DeValle arregalou os olhos, Francis Langley franziu o cenho, Becky sorriu, e tampouco falaram quando me dirigi à porta. Voei escada abaixo, atravessei o camarim e saí correndo pelo tablado.

Ali surgiu um homem vestido de preto, magricela como um pernilongo, os cabelos pretos oleosos visíveis embaixo de um chapéu preto de aba larga, uma barba negra pontiaguda que lhe descia até o peito e um rosto enrugado que exibia um sorriso maldoso. Ele estendeu o braço para me deter.

— Vejam só o que temos aqui — disse ele, com um deboche similar ao de deValle. — É o pequeno Richard, só que você não é mais tão pequeno, não é?

Afastei o braço dele com um tapa e olhei horrorizado para aquele rosto seco e aquele sorriso forçado, pulei fora do tablado e saí andando. Eu queria correr, mas andei, porque não daria àquele sujeito o gosto de me ver correndo dele. Era Sir Godfrey. E o riso debochado dele me seguiu pelo teatro afora.

Sir Godfrey Cullen não era “sir”. O título era uma cortesia concedida aos ministros da Igreja Anglicana, e Sir Godfrey era pároco da Igreja de São Benet, em Blackfriars. Era também proprietário do Terreiro dos Lixeiros, localizado ao norte da cidade, em Clerkenwell, estabelecimento que fornecia ursos, cães e outros animais para os espetáculos londrinos, mas, sobretudo, era o dono e o maior predador da escola que preparava meninos para o coral de São Benet.

Foi aos cuidados da Igreja de São Benet e de Sir Godfrey que meu irmão me entregou quando cheguei a Londres. Juntei-me a outros vinte e três meninos, a maioria bem mais jovem que eu, e residíamos em um barracão malcheiroso situado no terreno de um cemitério atrás da igreja, ao lado de um velho salão monástico transformado em um teatro com capacidade para duzentos e setenta espectadores. Os vereadores puritanos de Londres detestavam os teatros e os proibiram no interior dos muros da cidade, mas não tinham poder para proibir um coral infantil e, se o coral decidisse que a apresentação de peças teatrais faria parte da educação

dos meninos, o conselho municipal era obrigado a engolir a indignação e tolerar a indignidade. Havia três desses teatros de meninos no interior dos muros da cidade, sendo São Benet o menor deles, e tais teatros eram muito populares, frequentados por ávidas multidões de espectadores dispostos a pagar três ou quatro tostões para ver os meninos se exibindo, posando e atuando.

— É um menino bonito — disse Sir Godfrey, inspecionando-me em minha primeira visita.

Estávamos na sacristia da Igreja de São Benet, Sir Godfrey com as pernas compridas e abertas, sentado atrás de uma mesa sobre a qual havia uma Bíblia, duas velas altas e um garrafão de vinho. Fiquei diante dele, perguntando-me o que me aguardava.

— Ele fugiu de casa — disse meu irmão —, talvez seja melhor eu mandá-lo de volta?

— Talvez — respondera Sir Godfrey, encarando-me. Tinha um rosto magro, enrugado, com olhos negros e maldosos. — Talvez — repetiu ele —, mas ele é bonito. Qual é a idade dele?

— Catorze.

— Catorze! — estremeceu Sir Godfrey. — Gosto dos meus meninos mais novinhos. É mais fácil treinar um filhote. Cães velhos e truques novos não combinam, Sr. Shakespeare, como o senhor bem sabe. Você sabe ler, menino?

— Sei, senhor — falei.

— Quem não sabe ler não pode ser ator.

— Eu sei ler, senhor.

— Prove — disse ele, puxando a Bíblia para perto de si, procurou uma página, então empurrou o livro até o outro lado da mesa. Uma unha suja apontou-me o versículo que ele queria que eu lesse.

— “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher” — li, e quase gaguejei, porque não conhecia o versículo, e a leitura me surpreendeu —; “abominação é; nem te deitarás com...”.

— Basta! — gargalhou Sir Godfrey, divertindo-se. — Então ele sabe ler. E tem uma voz bastante agradável.

— É um menino esperto — disse meu irmão, a contragosto, e lembro que as palavras me deixaram perplexo, porque nunca tinha me achado esperto.

Sir Godfrey contemplou-me durante alguns instantes.

— Esperto e travesso, hein? Sim, travesso! Você fugiu de casa. Esperto e travesso. Não é uma combinação feliz. Mas ele é bonito, bem bonito — disse, com avidez. — Mas treinar meninos custa dinheiro, Sr. Shakespeare, custa dinheiro.

Meu irmão pagou. Não sei quanto; apenas ouvi o tilintar das moedas em forma de pagamento, o que significava que eu tinha sido vendido à Igreja de São Benet e

a Sir Godfrey, assim como fora vendido a Thomas Butler em Stratford. Portanto, vesti minha túnica cinza, toda cerzida, meu rufo mal engomado e dei início à minha verdadeira escolarização. O estabelecimento era, em tese, uma escola de coro para meninos, e todos os domingos vestíamos nossas túnicas e cantávamos salmos na Igreja de São Benet, mas, na realidade, estávamos sendo treinados para ser atores, porque daí vinha a maior parte da renda obtida por Sir Godfrey, ou seja, de encenações realizadas no teatro do velho salão monástico.

Por lei, estávamos restritos a uma encenação por semana, mas com frequência realizávamos três ou mais e, visto que atuávamos num ambiente fechado, o clima não interferia. Nosso palco era iluminado por velas. Os atores mais jovens tinham oito ou nove anos; eu era um dos mais velhos e, por ser alto e tendo Sir Godfrey descoberto que eu tinha talento, logo me designaram os papéis principais. Fui o Rei Ciro na peça *As guerras de Ciro*, e Faon, em *Safo e Faon*. Faon era um humilde barqueiro a quem Vênus conferira beleza para que ele pudesse seduzir a Rainha Safo.

— Ele nasceu para esse papel. — Lembro-me de ouvir Sir Godfrey dizendo a um fidalgo que viera assistir a um ensaio. — Ele não é bonito?

— Lindo, Sir Godfrey — disse o fidalgo. — Onde se passa a ação da peça?

— Na Sicília, milorde.

— E o senhor sabe, é claro, que os barqueiros sicilianos trabalham despidos?

— É mesmo, milorde?

— Sim, Sir Godfrey. Um hábito estranho, confesso, mas é verdade.

— Um hábito extraordinário, milorde — disse Sir Godfrey. Era óbvio que ele não acreditava em uma palavra sequer do que o fidalgo tinha falado, mas gostou da mentira. Ele sorriu para mim, ou melhor, exibiu-me uma careta, com seus dentes enegrecidos. — Dispa-se, menino.

Mas nem mesmo Sir Godfrey ousou apresentar-me nu em uma encenação pública, em vez disso, então, encenei vestindo uma tanga sumária e com a pele coberta de cerusa, e o pênis empoado, de modo que, à luz das velas, meu corpo parecia cintilar. Sir Godfrey aumentou o preço da entrada para aquela peça, da qual fizemos mais de dezesseis apresentações, todas diante da casa lotada.

Eu fazia papéis masculinos porque tinha estatura, mas todos os coristas sob a tutela de Sir Godfrey eram obrigados a aprender a atuar como mocinhas. Fui Cíntia, a deusa da lua, em *Endimião*, flutuando pelo palco iluminado por velas, usando uma túnica de gaze prateada. Atuei bem. Eu sabia que tinha atuado bem. E queria atuar bem, porque atuar bem era um modo de escapar das surras de Sir Godfrey, ou das chibatadas desferidas por seus dois assistentes.

Fiquei ali durante três anos. Não de bom grado, mas não tinha para onde ir e, quando um menino fugia da Igreja de São Benet, era sempre devolvido pelos

constabulários, que eram pagos por Sir Godfrey. Só me atrevi a fugir aos dezessete anos, e Sir Godfrey ficou feliz em me ver indo embora. Aos dezessete anos, eu era velho demais para os propósitos dele. Voltei para meu irmão, que tinha me visto atuar em uma dúzia de papéis no salão de Sir Godfrey, e ele cedeu e permitiu que eu participasse de *Os dois cavalheiros de Verona*.

— Você está velho demais para ser aprendiz — disse ele. — Então acho que vai ser um homem assalariado. Ou menino assalariado. Mas não vai poder morar comigo. Tem uma viúva em Bishopsgate Street que aluga quartos baratos. O marido dela era um ótimo ator, coitado. Sentimos falta dele.

Assim escapei de Sir Godfrey, mas aprendi muito naqueles três anos.

Aprendi os gestos que expressavam raiva, tristeza, prazer e luxúria.

Aprendi a dançar a giga, a courante e a galharda.

Aprendi a lutar com espada, pois lutas de espadas eram frequentes no palco do salão da Igreja de São Benet.

Aprendi a falar com clareza, de modo que minha voz fina fosse ouvida pelos espectadores no fundo do salão, cujo valor do ingresso custava menos, e na galeria superior.

Aprendi a tocar alaúde, não muito bem, mas o suficiente para cantar uma canção no palco.

Aprendi a cantar.

Aprendi a disfarçar meu rosto para que os homens me olhassem com desejo.

Aprendi a furtar.

Aprendi que as varas de freixo empunhadas pelos dois assistentes que trabalhavam para Sir Godfrey doíam como picadas de serpentes e arrancavam sangue.

— No rosto, não! — ordenava Sir Godfrey. — No rosto, não! Nas nádegas, batam nas nádegas dele. Quero ver sangue!

Aprendi a mentir, para escapar das surras.

Aprendi a ser menina. Éramos obrigados a nos vestir como meninas e sair pelas ruas e, se um homem não tentasse nos beijar ou passar a mão embaixo da nossa saia, éramos reprovados no teste, e reprovação significava outra surra. Papoula sempre nos seguia. O nome verdadeiro dele era John Harding, mas fora apelidado de Papoula no passado. Ele era funcionário da Igreja de São Benet e braço direito de Sir Godfrey; um homenzarrão, forte como um boi e moroso de pensamento e fala, embora surpreendentemente polido. Corria o boato de que Papoula era bem-nascido, e talvez fosse verdade.

Aprendi que ser chamado à sacristia, a qualquer momento, sobretudo depois da oração da tarde, era virar brinquedo de Sir Godfrey. E às vezes um patrono rico, coberto de veludo e pérolas, perfume e cetim esperava lá.

— Vá, menino — dizia Sir Godfrey —, e quero ouvir elogios a você.

Ele ganhava dinheiro com aqueles encontros. Os patronos sempre nos recompensavam, mas éramos revistados assim que voltávamos à igreja, e tínhamos as moedas confiscadas.

— São para os pobres da paróquia — dizia Sir Godfrey, maliciosamente.

Às vezes, os tais patronos eram criaturas obesas, asquerosas, babonas e suadas, e nós ficávamos apavorados.

— Vá, menino, Papoula vai lhe buscar de manhã — dizia Sir Godfrey, e ouvia-se o tilintar de uma moeda enquanto éramos levados para ser educados.

Aprendi muita coisa. Da inocência de Stratford, que me entediava, meu irmão tinha me enviado ao prostíbulo da Igreja de São Benet, onde abri os olhos para o mundo. Hoje em dia, embora odeie Sir Godfrey mais do que qualquer criatura no mundo de Deus, sou grato pela educação que ele me deu. Sei cantar, dançar, falar, lutar, furtar, mentir e fingir. Sou um ator.

Papoula aguardava em frente ao teatro, feito um cão que aguarda pelo dono. Ele sorriu alegremente ao me ver.

— É o Mestre Richard!

— Olá, Papoula — respondi, com cautela.

Ele quebrou uma noz com uma das mãos.

— Você viu Sir Godfrey?

— Eu tive o prazer, sim.

— Pare com isso! — A ordem brusca foi dirigida a Sultão, o cachorro, que começara a rosar, mas agora se acalmara, reconhecendo que Papoula era uma fera bem mais formidável. — Cachorro obediente! — disse Papoula, então sorriu para mim. — Como vai o senhor, Mestre Richard?

— Muito bem. O que traz você aqui?

— Eles querem meninos — disse Papoula, com um gesto de cabeça em direção ao túnel de entrada, onde o aplicador de gesso recolhia a escada. Quebrou outra noz, entre um dos dedos e o polegar, e me ofereceu. Era um gigante, a cara achatada como uma pá e o nariz fraturado, dentes tortos, uma cicatriz na testa, outra na face. Tinha mãos enormes, pernas que mais pareciam troncos de árvores e o tórax da largura de um barril. Era puro músculo, vestido com lã barata e couro amarelo. — Meninos — repetiu ele.

— Eu pensava que a escola de coro tinha fechado — falei.

— Fechou, sim, fechou. — Papoula franziu o cenho, como se o fechamento da escola de coristas fosse uma lembrança penosa. Eu tinha ouvido falar que o telhado do salão desabara, as velhas vigas haviam apodrecido, e Sir Godfrey contara com a sorte de o salão estar vazio na hora do desabamento. — Mas Sir Godfrey ainda tem

meninos — prosseguiu Papoula —, sete meninos agora, o suficiente para formar um coro. Não é mais como nos velhos tempos, Mestre Richard. Mas temos os animais também!

— Vocês pretendem fazer espetáculos com animais aqui? — perguntei.

Ele voltou a franzir o cenho, como se não entendesse a pergunta, então assentiu.

— O Sr. deValle está contratando a gente para fazer espetáculos com animais. A gente tem cães, um urso e galos, mas os frangos não são tão procurados como os cães. Que saudade eu tenho daquelas peças antigas! Mas a gente tem os coristas, então podemos apresentar meninos e animais. — Ele se animou ao dizer aquilo. — Meninos e animais! — Ele riu, então quebrou mais uma noz. — A gente viu você!

— Vocês me viram?

— Naquela peça sobre Hester — disse ele. — Você atuou bem. O jeito como se encolheu todo quando o bastardo tentou estuprar você. Eu gostei.

— Mas ele me estuprou — falei.

— Eu gostei daquela parte — disse ele —, e você atuou bem. — Ele fez uma pausa, então sorriu. — Você continua sendo a garota mais bonita no palco, Richard.

— Eu estou velho demais.

— Não, não, não! Você está muito bonito. E a voz está boa.

— Minha voz mudou já faz tempo, Papoula.

— Eu gosto dela rouca e áspera. Mais uma noz?

— Não, obrigado.

— Já o seu irmão... ele só murmurava.

— Ele estava com dor de garganta no dia.

— E parecia tenso. Andava igual a um pato.

— Ele fez o papel do vilão — falei, na falta do que falar.

— Mas eu gostei de você — disse Papoula, afetuosamente. — Então você vai trabalhar aqui?

— Não — falei, com firmeza. Mesmo que me sentisse tentado pelo ouro exibido por deValle, eu teria recusado a oferta quando descobrisse que Sir Godfrey fazia parte do esquema. — Eu vim aqui só para dar uma olhada no lugar — falei, explicando-me. Os relógios das igrejas começaram a bater uma hora por toda a Londres. — Preciso ir, Papoula.

— O outro menino veio aqui também — continuou Papoula.

— Outro menino? — perguntei.

O som dos sinos aumentava à medida que mais igrejas marcavam a hora.

— Aquele que você beijou nos pés, aquele mesmo — disse ele, referindo-se ao momento em que Uashti humilhava-se aos pés de Hester. Quer dizer que Simon Willoughby tinha visitado o novo teatro? E lembrei-me do rapaz que o assediara no

palácio de Whitehall. O fidalgote alourado que estava comprando um teatro, contratando atores, mas não tinha peças. — É um menino bonito, aquele lá — acrescentou Papoula, sofregamente.

— Preciso ir — falei.

— Vá com Deus, então — disse Papoula, respeitosamente.

Desci a rua às pressas em direção ao rio e corri ao longo da margem até a escadaria do Paris Garden. Havia muitos cisnes em volta do cais, onde dois barqueiros aguardavam.

— Vai precisar de um barco, jovem senhor? — perguntou um.

Sacudi a cabeça. Vi que Silvia já velejara metade do rio. Estava de costas para mim, enquanto seu pai remava o bote em direção à escadaria de Blackfriars, e senti uma tristeza imensa. Não a alcancei por questão de minutos. Eu era motivo de risada na companhia de teatro do meu irmão. Estava sozinho, abandonado; era pobre e infeliz. Caminhei para o leste, no sentido da ponte, e embora devesse estar pensando em Simon Willoughby, uma canção ocupava minha mente em vez disso, uma canção de *Os dois cavalheiros de Verona*, a peça do meu irmão. Tinha sido meu primeiro papel numa peça com os Homens do Lorde Camerlengo, e agora, em retrospectiva, eu me perguntava se não teria sido um presságio. Eu fazia o papel de Julia, disfarçada de menino, e Henry Condell, encarnando o dono de uma taberna, cantava para mim.

*Quem é Silvia? Quem é ela,  
Que todos os amantes enaltecem?  
Pura, formosa e sábia donzela;  
Os céus à sua graça agradecem,  
Por ser admirada e bela.  
Será tão bondosa quanto formosa?  
Beleza com bondade é corriqueira.  
O amor recorre à sua visão honrosa,  
Para guiá-lo em sua cegueira;  
E sabe que a ajuda é valiosa.*

*Então, à Silvia cantemos,  
Que Silvia, pois, louvemos;  
Ela excede a vós, mortais,  
Que a triste terra habitais;  
A ela guirlandas levemos.*



## SEIS

Eu não queria rir.

Ainda estava magoado com o engodo que meu irmão armara para mim. No entanto, por mais que estivesse ressentido, surpreendi-me lendo as falas de Foles com um entusiasmo crescente. Não era para menos, pensei, que a esposa do Lorde Camerlengo elogiara a peça na corte, pois, quando chegamos à leitura das cenas finais, as gargalhadas eram tantas que ficou até difícil prosseguir.

O Duque Teseu e a noiva, Hipólita, queriam ser entretidos em sua noite de núpcias e, perversamente, escolheram uma peça a ser apresentada por um grupo de artesãos atenienses, os artífices, conforme meu irmão os denominava, sendo um deles Francis Foles. O Duque fora avisado de que a peça era ruim, na realidade, horrível, mas insistia em vê-la; então encenamos *Píramo e Tisbe*.

A falta de tempo nos obrigara a interromper a primeira leitura de *Sonho de uma noite de verão*, no casarão em Blackfriars, portanto concluímos a leitura dois dias mais tarde, sentados em banquetas desconfortáveis dispostas sobre o palco gelado do Theatre; enquanto líamos o texto, recordava-me da primeira peça escrita por meu irmão. Eu tinha dez anos à época, e ele, vinte, tendo se casado havia apenas dois anos e trabalhando como instrutor na escola de um vilarejo perto de Stratford. Sir Robert Throckmorton, um grande proprietário de terras nas redondezas de Coughton, queria o que ele chamava de “interlúdio” para comemorar as bodas da neta, e meu irmão atendeu ao pedido, escrevendo a peça. O interlúdio, na realidade uma peça curta, intitulava-se *Dido e Arcebas* e foi encenado por meu irmão, no papel do malvado Pigmalião, por um de seus pupilos, no papel de Dido, por um comerciante de lã egresso de Alcester, que fez o infeliz Arcebas, e por outra meia dúzia de habitantes locais, todos artesãos. Eles ensaiaram durante, pelo menos, três semanas, e, sendo Sir Robert extremamente mão-aberta, os habitantes dos vilarejos vizinhos foram convidados a assistir à apresentação.

A história, como sabia qualquer um que tivesse frequentado a escola, é uma tragédia em cujo desenlace Dido tira a própria vida, atirando-se às chamas. O que levou meu irmão a achar boa ideia apresentar uma peça sobre morte numa comemoração de casamento é um mistério, mas a tragédia, em vez de provocar lágrimas, foi recebida inicialmente com risadas nervosas, que se tornaram mais e mais intensas, até que as pessoas não conseguiam se controlar, e o público inteiro,

tanto a nobreza quanto a plebe, chorou de tanto rir. Sir Robert, longe de zangar-se diante do desastre, declarou ser aquele o melhor entretenimento que presenciara na vida, mas meu irmão ficou envergonhado. Certa vez, perguntei se ele havia guardado uma cópia da peça, e ele fez uma careta diante da pergunta, então murmurou que a peça tivera o mesmo destino de Dido: “Atirei-a às chamas.”

O interlúdio chegava ao fim com a morte ígnea da heroína. De início, meu irmão tinha pensado em utilizar braseiros de ferro cheios de toras incandescentes para reproduzir a cena da imolação, mas Sir Robert temera pela segurança de seu casarão, e assim, em vez dos braseiros, seis dos pupilos de meu irmão, nenhum com mais de dez anos, foram vestidos com túnicas, capuzes e luvas vermelhas. “Somos as flamas!”, um deles anunciava enquanto andavam em fileira e agachados pela beirada do tablado improvisado, em seguida levantavam-se lentamente, balançando-se e ondulando os braços acima da cabeça, e entoando diversas vezes: “Somos as flamas! Somos o fogo! Flamas e fogo, fogo e flamas!” Nesse ínterim, a heroína, trajando uma túnica branca grande demais para o corpinho do ator, contorcia-se nos estertores da morte e se esforçava para que suas palavras audazes fossem ouvidas acima das flamas cantantes. A exemplo do restante da companhia, os pupilos foram corajosos, prosseguindo com suas falas a despeito das gargalhadas que enchiam o salão, e todos, meninos e homens, foram ricamente recompensados com moedas por Sir Robert. Minha mãe riu, como todos os presentes, mas Anne, esposa de meu irmão, ficou furiosa e afirmou que seu marido envergonhara a família.

Na nova peça, contudo, escrita para a neta do Lorde Camerlengo, meu irmão havia transformado o lixo de *Dido e Arcebas* no ouro de *Píramo e Tisbe*. Eu tinha vaga lembrança da história de Píramo, que ouvira nas minhas aulas de latim em Stratford, e sabia que se tratava de uma malfadada dupla de enamorados cuja união era proibida pelos respectivos progenitores, mas que se encontravam secretamente, um de cada lado do muro que separava suas casas. O muro tinha um buraco através do qual os enamorados separados sussurravam ou, no nosso caso, gritavam suas declarações de infinito afeto.

Coube a mim o papel de Tisbe, contracenando com Will Kemp, no papel de Píramo, e fiquei apavorado, porque Will Kemp era um tirano. Para os que assistiam às peças e para as pessoas que o saudavam nas ruas, ele se mostrava um sujeito jovial, de coração aberto, pródigo em sorrisos e gracejos, mas, com a nossa trupe, longe de seus ardentes admiradores, costumava ser mal-humorado e cruel. Mas tinha talento, tanto talento que meu irmão escrevia papéis especialmente para ele, sabendo que o público pagava mais de uma vez para ver Will Kemp fazer suas palhaçadas, cantar e dar cambalhotas. Kemp se irritava sempre que a companhia encenava uma peça que carecesse de um papel cômico à altura de seu talento,

porque acreditava que a plateia fosse ao teatro para vê-lo, e não para ver Richard Burbage. Mas, em Nico Novelo, o tecelão, Kemp percebeu ter encontrado uma joia e, ao menos daquela vez, não resmungou nem bateu boca, mas atirou-se de corpo e alma no personagem. Quando chegamos ao desfecho da peça, quando os artesãos de Atenas, finalmente, apresentavam ao Duque o interlúdio intitulado *Píramo e Tisbe*, Kemp não conseguiu mais ficar sentado enquanto lia. Foi compelido a se levantar e andar. Levava consigo as páginas, lendo e já atuando.

*Oh, noite cruel! Noite negra, assim!*  
*Oh, noite que vem, quando não é dia.*  
*Oh, noite; oh, noite, ai de mim; ai de mim!*

Ele enunciou a fala farsesca com um tom de voz supostamente heroico, lamentando que a amada, Tisbe, não houvesse chegado ao muro, até que, por fim, ela surge. Levantei-me e atravessei o palco, com um andar afetado. Will Kemp puxou Richard Cowley do banco, o ator temporário que fazia o papel de Bicão, o latoeiro, e o posicionou no centro do tablado.

— Você é o muro — disse ele, pegando uma das mãos de Cowley e mandando que ele separasse os dedos. — O buraco no muro — explicou Kemp, então meneou a cabeça na minha direção. — Vá em frente, Dick.

— “Ó Muro” — gritei —, “muito ouviste meus lamentos, por teres separado Píramo e eu”. — Fiz uma voz ridiculamente fina. Já havia tirado o chapéu, para que meus cabelos longos ficassem à mostra, requebrei-me, dei passinhos miúdos e, tendo memorizado as falas, fiquei com as mãos livres e pude uni-las diante do peito. — “Meus lábios de cereja muito já beijaram teus seixos” — choraminguei, então inclinei-me e sapequei um beijo babado na mão de Cowley. A trupe inteira riu, só que agora não riam de mim, mas de Francis Foles, que de um modo grotesco fazia papel de mulher.

Kemp intensificou a cena, exagerando cada gesto, fazendo caretas extravagantes e acentuando a estupidez das palavras.

— “Vejo uma voz!” — exclamou ele, de olhos arregalados. — “Agora vou para o buraco” — e seguiu até o muro com passos pesados —, “para ver” — inclinou-se, elevando exageradamente o traseiro, e virou-se em direção à plateia, exibindo uma expressão de perplexidade — “e ouvir o rosto da minha Tisbe! Tisbe?”

Suspirei de alegria, voltei a unir as mãos junto ao peito, dei meia-volta, simulei um ar de recato e falei com uma voz ainda mais fina.

— “És meu amor; meu amor, acho eu!”

Kemp fez um bico e esfregou os lábios na mão de Cowley, então disse, com um tom de voz bestial, lascivo:

— “Beija-me pelo buraco deste infame muro!”

Corri até o “muro”, parei e beijei-lhe a mão.

— “Não beijo teus lábios” — choraminguei —, “mas o buraco do muro!”

Todos no palco riam. Will Kemp se empertigou.

— Teu buraco não seria melhor? — sugeriu ele a meu irmão.

— Meu buraco?

Kemp imitou minha voz de mulher.

— “Não beijo teu buraco” — disse ele —, “mas o buraco do muro!”

Outra vez a gargalhada foi geral.

— É melhor — concordou meu irmão —, mas talvez o Lorde Camerlengo não ache isso. E a esposa dele, com certeza, não acharia.

— Tem razão, Will, tem razão! — Ao menos daquela vez, Will Kemp não bateria boca. — Deixe como está — disse-me ele.

Pouco depois, Will Kemp, mais uma vez, concebeu uma pequena alteração no texto. Era na cena em que ele morria. Acreditando erroneamente que Tisbe estivesse morta, ele desferia contra si uma série de golpes de espada. A morte, é claro, fez com que todos nós ríssemos. Foram tantos golpes, tudo tão dramático, ele se contorcendo e tombando, e levantando-se e tombando de novo. As últimas palavras de Kemp como Píramo foram pronunciadas em meio a suspiros agonizantes:

— “Agora morro, morro, morro, morro...” — declamou ele, então fez uma pausa, decerto perdido na página. Franziu a testa, visivelmente incapaz de lembrar ou encontrar a fala seguinte. Ainda franzindo a testa, fitando a página em busca da fala, ele alongava a pausa, até que finalmente Isaiah Humble, o ponto, soprou:

— É só “morro”, Will.

— “Morro!” — berrou Will.

E todos rimos, conforme era a intenção dele. Até meu irmão, que costumava se irritar com as improvisações de Will Kemp, riu.

— Vamos fazer assim — disse meu irmão. — Obrigado, Will.

— Ah! — disse Will Kemp, radiante. — Como nós somos bons!

Os semblantes da trupe eram de contentamento. A peça nos cativara, sabíamos que seria um sucesso e já antecipávamos as gargalhadas da plateia, as rajadas de aplausos, o entusiasmo de novos espectadores ávidos por assistir à peça.

E, do outro lado do rio, em pleno inverno, homens planejavam roubá-la de nós.

No dia seguinte choveu. E no dia seguinte. E assim continuou, sem trégua, chovendo, inundando as ruas e cascadeando pelos telhados londrinos. E fazia frio,

também, tanto frio que no terceiro dia a chuva se misturou à neve, impelida por um violento vento setentrional. O Theatre se manteve fechado. Às vezes, atuávamos com mau tempo, embora costumássemos acelerar a peça quando começava a chover, mas não havia a menor chance de encenarmos algo naquela borrasca, então nenhuma bandeira foi içada na torre e nenhum clarim convocou espectadores a cruzar os Campos de Finsbury.

Eu queria ficar dentro de casa, descer até o quarto do Padre Lourenço e me aquecer diante do fogo, mas ainda maior era o desejo de rever Silvia, então inventei uma desculpa. Alan Rust, vendo que as nuvens anunciavam chuva, avisou que a trupe haveria de ensaiar as cenas finais em Blackfriars.

— Segunda-feira — disse ele — vamos começar com os cortesãos, ou seja, o Duque Teseu, Hipólita, os quatro enamorados e Filóstrato.

Os artífices, embora aparecessem na corte do Duque ao fim da peça, não foram convocados, mas, ainda assim, atravessei Londres embrulhado em um manto que ficou encharcado antes mesmo que eu chegasse a Moorgate.

— Você parece um rato afogado — saudou-me meu irmão —, e o que está fazendo aqui?

— Talvez a gente chegue à cena de Píramo e Tisbe — sugeri, sabendo muito bem que não chegaríamos.

— Não vamos chegar — disse ele, rispidamente —, e você só vai atrapalhar. Vá para casa.

— Daqui a pouco — falei.

Um fogo ardia na imensa lareira, e me agachei a seu lado, a fim de que o calor se infiltrasse pelas minhas roupas ensopadas. Meu irmão hesitou, como se fosse insistir para eu ir embora, mas Isaías Humble, fungando sem parar, queria que meu irmão decifrasse algumas palavras cuja grafia ele não conseguia entender, e fui deixado em paz.

O salão estava agitado. Os cortesãos encontravam-se ao fundo, embaixo da sacada envidraçada, e Alan Rust marcava as cenas de cada um, decidindo por onde entrariam e onde deveriam se posicionar. Três carpinteiros serravam e martelavam embaixo do mezanino dos músicos, construindo o tablado e instalando o biombo, enquanto Jean, nossa costureira, abria longos rolos de tecido sobre a mesa central.

— Venha aqui e me ajude, querido — chamou-me ela.

Jean estava empolgada. Nosso guarda-roupa era heterogêneo; alguns itens eram bonitos, a maioria estava esfarrapada, tudo bastante surrado, mas aparentemente Lady Anne Hunsdon havia determinado que os figurinos de *Sonho de uma noite de verão* deveriam ser distintos e ostensivos.

— Ela quer que pareça uma mascarada — disse-me Jean — e mandou uma mocinha bem habilidosa para me ajudar. Veja isso! — Ela desenrolou uma seda

prateada cintilante. — Só Deus sabe quanto custa uma coisa dessas. E isso! — Ela puxou um rolo de veludo azul-escuro que estava embaixo da pilha. — E isso! Ah, meu bom Deus! — Ela passou a mão sobre uma peça de cetim amarelo-claro, então puxou outra. — E tem veludo! Trinta xelins o metro, em Cheapside. E tule de seda! Só Deus sabe quanto se paga por tule de seda. Renda! Gaze! Tafetá! E isso, meu Deus! — Ela fez uma careta.

— O que é isso?

— É só fustão — disse ela —, verde bosta-de-ganso. Detesto essa cor, mas vai servir bem para o seu paletó. Você pode levar esses tecidos para mim?

— Eu quero um paletó de seda.

— Francis Foles não usa seda, bobinho. Estenda os braços.

Estendi os braços obedientemente.

— Aonde vamos?

— Até os aposentos de Lady Hunsdon — disse ela, enquanto empilhava os rolos de tecido nos meus braços —, e você não abra o bico sobre a peça.

— Não vou abrir.

— Sua Senhoria tem esperança de que a Rainha venha ao casamento, então tudo tem que ser do bom e do melhor — disse ela, seguindo à minha frente para abrir as portas. Ela esperou até chegarmos num grande saguão, então virou-se para mim e baixou o tom de voz. — Dizem que Sua Senhoria é meio-irmão da Rainha!

Eu sorri.

— Fofoca, Jean, fofoca.

— Não, falando sério, juro por Deus! A mãe dele era Maria Bolena, tia da Rainha. E Maria Bolena foi amante daquele roliço, Henrique VIII, antes de arrumarem um casamento para ela. Pobre moça. Você pode imaginar um balofo daqueles se metendo entre as suas pernas? Vamos por aqui... bico calado. — Ela se apressou, então parou e voltou-se para mim outra vez. — Mas talvez a Rainha não venha ao casamento. Ela não gosta da mãe do noivo.

— Como você sabe?

— Todo mundo sabe!

— Eu não.

— Lady Berkeley comprou um alaúde cravejado de pedras preciosas. E a Rainha queria porque queria comprar o tal alaúde, mas Lady Berkeley comprou primeiro e se recusou a dar o alaúde a ela, então agora elas não se falam mais. Se eu fosse Lady Berkeley, dava logo o alaúde para ela e acabava com essa história! É só um alaúde, não é? Eles todos soltam o mesmo som. Agora, quieto. Bico calado. — Ela me conduziu por um labirinto de corredores que nos levou a uma porta entreaberta, onde pediu que eu aguardasse, enquanto ela entrava no aposento. Vi quando ela fez uma reverência. — O Mestre Shakespeare pode entrar, milady?

— Ele está com os pés limpos? — indagou uma voz, provocando um coro de risadinhas.

— Na medida do possível, milady.

— Então podemos arriscar a presença dele.

Jean virou-se e abriu-me um sorriso largo.

— Vamos, Richard.

Precisei prestar atenção onde pisava porque havia rolos de tecido por todo lado. O aposento tinha as paredes forradas com painéis de madeira, era aquecido e decorado com tapeçarias. Seis mulheres me observaram quando entrei, o que me fez corar. Duas estavam sentadas em cadeiras de espaldar alto, e a elas dirigi uma reverência desengonçada. Uma era Elizabeth Carey, a noiva, e ao lado dela estava uma mulher mais velha, atraente, com cabelos louros idênticos aos de Elizabeth. A mulher mais velha tinha um olhar radiante e sagaz, e um sorriso que se alargou quando a reverenciei.

— É tão bom ver um homem sendo prestativo! — comentou ela.

As mulheres riram. Quatro eram criadas ou damas de companhia, todas sentadas em almofadas, e entre elas estava Silvia. Percebi que ela ergueu o olhar em minha direção, vi o sorriso em seu rosto e, com receio de enrubescer, desviei rapidamente a vista.

— O Sr. Shakespeare é ator, mamãe — disse Elizabeth Carey.

Ela vestia um traje azul-claro, o cetim da saia belissimamente bordado com linha prateada, formando um desenho de hera. Seus cabelos louros eram compridos, como convinha a uma moça solteira. A mãe, Lady Carey, vestia vermelho-vivo, com listras brancas, e parecia querer se divertir à minha custa.

— Seu irmão é o poeta? — perguntou ela, finalmente, depois de me inspecionar.

— É, sim, milady.

— Como você tem sorte.

— Pode colocar os rolos no chão, Richard — disse Jean, indicando um tapete turco ao centro do piso.

Um fogo intenso ardia na lareira detrás das duas cadeiras de espaldar alto. A chuva batia nas janelas com vidraça decorada em losangos, que davam para um pátio interno.

— Seu irmão é um homem inteligente — disse Lady Carey.

— É, sim, milady — falei, na falta do que dizer, então coloquei os rolos de tecido, meio sem jeito, sobre o tapete.

— Ele pode ser inteligente — disse Elizabeth Carey, com certa malícia —, mas não é bonito como você!

As moças todas riram, e eu, naturalmente, fiquei vermelho como um pimentão.

— Elizabeth! — Lady Carey a repreendeu, embora sem falar sério.

— Você sabe o caminho de volta ao salão? — perguntou-me Jean.

— Acho que sim.

Eu estava em dúvida porque o velho monastério era um labirinto de cômodos, corredores e antessalas.

— Você quer nos privar da companhia do Mestre Shakespeare? — perguntou Lady Carey. — Eu esperava que ele pudesse nos dizer algo sobre a peça. Sua avó já leu — disse ela, dirigindo-se à filha —, e afirma que a peça é extraordinária, mas a nós tal prazer foi negado.

— De fato, a nós foi negado, mamãe — disse Elizabeth Carey.

— E temos aqui o Mestre Shakespeare em pessoa — disse Lady Carey —, e eu ordeno, Mestre Shakespeare, que nos fale sobre a peça. — Ela me dirigiu um olhar imperioso. — Do que se trata?

— Eu... — Comecei a falar, então parei. — É bastante complicada, milady — falei, sem firmeza —, e só sei dos pequenos trechos de que faço parte.

— Os pequenos trechos! — Ela meio que sorriu, então franziu o cenho. — Para um ator, você é um péssimo mentiroso! Que personagem você faz?

Hesitei mais uma vez. Eu queria responder “um apaixonado”, para impressionar Silvia, mas pensei que tal resposta apenas suscitaria mais perguntas irrespondíveis e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Elizabeth Carey me provocou:

— Você é uma fada?

— Não, milady! — falei, com uma veemência um tanto exagerada.

— Mas há fadas na peça?

— Sim, milady — falei, sabendo que meu irmão já havia revelado tal fato a ela.

— Mas, se você não é uma fada — disse Lady Carey, fingindo-se confusa —, o que você é? Um ogro? Um demônio?

— Sou um remendador de foles, milady.

Os olhos dela se arregalaram. Era evidente que estava se divertindo.

— Um remendador de foles! Bem, suponho que seja um ofício bastante útil. Há muitos remendadores de foles na peça? — Eu não fazia ideia do que responder, então não disse nada. — Pelo jeito, descobrimos uma coisa, meninas — prosseguiu ela. — Tem um remendador de foles na peça! Confesso que estou curiosa. Você remenda foles no palco?

— Não, milady.

— Quer dizer que você é um remendador de foles que não remenda foles! Curioso! O que você faz, então?

— Eu atuo numa peça, milady — falei, e aquela, é claro, foi a resposta mais verdadeira que eu poderia ter-lhe dado.

Lady Carey suspirou.



— É um remendador de foles bastante teimoso. Silvia, mostre ao remendador de foles teimoso o caminho até o salão.

— Sim, milady.

— E se você der com algum fole quebrado, pode entregar a ele, para conserto. Mas primeiro venha até aqui, meu jovem. — Fui obedientemente à cadeira dela e fiz uma reverência. — Eu estava brincando com você — disse ela. — Mas estamos ansiosas pela peça dos senhores.

Dito isso, ela retirou da bolsa algumas moedas e me ofereceu.

— Milady... — Comecei a gaguejar um agradecimento.

— Pode ir — disse ela, com um sorriso.

Por sorte, Silvia era a criada que estava mais perto da porta e por isso foi designada a me conduzir. Fiz mais uma reverência diante de Lady Carey, afastei-me caminhando de costas, um tanto desajeitado, quase tropeçando nos rolos de tecido, e segui Silvia porta afora. Ela estava rindo.

— Remendador de foles? — disse ela, indo à frente e me puxando pela manga até que não pudessem mais nos escutar. — Lady Carey é boazinha.

— Ela é generosa — falei. Ela me dera quatro xelins. Remuneração equivalente a uma boa semana de trabalho!

— E adora poesia. Às vezes, ela lê poesia para a gente. Eu não entendo a metade, mas a gente tem que escutar. Ela está lendo uma agora sobre o cavaleiro da cruz vermelha e um dragão. É interessante. Mas, vou lhe dizer... como é comprida. — Ela riu. — E a filha dela é a mesma coisa, está sempre lendo poesia. E, é claro, as duas estão empolgadas com a peça. Todas nós estamos. Você foi ver o novo teatro? Como é?

— Grande.

— Isso eu já notei! — disse ela, com desdém. Ela caminhava bem devagar. — Eu adoraria ir ao teatro.

— Você nunca foi?

— Nunca.

— Eu levo você — falei, meio sem jeito.

— Se é que um dia vão me dar folga aqui. — Ela riu. — Preciso voltar logo, a gente está costurando os figurinos. — Ela continuava caminhando devagar. — Que dinheirão eles estão gastando! Bem, eles têm de sobra para gastar. — Ela parou antes de dobrar num corredor apainelado. — Acho que vou poder ver a peça aqui, não é?

— Espero que sim.

— E você vai vir aqui no Natal.

— Eu?

— Eles vão encenar uma peça no Natal. Você não sabia? Por isso toda essa correria no salão. Precisam acabar o trabalho de carpintaria. Então, eu vou ver duas peças!

— Vai mesmo — falei —, mas não é a mesma coisa que ver no teatro.

— Não?

— O teatro é mais barulhento.

— Eu gosto de lugares barulhentos — disse ela, sorrindo.

— Não se for um quebra-quebra — falei.

— Um quebra-quebra?

— Teve um quebra-quebra no ano passado — falei. — Um bando de aprendizes não gostou da peça e começou a tacar coisas no palco, e depois subiram no palco, e tivemos que usar pistolas e alabardas para fazer com que recuassem. Aconteceu também lá em Gray's Inn. A gente estava apresentando *Ricardo II* e a plateia queria *A comédia dos erros*.

— O que vocês fizeram?

— Apresentamos a comédia. Melhor isso que o crânio rachado!

Ela abriu um sorriso.

— Não queremos ver o Francis Foles de crânio rachado, hein? Cuidado! É escuro aqui embaixo.

A advertência foi porque ela havia nos conduzido a um corredor estreito, sem janelas. Percebi que estava sendo levado de volta ao salão por um caminho mais longo e mais tortuoso do que o utilizado por Jean, e agora, em um canto escuro onde dois corredores se cruzavam, ela parou e olhou para mim. Por um instante, ela não disse nada, apenas me olhou, e o momento se alongou constrangedoramente, então, criando coragem, inclinei-me e a beijei. Foi um impulso. Um impulso orquestrado por ela, é claro. Ela havia parado, sorrido e olhado para mim, aguardando, e eu fiz exatamente o que ela queria. Beijei-a, e ela aceitou meu beijo, e depois nenhum de nós soube o que dizer. Fiquei atordoadado.

Ela continuava sorrindo, continuava parada.

— “Quem é Silvia?” — perguntei. — “Quem é ela, que todos os amantes enaltecem?”

Ela me fitava, os olhos expressivos na penumbra.

— Você escreveu isso?

— Escrevi — falei.

— Você é engraçado. — Ela ficou na ponta dos pés e me beijou mais uma vez. — Preciso voltar, pode seguir por esse corredor.

— Vou ver você de novo? — falei, enquanto ela se afastava.

Ela acenou, sem se virar, e desapareceu. E eu estava apaixonado.

Ainda chovia. De volta ao salão, vi o granizo bater na sacada e ouvi o vento gemer na chaminé mais alta. Eu ainda estava atordoado, ainda tentava reviver a sensação do beijo de Silvia e, ao mesmo tempo, sentia-me decepcionado porque ela agora estava ocupada com a costura, e eu não poderia mais vê-la. Eu não tinha o que fazer no salão, mas não queria ir embora. Aproximei-me do fogo generoso, ainda tentando secar minhas roupas molhadas de chuva. Richard Burbage, Henry Condell, Alexander Cooke e Kit Saunders estavam sendo ensaiados por Alan Rust, enquanto os demais atores observavam. Alexander e Kit faziam os papéis femininos, os dois posicionados à frente do tablado imaginário, enquanto os dois homens observavam ao fundo. Kit era baixo para sua idade, ao passo que Alexander era alto, e meu irmão escrevera o texto de acordo com as respectivas estaturas.

— “Sua... sua anã!” — gritou Alexander.

Na primeira vez que lemos a cena, todos rimos da briga entre as duas jovens, mas o temporal parecia ter umedecido nosso estado de espírito, e agora ninguém parecia entusiasmado.

— Mais para a esquerda — disse Rust a Kit.

Uma lufada de vento lançou granizo na janela e fez tremular as chamas na lareira.

— “Quão baixa sou eu, seu varapau maquilado? Diz!” — gritou Kit, contracenando com Alexander. — “Quão baixa sou eu? Não sou tão baixa que não possam as minhas unhas chegar aos teus olhos!”

Kit atravessou o palco correndo, com os dedos formando garras, para unhar os olhos de Alexander.

— Grite enquanto estiver correndo — disse Alan a Kit. — Eu não quero silêncio! E não a deixe pegar você — acrescentou Alan, dirigindo-se a Alexander. — Deixe ela chegar perto, então saia correndo feito um louco. Vá se proteger atrás dos dois homens.

— E eu corro atrás dela mesmo assim? — perguntou Kit.

— Não, pare quando ela começar a correr. Vire-se e a encare, mas não avance contra ela enquanto estiver ao lado dos homens. Agora, vamos repetir a cena.

Richard Burbage, cansado ou entediado, pegou uma cadeira da mesa central e levou-a até o palco improvisado. Ali sentou-se. O palco de verdade estava sendo construído do outro lado do salão, preenchendo com sons de serras e martelos o enorme espaço. Alan Rust espiava o texto por cima do ombro de Isaiah Humble, quando, de repente, Isaiah espirrou.

— Ah, pelo amor de Deus, Isaiah! — Rust recuou diante do espirro.

— Desculpe — disse Isaiah, então espirrou novamente.

Rust agarrou as folhas e se afastou de Isaiah.

— Kit — chamou ele —, comece a partir de “Sua trapaceira! Flor podre, comida de vermes! Sua ladra do amor dos outros!”

— Me desculpem — disse Isaiah.

Ele parecia doente, mas quem não adoeceria naquele tempo miserável, frio e chuvoso?

Meu irmão aproximou-se da lareira.

— Amanhã vamos ensaiar Titânia e Oberon — disse ele —, e os artífices na sexta-feira. Você já decorou suas falas?

— Todas.

— Então não tem por que ficar aqui — disse ele, incisivamente. — Volte na sexta-feira.

— Vou esperar a chuva passar.

— Não vai passar. Não vai passar nunca. O céu está preto como o rabo de Satanás.

Ele se virou, vendo Kit gritar e correr de um lado ao outro do tablado.

— Mais rápido! — gritou Alan Rust. — Corra como se você quisesse matá-la. Vamos repetir.

— Você vai encenar uma peça aqui durante os festejos natalinos? — perguntei a meu irmão.

Eu teria preferido perguntar se ele e Francis Langley eram sócios em um bordel, mas sabia que tal pergunta seria recebida com total desprezo e não ensejaria qualquer resposta.

— Uma peça para a Noite de Reis? — disse ele, então fez careta, como se a ideia fosse importuna, mas dignou-se a responder. — Sua Senhoria quer uma peça, sim.

— Qual? — perguntei, demonstrando uma ansiedade um tanto exagerada, que o fez franzir a testa. Eu esperava, é claro, que fosse uma peça na qual eu tivesse um papel, qualquer coisa que me trouxesse de volta a Blackfriars e a Silvia.

— Pensei em *Trabalhos de amor perdidos* — disse meu irmão —, mas seria falta de tato.

— Falta de tato?

Isaiah Humble começou a tossir e não foi capaz de parar. Rust virou-se e fez careta para ele.

— Desculpe. — Isaiah conseguiu dizer.

— Deus nos livre da peste — disse meu irmão, em voz baixa.

— Estamos no inverno — falei. — A peste não ataca no inverno.

— Ela ataca quando bem quer — disse meu irmão, com rispidez. — E *Trabalhos de amor perdidos* seria falta de tato porque no fim da peça a princesa adia o casamento por um ano, e acho que Lady Carey não interpretaria isso como bom

presságio para o casamento da filha. Além disso, peças encenadas na época do Natal têm de ser curtas. A maioria da plateia vai estar bêbada ou com sono, ou as duas coisas, então tem que ser algo leve e breve.

— *Trabalhos de amor vencidos?* — sugeri.

— Encenamos essa para Sua Senhoria dois anos atrás — disse ele, fixando a vista no fogo, com o cenho franzido. — Talvez *A bela Em*? Nunca encenamos essa peça aqui.

— Achei que você não gostasse dessa peça.

— Foi escrita nas coxas — disse ele, com desprezo —, mas é curta, o povo parece gostar, e Sua Senhoria ainda não viu.

Eu tampouco tinha visto *A bela Em, filha do moleiro*.

— Será que tem um papel para mim? — perguntei, na expectativa de ter um motivo para vir à mansão durante as festas natalinas.

— Não — disse ele, sem hesitar.

Isaiah espirrou, tossiu e gemeu. Pegou um lenço, no qual enfiou o nariz e espirrou mais uma vez.

— Pelo amor de Deus! — resmungou Rust. — Some com essa sua tosse. Vai para casa. Vai se cuidar.

— Ou morre logo! — acrescentou Will Kemp.

— Me desculpem! — O pobre homem levantou-se, passou depressa pelos carpinteiros e saiu porta afora.

— Se você vai ficar aqui — disse meu irmão, de mau humor —, então seja o ponto até Isaiah voltar.

— Você vai me pagar?

— Pelo amor de Deus, eu pago! — disse ele, irritado. — A gente lhe paga. Agora, sente aí.

Consegui um trabalho. Em Blackfriars! Sentei no lugar de Isaiah, peguei as folhas com Alan Rust e disfarcei minha felicidade.

*Será tão bondosa quanto formosa?  
Beleza com bondade é corriqueira.  
O amor recorre à sua visão honrosa,  
Para guiá-lo em sua cegueira.*

Ladrões são enforcados. Qualquer cidade de tamanho razoável tem seu cadafalso, e Londres conta com vários, embora os únicos enforcamentos que presenciei tivessem ocorrido em Smithfield. Os condenados, com as mãos amarradas às costas, eram levados à morte numa carroça, a corda era enrolada no pescoço, e a carroça era então puxada, de modo que eles pendiam cerca de trinta

centímetros, se debatiam, paravam e ficavam balançando. Se tivessem amigos, e se os constabulários e o carrasco estivessem longe, a morte era acelerada, pois os amigos se penduravam em seus tornozelos, mas a multidão não gostava disso, preferindo ver as pernas “dançando” e a urina escorrendo pelos pés descalços. Os pés estavam quase sempre descalços; podiam ser ladrões, mas eram sempre pobres. “Ladrão rico”, meu irmão me disse, mais de uma vez, “não vai para o cadafalso. Ladrão rico mora em Gray’s Inn ou em Middle Temple e usa capa preta”.

Sir Godfrey gostava de nos levar para ver enforcamentos em Smithfield. Nos tempos em que muito a contragosto eu era aluno da escola de São Benet, costumávamos ser entre catorze e vinte pupilos, e caminhávamos em procissão, trajando nossas túnicas cinzas, e Sir Godfrey, magnífico em sua batina sacerdotal, abria caminho entre a multidão, tarefa bastante facilitada pela presença intimidadora de Papoula, que com um simples rosnado espantava todos em volta. “Vejam bem!”, Sir Godfrey nos pregava, quando chegávamos à frente da multidão horrorizada, “eis o destino dos malfeitores. Testemunhem o salário do pecado!”.

Quando a bexiga de um enforcado começava a esvaziar, ele nos empurrava para a frente. “Gatinhem sob mijo, meninos, gatinhem! Sejam batizados novamente!”

Ele acreditava, assim como outras pessoas, que ser batizado pela urina de um homem nos estertores da morte nos livraria de um destino semelhante.

No entanto, mesmo que o salário do pecado fosse a morte na forca, Sir Godfrey não tinha remorso quando nos levava a pecar. Para testar nossa habilidade de nos passar por meninas, ele insistia que desfilássemos por Cheapside ou alguma outra rua apinhada de gente e atraíssemos homens a nos seguirem. Se estivéssemos em Cheapside, desaparecíamos por Cooper’s Alley, uma ruela sombria até mesmo no dia mais radiante do verão. A ruela passava por baixo de umas casas construídas sobre estacas e depois virava abruptamente à direita, desembocando num pátio úmido e fedorento, onde Papoula e George Harrowby, um dos dois monitores da escola, estariam à nossa espera. O homem nos seguia, atraído por um sorriso e um aceno de dedinhos, e então se surpreendia, caindo nas garras assustadoras de Papoula. “O que o senhor está querendo com a minha irmãzinha?”, perguntava Papoula, rangendo os dentes.

O homem protestava, mas protestar quando se está espremido contra uma parede por dedos da grossura de uma linguiça apertando ao redor da garganta é inútil. Alguns homens tentavam sacar uma faca, ou até uma espada, mas George Harrowby ficava a postos, com seu punhal. “Quer sentir o gostinho do aço?”, perguntava ele, sorrindo com sua cara de rato e a ponta do punhal pressionada contra as costelas da vítima. Eles sempre pagavam.

“Você é um bom menino”, Papoula nos dizia. Às vezes, dava-nos uma moeda, quando Harrowby não estava olhando. “Esconda isso, menino, esconda logo.” Os

constabulários sabiam o que estávamos fazendo, mas Sir Godfrey era generoso com eles, que, então, nos ignoravam.

De início, sentia medo de andar pelas ruas de Londres vestido de menina, mas aprendi a gostar da situação. É diferente ser menina. Um homem caminha pelas ruas de Londres, e ninguém presta atenção, a menos que seja algum fidalgo com rendas, seda, cetim e espada; mas uma menina, mesmo que esteja vestida como uma pobre serviçal, é sempre observada. Eu percebia os olhares de avaliação, alguns descarados, outros furtivos, todavia constantes. Os homens nos chamavam: “Venha cá, docinho, eu tenho uma coisinha especial para você!” Eles riam e nos tocavam. Qualquer mocinha — exceto as bem-nascidas, que eram escoltadas por criados — era uma presa para qualquer homem. A minha estatura esfriava alguns, mas esquentava outros. “Vem abrir essas pernas para mim, menina!”, alguns diziam, e eu lhes dirigia um olhar provocador, um sorriso, e os guiava até a ruela onde Papoula e Harrowby espreitavam. E ajudava na hora de bater as carteiras desses homens. Virei ladrão.

Aprendi que dinheiro era o objetivo da vida, e queria ter dinheiro. Queria ter criadagem, roupas finas, respeito nas ruas e meu próprio cavalo. Queria entrar cavalgando em Stratford e cuspir em Thomas Butler e em sua esposa azeda, cuspir em todos aqueles que me mandavam trabalhar mais, trabalhar mais, trabalhar mais. Trabalhar mais para quê? Para ser carpinteiro? Sapateiro? Luveiro? Cavador de vala? Ser alguém que está sempre a se rebaixar? Sempre a fazer reverências, se humilhar e bajular? Então comecei a furtar e constatei que tinha talento para isso. Sir Godfrey me recompensava não me espancando. Eu tinha uma saia com uma abertura e um bolso fundo, e tornei-me perito em esconder ali pequenos objetos de valor. Um dos outros meninos, vestido como eu, distraía o dono do estabelecimento e os aprendizes, e eu enfiava uma xicrinha de prata ou uma pequena joia no bolso, qualquer coisa que Sir Godfrey pudesse vender. O segredo, aprendi, era permanecer no lugar depois de ter furtado o objeto, ser agradável, sorridente e sempre ir embora sem pressa. Aos dezesseis anos eu já era um exímio ladrão.

E ladrões são enforcados.

Aos dezessete anos tornei-me ator na trupe de meu irmão, atuando em pequenos papéis que gradualmente se tornaram mais relevantes e, embora como ator eu ganhasse um dinheiro honesto, o montante nunca era suficiente, então passei a roubar apenas ocasionalmente, não mais vestido de menina, mas agora um predador nas ruelas de Londres. Minhas vítimas eram bêbados indefesos ou talvez um camponês recém-chegado que se descuidasse de sua bagagem e, num dia glorioso, um nobre cuja bolsa continha dezesseis xelins. O nobre tinha ido ao Theatre e pago por uma das caríssimas banquetas situadas à beira do palco, e

trouxera consigo uma garrafa de vinho, embora já estivesse bastante embriagado quando se sentou. No fim da peça, a garrafa estava vazia e ele tinha caído no sono, encostado na parede do fundo do tablado. Depois que a plateia se retirou, ele acordou e, com a voz engrolada, pediu a dois de nós que o ajudássemos a chegar em casa. Ele não tinha criados, o que era incomum para um fidalgo, mas Simon Willoughby e eu o conduzimos pelos Campos de Finsbury até Moorgate, onde repentinamente ele nos pediu que o deixássemos na Spanish Lady, uma taberna que ficava logo à entrada da cidade. Acompanhamos o nobre até um assento, e ele remexeu uma bolsinha bordada e me deu uma moeda. “Vinho, menino, vá buscar um bom vinho para mim e um cachimbo com tabaco. Vá logo!”

Instantes depois, ele pegou no sono. Simon e eu trocamos um olhar, levei um dedo aos lábios e então, sorrateiramente, sem fazer barulho, peguei a bolsa dele. Saímos da Spanish Lady, cada um oito xelins mais ricos, e nunca mais vi o tal sujeito. Vendi a bolsinha, coisa fina, adornada com linha prateada e fivelas de prata, por mais um xelim.

Simon Willoughby, sendo mais jovem que eu, empolgou-se demais com o furto, e precisei repreendê-lo, para que se calasse quando estivéssemos de volta ao Theatre. Nunca mais roubei acompanhado dele, embora às vezes ele me olhasse com uma sobrancelha levantada, como se quisesse sugerir que devêssemos embarcar em outra aventura semelhante. Simon era aprendiz de John Heminges, e sua remuneração, por mais medíocre que fosse, destinava-se ao mestre, que poderia ou não partilhar com ele, ainda que Simon provavelmente pouco se importasse com isso. Ele era um menino bonito e, conforme meu irmão dizia, tinha lambuzado metade das camas de Whitehall com seus serviços. Dinheiro não lhe faltava, eu bem sabia. Era bom ator, um tanto ávido por elogios, mas confiável no tablado e muito querido pela plateia, embora naquela temporada natalina, enquanto ensaiávamos *Sonho de uma noite de verão*, estivesse se comportando de modo estranho.

Ele encarnava Titânia, a Rainha das Fadas, e era um dos papéis de destaque. Ela e Oberon, o Rei das Fadas, disputavam pela companhia de um menino órfão, de quem Titânia negava-se a abrir mão. Em represália, Oberon pregava uma peça em Titânia, vertendo sobre suas pálpebras o sumo de uma flor mágica que faria com que ela se apaixonasse perdidamente pela primeira criatura que visse ao despertar.

— “O que tua vista achar ao despertar” — entoava John Heminges, inclinándose sobre o corpo adormecido de Simon Willoughby —, “deves por teu amor considerar;

*Ama, pois, e padece por amar.*



*Seja lince, ou porco arrepiado,  
Seja gato, ou urso, ou leopardo,  
Aos teus olhos ele há de te parecer,  
Ao acordares, o mais amado ser —  
Acorda quando algo ruim possas  
ver.”*

E esse algo ruim era Will Kemp no papel de Nico Novelo, cuja cabeça havia sido, num passe de magia, transformada na cabeça de um asno.

— “Deus te abençoe, Novelo, Deus te abençoe!” — exclamava meu irmão, no papel de Pedro Madeira. — “Estás transformado!”

Nada fazia sentido, é claro! Era, conforme afirma Hipólita a respeito de *Píramo e Tisbe*, “a maior bobajada que já ouvi”. Mas, de algum jeito, a bobajada funcionava. Uma das maravilhas do teatro é que, não importa o que apresentamos à plateia, eles acreditam. “Eles querem acreditar”, explicou certa vez meu irmão. “Eles fazem a metade do nosso trabalho. Eles vêm ao teatro querendo se divertir, querendo se impressionar, se espantar, se assustar. E têm imaginação, e a imaginação deles faz reparos em nosso trabalho.”

Mas a imaginação dos convidados para as bodas teria de dar duro para fazer reparos no trabalho de Simon Willoughby, pois ele não conseguia se lembrar das falas, nem de onde as enunciar no palco. Simon se mostrava nervoso e muitas vezes a ponto de irromper em lágrimas, sobretudo quando Will Kemp se irritava com ele. Isso não era típico em Simon, que, a despeito de seus flertes e suas brincadeiras, se mostrava muito empenhado em aprender suas falas e orgulhoso de seu talento cênico. Como a maioria dos meninos, ele pretendia fazer carreira como ator, e sonhava um dia ser sócio, contudo, dia após dia, durante os ensaios no salão principal de Blackfriars, ele tropeçava e gaguejava o tempo todo.

Havia um momento em que Nico Novelo surgia no palco, logo após Puck ter-lhe transformado a cabeça humana em cabeça de asno. Nós, os artífices, todos fugíamos, apavorados, deixando-o sozinho, exceto pela presença de Titânia, adormecida ao fundo do tablado e fora de nossa vista. Nico Novelo, perplexo diante do pavor demonstrado pelos companheiros e sem saber que havia sido transformado em monstro, caminhava de um lado ao outro cantando:

*O melro é bem pretinho,  
Com bico alaranjado,  
Tordo canta fininho,  
Carriça pia afinado.*

— Desculpe, Will — interrompeu John Heminges, dirigindo-se a meu irmão. — “O melro”? “Bico alaranjado”? O bico do melro não é preto?

— Quem diabos vai se importar com isso? — explodiu Will Kemp.

— Quem tem bico alaranjado é a galinha... — começou a dizer John Heminges, então recuou, às pressas, fugindo da ira de Kemp.

— Ninguém se importa com a merda da cor do bico! — gritou Kemp. — Bico preto, bico azul, rabo verde, rabo vermelho, o rabo pode ser da cor que a gente bem quiser! Será que podemos prosseguir?

— Prossigam — disse Alan Rust, calmamente. — Cante só o último verso novamente.

Will rosnou o último verso, e Titânia acordou, viu a figura grotesca que cantava e disse:

— “Que anjo me desperta em meu leito?”

— “Leito florido” — corrigi Simon.

— Ah, merda — disse Simon.

— Repita — disse Alan Rust, pacientemente.

Simon enunciou a fala correta. Will Kemp continuou cantando, enquanto o séquito de fadas submissas a Titânia surgia no palco. Quatro das fadas falavam na cena e eram representadas por aprendizes, ao passo que as outras três eram meninos do coro da capela de Lorde Hunsdon, e os sete delicadamente formaram coro com Will Kemp:

*Pardal, tentilhão, cotovia,  
O cuco, de canto cinzento,  
Seu canto muito homem ouvia,  
Sem negar por um momento.*

Titânia estava agora totalmente desperta e contemplava de olhos arregalados o humano com cabeça de asno. Apaixonara-se à primeira vista, em consequência da poção mágica. Will concluiu sua fala e aguardou. E aguardou. Silêncio. Exceto pelos carpinteiros, que ainda trabalhavam no tablado. Uma serra chiava e um martelo batia.

— Titânia — falei baixinho —, sua fala.

— Me desculpem.

— “Suplico-te, gentil mortal, canta...” — soprei-lhe a fala.

— “Suplico-te, gentil mortal” — Simon apressou-se, interrompendo-me —, “canta de novo. Meu ouvido... meu ouvido...” — Ele hesitou novamente.

— “Enamorou-se”.

— “Enamorou-se de tua voz, também meu olho encantou-se com tua forma.”

Mais uma vez em silêncio, Simon parecia estar prestes a chorar.

— Pelo amor do bom Jesus! — disse Will Kemp, rangendo os dentes.

— Me desculpem.

— Quem vai querer saber da merda das suas desculpas? Decora as malditas falas, seu capado infeliz.

— Temos crianças aqui! — reclamou um dos servidores de Lorde Hunsdon, responsável pelos meninos.

— Entregue a folha a Simon — sugeriu meu irmão, calmamente.

Entreguei a folha a ele.

— Vamos começar por “sem negar por um momento” — disse Alan Rust.

E Simon, apesar de ter a folha na mão, voltou a titubear, o que provocou uma saraivada de palavrões ímpios e imundos por parte de Kemp.

— Eu não consigo ler — queixou-se Simon. — Aqui dentro está escuro demais.

Estava deveras escuro no salão, a única luz entrando pela sacada de vidro, através do qual se via o céu de Surrey repleto de nuvens inverniais e sombrias, sob as quais pairava um véu de fumaça. Quatro velas sobre a mesa me auxiliavam na leitura das falas, mas o local onde Simon, Will e as fadas ensaiavam estava bastante escuro.

— Richard — disse meu irmão, olhando para mim —, leia com Simon. Lá no banco da sacada.

Os outros atores se reuniram ao redor do fogo baixo que ardia na grande lareira, enquanto Simon e eu subíamos até a sacada. Li as falas de Nico Novelo, e Simon enunciou as dele. Lembrou-se de todas, exceto duas.

— Eu sei as falas — disse ele.

— Sabe, sim.

— Mas, na frente de Will, elas me escapam — disse ele, infeliz.

— Will pode ser intimidador — falei —, mas Novelo, não. Ele vai estar usando uma máscara de burro! — sugeri, mas ele já não me ouvia, em vez disso fitava o grande teatro que Francis Langley estava construindo na outra margem do rio. Os andaimes do lado externo já haviam sido desmontados, e o telhado, evidentemente concluído.

— Não é só Titânia — continuava Simon, infeliz. — Também tenho que decorar as falas de Em. E ela tem muitas!

*A bela Em, filha do moleiro* era a peça que a trupe apresentaria na Noite de Reis como parte dos festejos natalinos promovidos por Lorde Hunsdon em sua mansão. Eu vinha trabalhando nos ensaios, agradecido a Isaiah Humble, que continuava tossindo na casa dele, e senti-me aliviado por não estar no elenco da peça. Era um texto malfeito comparado a *Sonho de uma noite de verão*.

— Em é um bom papel — menti, no intuito de incentivar Simon. Ele não respondeu, sequer olhou para mim, em vez disso, seguiu fitando a outra margem do rio, onde a silhueta do novo teatro se desenhava contra o céu escuro. — É grande — falei, Simon apenas assentiu com a cabeça, e lembrei-me dele sendo espremido contra a parede do pátio do palácio por um jovem fidalgo de cabelos lustrosos. Observei-o. — Eu me pergunto — falei — que nome vão dar a esse teatro?

— Swan — disse ele, quase sem pensar, com o olhar ainda voltado para a outra beira do rio lento e acinzentado. A maré estava baixa, e finas placas de gelo reluziam nas margens lamacentas.

— Swan? — perguntei. — Como você sabe?

Ele olhou para mim, um tanto alarmado.

— Ouvi alguém dizer — respondeu ele, então ficou corado. — Talvez deem outro nome. Podemos voltar a ler, por favor?

— Swan?

— Vamos continuar do momento em que eu acordo — disse ele.

— Ouvi dizer que estão procurando atores — insisti.

— “Que anjo me desperta em meu leito florido?” — disse ele.

Os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

Eu li a próxima fala de Nico Novelo, Simon respondeu, e dessa vez lembrou todas as falas. Todas elas. Ele sorriu ao terminar.

— Está vendo? Eu sou bom, não sou?

— Você é bom — falei.

— Eu sabia que ia conseguir!

— Agora é só fazer a mesma coisa diante do Will — falei, e ele assentiu. Chamei meu irmão, que estava junto aos demais atores, perto da lareira. — Ele sabe as falas.

— Richard. — Simon agarrou a manga da minha camisa.

A satisfação por ter enunciado sem erro todas as falas havia desaparecido, substituída novamente por um olhar de pavor.

— O que foi?

— Desçam, então — disse meu irmão.

— A mansão tem alguma outra porta? — perguntou-me Simon, falando baixo.

Ele se aproximou de mim, e pude ver vestígios de rúbia vermelha em seus lábios.

— Tem o portão principal, em Saint Andrew’s Hill — respondi.

— Os guardas não vão me deixar sair. Preciso de outra porta.

— Os dois pombinhos vão vir? — resmungou Will Kemp.

— Tem alguém que eu não quero encontrar — sussurrou Simon.

— Eu não sei de outra porta — falei.

— Rapazes! — gritou Alan Rust, demonstrando impaciência.

— Ele está sabendo as falas — gritei, a fim de acalmar Alan.

E Simon sabia as falas. Titânia, a Rainha das Fadas, apaixonou-se por Nico Novelo, um tecelão com cabeça de asno, sem esquecer uma palavra sequer. E Titânia sabia que o novo teatro se chamaria Swan.

Lorde Hunsdon era generoso. Todos os dias, além de determinar que o salão fosse aquecido por um belo fogo, mandava a criadagem nos servir cerveja, pão e queijo. Às vezes ele ou o filho, George, vinham inspecionar o andamento do trabalho sendo feito por Peter Strete, nosso carpinteiro, que, com seus quatro auxiliares, havia terminado a construção do palco, um tablado instalado a um metro e meio do chão. Agora trabalhavam na parede falsa que isolava um espaço embaixo do mezanino dos músicos.

— Nós tínhamos pensado, milorde — disse meu irmão ao Lorde Camerlengo um dia depois de Simon Willoughby ter me perguntado se a mansão tinha outra porta —, em cobrir a parede e a frente do palco com tecido.

— Com tecido?

— E, em vez de portas, milorde, cobriríamos as três entradas com cortinas.

— Cobrir a parede com tecido? — perguntou Lorde Hunsdon. — Pensei que vocês fossem cobrir tudo com madeira.

— Podemos fazer isso, milorde, e pintar a madeira, como havíamos pensado, mas o cheiro da tinta não vai desaparecer antes do Natal.

— Ah... — disse Lorde Hunsdon. — Bem, não queremos um Natal malcheiroso, não é mesmo? Então, você quer que eu compre tecido?

— Algo simples, milorde, lã tingida, digamos?

— Quanto custa essa porcaria?

— Um rolo de roxo-escuro, milorde, custa seis tostões. Preferimos amarelo, que custa um tostão a mais.

— E quantos rolos?

— Trinta, milorde, pelo menos.

— Deus do Céu! Essa sua peça é muito cara!

— É gastar ou feder, milorde — disse meu irmão.

Lorde Hunsdon riu.

— Então vamos ter que gastar, hein? As mulheres querem essa peça, e o que mulher quer a gente tem que providenciar, hein? Fale com Harrison. Eu vou dizer a ele que mande trazer os rolos.

Walter Harrison, o intendente, devia estar doido para economizar o dinheiro do patrão, porque veio ao salão naquela tarde dizendo que tinha um pouco de tecido azul na casa e perguntou se o azul não poderia ser utilizado para esconder a

estrutura de madeira crua que sustentava o tablado. Pelo jeito, poderia, pois, uma hora mais tarde, dois serviçais trouxeram dois rolos e, a pedido, guardaram-nos embaixo do tablado. Para minha surpresa e satisfação, Silvia os acompanhava. Ela me dirigiu um sorrisinho discreto e fez uma reverência a meu irmão.

— Lady Hunsdon pergunta se podemos costurar rosas brancas e cruces vermelhas no tecido azul, senhor — disse ela.

Meu irmão fez que sim, um tanto absorto.

— Claro. Sim, claro. — Então franziu o cenho. — Cruces vermelhas?

— A insígnia da família Berkeley, senhor — disse Silvia.

— Ah, do noivo. Sim, claro.

— Vou providenciar, senhor — disse ela, fazendo outra reverência, e me dirigiu um sutil gesto com a cabeça enquanto subia os degraus improvisados que davam acesso ao novo tablado, então se foi.

— Preciso dar uma mijada — falei, embora ninguém prestasse a menor atenção.

Os sócios discutiam os detalhes cênicos do desfecho da peça. Meu irmão queria as fadas no mezanino, e Alan Rust dizia-se preocupado com a quantidade de velas necessárias para iluminar o local, e não perceberam que saí atrás de Silvia. Ela estava ao fundo do salão, no espaço escuro embaixo do mezanino dos músicos, local que utilizaríamos de camarim. Seu rosto estava pálido à sombra.

— Eu só queria ver você — disse ela.

— E eu, você.

Beijei-a, e ela me abraçou.

— A gente está muito ocupada com o Natal chegando — disse ela. — É costurar isso, costurar aquilo. Vai ficar melhor quando tudo isso acabar.

Abracei-a, então lembrei-me da pergunta feita por Simon.

— A mansão tem alguma outra porta? — perguntei. — Além do portão principal e da porta de acesso ao pátio do estábulo?

Ela se inclinou para trás e me encarou.

— Você está querendo entrar aqui às escondidas para me ver, Richard Shakespeare?

— Claro.

Ela riu.

— Tem uma porta que dá para a ruela do rio. Mas fica trancada à noite.

— Você pode me mostrar?

— Depressa — disse ela —, Lady Hunsdon está esperando por mim. — Vamos!

Ela me guiou por um corredor estreito, saindo pela passagem da área de serviço. Percorremos despensas cheias de lenha e outras estocadas com barris de cerveja. No fim do corredor, havia uma porta de madeira maciça, travada com uma enorme tranca de ferro.

— Pronto — disse ela. — A gente tem autorização para usar essa porta, mas Harrison sempre manda um criado antes de anoitecer para ver se ela está trancada.

— É melhor eu aparecer de dia, então — falei.

Ela deu uma risadinha nervosa, ficou na ponta do pé e me beijou, depois saiu correndo. Eu fiquei lá mais um tempinho, destravei e abri a porta, e constatei que dava acesso a uma ruela que, por sua vez, desembocava em Water Lane, de onde era possível descer até o rio.

O granizo se transformara em neve. Observei os flocos pesados se assentarem e derreterem no solo molhado e sujo da ruela, mas a neve caía sem parar e logo começaria a acumular. Raramente nevava antes do Natal. Em janeiro e fevereiro era bastante comum, mas antes do Natal? Senti um calafrio, fechei a porta maciça, passei a tranca e voltei ao salão.

— Está nevando bastante — falei.

— Deus nos ajude — resmungou Will Kemp.

— Podemos continuar? — indagou Alan Rust.

Estávamos agora ensaiando duas peças. *A bela Em* e *Sonho de uma noite de verão*. Já podíamos usar o tablado recém-construído e ensaiávamos à luz de lamparinas penduradas no mezanino dos músicos. Faltava uma semana para o Natal, e a mansão estava agitada, com criados estocando as despensas, pendurando presuntos e rolando barricas de vinho. Servos decoravam o salão com azevinho e hera, e uma imensa tora de lenha foi colocada defronte à lareira. A tora seria acesa no dia de Natal e esperava-se que ardesse ao longo de todos os doze dias das festas, senão traria má sorte à casa. A tora fora depositada perto do fogo, e os cupins, despertados pelo calor, saíam através da casca.

— Não vamos poder usar a mansão nos doze dias das festas — anunciou meu irmão —, exceto para ensaiar na manhã da apresentação da Noite de Reis. Decorem suas falas! — Ele encarou Simon Willoughby ao pronunciar essas três últimas palavras. — Os figurinos vão ficar aqui, e os textos também.

— Eu posso levar o meu texto? — perguntou Simon Willoughby.

Ele ainda estava nervoso, ainda tinha medo de Will Kemp, mas vinha se saindo bem nos ensaios, eu não precisara lhe soprar muitas falas.

— Você pode levar o texto de *A bela Em* — disse meu irmão —, mas não o de Titânia.

— Ah... — Simon parecia decepcionado.

— Você vai ter muito tempo para decorar as falas de Titânia até encenarmos a peça das bodas — consolou-o John Heminges. — Mas veja se decora bem o texto de Em.

— Alguém teve notícia de Isaiah? — perguntei.

— Está tossindo e escarrando sangue, foi a última coisa que ouvi falar dele — disse Will Kemp, com prazer diabólico. — Pode até ser que esteja morto e enterrado antes da Noite de Reis!

— Portanto, esteja aqui na Noite de Reis — disse-me meu irmão. Ele ergueu o olhar para a sacada, embora estivesse tão escuro lá fora que ele mal pôde enxergar alguma coisa. — É melhor irmos para casa antes que a neve aumente. Um Feliz Natal para os senhores, mestres.

Feliz Natal.

Fui para casa sozinho.



## SETE

Guilherme, o Conquistador, vê o retrato de uma princesa no escudo do Marquês de Lubeck, que está na Inglaterra para participar de uma justa. O rei se apaixona pela jovem cujo retrato fora pintado no escudo e, sendo informado de que se trata da Princesa Marianne, da Suécia, refém do Rei Zweno, da Dinamarca, atravessa o Mar do Norte a fim de cortejá-la.

A Princesa Marianne, porém, ama o Marquês de Lubeck, não se interessa pelo Rei da Inglaterra e, portanto, rejeita-lhe a corte, mas sua amiga, a Princesa Blanche, filha do Rei Zweno, da Dinamarca, apaixona-se pelo Conquistador. Infelizmente, o sentimento não é recíproco, então a Princesa Marianne e a Princesa Blanche arquitetam um plano. A Princesa Blanche se disfarça de Princesa Marianne, e o disfarce engana Guilherme, o Conquistador, que foge com a Princesa Blanche, pensando que se trata da Princesa Marianne.

— Jesus amado! — disse Alan Rust, na ocasião de um dos primeiros ensaios. — Quem escreveu essa porcaria?

— Eu é que não fui — resmungou meu irmão.

— Pelo sangue de Cristo! Onde a gente achou isso? Na sarjeta? Vamos correr com o texto. Não podemos deixar que a plateia tenha tempo para pensar.

Guilherme, o Conquistador, descobre a artimanha, mas felizmente descobre também que, na verdade, sempre estivera apaixonado pela Princesa Blanche, então se casa com ela, enquanto a Princesa Marianne casa-se com o Marquês de Lubeck. Nesse ínterim, em Manchester, Em, a bela filha de um humilde moleiro, está sendo cortejada por três homens, dois dos quais ela rejeita. Para tal, ela finge ser cega para o primeiro e surda para o segundo, mas, no fim das contas, o homem que ela quer desposar se mostra infiel, tendo jurado amor eterno a outra jovem. Em então se casa com Lorde Valingford, o pretendente que pensava que ela fosse cega e por quem ela, finalmente, se descobre apaixonada. E acontece que o pai de Em é, na verdade, Sir Thomas Goddard, um cavaleiro que fora exilado por Guilherme, o Conquistador, e que, em vez de sair do país, disfarçou-se de moleiro em Manchester, o que faz de Em uma nobre de nascimento e, portanto, esposa digna de Lorde Valingford. Guilherme, o Conquistador, papel interpretado por meu irmão, reconhece a injustiça do exílio de Sir Thomas e restitui seu devido título, e assim a peça termina.

— “E o que Em tem a dizer ao amável Valingford?” — perguntou Guilherme, o Conquistador.

Simon Willoughby ofereceu uma profunda reverência a meu irmão.

— “Em está à disposição de Sua Alteza!” — disse ele, então fez uma pausa, que se alongou, e do mezanino pude ver os olhos arregalados de Simon, em pânico porque as palavras seguintes haviam-lhe escapado à mente.

— “E quisera...” — soprei.

— “E quisera ser uma esposa digna para ele” — disse Willoughby, um tanto esganiçado e rápido demais.

— “Então, ei-la, Lorde Valingford” — disse meu irmão em tom grandiloquente, e pude detectar o alívio em sua voz, porque Simon Willoughby não tinha esquecido muitas falas e porque a peça chegava ao fim. — “Recebei a bela Em.”

*Ei-la, tomai-a e tornai-a vossa  
esposa.*

*Então, entremos, e aos preparativos,  
Para ver tais núpcias solenes  
celebradas.*

Saem. Rufar de tambores e toque de clarins. Aplauso.

Foi um aplauso meio-morto, um aplauso que só ganhou um pouco de vida quando Lady Hunsdon, esposa do Lorde Camerlengo, levantou-se e exclamou: “Uma performance esplêndida!” Então os demais convidados, querendo ser polidos com Lady Hunsdon, imitaram seu entusiasmo, enquanto os atores se alinhavam no palco e reverenciavam o salão. Foi uma reverência caprichada, mas também rápida, e então, com uma pressa que não denotasse uma fuga acanhada, os atores seguiram diretamente ao camarim.

— Jesus amado! — disse Phil. — Foi uma agonia.

Eu tinha ouvido a peça sentado no mezanino dos músicos, que não era o melhor local para me posicionar como ponto, mas, quando tentei ficar embaixo do tablado, ninguém me ouvia, a não ser que eu gritasse, portanto fiquei no mezanino, com Phil e seus músicos. Às vezes eu espiava por cima da balaustrada para ver o pessoal atuando lá embaixo. Meu irmão usava uma coroa que circundava uma calvície que gradualmente se espalhava em direção à testa, de modo que parecia que um barbeiro malévolo lhe tinha cortado os cabelos na forma de uma ampulheta. A exemplo dos demais atores, ele saltara algumas falas, acelerando a peça, porque o público havia-se mostrado impaciente. Muitos tinham bocejado e alguns dormiram do começo ao fim da peça, o que talvez fosse desculpável, pois haviam acabado de empanturrar-se em um lauto repasto, e o salão era aquecido por

um fogaréu digno das profundezas do inferno, no qual ainda ardiam os resquícios da imensa tora natalina e de cestos e mais cestos de lenha para espantar o frio invernal. Criados percorriam o salão servindo vinho quente aos integrantes da plateia que ainda estavam de pé. Vinho e calor, eis os inimigos dos atores. Fiquei observando Silvia, que, quando não estava empenhada em se esquivar das mãos de aristocratas enquanto servia vinho, olhava extasiada para o palco. Ela, ao menos, tinha adorado cada segundo de *A bela Em, a filha do moleiro de Manchester*, mas a maioria dos convidados conversou durante a apresentação, rindo de tudo, exceto da peça, e sentiu-se visivelmente tão aliviada quanto os atores quando a peça acabou.

Mas agora, a despeito do fracasso da peça, os convidados riam. E logo acordaram e ficaram atentos porque Will Kemp, que fizera o papel do moleiro, tinha voltado ao palco. Ele foi até a frente do tablado, ergueu as mãos e bradou, pedindo a atenção de todos.

— Meus senhores! Minhas senhoras! Cara nobreza! — O barulho no salão diminuiu e Kemp, depois de reverenciar a plateia, prometeu a todos algo novo e melhor. — Apresentaremos uma nova peça na ocasião das bodas. Algo que agradará a todos! E garanto que nela não haverá moleiros de Manchester nem conquistadores da Normandia. Será uma peça digna das núpcias de uma beldade. — Isso provocou risos seguidos de aplausos, e Sir George Carey, filho de Lorde Hunsdon, fez a filha se levantar e agradecer a aclamação. Obedientemente, Elizabeth pôs-se de pé, pálida, tímida e bela à luz das velas, e Will Kemp foi acometido de súbita inspiração. — Meus senhores! — gritou ele. — Minhas senhoras! Caros nobres! Peço a vossa atenção, pois tenho um poema em homenagem à noiva.

— Não. — Phil, responsável pelos músicos, gemeu. — Não, por favor, não. A canção do peido, não. Pelo amor de Deus, aquela não!

— “Alguém é capaz de adivinhar por que eu sofro?” — Will agora falava com uma voz de mulher, aguda e esganiçada.

— Graças a Deus — sussurrou Phil —, não é a canção do peido.

— “Alguma mulher já teve um caso como o meu?” — choramingou Will.

*Aos quinze anos comecei a sofrer,  
E ainda hoje sigo nessa linha  
Não posso, nem quero, dormir  
sozinha!  
Meus sonhos, então, vocês não me  
tomem,*

*Nada me falta, a não ser um bom  
homem!*

Todos aplaudiram. Elizabeth Carey riu, e Lorde Camerlengo berrou sua aprovação. Will Kemp fez uma grande reverência diante de Sua Senhoria, então ergueu as mãos para silenciar o recinto mais uma vez. Era óbvio que ele resolvera compensar a decepção que foi a peça fazendo agora o papel de Mestre da Desordem, figura encarregada de fazer farra e divertir os convidados na Noite de Reis.

— Só mais um poema — anunciou Will —, antes de todos sairmos nesta bela noite.

— Não — disse Phil, baixinho —, não faça isso. Will, não faça isso!

— “Era uma vez um jovem” — começou Will.

— Ah... meu Deus — gemeu Phil —, ele vai!

— “Que morava numa cidade” — continuou Will —, “e um marido feliz ele era,

*Porém, comia mais, em um só jantar,  
Do que vinte comiam em três...”*

Will se deteve, bruscamente, porque meu irmão e Alan Rust surgiram correndo no palco, pegaram-no pelo cotovelo e levaram-no de volta ao camarim. Phil, raciocinando rapidamente, virou-se para os músicos.

— A clarinada, de novo! Um, dois, um, dois, três!

Tambores e clarins voltaram a soar, velas gotejaram, a tora se desfez em cinzas e brasas, e os convidados gargalharam.

Os festejos natalinos chegaram ao fim.

Eu não aproveitei as festas.

Para mim, não houve repasto, a não ser os restos da ceia servida aos convidados de Lorde Hunsdon na Noite de Reis. Foi a primeira vez que comi carne de cisne fria, e o gosto era semelhante ao de carneiro duro e azedo. Teve marzipã, também, e eu comi demais, então fiquei enjoado. Formávamos um bando meio indolente, sentados às mesas em que os convidados tinham comido e cercados por velas gotejantes, grossas de tanta cera, e carcaças de cisnes e gansos. Lady Anne Hunsdon, avó da noiva, encontrou-nos assim. Todos nos levantamos quando ela chegou, oferecendo-lhe reverências desajeitadas, com as cadeiras pesadas arranhando as pedras do piso. Os serviçais que retiravam o que restara da ceia ajoelharam-se.

— Bem — disse Lady Hunsdon, bruscamente —, não foi o que eu esperava. Sentem-se.

— Sinto muito, milady. — Meu irmão permanecera de pé.

— Foi você quem escreveu?

— Não, milady.

— Foi o que pensei. Faltou espirituosidade. E você, jovem — ela encarou Simon Willoughby —, precisa decorar suas falas.

Simon Willoughby murmurou um assentimento. Seu rosto ainda exibia o lustro do pó de pérolas e da cerusa, mas não foi suficiente para esconder o rubor.

— A peça das bodas... — Meu irmão começou a dizer, com nervosismo.

— É melhor, eu sei, muito melhor — interrompeu Sua Senhoria —, mas quão melhor se for mal encenada? Muitos dos mesmos convidados estarão aqui. Talvez eles prefiram outra coisa. Malabaristas? Acrobatas?

Ninguém respondeu. Eu sabia que os sócios estavam pensando que, se não fôssemos mais requisitados para o casamento, eles não seriam pagos pela trabalhadora investida em *Sonho de uma noite de verão*. Silvia era uma das criadas que se ocupavam de levar os restos da ceia de Natal; trocou um olhar comigo e parecia nervosa.

— A música foi agradável — prosseguiu Lady Hunsdon.

— Que mulher gentil — murmurou Phil, sentado ao meu lado.

— Mais música! Mais dança! — disse Lady Hunsdon. — A Rainha gosta desse tipo de coisa.

— Sua Majestade virá ao casamento? — perguntou meu irmão, ainda de pé.

— Ela ainda não se dignou a nos dizer se virá ou não, mas, se vier, Mestre Shakespeare, vai querer algo alegre e espituroso. Nada vulgar ou grosseiro. — Ela olhou de soslaio especificamente para Will Kemp.

— Nós... — começou a dizer meu irmão.

— E — interrompeu-o Lady Hunsdon — ela vai querer que os atores saibam as falas! Todas as falas. Comam à vontade.

E retirou-se do salão.

Seguiu-se um momento de silêncio, então Will Kemp deu um sonoro arroteio.

— Isso quer dizer que ainda estamos empregados?

— Quer dizer que recomeçamos os ensaios amanhã — disse meu irmão.

Havia sobre a mesa uma faca de cabo de osso e cabeçote de prata com uma rosa gravada e, quando Lady Hunsdon chegou e atraiu a atenção de todos, consegui escorregar a faca para dentro da manga da minha camisa. A faca poderia ser vendida por um ou dois xelins, e eu precisava de todo e qualquer xelim que pudesse encontrar. Inverno rigoroso significava teatro vazio, e teatro vazio significava penúria.

Uma dúzia de nós dormiu aquela noite em um estábulo vazio nas dependências da mansão, porque já passara do horário de recolher e não poderíamos sair da cidade. Lembro que contemplei uma janela iluminada e me perguntei se Silvia estaria lá, mas não havia possibilidade de descobrir, porque as portas da mansão que davam acesso ao pátio do estábulo tinham sido trancadas. Esses foram os festejos natalinos de 1595.

Em Stratford, quando criança, eu esperava com ansiedade pelo Natal. Minha mãe assava tortas natalinas, um prato tradicional, misturando carne de carneiro desfiada, simbolizando os pastores, com treze frutas e especiarias, simbolizando Cristo e os doze apóstolos. Ela costumava preparar quatro ou cinco dessas tortas, cada qual grande o suficiente para alimentar uma dúzia de pessoas, e eu ajudava a transportar as tortas cruas até a casa de Hamnet Sadler, o padeiro de Sheep Street, aonde todos os nossos vizinhos levavam suas massas para serem assadas nos grandes fornos da padaria. Então, ao longo dos doze dias de festas, trocávamos visitas e comíamos as tortas. Tinha cantoria, dança e riso, e havia tigelas com cerveja quente, especiarias e maçã picada. Os piores dias do inverno ainda estavam por vir, quando os pastos ao redor da cidade ficariam espessos com a geada e o rio poderia congelar, e o sino da Igreja da Santíssima Trindade dobraria com frequência, anunciando mortes, mas durante doze dias havia o aquecimento e o aconchego das lareiras, havia comida, e também riso.

Minha mãe acreditava que, ao toque da meia-noite, na véspera do Natal, o gado em suas baias e os carneiros no pasto ajoelhavam-se para celebrar o nascimento de Jesus. Certa vez, escapuli para espiar o estábulo atrás da casa da Sra. Larkin.

— As vacas não se ajoelharam — falei à minha mãe na manhã do dia de Natal.

Ela riu.

— Menino tolo, é claro que não! Elas nunca ajoelham quando a gente está olhando.

Costumávamos enfeitar a casa com guirlandas de hera, acolhíamos os mascarados que andavam pela cidade com fantasias extravagantes, e nos esquecíamos dos iminentes dias sombrios. Mas em Londres, naquele inverno, meu Natal foi sombrio. A viúva Morrison assou tortas natalinas, mas fui proibido de saboreá-las.

— O senhor me deve aluguel, Mestre Shakespeare — disse-me ela na manhã de Natal.

— Eu sei, senhora.

Eu tinha pagado à viúva dois dos xelins que Lady Elizabeth tão generosamente me dera, mas não era suficiente.

— Um xelim e três tostões! Até a primeira segunda-feira depois do Dia de Reis, ou eu boto você na rua!

— Sim, senhora.

— Na rua, e na neve!

Na segunda-feira depois do Dia de Reis a neve já havia derretido, e eu ainda estava no sótão, suponho, porque Padre Lourenço tinha feito o pagamento do aluguel que eu devia.

— O senhor pagou, seu padre? — perguntei-lhe.

— Eu estou ficando surdo, Richard, surdo. Como foi o ensaio ontem?

— Foi mal, seu padre.

— O jovem Willoughby, de novo?

— Ele sabe as falas — falei, dando de ombros. — Bem, sabia todas antes do Natal. Mas agora? Assim que começa a contracenar com Will Kemp, esquece tudo de novo.

— Pobre menino.

Padre Lourenço, porém, era o único que se compadecia de Simon Willoughby, que, enquanto dezembro chegava ao fim e janeiro trazia mais granizo e um frio de rachar, continuava se debatendo com as falas de Titânia. Isaiah Humble voltou por alguns dias, mas logo recomeçou a tossir. Augustine Phillips e seu aprendiz seguiam doentes, e o estado de espírito da companhia piorou ainda mais quando meu irmão anunciou que havia terminado sua nova peça.

O anúncio era para ser recebido como boa notícia. Todos nós sabíamos que ele se entusiasmara com a história e que lamentara ser obrigado a interromper a escrita para se dedicar à peça das bodas, e ele estava radiante quando chegou ao salão certa manhã e depositou um grande maço de papéis sobre a mesa central.

— Eis a história, meus senhores — anunciou ele — de Romeu e Julieta.

— E quem diabos são eles? — inquiriu Will Kemp.

— Um par de amantes desditosos — disse meu irmão.

— Muito bom, Will, muito bom! — respondeu Richard Burbage, prontamente.

— Diga que vou fazer o Romeu — resmungou Will Kemp.

— Você... — Meu irmão ficou visivelmente perplexo diante do pedido, tanto quanto todos os demais, mas também era visível que Will Kemp não estava de brincadeira. — Romeu será Richard — disse meu irmão com firmeza, meneando a cabeça em direção a Richard Burbage. — E Julieta... — Ele parou abruptamente. Achei que estivesse prestes a designar Simon Willoughby para o papel, mas Simon se mostrara tão inepto nos últimos dias que meu irmão não ousou indicá-lo. — Se Christopher Beeston se recuperar, vai se sair muito bem no papel de Julieta.

— Mas eu pensei... — começou a dizer Simon Willoughby, quase às lágrimas.

— Christopher seria uma excelente escolha — disse Alan Rust, rispidamente. — Ele aprende as falas.

— Não somos nós, os sócios, que escolhemos o elenco das peças? — indagou Will Kemp.

— Julieta tem treze anos de idade — disse meu irmão, ignorando a pergunta —, então Romeu não pode ser muito mais velho. Dezesete? Dezoito, talvez? E ainda não tem barba.

Ele olhou para Richard Burbage, que usava uma barba castanha, bem aparada.

— Eu posso tirar a barba — disse Burbage.

Kemp resmungou cabisbaixo, reconhecendo a contragosto que a idade impedia que ele atuasse como Romeu, mas seu humor continuava beligerante.

— Então que papel eu vou fazer?

Meu irmão parecia um tanto aflito.

— Tem um criado chamado Peter.

— É um papel importante?

— Não é uma comédia — disse meu irmão, evasivamente.

— Quantas falas?

— Como eu disse, não é uma...

— Quantas falas?

— Tantas quantas eu escrevi — rosnou meu irmão.

— As pessoas não vêm ao teatro para ficar infelizes — disse Kemp, em tom impositivo. — Elas querem rir.

— Peter é um bom papel — disse meu irmão sem muita convicção, e aquilo deixou Will Kemp em péssimo humor o resto do dia, e todos nós sofriamos quando Will Kemp estava insatisfeito.

Naquelas tardes de inverno, costumávamos acabar cedo. Aqueles de nós que residiam fora dos portões da cidade tinham de estar do outro lado das muralhas antes do toque de recolher, e os que viviam dentro do perímetro da cidade precisavam estar em casa antes que escurecesse totalmente. Os constabulários raramente incomodavam quem desobedecesse a essas regras, mas ninguém gostava de andar à noite pelas ruas, a menos que acompanhado, e acompanhado por gente armada.

Acabamos cedo naquela tarde, na mesma tarde em que Will Kemp se queixou do papel de Peter. Os relógios das igrejas batiam quatro horas quando meu irmão guardou os textos dentro de um grande baú de madeira que ficava ao lado da imponente lareira do salão, só que, naquele dia, ele guardou duas peças no baú: *Sonho de uma noite de verão* e a peça nova.

— Ela já tem nome? — perguntou Alan Rust.

— *Romeu e Julieta*, eu acho.



— *Romeu, Julieta e Peter* — sugeriu Will Kemp, rispidamente.

— *Romeu e Julieta* — disse meu irmão, decidido —, com certeza. — Ele fechou e trancou o baú, então devolveu a chave ao esconderijo, na elevada cornija de madeira entalhada da lareira. — Vamos nos encontrar aqui amanhã — prosseguiu ele.

— Se conseguirmos chegar até aqui — disse John Heminges, melancólico. — Parece que vai nevar de novo.

— Apenas venham! — esbravejou meu irmão.

O ensaio daquele dia e a insatisfação de Will Kemp deixaram todos nós irritados. Reunimo-nos perto do fogo para vestir nossos mantos que ali tinham ficado para secar. Simon Willoughby foi o primeiro a ir embora.

— Preciso mijar — anunciou ele.

— Você precisa é decorar as suas falas — disse Will Kemp, rangendo os dentes.

— Vou esperar vocês no pátio — disse Simon, então atravessou o tablado às pressas e saiu pelo corredor de acesso à área de serviço.

— Amanhã de manhã — gritou meu irmão para os músicos no mezanino —, as mesmas pessoas, na mesma hora. Vamos começar de onde paramos hoje.

Sáímos todos juntos, ao crepúsculo do inverno em direção ao portão de Water Lane. Ninguém falou muito, ninguém quis falar, até entrarmos enfileirados no pátio do estábulo, onde Will Kemp praguejou:

— Tempo maldito!

O granizo caía com força.

— Isso vai virar neve antes do cair da noite — disse-me John Heminges —, e é melhor você se apressar se quiser sair da cidade antes de escurecer. — Ele franziu a testa, enquanto olhava em redor do pátio. — Cadê Simon?

— Ele foi dar uma mijada — disse Kemp. — Um dos poucos talentos que lhe restam.

— Simon! — chamou Heminges. — Simon! — Não houve resposta. Um serviçal que trabalhava no estábulo espiou por uma das portas, depois sumiu. — Simon! — Heminges voltou a chamar, mas não houve resposta. — Ele disse que ia esperar por nós aqui, não foi? — perguntou Heminges, em tom queixoso.

— Vai ver encontrou alguém — sugeriu Richard Burbage — e não quis que a gente soubesse na cama de quem ele vai dormir hoje.

— Eu dou liberdade demais a esse menino — disse Heminges. — Eu quase nunca sei aonde ele vai à noite.

— Ele nunca se atrasa para os ensaios — falei.

— De que adianta isso — resmungou Will Kemp — se ele não decora as falas?

John Heminges parecia aflito, porque qualquer crítica feita a um aprendiz repercutia negativamente no mestre.

— Ele costuma ser confiável — disse-me ele, deixando que os demais atores caminhassem à frente —, mas não entendo por que ele anda tão nervoso.

— O papel de Titânia é difícil.

— Ele já teve papéis mais difíceis. Bem mais. Moleque mimado! — Ele pronunciou as últimas duas palavras com raiva.

— Ele vai estar aqui amanhã — falei, tentando acalmá-lo.

Heminges fez careta. Ele era um dos sócios, é claro, e um homem bom, mas, naquela noite fria, estava aborrecido.

— Espero por ele ou não? — perguntou.

A expectativa de Heminges era que Simon o acompanhasse de volta à confortável casa onde morava, em Saint Mary Axe, com a jovem esposa e três filhos pequenos.

— Ele sabe o caminho de casa — sugeri.

— Espero que sim — disse Heminges, então sentiu um calafrio. — É melhor você se apressar.

Os portões da cidade fechavam à noite, que chegava cedo naqueles dias sombrios de inverno, e os guardas dos portões costumavam ser bastante grosseiros com quem perdesse a hora e ficasse impedido de entrar ou sair. Para chegar em casa, eu precisava alcançar o portão mais próximo, e depressa. Acompanhei os demais atores até Water Lane e olhei ladeira acima e abaixo, mas, se Simon Willoughby tinha seguido por ali, já desaparecera havia muito tempo. Talvez ele tivesse saído pelo portão que dava para River Alley, o qual eu lhe mostrara no dia anterior, e era evidente, ao menos para mim, que Simon estava se esquivando de alguém que ele não queria que vissemos. E decerto era alguém de uma trupe rival, do Teatro Swan, e lembrei-me daquele fidalgo levantando a saia de Simon no palácio.

— Nos vemos amanhã — falei a John Heminges.

— Vá com Deus — disse ele —, e se apresse!

Em breve, os sinos das igrejas tocariam anunciando a hora de recolher e avisando o fechamento de todos os portões da cidade, então saí pelo mais próximo, Ludgate, e segui ao lado da muralha, primeiramente no sentido norte, depois a leste, contornando a cidade. Eu estava com frio, molhado e infeliz. O toque de recolher soou assim que passei por Newgate e, quando cheguei a Smithfield, já estava encharcado e ainda teria de passar por Aldgate, Cripplegate e Moorgate. O granizo pareceu ficar mais pesado, impelido por um vento cortante e, pouco depois de escurecer, transformou-se numa neve fina que se acumulava no meu manto ensopado. Eu estava sozinho, mas nenhum salteador se aventuraria naquela noite congelante.

Não fui para casa. O sótão não tinha lareira, estaria frio qual gelo, e eu precisava de aquecimento. Padre Lourenço talvez não estivesse acordado e, se estivesse, quiçá estaria acompanhado por algum católico em busca de confissão. Duas portas abaixo da casa da viúva, porém, havia uma taberna pequena e barata, chamada Falcon, e a Falcon, por mais medíocre que fosse, mantinha um fogo aceso no inverno.

O lugar ficava aquém do nome imponente. A maioria das pessoas se referia ao estabelecimento como Galinha Fedida, porque o local ficava bastante próximo à vala de esgoto que corria ao longo dos Campos de Finsbury e fedia como uma fossa. A Galinha tinha uma sala onde os clientes bebiam, uma porta de acesso à Bishopsgate Street, outra que dava para uma ruela, e uma terceira que conduzia a uma sala malcheirosa onde o proprietário, Harold Seboso, fabricava sua cerveja. Uma escada bamba levava a um quarto no andar superior, onde Marie, uma velha viúva francesa, suplementava os módicos lucros da Falcon, ou seja, onde viajantes que não conseguissem alcançar Bishopsgate antes do toque de recolher podiam dormir em cobertas infestadas de pulga mediante o pagamento de um tostão. Não havia viajantes naquela noite. Irrompi pela porta da frente, tremendo de frio, resmungando, mais morto do que vivo, e deparei-me com o lugar quase vazio. Harold Seboso e a esposa Margaret estavam lá, com Marie e Dick, um velho mal-humorado que parecia morar na taberna. Ignorei a presença deles, porque, graças a Deus, havia fogo no borralho. Agachei-me ao lado das chamas, sentindo frio demais para falar alguma coisa.

— Cuidado para não pegar uma gripe e cair duro, Richard — disse Margaret. Era amável com todos, exceto com o próprio marido. — Tire esse manto molhado.

— Está nevando, hein? — perguntou Harold Seboso.

— O que você acha? — Margaret o censurou, então veio retirar o manto dos meus ombros. — Veja só! Completamente encharcado. Seu menino tolo!

— Estou com frio — consegui dizer.

— Tire toda essa roupa molhada. Vou buscar uma coberta para você. Sirva aí uma cerveja quente para ele, seu boçal.

— Se ele pagar — retrucou Harold.

— Eu pago — balbuciei, tiritando.

Eu tinha vendido a faca com cabecote de prata por um xelim e três tostões, um bom preço.

A noite era sempre o momento mais entediante do meu dia. As manhãs eram geralmente dedicadas aos ensaios, e as tardes, às apresentações, quando o tempo permitia, mas as noites, sobretudo as noites de inverno, eram um vazio. No verão sempre tinha gente nos Campos de Finsbury, alguns praticando arco e flecha, outros jogando bocha ou boliche, um grupo barulhento de aprendizes chutando

uma bola, e a maioria apenas relaxando ao sol poente, mas no inverno o frio cortava, e escurecia cedo, e o toque de recolher trancafiava a cidade. Eu detestava voltar àquele sótão frio, sozinho e solitário, e era frustrante ficar na Dolphin, ainda que a cerveja ali fosse melhor, porque as prostitutas da Dolphin eram bonitas, e eu raramente tinha dinheiro para custear aquele tipo de companhia. Nell tinha morrido, lamentavelmente, levada pela peste havia dois anos, mas Alice, a bela jovem com ar de elfa, natural de Huntingdonshire, ainda estava por lá e, às vezes, sentava-se ao meu lado, até que um cliente solicitasse seus préstimos. “Vamos rolar e rolar na relva”, ela costumava dizer quando um homem a chamava. “Hora de se divertir!”.

A Galinha Fedida era mais barata. Vendia uma cerveja aguada e a conversa era fútil, isso quando tinha conversa, mas tinha companhia, tinha aquecimento, tinha velas pelas quais alguém havia pagado e tinha Margaret, maternal e bondosa, sempre disposta a me paparicar. Ela pendurou minhas roupas em duas cadeiras próximas ao fogo e me trouxe uma caneca de cerveja à qual o marido acrescentara, a contragosto, um mísero pingo de *brandy*. Margaret havia esquentado no fogo um atizador de brasa, e o introduziu na caneca, a fim de aquecer a cerveja. O atizador chiou.

— Beba isso, Richard — disse ela.

— Esse *brandy* aí é dos bons — comentou Harold Seboso, do fundo do cômodo.  
— Não é porcaria barata.

— Não dê importância a ele — disse Margaret.

Salpicos de cinzas flutuavam na superfície da cerveja, mas estava quente, e eu bebi. Eu ainda tiritava, mas começava a me sentir vivo de novo.

— Vi seu irmão ontem — disse Dick.

Mantive-me calado, enquanto Margaret envolvia meus ombros em uma coberta.

— Ele costumava beber aqui — disse ela —, mas faz tempo que não aparece.

— Ele ficou careca — disse Dick. — Eu sei disso porque o chapéu dele saiu voando.

Todos levamos a sério tal notícia. Assim costumavam ser as conversas na Galinha Fedida, embora Margaret ficasse mais contente quando eu aparecia lá depois de uma visita ao palácio. Em tais ocasiões, a exemplo de sua amiga, a viúva Morrison, ela queria saber cada pormenor sobre o que a Rainha vestira, o que a Rainha dissera, e quem tinha sentado perto da Rainha. Na cabeça dela, de algum modo, eu era amigo íntimo de Elizabeth, pela graça de Deus, Rainha da Inglaterra, da Irlanda e da França.

— O chapéu dele saiu voando — repetiu Dick, receando que não tivéssemos ouvido a notícia —, e ele está careca.

— Ontem ventou muito — disse Margaret, incentivando a prosa.

— Ele não está completamente careca — prosseguiu Dick —, mas vai ficar logo, logo.

— *Votre frère est chauve, oui?* — perguntou Marie.

— Ele está careca — falei, deduzindo o significado da pergunta.

Mas continua sendo o irmão mais inteligente, aquele bastardo. Não, ele provavelmente não é bastardo, mas talvez eu seja, pois não tenho nada dos meus três irmãos.

— A senhora devia falar inglês — disse Harold Seboso, fazendo careta para Marie —, como uma cristã.

— Eu sei falar inglês — disse ela —, e sou cristã.

— A senhora é francesa — disse Harold. — Não é a mesma coisa, é?

— Você acha que Jesus não morreu pelos franceses também? — Margaret o desafiou.

— Se ele tinha o mínimo de bom-senso, não morreu, não.

— Fiquei surpreso — disse Dick. — O chapéu dele saiu voando, no meio da rua, e ele estava careca!

— Igual a tantos outros que eu conheço — acrescentou Margaret, olhando para o marido, que fechou a cara.

Harold Seboso era gordo como um porco e tinha uma cabeça que se assemelhava a um bumbum de neném: branca, careca e cheia de merda.

— Ele não está muito velho, está? — perguntou Dick.

— Está com trinta e um anos — falei.

— Isso não é velho, de jeito nenhum. Eu estou com quarenta e sete!

— Ele está no auge da vida — disse Margaret. — Prepare outra cerveja com *brandy*, Harold.

— Se ele pagar — respondeu Harold, cabisbaixo.

— Eu pago — falei.

— Careca! — exclamou Dick, tentando retomar a conversa que parecia ter se esgotado, visto que o recinto ficara em silêncio, a não ser pelo ruído do vento e dos estalos das toras de pinho no fogo. Dick era um dos homens pagos pela paróquia para limpar as ruas, e se considerava especialista em fogo, talvez porque trabalhasse na incineração de lixo, em Spital Field, e sempre advertia Harold acerca da queima de toras de pinho. “Vai pegar fogo na tua chaminé, e aí pode dar adeus à casa”, ele costumava dizer, mas Harold gostava de lenha barata, assim como gostava de aquecimento.

Margaret trouxe-me uma segunda caneca de cerveja com *brandy*.

— Eu sabia que tinha uma coisa para lhe contar — disse ela. — Os perseguidores estiveram aqui hoje, de novo.

— De novo, não! — falei.

— Hoje à tarde — disse ela. — Pobre Padre Lourenço... Eles deviam deixar o coitado em paz. Aquele velho não faz mal para ninguém.

— Ele é um maldito católico — disse o marido.

— É uma alma inofensiva — disse Margaret —, e tenho certeza de que ele ama a Rainha tanto quanto qualquer um de nós.

Eu duvidava disso, mas não disse nada.

— Eu amo a Rainha — disse Marie.

— Deus a abençoe — disse Dick, sabendo que, se falasse mal da Rainha, Margaret jamais permitiria que ele voltasse a beber na Galinha.

— Estiveram no Theatre também — disse Harold.

— A Rainha esteve lá? — perguntou Dick.

Todos o ignoraram. Virei-me para Harold.

— Os perseguidores? No Theatre?

— Eu os vi por lá. Vi os malditos cavalos deles no pátio.

Lorde Hunsdon prometera falar com os perseguidores e dissuadi-los de voltar a vasculhar o Theatre, mas, se Harold estivesse certo, eles tinham voltado, e o fizeram enquanto estávamos em Blackfriars.

— Você tem certeza? — perguntei.

— É claro que tenho certeza — disse Harold, deliciando-se com minha inquietação. — Eram cinco daqueles cretinos, logo antes do meio-dia, e foram da casa da viúva diretamente para o Theatre. Eu vi!

— Aqueles bobalhões — disse Margaret, com júbilo — não vão encontrar jesuíta nenhum no Theatre. Vocês não escondem jesuítas lá, não é, Richard?

— Nem mesmo unzinho — falei.

Mas guardávamos os roteiros das peças lá. Nossos preciosos textos.

Que alguém pretendia furtar.

Meu irmão me bateu na manhã seguinte. Sua força me surpreendeu, e o golpe doeu. Foi um tapa de mão aberta na minha cara, que fez meus ouvidos tinirem.

— Vá embora! — disse ele, rangendo os dentes. — Vá embora e nunca mais volte! Seu bronco imbecil! Seu monte de merda! — E voltou a bater em mim.

— Will! — disse John Heminges, e, depois, mais alto: — Will! Pare com isso!

Eu tinha chegado tarde em Blackfriars. O dia amanhecera claro e frio, e Londres estava coberta por alguns centímetros de uma neve que cintilava à luz do sol. Os sinos das igrejas diziam que eu precisava me apressar se quisesse chegar a Blackfriars a tempo, mas, em vez de seguir em direção a Bishopsgate, resolvi ir até o Theatre. Minhas botas trituravam a neve enquanto eu caminhava. Desci por uma ruela, passei por um bebedouro de cavalos cuja água congelara e entrei no pátio

externo do Theatre, onde percebi que a porta do camarim estava aberta e que o ferrolho que segurava a tranca tinha sido quebrado.

Subi os três degraus de acesso ao camarim. A neve havia entrado pela porta aberta e se acumulado no piso. Nada parecia ter sido levado. Mantos, gibões, vestidos, túnicas e camisas continuavam pendurados nos ganchos de sempre, e os grandes baús ainda estavam cheios de meias compridas, botas e saias. Subi a escada e abri as portas da galeria para permitir a entrada da clara luz matinal.

Os grandes tambores continuavam no mesmo lugar, ao lado dos castiçais, da harpa que precisava de cordas, das taças e travessas, e dos demais objetos de cena. À primeira vista, nada tinha sido tocado, mas então notei a porta de acesso ao depósito. A trava da porta tinha sido forçada, e vi lascas de madeira em volta da fechadura. Empurrei a porta. O interior estava escuro, mas pude ver as duas caixas em que armazenávamos o dinheiro dos espectadores sobre a mesa. Como não tínhamos deixado dinheiro nenhum nelas, as moedas não poderiam ter sido furtadas. Então vi o baú no cantinho ao fundo da saleta. Assim como a porta, o baú tinha sido arrombado, a trava, quebrada, e a tampa, escancarada. Atravessei a saleta e, com temor, olhei dentro do baú.

Vazio.

— Quem está aí? — Uma voz desconfiada gritou de dentro do camarim.

— Jeremias? — chamei. — Sou eu, Richard.

Jeremias, o soldado de um olho só cuja missão era guardar o Theatre, subiu a escada. Empunhava uma pistola.

— É só semente de cânhamo — falou ele, querendo dizer que a munição da arma provocaria no máximo uma ardência, e não a morte. Ele veio até o depósito, deteve-se à porta e fixou o olhar na tampa aberta do baú.

— Deus do Céu! — disse ele, horrorizado.

— Você vai precisar da ajuda Dele — falei, soturnamente.

Ele pôs a pistola sobre a mesa e, com cautela, aproximou-se do baú. Olhou o interior, como se tivesse esperança de que os itens desaparecidos ressurgissem milagrosamente. Então praguejou.

— Eles levaram tudo?

— Tudinho — falei.

— Todos os textos?

Ele estava com dificuldade de apreender a dimensão do desastre que se abatera sobre nós.

— Tudo — falei —, e os sócios não vão ficar contentes.

Isso era uma meia verdade. O baú continha todas as nossas peças, todos os papéis, todos os textos. Eu não tinha certeza se meu irmão havia guardado uma

cópia de *Sonho de uma noite de verão* ou da nova peça italiana no baú, mas todo o resto estava lá dentro.

— Você não estava aqui? — perguntei a Jeremias.

— Estava frio demais ontem — explicou. Ele costumava ser curto e grosso, mas a visão do baú arrombado tinha acabado com sua arrogância. — E estava nevando — prosseguiu ele —, e eu achei que nenhum cristão fosse andar por aí no meio daquela maldita nevasca, então fui para casa. Em casa eu tenho lareira, entende? Aqui não tem.

A voz dele falhou. Ele sabia que perderia o emprego em consequência do ocorrido.

— O Harold Seboso disse que foram os perseguidores — falei.

— Os perseguidores! — Ele parecia indignado. — O que aqueles cretinos querem com as peças?

— Só Deus sabe.

Ele pegou a pistola. Era uma arma alemã, cuja pólvora detonava pela ação de um cilindro giratório, o cano banhado de prata, e o cabeçote do cabo coberto pelo mesmo metal. Pertencia ao Theatre, uma das armas que utilizávamos para fazer barulho fora do palco durante cenas de batalha.

— Se foram os perseguidores — disse Jeremias, com esperteza —, então eu não poderia ter impedido que eles entrassem, não é?

— Não.

— Os malditos perseguidores podem fazer o que bem entendem. Isso aqui não ia servir para nada, não é? — Ele ergueu a pistola. — Eles teriam me matado!

— Teriam, sim.

— Então eu não tenho culpa! — Ele fez cara feia, buscando minha anuência, mas eu apenas dei de ombros. — E a gente faz o que agora? — perguntou ele.

— Você fica aqui — sugeri. — Eu preciso ir até Blackfriars, lá eu conto para os sócios. Eles vão mandar alguém até aqui para consertar as portas.

— Diga para eles que eu não tive culpa. Diga para eles que eu estava aqui — pediu ele. — Diga para eles que eu não tive como impedir a invasão. Eram perseguidores!

— Vou dizer para eles que você não conseguiu impedir os perseguidores — prometi.

— Diga para eles que eu estava aqui — repetiu ele. — Nem Jesus, Maria e José teriam impedido a invasão daqueles vagabundos. Eu não tive culpa!

Deixei-o ainda suplicando, então corri para Bishopsgate. A visita ao Theatre havia me atrasado, tanto quanto a neve nas ruas, que já se transformava em um lodo cinzento. Escorreguei no gelo, em Water Lane, batendo com o quadril no chão e esfolando a mão direita. Eu tiritava de frio. Os pedintes que costumavam se



amontoar do lado de fora dos casarões tinham desaparecido, abrigando-se Deus sabe onde. Notei que o Tâmisia estava parcialmente congelado, a correnteza fluindo cinzenta entre camadas de gelo. Os barqueiros tinham aberto um canal até a escadaria de Paris Garden, mas poucos barcos aguardavam passageiros. O guarda que ficava nos portões do pátio do estábulo da mansão do Lorde Camerlengo estava ausente, mas o encontrei vigiando a entrada lá de dentro, abrigado numa baia.

Minha expectativa era encontrar a trupe ensaiando, mas estavam reunidos ao redor do fogo, no salão. Travavam uma discussão acalorada, interrompendo uns aos outros, visivelmente irritados, mas, quando cheguei, calaram-se imediatamente e olharam para mim. Vi meia dúzia de rostos barbados, todos sisudos, todos me encarando, além dos meninos, um pouco afastados e com cara de medo. Eu sentia frio demais para detectar a animosidade. Queria apenas me aproximar do fogo e dar-lhes a notícia.

— Acabo de vir do Theatre — falei. — Os perseguidores estiveram lá ontem e levaram todos os textos. Todos! Eles...

— Eles não levaram nada! — interrompeu meu irmão.

— Eu estive lá hoje de manhã — insisti. — Eles foram lá ontem e arrombaram a porta do depósito.

Foi naquele momento que ele veio ao meu encontro e, sem qualquer aviso, bateu no meu rosto. Simon Willoughby, junto aos outros meninos, sobressaltou-se. Senti um alívio ao ver Simon. Qualquer que tenha sido a aventura que o levara a sair da mansão antes de nós na noite anterior, ela já havia encerrado.

— Eles não levaram nada! — repetiu meu irmão e golpeou-me novamente. — Mas você...

— Will! Não! — interveio John Heminges.

— Seu ladrão maldito! — Meu irmão cuspiu na minha cara. — Vá embora! Vá embora, e nunca mais volte! Vá! — Ele tentou me virar e me empurrar em direção à porta e, quando resisti, golpeou-me pela terceira vez. — Seu bronco imbecil! Seu monte de merda! — E bateu em mim de novo.

— Will! — falou John Heminges, ainda mais alto. — Will! Pare com isso!

Meu irmão recuou o braço para me golpear outra vez, mas consegui desferir meu golpe primeiro, atingindo-o no peito. Não foi um soco pesado, mas bastou para afastá-lo de mim.

— Will! — gritou John Heminges, agarrando o braço do meu irmão. — Will! Pare com isso! — Ele segurou meu irmão. — Não foi ele que levou os textos.

— Isso é o que você diz! — declarou meu irmão, rangendo os dentes.

— E o que eu digo não vale? — Heminges, geralmente um homem sereno, agora se mostrava zangado.

— Parem com isso! Parem com isso! — berrou Alan Rust, correndo em nossa direção.

— Não parem! — gritou Will Kemp. Ele sorria, divertindo-se com a cena. — Bata nesse desgraçado mais uma vez, Will! Bata nele com mais força! Soque o rostinho bonito dele! Eu quero ver sangue!

— Chega! — gritou Rust. Ele se enfiou entre mim e meu irmão, então me empurrou contra a mesa central. — O que você viu lá no Theatre? — inquireu ele.

Eu descrevi o que tinha visto, as portas arrombadas, e o baú aberto no depósito.

— O baú estava vazio — falei —, e todos os textos tinham sumido.

— Onde Jeremias estava? — indagou Henry Condell, zangado.

— Os caras eram perseguidores — falei. — Jeremias não conseguiu impedir que eles entrassem. Ele tinha uma pistola carregada com semente de cânhamo, mas, se usasse a pistola, é provável que estivesse morto agora.

Decidi mentir para defender Jeremias e não revelar que ele havia abandonado o Theatre antes da chegada dos perseguidores. Mas a verdade é que ele não poderia tê-los detido porque tinham em mãos um mandado real, e a presença ou ausência de Jeremias não teria feito a menor diferença.

— Nada mais foi levado? — indagou Rust.

— Nada que eu pudesse ver.

— Então eles não levaram nada — disse meu irmão, ainda com raiva.

— Eles levaram todos os... — comecei a dizer.

— Eu tirei os textos mais valiosos do Theatre — disse ele, rangendo os dentes —, só deixei lixo por lá. Eles pegaram o texto de *Os sete pecados capitais* e mais uma dúzia de porcarias.

— Você os tirou de lá? — perguntei, debilmente.

— Porque era óbvio que eles poderiam voltar — disse ele —, apesar da intervenção de Sua Senhoria. Alguém nos odeia, alguém está tentando nos destruir. Você!

Ele avançou contra mim outra vez, mas foi contido por Alan Rust.

— Os textos mais valiosos — explicou-me Rust — foram trazidos para cá. E estavam trancados — Ele fez um sinal com a cabeça, indicando o baú que estava ao lado da lareira. — Mas, ontem à noite, alguém furtou os roteiros de *Sonho de uma noite de verão* e *Romeu e Julieta*.

Fiquei scandalizado. Gaguejei por um instante, enquanto os rostos barbados me encaravam.

— Não fui eu! — protestei.

— Você visitou o novo teatro do Langley. — Meu irmão me acusou. — Você acha que eu não sei disso? Francis Langley é meu amigo!

— Porque você é sócio dos bordéis dele? — retorqui.

— É mesmo, Will? — perguntou Kemp, cheio de curiosidade.

— Isso é verdade? — Alan Rust ignorou Will Kemp e olhou para mim. — Você esteve no novo teatro do Langley?

Hesitei, por uma fração de segundo, então fiz que sim.

— Fui. Eu estava curioso. Eles me ofereceram ouro, e eu recusei. Eu disse não!

— Eles ofereceram ouro a você?

— Queriam o texto de *Sonho de uma noite de verão* — falei —, porque estão sem peças.

— Já não estão — disse meu irmão, amargurado.

— E como eu poderia ter furtado as duas peças ontem à noite? — indaguei. — Eu fui embora com vocês.

— Ele foi mesmo — disse John Heminges.

— E você disse que os textos estavam trancados aqui — falei a meu irmão —, mas você não levou a chave?

— O baú não é nosso. Os criados usam esse baú. Eu não posso levar a chave.

— Então qualquer pessoa poderia ter furtado os textos — falei. — Mas não fui eu.

— Será que algum residente da casa levou os textos emprestados? — sugeriu John Heminges, bastante tenso.

— Ninguém levou nada emprestado — disse meu irmão, rispidamente. — Já perguntei ao Harrison. — Harrison era o intendente de Sua Senhoria. — Ele falou que só ele sabe do esconderijo da chave. Foi um de nós, e as peças foram furtadas. E você pode, perfeitamente, ter voltado aqui ontem à noite.

— Naquela nevasca? De jeito nenhum!

— Mas você foi falar com Langley — acusou-me, amargamente.

— E você, por acaso, ainda não visitou o novo teatro? — perguntei-lhe e constatei, por sua expressão facial, que eu estava certo. — E quantos de vocês já não foram ver o que eles estão construindo?

Ninguém respondeu. Ninguém sequer trocava um olhar com quem quer que fosse.

— Eu fui lá, sim — admiti —, e falei com Langley e com um sujeito chamado de Valle, e ele me ofereceu dinheiro do Conde de Lechlade. Ele me ofereceu ouro! E disse que me pagaria um salário fixo se eu entrasse para a companhia. Langley estava lá. Com certeza ele contou a você o que aconteceu. — Fiz uma pausa, e meu irmão não respondeu, dando a entender que Langley de fato lhe informara. — E ele também deve ter-lhe contado — prossegui — que eu disse não. — Pronunciei as quatro últimas palavras devagar e com total clareza.

— O Conde de Lechlade? — perguntou Henry Condell.

— O dinheiro é dele — falei —, e o nome do novo teatro vai ser Swan.

— Não foi Richard — John Heminges ficou do meu lado. — Ele estava comigo quando fomos embora ontem à noite. Caminhei com ele quase até Ludgate, e faltavam poucos minutos para o toque de recolher.

Eles agora tinham se convencido, dava para ver, embora meu irmão, aborrecido e magoado, se recusasse a olhar-me nos olhos.

— Então quem foi? — perguntou ele, entristecido.

— Quem não foi embora com a gente ontem à noite? — perguntei.

Ouvi John Heminges reagir com um sobressalto. Ele se virou e olhou para a lareira, onde os meninos, todos assustados com a discussão, ainda se perfilavam. Também olhei, e troquei um olhar com Simon Willoughby. Ele me encarou e depois encarou seu mestre, e vi o pânico lhe subir à face. Era ator, mas, naquele instante, todo o seu talento o desertou. Ele deveria ter dissimulado, deveria ter feito o papel do inocente, mas, em vez disso, fugiu. Atravessou a sala correndo, pulou no tablado ainda em construção, escapuliu pelos fundos e desapareceu pelo corredor da copa.

— Simon! — Heminges o chamou, mas o aprendiz já se evadira.

Todos o seguimos, mas fomos demasiadamente lentos. Ainda havia gente subindo no tablado e se amontoando na porta dos fundos, enquanto Simon Willoughby já ia longe.

— Por aqui! — disparou Alan Rust pelo corredor da copa, em direção ao pátio do estábulo, mas eu sabia que Simon Willoughby utilizara o outro corredor, aquele que eu lhe mostrara e que dava acesso à ruela do rio. Ele se fora pela Londres invernal. E nossas duas novas peças foram com ele.

O ensaio daquela manhã foi desanimado, e não era de estranhar. Titânia tinha fugido, e Oberon, seu “mestre”, sentia-se traído e envergonhado. Pedro Madeira estava amargurado e raivoso. Nico Novelo não conseguia evitar suas piadinhas, o que acabou provocando em meu irmão, geralmente contido, outro acesso de fúria.

— Perdemos a peça, seu maldito! Perdemos o nosso dinheiro!

— Não tinha um papel à minha altura — resmungou Will Kemp —, então quem se importa?

— Nem toda peça tem um bobo.

— As peças que dão dinheiro têm. Quem acha que um casal de amantes italianos vale o peido de um cachorro?

— Mestres! — interveio Alan Rust. Ambos os Williams se calaram, contentando-se em se encarar furiosamente.

John Heminges, absorto e triste em consequência da traição de seu aprendiz, desabara em uma cadeira.

— Eu não sabia — disse ele, pela centésima vez.

— Nenhum de nós sabia — disse Rust, bruscamente.

— Ele é um traidor — disse John Heminges, amargurado —, mas não consigo entender por quê.

— Por dinheiro — disse meu irmão, emburrado.

— Ele ficou decepcionado — falei — porque não foi escolhido para fazer a Julieta.

— Você sabia disso? — Meu irmão se voltou contra mim, exaltado.

— Todos nós sabíamos — disse Will Kemp. — O desgraçado não fez questão de esconder, fez?

— Então agora ele pode fazer Julieta — disse meu irmão —, no maldito Teatro Swan!

— Ou pode fazer Titânia — disse Thomas Pope, o mais quieto dos sócios, em tom queixoso.

— Eles vão encenar *Romeu e Julieta* — disse meu irmão. — Eles sabem que estamos quase prontos para encenar *Sonho de uma noite de verão*. Eles querem uma peça que nunca foi encenada. Vai ser *Romeu e Julieta*, que se danem!

— A gente ainda pode encenar a mesma peça, não? — sugeriu Pope. — O Swan ainda vai levar semanas para ficar pronto. A gente pode encenar a peça antes deles!

— Só tinha uma cópia — disse meu irmão, com pesar.

— Merda — observou Richard Burbage.

— E a cópia se foi — disse meu irmão.

— Mas a gente pode conseguir os textos de volta — deixei escapar.

Por que falei aquilo? Um impulso, suponho. Estava com medo da ira de meu irmão e sabia que ele não gostava de mim, mas naquele momento senti pena dele. Eu sabia, todos nós sabíamos, o quanto ele se orgulhava da nova peça, o quanto ele se empolgara com a história dos dois enamorados na longínqua Verona. A expectativa dele era apresentar *Romeu e Julieta* em breve, quem sabe na corte ou, se o clima melhorasse, no Theatre.

— Conseguir os textos de volta? — arremedou-me meu irmão, cruelmente. — Como?

— Você disse que Francis Langley é seu amigo — sugeriu Rust.

— Amigo? — Meu irmão sacudiu os ombros, e parecia encabulado. — A gente tem negócios em comum, só isso.

— E o negócio do Francis Langley é bordel — disse Will Kemp, entusiasmado.

— E daí que seja?

— Você pode pedir ajuda a ele — disse John Heminges.

— Ele precisa daquelas peças mais do que da minha amizade — disse meu irmão. — Ele precisa das peças, precisa de dinheiro. Ele está endividado até o pescoço, por causa do Swan.

— É melhor fazer com que as putas trabalhem dobrado — disse Will Kemp.

— Ele vai negar que está de posse das peças — disse meu irmão, ignorando Kemp —, até chegar o dia da estreia de *Romeu e Julieta*. Portanto, não — ele se virou para mim —, não tem como a gente conseguir os textos de volta.

— Eles furtaram os textos — falei. — Então a gente pode furtar de volta.

Encaramo-nos.

— Você não é um ladrão tão bom assim — disse ele, finalmente.

— Sou melhor do que você pensa! — falei de forma impetuosa, desafiando-o, e meu tom truculento surpreendeu a todos. Surpreendeu a mim também, porque muita raiva tinha vertido junto àquelas seis palavras. Meu irmão deu um passo para trás, pensando que eu estava prestes a agredi-lo, e ninguém falou nada por algum tempo, até que Alan Rust rompeu o silêncio.

— “Senhor” — disse ele, citando a peça que deveríamos estar ensaiando —, “como são tolos esses mortais!”

— Vai para cima dele, garoto! — incentivou-me Will Kemp.

— Podemos retomar? — interveio Rust. — Temos um trabalho pela frente.

— Mas não temos o texto — disse Richard Burbage.

— Ainda temos os textos de cada parte de *Sonho de uma noite de verão* — disse meu irmão, pesaroso. — O infeliz não furtou aquelas páginas.

A primeira providência era substituir o infeliz. Os sócios se reuniram e vi quando olharam para mim uma ou duas vezes, mas limitei-me a encará-los, desafiando-os a me confiar o papel. Mas acabaram decidindo entregar Titânia a Bobby Gough, aprendiz de Thomas Pope. Bobby era um ano mais jovem do que Simon Willoughby, e a escolha me surpreendeu. Bobby era magricela, muito tímido, muito calado e propenso a irromper em lágrimas, se qualquer coisa saísse errada, ou se fosse repreendido. Vestido a caráter, com o rosto maquiado, ele exibía uma beleza delicada, mas Titânia, a meu ver, era tudo menos delicada. Era uma rainha intrépida, mais do que capaz de confrontar o instável Rei das Fadas, e Bobby, embora dotado de voz clara e boa, e mesmo já tendo feito alguns papéis importantes no Theatre, parecia se dar melhor representando mulheres mais meigas do que a atrevida Titânia. Ainda assim, foi selecionado, e meu irmão entregou-lhe as folhas referentes à Rainha das Fadas.

— Você pode ler as falas por enquanto — disse ele.

E um dia que tinha começado mal ficou pior. Estávamos ensaiando uma cena quase no fim da peça, em que Titânia, cercada de seu séquito de fadas, bajulava o monstruoso Novelo, com sua cabeça de asno. Na primeira vez que lemos a cena, interrompemos as falas a todo momento de tanto que ríamos, mas, naquele dia, foi só tristeza. Will Kemp, é claro, tinha decorado suas falas.

— “Preciso ir ao barbeiro, meu senhor” — declamou ele, esfregando a mão na face —, “pois tenho a impressão de que estou bem cabeludo na cara, e sou um asno tão delicado que, se a minha barba faz cócegas, eu tenho logo que me coçar.”

Bobby Gough, sentado junto a Will, olhava para o texto.

— “Como?” — leu ele. — “Queres ouvir”... — Ele parou, aproximando os olhos da página. — Aqui está escrito “doce”?

— “Doce” — confirmei.

— “Queres ouvir doce música?”

Will Kemp espreguiçou-se, refestelando-se nas almofadas que representavam o caramanchão da Rainha das Fadas.

— “Eu tenho um bom ouvido para música!” — disse ele. — “Ouçamos os pauzinhos e os chocalhos.”

Bobby segurava a página muito perto dos olhos. A iluminação era ruim, mas não inviabilizava a leitura.

— “Ou diz” — falou ele, hesitante —, “meu amado” — então parou e fez careta —, “o que” — mais uma longa pausa — “tu desejas”... — Ele olhou para mim. — Esta palavra aqui é...

— “Comer”! — berrou Will Kemp. — Pelas barbas de Cristo, menino, é “comer”! Não consegue ler merda nenhuma direito?

Bobby estava quase chorando.

— Eu sei ler, senhor.

— A visão dele não é das melhores — disse Thomas Pope, mestre de Bobby, um tanto nervoso. — Ele precisa aproximar o texto dos olhos, mas é aplicado!

— Que se dane a aplicação! — Kemp levantou-se, enfurecido.

— Bobby — Alan Rust pegou o menino pelo braço. — Vá até a janela. — Ele apontou para a sacada de vidro, onde a iluminação era melhor. — Comece logo a decorar suas falas.

— Sim, senhor.

Rust virou-se para mim.

— Richard? Fique aí no lugar dele, e leia as falas.

— Eu não preciso ensaiar essa cena — disse Will Kemp, mal-humorado. — Eu já decorei as malditas falas. Podemos ir adiante.

Fomos adiante. Infelizes.

Silvia e outra criada chegaram ao salão pouco antes do fim daquele ensaio. Começaram a costurar rosas brancas e cruces vermelhas no tecido que agora enfeitava a frente do tablado, e Silvia, de vez em quando, olhava para mim. Estávamos ensaiando uma das últimas cenas da peça, com George Bryan no papel de Duque Teseu, e Thomas Belte, o segundo aprendiz de John Heminges, fazendo

Hipólita. Ambos haviam decorado suas falas. Eu tinha voltado a operar na condição de ponto, trabalhando com os papéis copiados em folhas estanques e fora de ordem, mas felizmente todos os atores, à exceção de Bobby Gough, haviam memorizado suas falas. Olhei para Alan Rust.

— Preciso dar uma mijada.

— Pode ir — disse ele distraidamente, dispensando-me com um aceno de mão.

Subi no palco, atravessei a porta coberta de cortinas e entrei no camarim, e, como era de esperar, Silvia tinha me seguido. Ela me abraçou.

— Meu Deus! Você está quentinho! — disse ela, mantendo os braços em volta de mim. — Então, que gritaria foi aquela hoje de manhã? Lady Hunsdon pensou que vocês estivessem se matando.

— Foi quase isso.

— Conte os detalhes!

— Curiosa, você, hein?

Ela abriu um sorriso largo.

— Você está me escondendo algum segredo, Richard Shakespeare?

Então contei a ela. Contei que as preciosas páginas das últimas peças de meu irmão tinham sido furtadas do baú que ficava no salão e que o culpado era, muito provavelmente, Simon Willoughby.

— E eu sou um tolo — falei.

— Por quê?

— Prometi furtar tudo de volta.

— Você... o quê?

— Prometi furtar tudo de volta — falei e fiz uma pausa —, mas não sei para onde ele levou os textos.

Ela ergueu os olhos para mim. Seus braços ainda envolviam minha cintura, tanto por calor quanto por afeto.

— Então você não sabe aonde ir?

Sacudi a cabeça.

— Não.

— Então como você vai furtar tudo de volta?

— Os textos podem estar em qualquer lugar — falei.

— Qualquer lugar?

— Podem estar na casa do Conde de Lechlade — falei —, seja lá onde ele mora. Ou lá no novo teatro.

— O conde? Ele mora em Westminster — disse ela.

— Como você sabe disso?

— Eu não tenho certeza — disse ela —, mas as senhoras estavam falando do conde porque ele apareceu na corte usando pele de arminho!



— Isso é ruim?

— Deus e os anjos o guardem! Claro que é ruim! Só a Rainha pode usar arminho. É lei. E ele estava usando uns sapatinhos de salto alto. Ele é baixinho, sabe? Lady Hunsdon diz que ele é um frangote orgulhoso, mas foi mandado embora para se desfazer do arminho. Ela disse que ele devia morar perto, porque foi e voltou num instante. Foi e voltou ligeiro que nem um maldito coelho, ela disse.

— Frangote e coelho?

— Não deboche de mim, Sr. Foles! É claro que o coelho podia estar hospedado em alguma estalagem, alguns lordes do interior costumam fazer isso, mas teria de ser uma estalagem em Westminster, perto do palácio.

— Não estou debochando de você.

— Não está?

— Estou é beijando você — falei e o fiz, e ela pareceu ter gostado. — Ou, o que é mais provável — prossegui —, Simon levou as peças para o Teatro Swan.

— Para o Swan?

— O novo teatro.

— Só se ele caminhou até a ponte — disse ela, com desdém. — Ninguém atravessou o rio de barco ontem à noite. E só mesmo um maluco ia sair andando naquela nevasca.

— Eu saí.

— Bem, isso confirma o que eu disse. — Ela riu. — Mas se o gatuninho tem miolo, não ia caminhar para tão longe. Nem até Westminster, nem até o outro lado do rio. É longe demais. Ele levou os textos para algum lugar aqui por perto.

Algum lugar perto daqui. É claro! A nevasca não permitiria que Simon Willoughby fosse muito longe, e por isso ele só pode ter levado as peças furtadas a algum lugar em Blackfriars ou nas redondezas. Algum lugar seguro.

E eu sabia exatamente onde encontrar o gatuninho.

## TERCEIRA PARTE

### *COISAS FÚTEIS E VIS*

Coisas fúteis e vis, de pouca quantidade,  
O amor transforma, com muita dignidade.  
O amor não vê com os olhos, mas com a mente;  
Daí, pintam Cupido cego, comumente.

*Sonho de uma noite de verão*  
Ato 3, cena 2

## OITO

— Me fale um pouco sobre *Romeu e Julieta* — pedi a meu irmão. Eu caminhava ao seu lado. Ele pareceu se irritar quando, ao sair da mansão em Blackfriars, acertei meus passos com os dele, e vinha ignorando tudo que eu falava. Ele tinha parado diante da oficina de um vendedor de selas, a fim de examinar os produtos. — Convém ter o cavalo, antes de comprar a sela — falei, comentário que ele fingiu não ouvir. Em vez de responder, desceu por Cheapside, acelerando o passo, no intuito de se esquivar de mim, mas pude acompanhá-lo com facilidade. — Me fale um pouco sobre *Romeu e Julieta* — repeti.

— É uma peça de teatro — disse ele, acidamente, embora a raiva da perda fosse maior do que a irritação com a minha companhia —, que aquele maldito minguado furtou.

— Então agora vou furtar a peça de volta.

A afirmação fez com que eu ganhasse um olhar de escárnio.

— De onde? De quem?

— De quem estiver com ela — respondi, tranquilamente.

— E quem estiver com ela — disse ele, rangendo os dentes —, já terá feito uma cópia.

— Vai demorar uma semana, pelo menos, para copiar tudo — observei —, e o furto foi ontem à noite. Até agora pode ser que tenham copiado o quê? Uma página? Talvez duas.

Caminhamos um pouco mais, em silêncio. Meu irmão tinha baixado a aba do chapéu a fim de esconder o rosto e evitar ser reconhecido. As pessoas reconheciam atores quando andávamos pela cidade e costumavam nos parar, querendo nos dizer o que tinham achado de determinada peça, embora pouca gente fosse nos abordar naquela noite gelada. Alguns atores gostavam dos elogios, ao passo que outros se esquivavam. Simon Willoughby, evidentemente, jamais se cansava dos louvores e, assim como Will Kemp, pavoneava-se pelas ruas, atraindo a atenção do público. Meu irmão preferia se esconder. “O clamor dos tolos”, ele me disse certa vez, “não vale nada. Pode até ser gratificante, mas, em última instância, não significa nada.”

— Você não gosta de ser elogiado? — perguntei-lhe na ocasião.

— Se o elogio for feito por uma pessoa inteligente, eu gosto. Caso contrário, é latido de cachorro.

Agora ele mantinha o olhar baixo, não apenas para se esquivar de ser reconhecido, mas também para caminhar sem risco pelo esterco e pelo lamaçal congelados que pavimentavam Cheapside. De vez em quando ele erguia os olhos para avaliar o aspecto do céu, que, sempre carrancudo em consequência da fumaça londrina, agora se mostrava ameaçador, com nuvens escuras e arroxeadas.

— Vai nevar mais — disse ele.

— A gente deveria pernoitar na casa do Lorde Hunsdon — falei.

— Duvido que Sua Senhoria aprovaria tal ideia — observou ele, mordazmente.

— E, depois de *A bela Em*, é provável que ele tenha até se arrependido de ter-nos contratado. — Uma rajada de vento soprou a neve acumulada em cima de um telhado, e um punhado de flocos grudou em nossos mantos. — Você não precisa sair da cidade antes do toque de recolher? — perguntou ele.

— Preciso, sim — falei —, mas quero saber se vai ter um papel para mim em *Romeu e Julieta*.

Ele suspirou, como se eu o irritasse, o que, suponho, fosse mesmo o caso.

— Isso depende dos sócios, não de mim.

— Mas você é um dos sócios — falei —, e os outros escutam você. Então, vai ter um papel para mim?

Ele voltou a suspirar.

— Você pode fazer o papel de uma aia.

— Eu quero um papel de homem.

— Deixe-me ver — disse ele, com a voz transbordando de sarcasmo. — Richard faria Romeu, se ainda tivéssemos a peça, e Henry seria Mercúcio. Tem o pai da Julieta, mas você não tem idade suficiente para fazer tal papel. Mas vai ter muito criado se amontoando pelo palco. Que tal um deles?

— Eu quero um papel com falas — insisti, pacientemente.

— Teobaldo, talvez?

— O que ele faz?

— Pouco. Talvez vinte linhas de falas? Menos, eu acho. Mais ou menos a mesma quantidade de falas que Peter.

Senti um calafrio ao pensar na reação de Will Kemp quando soubesse que teria vinte linhas de falas ou até menos.

— O que eu quero saber — falei — é se você vai me dar um bom papel se eu recuperar as páginas furtadas.

Ele se deteve, diante da velha cruz de pedra que era o marco de Cheapside. A cruz costumava estar cercada de pedintes, que só fugiam quando algum pregador puritano ali se posicionava no intuito de exigir a destruição do símbolo católico, mas, naquele dia glacial, a cruz estava deserta. Meu irmão me olhou com a antipatia de sempre.

— Eu tenho três tênues esperanças de recuperar os manuscritos — disse ele. — Posso apelar a Francis Langley, o que não vai adiantar, mas posso tentar. Francis seria capaz de trair a própria mãe por um tostão. Por meio tostão! Eu posso pedir ao Lorde Hunsdon que use sua influência, mas Sua Senhoria não gosta de se meter em banalidades, e não vai gostar do pedido. Além disso, não existe prova de que eu escrevi as duas peças. A questão envolveria advogados, e Sua Senhoria sente franca antipatia por advogados. Ou posso me ajoelhar diante de Sir Edmund Tilney e implorar que ele censure e rejeite os textos.

— Ele faria isso?

— Claro que não. E, mesmo se fizesse, isso não os impediria de encenar as peças em residências particulares.

Sir Edmund Tilney era o Mestre de Cerimônias, e fora indicado por Lorde Hunsdon, ou seja, o Lorde Camerlengo. Sir Edmund convocava atores para atuar diante da Rainha, mas também era encarregado de garantir que nenhuma peça apresentasse conteúdo subversivo ou herético. Todo texto dramático, fosse para ser encenado na corte, em um teatro, ou por uma companhia em turnê pelo interior do país, precisava ser submetido a Sir Edmund, e nenhuma peça poderia ser encenada na Inglaterra ou no País de Gales antes que ele assinasse e marcasse com seu selo a primeira página do manuscrito. Diversas vezes eu tinha levado manuscritos a Sir Edmund, e o considerava um homem afável, sempre interessado em bisbilhotar a vida dos atores.

— Aceite uma maçã — disse-me ele, certa vez. — É do meu pomar. Como vai indo o tornozelo do Will?

— Bem melhor, Sir Edmund.

Will Kemp havia torcido o tornozelo durante uma apresentação de *Os sete pecados capitais*.

— Aquele ali é um sujeito levado! — dissera Sir Edmund. — Aquelas gigas dele, hein? Você sabe o que o pilantra faz? Ele improvisa falas. Inventa falas enquanto atua — dissera ele, rindo. — Pela lei, eu deveria mandar prendê-lo em Marshalsea, mas ele é engraçado. Admito que ele é engraçado! Então, o que você nos traz hoje?

— Outra giga, Sir Edmund.

— Picante, não é? Deixe-me ver!

Sir Edmund, um homem decente, tinha poderes para rejeitar a licença se o Teatro Swan submetesse *Romeu e Julieta* e *Sonho de uma noite de verão* à sua aprovação. Disso resultaria que os atores do Conde de Lechlade não poderiam apresentar as peças em público, mas meu irmão estava certo quando dizia que Sir Edmund não gostaria de se envolver em desavenças de advogados, e muito menos

Lorde Hunsdon. Desde que as peças não insultassem a Rainha e não defendessem heresias papistas, Sir Edmund provavelmente as assinaria.

— Existe uma quarta esperança — falei.

— Qual seria? — perguntou meu irmão. — Que os duendes da floresta resgatem as peças?

— Que eu consiga furtar as peças de volta.

Ele debochou do que eu disse.

— Eu faço mais fê nos duendes do que em você.

— E se eu recuperar as peças — falei —, vou querer um papel masculino em *Romeu e Julieta*. Um papel de peso.

— Se você resgatar as peças — disse ele, cáustico —, pode fazer o próprio Romeu. — Ele deu uma risada sem graça ao dizer isso, então retomou a caminhada. — Creio que o seu caminho seja por ali — disse ele, apontando para Wood Street.

— Vou chegar tarde no ensaio de amanhã — gritei enquanto ele se afastava.

— Se quiser continuar empregado, é melhor não se atrasar — resmungou ele, sem se virar. — Vamos ensaiar a peça inteira amanhã. Precisamos de você, portanto esteja lá.

— Talvez eu chegue bem atrasado — prossegui —, porque vou pegar a sua *Romeu e Julieta*.

Tais palavras o detiveram. Ele parou, virou-se e olhou para mim enquanto os primeiros flocos de neve caíam das nuvens escuras.

— Você é um tolo miserável — disse ele, embora não com agressividade, então virou-se e saiu andando novamente.

Mas ele não me proibiu de tentar. Então eu chegaria atrasado ao ensaio do dia seguinte.

— Eu sei por que Simon furtou as peças — falei naquela noite.

— Por quê? — disse Padre Lourenço, embrulhado nas cobertas e sentado perto do fogo que eu alimentara com lenha.

— Ele ficou zangado porque não ganhou o papel de Julieta.

— Então ele ficou com inveja? Pobre menino. A inveja é algo tão destrutivo!

— E o que ele ganhou foi ouro — acrescentei.

— Ele padeceu de cobiça, também?

Eu contive um sorriso.

— E o senhor pode acrescentar luxúria, seu padre.

— Deus do Céu! Inveja, cobiça e luxúria! Ele precisa de absolvição. Por quem ele sente luxúria?

— Eu vi Simon com o Conde de Lechlade. Eles estavam se beijando.

— Esse tipo de luxúria? Meu Deus!

— Isso é pecado, não é, seu padre?

— É o que consta, Richard, é o que consta. — Ele estendeu as mãos magras em direção ao fogo. — Mas você fez um fogaréu! Tomara que a chaminé não incendeie.

A neve caía lentamente. Eu via flocos espessos pela pequena janela do quarto do Padre Lourenço. Ao alvorecer, pensei, a geada formaria desenhos na superfície do vidro, e o frio seria de rachar.

— Tem uma coisa que não entendo — falei.

— E o que seria?

— Por que os perseguidores voltaram ao Theatre. Eles só levaram os textos das peças. Será que trabalham para o conde também?

— É improvável.

— É mesmo?

— A reputação do conde não é boa. A exemplo do nosso precioso Salvador, ele se associa a taberneiros e pecadores.

— E os perseguidores não são pecadores?

— Ah, são, sim, Richard, mas de um tipo diferente. Todos somos pecadores. Todos estamos aquém da graça de Deus, mas os perseguidores são os mais perigosos dos pecadores.

Aguardei a explicação, mas ele ficou contemplando o fogo.

— Perigosos? — instiguei-o.

— Eles acreditam que estão fazendo o bem, Richard. Quando os homens fazem o mal e afirmam que estão fazendo o trabalho de Deus, tornam-se extremamente perigosos. São mais do que perigosos! São os pecadores mais abomináveis.

Franzi o cenho, tentando lembrar-me dos sermões que tinha ouvido.

— Mas, se os padres, o senhor me desculpe, se os padres tramam o assassinato da Rainha, isso não é mau?

— O Papa diz que não, mas confesso que discordo do Santo Padre nesse ponto. Então vamos concordar que matar a Rainha é mau, mas é igualmente mau arrancar as entranhas de um homem só porque ele segue a sua fé. Eu já vi mártires morrendo, Richard, já os vi morrendo. — Ele fez o sinal da cruz, e sua mão parecia uma garra.

— E o senhor já viu protestantes sendo queimados também? — Meu tom foi de pergunta, em vez de acusação.

— Pobres almas... Vi, sim. E rezei por eles também. Eles estavam errados, é claro, mas, se queimássemos todo homem e toda mulher que erra, as fogueiras jamais acabariam. — Ele suspirou. — A Rainha Mary, pobre mulher, achava que



poderia purgar a Inglaterra com fogo. Mas não podia, assim como Elizabeth não pode purgar o país com sangue. Está nevando muito?

Espiei pela janela.

— Sem parar, seu padre.

— É tão bonito, não é? Quando a neve está fresca.

— É, seu padre.

— O mundo inteiro parece reluzente e limpo depois que neva — refletiu ele —, e aí a humanidade pecadora suja tudo. — Ele exibiu um sorriso melancólico, então se assustou, pois uma tora rolou dentro da lareira e espalhou fagulhas, nas quais pisei para apagar. — Os perseguidores não estão trabalhando para o conde — disse o velho padre. — Disso eu tenho certeza. Se estão a mando de alguém, é do governo municipal.

— Eles não são funcionários municipais — falei.

— Não, claro que não! Mas eles têm as mesmas ambições que o governo municipal. Querem acabar com os teatros. E muitos perseguidores são puritanos, e os puritanos consideram inimigo qualquer indivíduo que discorde deles. Os perseguidores não têm mais padres para torturar, então perseguem os teatros e se convencem de que estão combatendo o pecado. Deixe-me ver. — Ele se curvou ao lado da poltrona para vasculhar uma cesta onde guardava livros e panfletos que os perseguidores não haviam confiscado. — Aqui! — Ele pegou um livro surrado, sem capa, e mostrou-me o frontispício.

Li em voz alta: *“Tratado contra jogos, danças, peças e interlúdios, junto a outros passatempos ociosos.”*

— Um nativo de Devon escreveu este tratado — disse Padre Lourenço. — Um homem chamado John Northbrooke. Eu fui apresentado a ele. Um pregador muito sério. — Padre Lourenço folheou as páginas, então franziu o cenho, como quem se recorda de algo. — Não era um homem agradável, não, nem um pouco agradável. Mas amava os cães. É difícil não gostar de um homem que gosta de cães, você não acha? — Ele deu uma risadinha, então encontrou a página que procurava. — O livro é um diálogo — explicou ele — entre a Juventude e a Velhice. Aqui neste trecho, a Juventude indaga: “O senhor condena aqueles locais construídos para a encenação de peças e interlúdios, tais como o Theatre e o Curtain?”

— O Theatre! — exclamei. — Ele faz menção a nós?

— Faz, sim, e veja o que a Velhice tem a dizer sobre vocês: “Sim, verdadeiramente, pois estou convicto de que Satanás não dispõe de meio mais célere e escola mais adequada para ensinar a luxúria imunda dos prostíbulos iníquos do que esses locais, e portanto é necessário que esses locais, bem como os atores, sejam proibidos, debandados e reprimidos.”

Eu ri.

— Ah, e tem mais — disse Padre Lourenço, com gosto. — “Em tais peças aprende-se todo tipo de imundície. Quem quiser pode aprender a ser falso, a lidar com rameiras, a conquistar o amor, a deflorar, a enganar, a cometer traição, a bajular, mentir, praguejar, abjurar, a conduzir alguém à prostituição, a assassinar, a envenenar, a desobedecer e se insurgir contra príncipes, a esbanjar tesouros, a ceder à lascívia, a ser ocioso, a blasfemar, a entoar indecentes cantigas de amor, a falar palavrão, a ser soberbo, a debochar, zombar, e escarnecer!” — Ele deu mais uma risadinha, visivelmente se divertindo, enquanto virava mais duas ou três páginas. — Ah, e aqui a Velhice fala em você!

— Em mim?

— Deveras! Ele condena o ator por ser “contrário à natureza”! — Ele me dirigiu um olhar supostamente sério. — “Homens se vestem”, diz ele, “com trajes de mulher, penas de cisne na cabeça, sedas e adereços dourados!” Você usa penas de cisne na cabeça, Richard?

— Já usei pena de ganso.

— Você deve ser um menino muito mau — disse ele e repôs o livro na cesta. — Os vereadores e os perseguidores são todos puritanos! Podemos debochar deles, Richard, mas eles estão no poder. E aumentam em número. — Ele fechou os olhos e assumiu um ar pesaroso. — A Igreja estava corrompida, Deus sabe como ela estava corrompida, mas ainda assim alimentávamos os famintos, vestíamos os despidos e cuidávamos dos enfermos. Fazíamos caridade, rezávamos pelas almas e consolávamos os fiéis. Mas, agora, os puritanos nos ofendem, chamam-nos de criaturas do diabo e nos odeiam. Eles odeiam até os próprios confrades, outros protestantes. E querem fechar os teatros, Richard, querem acabar com a mínima beleza que ainda resta nas igrejas e tornar o mundo sombrio.

— Mas ainda não conseguiram, seu padre — falei —, e, antes que eles façam tudo isso, preciso encontrar os textos daquelas peças.

Ele olhou para mim com tristeza.

— Espero que você os encontre — disse ele —, e acho que você está certo sobre o lugar aonde o pobre Simon deve ter levado os textos. — Eu havia lhe contado das minhas suspeitas e, evidentemente, ele tinha refletido sobre minhas palavras. — Faz sentido que o menino tenha corrido para Sir Godfrey. São Benet fica bem perto. Mas isso já faz um dia e uma noite, Richard. Você acha que os textos ainda vão estar em São Benet?

— Não — falei.

— Então o que você vai fazer?

— Vou até o lugar onde Sir Godfrey escondeu os textos — falei. — Um lugar de onde ninguém em sã consciência ousaria se aproximar.

— Mas você vai ousar?

— Eu tenho que ousar.

— E você vai lá amanhã?

— Sim, seu padre, eu vou.

Ele fechou os olhos.

— Em nome de Deus, Richard, tome cuidado. Por favor, tome cuidado.

Porque no dia seguinte eu me encontraria com Washington.

Na manhã seguinte, fui primeiro ao Theatre. Tinha parado de nevar, e o mundo naquele alvorecer era um milagre de brancura, iluminado e cintilante, esperando que a humanidade pecaminosa o maculasse. Um carpinteiro já se encontrava no teatro, as pegadas afundadas na neve fresca. Estava consertando a porta do camarim e, de má vontade, liberou o caminho para eu entrar. Dentro do camarim, encontrei Jeremias embrulhado nos mantos mais pesados do guarda-roupa da companhia e sentado com a grande pistola alemã no colo.

— É você. — Ele me saudou de mau humor.

— Sou eu — concordei.

— Eles vão ensaiar aqui hoje?

— Não, vão continuar em Blackfriars. Só vim pegar umas coisas. E disse aos sócios que você não teve condições de impedir que os perseguidores entrassem.

Ele fez careta.

— Bem, é claro que não tive — disse ele, com truculência. — Nem Deus Todo-Poderoso os teria impedido. Eram os malditos perseguidores! Eles podem fazer o que quiserem.

— Você não pôde impedir a entrada deles porque não estava aqui, mas os sócios não sabem disso.

Ele enfim entendeu que eu havia mentido em sua defesa e que ele não perderia o emprego de guardião do Theatre. A gratidão era algo desconhecido para Jeremias, mas ele ficou sério e fez uma careta que provavelmente traduzia um sorriso.

— Você é um bom rapaz — disse ele, relutantemente.

— Então, como agradecimento — falei —, você pode me emprestar uma pistola.

— Uma pistola?

— Uma dessas coisas aí — falei, apontando para a arma que estava em seu colo.

Ele fez outra careta.

— Para que você quer uma pistola?

— Para assustar alguém.

Percebi que ele não pretendia me ajudar, mas então lembrou que eu lhe fizera um favor e assentiu.

— Com semente de cânhamo ou bala?

— Bala.

— Tome cuidado, rapaz. Se matar alguém, eles vão botar você para dançar no cadafalso. Semente de cânhamo resolve bem! Mire na cara do safado, e os olhos dele vão virar geleia.

— Bala — repeti.

— Espero em Cristo que você saiba o que está fazendo, rapaz. — Ele se pôs de pé. — Você vai querer pólvora sobressalente? Balas sobressalentes?

— Só uma bala — falei.

Eu supunha que não teria tempo para recarregar. Na verdade, eu tinha a esperança de nem precisar usar a arma, mas o lugar aonde eu iria era realmente perigoso, e uma bala de pistola poderia me salvar. Ou acabar comigo.

Enquanto Jeremias procurava uma arma no andar de cima, mudei de roupa, escolhendo meias compridas grossas, culotes e um gibão entre os figurinos pendurados no camarim. As peças eram todas de tecido escuro, confeccionadas com lã ou sarja. Eram roupas de artesãos, do tipo que os artífices usariam em *Sonho de uma noite de verão*. A maioria dos artesãos usava sapatos, mas escolhi um par de botas de couro preto com cano alto. Enfiei meus cabelos dentro de um simplório chapéu de lã e peguei um manto escuro e grosso, com capuz, além de um saco de lona do tipo que os artesãos usam para carregar ferramentas. Minhas ferramentas seriam um cinzel, um punhal e a pistola que Jeremias havia carregado. Era a menor arma do “arsenal” dele.

— Mantenha a pistola apontada para cima — advertiu-me ele. — Soquei bem a pólvora, ela está bem armada, mas é melhor mantê-la apontada para cima, para não sair nada. — Ele me entregou a arma, que era surpreendentemente pesada. — Já testei — disse ele —, e detona direito, mas o gatilho está duro que nem peito de freira. Você vai ter que dar um belo puxão.

A pistola tinha um sistema de rodete. Quando acionado, o gatilho abria um pequeno receptáculo no qual a pólvora era depositada e, ao mesmo tempo, empurrava a pirita até uma roda de aço serrilhada que girava e produzia uma chuva de faíscas que, por sua vez, detonava a pólvora. Eu já havia usado pistolas com sistema de rodete, mas somente em cenas de batalha e jamais com uma bala no cano. Empunhando pistolas, três ou quatro de nós ficávamos no camarim e, mediante sinal, acionávamos os gatilhos. Inevitavelmente, apenas uma ou duas das armas disparavam, embora às vezes nenhuma o fizesse e, se alguma disparasse, precisávamos pisar na bucha em chamas que escapava do cilindro, enquanto outros atores batiam metal contra metal e davam gritos desconexos. “Não exagerem no barulho da batalha!” Alan Rust sempre insistia, mas nós sempre exagerávamos.

Pendurei o saco enviesado sobre meus ombros e cobri a cabeça com o capuz do manto.

— Você está parecendo um maldito monge — disse Jeremias.

— Está frio lá fora.

— Você acha que não notei? Eles deviam instalar uma lareira aqui dentro. Um homem merece um pouco de aquecimento. E não se esqueça de trazer de volta a maldita pistola! — gritou Jeremias quando passei pelo carpinteiro que consertava a porta.

— Não vou me esquecer!

Caminhei em direção ao oeste, primeiro atravessei os Campos de Finsbury, onde os moinhos estavam imobilizados, com sinelos pendendo das velhas pás, e depois passei diante de chalés com telhados de sapê, construídos ao longo de Chiswell Street. À minha direita, ao norte, estendiam-se campos congelados, enquanto ao sul ficavam jardins, pomares e casas que chegavam até a muralha da cidade. Fumaça escapava pelas chaminés e escurecia o céu nublado e cinzento de Londres. Andei com o passo acelerado, a não ser onde o gelo cobria as ruas. Virei em direção ao norte para pegar a Olde Street e depois novamente ao oeste para atravessar Saint Alban's Road. Ali, gado estava sendo transportado para o sul, e o esterco fumegava. Depois de passar por Saint Alban's, peguei uma trilha que cruzava um cemitério e cheguei a Clerkenwell Road, onde diminuí o ritmo da caminhada.

Fiz isso porque meu local de destino não estava longe. Ficava num pasto meio tosco, ao norte da via, e era cercado por estacas de madeira mais altas que um homem. O rio Fleet fluía a leste do terreno cercado, correndo para o sul, onde desaguava no Tâmis, embora o estreito curso de água estivesse totalmente coberto de gelo naquela manhã fria. No interior do cercado havia meia dúzia de casebres, mas apenas uma chaminé expelindo fumaça. Atravessei a velha ponte que cruzava o Fleet andando devagar e curvado como um velho, com o capuz escuro escondendo meu rosto. O solo exibia pegadas e marcas de cascos, e percebi que alguém já visitara o terreno cercado naquela manhã, porque havia marcas de cascos na neve que cobria a estrada até o portão. Diante do portão havia uma barafunda de pegadas, onde o cavaleiro teria desmontado e onde alguém viera do terreno ao seu encontro, e a neve exibia um sulco em curva, onde o portão tinha sido aberto para que o homem e o cavalo entrassem. Não havia marcas de cascos saindo do terreno, indicando que cavalo e cavaleiro ainda estavam lá dentro. Não parei, continuei andando. Eu duvidava que alguém dentro do terreno estivesse vigiando a via e, em todo caso, não quis atrair atenção, parando para espiar. Depois que passei pelo lado oeste do cercado, procurei uma brecha na cerca viva, encontrei uma e por ali me enfiei. Então corri até o muro a oeste do terreno e segui ao norte até dobrar num canto, parando apenas quando cheguei à metade da cerca que ficava ao norte. Ali ninguém me veria. Não havia nada além de campos e matas entre mim e a fumaça que assinalava a localização do distante vilarejo de Islington.

A imponente cerca de madeira contornava um local chamado Terreiro dos Lixeiros. Eu nunca soube o porquê do nome. Talvez fosse, no passado, o local aonde os lixeiros levavam o que varriam ou recolhiam das ruas, mas o terreno pertencia agora a Sir Godfrey Cullen, reitor de São Benet, molestador de meninos e fornecedor de feras para o entretenimento de Sua Majestade e da população de Londres. Era no Terreiro dos Lixeiros que Sir Godfrey abrigava galos, cães, macacos e o item mais valioso de todos: Washington. Washington era um urso, uma fera enorme, com a pele maltratada e cheia de cicatrizes, que costumava ser acorrentado a uma estaca e atacado por mastins. O nome do urso homenageava o vilarejo ao norte da Inglaterra, onde ele havia sido criado, e Washington era quase tão famoso quanto Sackerson, uma fera monstruosa que atraía multidões de dois ou três mil espectadores sempre que lutava. Quando seguia para uma luta, Washington era exibido pelas ruas da cidade até Tiltyard, ou até onde seria acorrentado naquele dia. Nessas ocasiões, ele usava uma focinheira de ferro oxidado, era conduzido por Papoula e ficava sob os cuidados de Strawbelly Sam, o guardião dos animais, armado com um aguilhão pesado. A criançada corria junto, desafiando umas às outras para ver quem teria coragem de bater nos flancos emaranhados e desfigurados do bicho, e atrás do urso vinha uma jaula puxada por um cavalo, cheia de mastins rosnando e latindo, a maioria dos quais seria mutilada ou estripada antes do fim do dia.

Quando pupilo, trajando a túnica cinza da escola de São Benet, eu às vezes era designado, com uma dupla de companheiros, para ajudar Sam, portanto conhecia bem o Terreiro dos Lixeiros. Eu lavava jaulas, esquartejava carcaças e limpava excrementos na pequena arena situada no centro do terreno, arena essa que era cercada por arquibancadas com capacidade para quatrocentas ou quinhentas pessoas. O terreno ficava muito ao norte da cidade, e por isso não era tão procurado como Tiltyard ou como o Teatro Curtain, mas, nos sábados de verão, a caminhada até lá era agradável, e muita gente ia ver os cães atacando Washington ou então a atração mais célebre, um macaco aterrorizado amarrado ao dorso de um pobre cavalo tentando escapar das investidas de cães enfurecidos. O macaco, com frequência vestido de sacerdote católico, morria guinchando, sob os gritos e as gargalhadas da multidão.

Naquela manhã fria, foi um alívio constatar que o tal cavaleiro tinha vindo ao terreno, porque isso significava que a montaria estaria lá dentro, e os cães, que normalmente ficavam soltos, estariam trancados para não atacarem o cavalo. O Terreiro dos Lixeiros era, de fato, um local perigoso, guardado por um bando de animais treinados para matar.

A meu ver, na noite em que furtara as peças, Simon Willoughby teria se refugiado no esconderijo mais próximo onde pudesse encontrar aquecimento e

segurança, e tal esconderijo haveria de ser a casa de Sir Godfrey, que ficava a apenas uma rua de distância da mansão do Lorde Camerlengo. Meu irmão não tinha pensado em Sir Godfrey, talvez ignorando que ele concordara em fornecer animais para os espetáculos do novo teatro, na outra margem do Tâmsa. Se desconfiasse que Sir Godfrey estava abrigando Simon Willoughby e os textos furtados, ele teria reunido um grupo armado de Sócios e se dirigido até São Benet. Teria havido uma escaramuça, ou algo pior. Espadas seriam sacadas, constabulários chamados e, sem dúvida, em última instância, mandados judiciais seriam expedidos, no intuito de prevenir futuros confrontos.

Pelo jeito, eu tinha sido a única pessoa a deduzir que Simon teria corrido para a casa de Sir Godfrey, mas podia ser que o próprio Sir Godfrey não soubesse disso. Sir Godfrey decerto temeria a fúria do meu irmão e, se um grupo de homens armados viesse à sua casa e fizesse uma busca, ele não ia querer que as peças estivessem lá. Ele haveria de esconder os preciosos manuscritos no local mais seguro possível, um local onde ninguém se atrevesse a procurar, um local guardado por feras salivantes prontas para estraçalhar qualquer intruso, um local chamado Terreiro dos Lixeiros.

E eu era o intruso.

Ao norte do cercado, havia um pequeno portão que só era aberto no fim das apresentações de sábado, para que os espectadores provenientes de Islington pudessem cortar caminho na volta para casa. O portão estava fechado, é claro, mas não havia tranca. Tampouco havia necessidade. Ninguém, senão um tolo, tentaria entrar no terreno. E, naquela manhã fria, o tolo era eu.

Usei o cinzel, inserindo-o no espaço entre o portão e o batente, localizando o ferrolho e então tentando forçá-lo. Só que ele não se mexia. O ferrolho parecia estar oxidado, e todas as vezes que eu tentava fazer uma alavanca, o cinzel escorregava e arranhava a fechadura. O portão rangia quando eu forçava. Soquei o cinzel com o punho e fiz uma nova tentativa, e finalmente o ferrolho se mexeu, produzindo mais um rangido. Descobri que, se eu empurrasse um pouco o portão para dentro, a coisa ficava mais fácil. O velho ferrolho continuava birrento e rígido, mas aos poucos o trinco recuou até enfim escorregar, e o portão abriu alguns centímetros. Empurrei-o até a metade, hesitando diante do barulho que as velhas dobradiças produziam, e naquele momento os cães começaram a uivar.

Agachei-me, instintivamente, e preendi a respiração. Não vi ninguém. Os cães ladravam e uivavam, arranhando e batendo as patas nas paredes do galpão onde ficavam presos. Entrei, fechei o portão e passei o ferrolho, procedendo com o máximo de silêncio possível, e depois enfiei a mão dentro da sacola de lona, em busca da segurança do cabo da pistola. Diante de mim havia uma série de bancos um tanto precários, agora cobertos de neve, assentados sobre toscas plataformas de

madeira sustentadas por suportes bambos. Mais à frente dos bancos ficava a arena onde as feras sofriam e morriam, enquanto à minha esquerda, entre a cerca e a arquibancada, situava-se o casebre de Strawbelly Sam, cuja chaminé de tijolo soltava uma fumaça espessa. Entre mim e a casa, e construídos contra a sólida cerca, ficavam os galpões das feras.

— Quietos, seus vermes malditos! — Ouvi Strawbelly Sam gritar dentro do cubículo mais próximo e em seguida martelar uma trava, usando um porrete que sempre levava consigo.

A barulheira diminuiu um pouco, embora os cães seguissem ganindo. Um dos galos de briga cacarejou, mas as aves ficavam todas no extremo oposto do terreno, trancadas e longe dos cães. Aguardei. Ninguém saiu dos cubículos dos cães; e por que alguém faria isso naquela manhã gelada?

Levantei-me e caminhei em direção aos cubículos, com minhas botas triturando a neve imaculada. Ouvi um burburinho e em seguida uma porta batendo. Os cães continuavam inquietos, ganindo e rosnando. Teriam me farejado? Passei perto do galpão que os abrigava, esgueirando-me entre a parede e os bancos da arquibancada mais próxima. Eu queria estar em qualquer outro lugar que não fosse ali. Por que não revelei a meu irmão as minhas suspeitas? Ele poderia ter reunido meia dúzia de homens armados, e teríamos ido até ali com uma milícia. A barulheira dos cães me fazia estremecer. Eu queria estar em casa, ou no salão da mansão em Blackfriars, e isso me fez pensar em Silvia.

E pensar em Silvia me fez pensar em minha mãe, muito tempo antes, quando ela se divertiu com uma pergunta que fiz aos onze ou doze anos. “Como um homem encontra uma esposa?”, perguntei, e ela riu e olhou para mim, com suas mãos alvas da cor de farinha. “Você não encontra uma esposa, Richard, a esposa é que encontra você!”

— Ela é que me encontra?

— É o mais provável — disse ela. Através da janela da cozinha, ela contemplava a macieira que tínhamos no quintal. — As moças botam o olho em determinado homem — disse ela, já sem rir. — Veja Will e Anne!

— Will e...

— Que Deus os ajude — interrompera-me ela, visivelmente arrependida de suas palavras. E começou a enrolar a massa.

— A senhora botou o olho no Papai? — perguntei.

— Ah, botei, sim! Seu pai era um bom rapaz. Um ótimo rapaz. E ainda tinha cabelo naquela época! — Ela voltou a rir. — Esbarrei nele, saindo da igreja, e fingi que tinha sido por acaso, mas não tinha, e fiz questão que ele reparasse em mim. E ele reparou!



Teria Silvia me encontrado? Eu não via nada constrangedor nisso, aliás queria até que fosse verdade. Queria muito. E por que eu estava pensando em casamento? Eu mal a conhecia, só sabia que a queria para mim. E antes disso eu nunca tinha pensado em casamento porque parecia algo muito distante, que aconteceria com a pessoa que eu ainda haveria de me tornar, uma pessoa que eu desconhecia. Meu irmão casara-se cedo, e a experiência dele não era animadora. No entanto, ali na neve, de repente, ouvindo o barulho dos cães à medida que me aproximava dos galpões, senti o peso do amadurecimento. Eu ingressara na trupe como menino e permanecera na condição de menino por tempo demais. Eu era um bom ator, sabia disso, mas havia poucos papéis como Uashti. Os meninos encarnavam agora personagens que eu costumava fazer, e eu estava encalhado, nem menino nem homem, e já passara da hora de cortar meus cabelos e deixar a barba crescer. E era por isso, pensei, que estava ali no Terreiro dos Lixeiros, porque faria um favor a meu irmão que o obrigaria a me tratar como homem. Eu seria Romeu.

Comecei a ouvir vozes. Vozes irritadas. Havia uma voz de mulher, e lembrei que Strawbelly Sam tinha uma esposa, Marion, a quem ele tratava como se fosse um dos animais. Era uma criatura desmazelada, com cabelos espetados e faces encovadas, e o que o marido tinha de azedo ela tinha de mal-humorada.

— Eu dou comida para ele, senhor. — Ouvi Marion dizer, ressentida.

— Você só dá porcaria para ele — insistiu um homem, e reconheci a voz de Christopher deValle, o encarregado dos negócios do Conde de Lechlade e autoproclamado “inglês” do cu ao cocuruto. — Você dá para ele a mesma lavagem que dá aos animais — prosseguiu ele, rispidamente. — Dê comida boa para ele, mulher.

As vozes se calaram, e não ouvi mais nada. Eu estava diante de uma porta voltada a um pequeno beco que ligava o galpão dos cães à despensa e, mais adiante, à “toca” de Washington. A casa ficava além da jaula do urso. Havia, pelo menos, três pessoas em casa: Strawbelly Sam, sua esposa desleixada e deValle, e talvez houvesse uma quarta pessoa. Eu precisava que os três cujas vozes eu reconhecera fossem embora, e depois? Eu não tinha concebido um plano. Quando encenamos uma peça, ensaiamos a movimentação a ser realizada no palco. Os atores se movem pelo tablado, e os espectadores não se detêm a pensar sobre essa movimentação, visto que tudo parece tão natural; mas, na verdade, foi tudo planejado e ensaiado. Só agora, no entanto, me dei conta de que não havia ensaiado nada. Eu só tinha pensado em entrar no Terreiro dos Lixeiros e me agarrar a qualquer oportunidade que aparecesse. Fiquei parado, com frio e inseguro, sem saber como dominar três, talvez quatro, indivíduos.

Entre no galpão, eu disse comigo. Havia onde se esconder lá dentro. Não havia onde se esconder na arena coberta de neve e cercada pela arquibancada e, além

disso, assim que deValle fosse embora, os cães seriam soltos.

Pressionei o trinco da porta. Seguiu-se um estalo, no momento em que a pesada trava interna subiu. Fiquei imóvel, aguçando a audição, mas não ouvi ninguém. Abri a porta, hesitando diante do rangido das dobradiças, e então, com o coração se debatendo feito uma ave presa em um alçapão, entrei, fechei a porta, e a fedentina de excremento de cachorro e carcaças podres me pegou em cheio.

Do vão de entrada do galpão, os cães me viram e imediatamente começaram a uivar. Havia pelo menos vinte deles, todos enjaulados, e todos rosnando e salivando, latindo e uivando enquanto arranhavam as grades de ferro com garras cortantes. Eram cães grandes, com mandíbulas semelhantes a tenazes, olhos amarelados e dentes sujos, pura crueldade e fome. Atiraram-se contra as barras quando atravessei até a despensa, sumindo da vista deles. A despensa fedia. Era ali que Strawbelly Sam armazenava a comida dos animais: gatos mortos, dois cães mortos, alguns cortes fedidos que podiam ser de qualquer fera, tudo pendurado em ganchos. Havia também um cutelo imenso e ensanguentado sobre uma mesa de madeira e, no fundo da despensa, um quartinho com uma latrina que desaguava diretamente no rio Fleet. Corri para dentro do quartinho e consegui fechar a porta no instante em que Sam irrompeu na despensa e começou a berrar para que os cães se calassem.

O fedor do quartinho da latrina teria derrubado um cavalo de carga. Prendi a respiração o máximo que pude, esperando que os cães se acalmassem, e espiei Strawbelly Sam por uma fresta na porta de madeira. Ele parecia um gnomo corcunda, tão malévolos como seus mastins. Tinha um lábio leporino cujo bigode ralo não conseguia esconder. Ele martelou o porrete contra as barras das grades e, quando os mastins se aquietaram, voltou ao seu casebre, que ficava depois da jaula de Washington.

Esperei até ouvir a porta se fechar, então o segui.

O galpão seguinte, construído ao lado do casebre, era o menor de todos, e a maior parte do espaço era ocupada pela jaula que abrigava Washington. Na penumbra, o animal se assemelhava a um monte de pelo sujo, mas ele me viu, ou me farejou, e ergueu a cabeça. Os olhos brilharam, exibindo uma estranha vermelhidão no escuro. Ele bocejou, ou talvez fosse um rosnado ameaçador, e pude ver seus dentes, todos quebrados e com as pontas limadas para que a mordida implacável não matasse seus agressores tão rapidamente. Passei pela jaula e me positionei no estreito beco atrás da casa.

E eu sabia que meu palpite estava certo.

— São os ratos — dizia Strawbelly Sam. — Eles deixam os cães agitados. Malditos ratos.

— Ele não está aqui para alimentar os seus malditos cães. Ele não é seu criado, sua nojenta! — Ouvi deValle dizer. — Ele é seu hóspede. Você está entendendo?

— Estou, sim, senhor. — Era a voz de Marion. Parecia ressentida.

— Você tem que dar comida a ele — disse deValle —, e comida boa!

— Sim, senhor.

— E o seu trabalho, rapaz, é fazer essa cópia, e rápido!

— Estou me esforçando, senhor.

E quase sorri, pois era a voz de Simon Willoughby.

— Quatro páginas até agora? — debochou deValle. — Isso não é esforço!

— Essas velas são ruins — choramingou Willoughby —, e as penas estão rachadas.

— Quem lhe deu essas penas?

— Eu — disse Strawbelly Sam, com sua voz engrolada —, e não tem nada de errado com as penas, senhor! Eu mesmo as fiz, com penas de rabo de galo. São penas boas, senhor!

— Você sabe escrever, homem? — indagou deValle.

Seguiu-se uma pausa, enquanto Strawbelly Sam pensava na resposta.

— Não muito bem, senhor — disse ele. — Acho que o senhor não ia gostar da minha escrita.

— Então o que você sabe sobre penas? O menino tem razão. Essas penas estão em péssimo estado! — rosnou deValle. — Vá comprar penas decentes para ele. Hoje! Agora! E tinta.

— Foi Sir Godfrey que mandou a tinta — disse Strawbelly Sam, contrariado.

— Isso é mijo de sapo, não é tinta! Vá comprar penas novas, tinta boa e velas. Hoje! Agora!

— Sim, senhor.

Seguiu-se uma pausa, então o tinido de moedas batendo sobre a mesa. Atrás de mim, Washington rosnava e se agitava na jaula. Preparei-me para pular dentro da despensa se ouvisse passos se aproximando do outro lado da porta.

— Quando você acabar de copiar as duas peças, rapaz, vai poder ficar na casa de Sir Godfrey — prosseguiu deValle, num tom de voz mais amistoso —, mas aqui é o lugar mais seguro para você, até que termine o trabalho.

— Sim, senhor, eu sei. — A voz de Simon Willoughby soava extremamente infeliz.

— E compre comida — continuou deValle, dirigindo-se, supostamente, a Marion —, algo que um cristão possa comer.

— A minha sopa é das boas, senhor — protestou ela.

— A sua sopa é uma lavagem que sai do cu do diabo — disse deValle. — E sirva pão fresco, mulher, e não aquela podridão verde.

Ouvi uma movimentação e recuei, mas ficou evidente que os três se dirigiam à porta oposta, que dava acesso ao portão principal do terreno, onde, presumi, o cavalo a ser montado por deValle estaria aguardando.

— Volto amanhã, Mestre Willoughby — ouvi deValle dizer —, e espero que o trabalho avance.

— Vai avançar, senhor, eu prometo.

— Abra o portão, homem — ordenou deValle a Strawbelly Sam —, e depois caminhe até a cidade para comprar penas. Queremos a primeira cópia nesta semana, e não no ano que vem!

— Sim, senhor.

— Vocês estão recebendo um bom dinheiro por tudo isso — lembrou-lhes deValle.

— Sim, senhor — repetiu Strawbelly Sam. — É melhor você vir junto para passar o ferrolho no portão, Marion — acrescentou ele, então ouvi uma porta ranger, passos se afastando, e outra porta batendo. Os três tinham saído, e Simon Willoughby estava sozinho.

Dois espetos que Sam usava ao lidar com os cães estavam encostados no corredor. Tinham cerca de um metro de comprimento, ambos sendo varas de madeira maciça com ganchos de ferro oxidado nas pontas. Eram utilizados na arena, quando os cães trincavam os dentes nos flancos do urso e se recusavam a soltá-lo. Strawbelly Sam ou, às vezes, Papoula enfiavam o gancho de ferro dentro da boca do cão, como uma alavanca, forçando o animal a ceder. Peguei um dos espetos. Era pesado, então tomei fôlego. Meu coração estava acelerado. Ouvi uma cadeira ou banquetta ser arrastada, e o ruído quase me fez dar um pulo, tamanho foi o susto. Então, como se estivesse saindo do camarim para entrar em cena, respirei fundo e abri a porta.

Simon Willoughby estava sentado diante do fogo. Ele se virou. E me viu. Arregalou os olhos e abriu a boca.

Eu o golpeei com o espeto antes que ele pudesse emitir qualquer som.

Nem pensei, apenas desferi uma lambada com o espeto, e o gancho de ferro atingiu-lhe a têmpora. Eu, em pânico, exagerei na intensidade do golpe, e ele suspirou e desabou da banquetta, com sangue vertendo pela orelha. Em seguida ficou imóvel. Estaria morto? Olhei para ele, apavorado, lembrando-me de Thomas Butler sangrando no chão, naquele dia em Stratford. Então Simon Willoughby estremeceu e gemeu, e constatei que estava vivo, embora fosse ter uma baita dor de cabeça. Atravessei o cômodo até a mesa, abaixo da janela, e lá estavam as duas peças.

Foi simples assim! Peguei uma pilha de papéis, detendo-me apenas para verificar uma página aleatória. E li:

*Romeu: Ó abençoada, abençoada  
noite! Temo, noite,  
Que tudo não passe de um sonho  
que ouço e vejo,  
Lisonjeiro demais para ser  
verdadeiro.*  
*Julieta: Três palavrinhas, bom  
Romeu, e boa noite,  
Se a tua intenção de amor for  
honrosa,  
Se desejas casar...*

Foi o bastante. Eram as peças que tinham sido furtadas. Enfiei a espessa pilha de papéis dentro da sacola de lona, então ouvi um movimento atrás de mim, virei-me e vi Simon Willoughby tentando se levantar. Sangue pingava de seus cabelos compridos.

— Richard! — coaxou ele, e dei-lhe um violento pontapé na cabeça. Ele suspirou e, para silenciá-lo novamente, dei-lhe outro pontapé.

— Quietos, seu cretino! — falei rangendo os dentes, surpreso diante da minha própria raiva.

Ouvi o ranger das dobradiças, pois o portão do terreno estava sendo aberto. Era hora de fugir. Dei mais um pontapé em Willoughby, então saí pela porta que tinha entrado e corri para o galpão de Washington, onde tive uma ideia. Destranquei a jaula do urso, abri a porta e cutuquei o animal com o espeto. Ele estremeceu e ficou de pé nas patas traseiras. Larguei o espeto e corri pela despensa até a porta. Os cães me viram quando abri a porta e começaram a uivar, em seguida corri pela neve, destravei o portão e saí em disparada pelo pasto.

Eu tinha conseguido! Eu estava de posse dos textos das peças!

Parei, aguçando o ouvido. Os cães uivavam.

Eu tinha conseguido!

Seu objetivo é casar! Silvia!

Então Marion gritou.

E eu entrei em pânico.

Cães! Por que eu não tinha pensado nos cães antes? Tudo o que Strawbelly Sam precisava fazer era soltar os cães, e eu seria caçado no pasto, e a neve ficaria vermelha de sangue quando as feras me estraçalhassem.

Corri cegamente, tropeçando pelo campo em direção ao oeste, atravessando uma cerca viva, sempre correndo, sempre escutando os uivos dos cães cada vez mais

altos. Eles não apareceram. Washington deve ter me salvado, porque os cães não foram soltos, e suponho que Strawbelly Sam não tenha conseguido passar pelo urso e chegar às jaulas dos cães.

Por que, então, Marion teria gritado? Seria a visão de Simon Willoughby sangrando? Ou o encontro com um urso solto e enfurecido dentro de um dos galpões? Continuei correndo, tropeçando em tufo de relva cobertos de neve. O céu estava escuro, as nuvens, pesadas. Logo voltaria a nevar, pensei, e quanto antes a neve encobrisse minhas pegadas, melhor. Leather Lane ficava logo depois da próxima cerca viva. Se eu conseguisse chegar lá, então poderia correr para o sul e me embrenhar pelas ruelas e tabernas de Holborn.

Então olhei para trás e vi Christopher deValle.

Ele vinha a cavalo e me perseguia. O cavalo era avantajado e negro, e deValle usava uma longa capa preta, e cavalo e cavaleiro na neve se assemelhavam a um demônio tenebroso e vingador. Avistei deValle açoitando o cavalo com as esporas, vi a neve sendo lançada ao ar pelo movimento dos cascos, e vi que não conseguiria chegar a Leather Lane, muito menos a Holborn, antes que ele me alcançasse.

Parei. Ajoelhei-me na neve e vasculhei o interior do saco de lona. Deus me ajude, pensei, porque a pistola estava emborcada. Ainda estaria carregada? Retirei-a do saco. Era pesada. Precisei das duas mãos para apontá-la, e minhas mãos tremiam. O demônio tenebroso se aproximava. Vi a boca de deValle aberta, gritando algo para mim, embora eu não ouvisse o que ele dizia. Meus ouvidos estavam tomados por um zumbido de medo e desespero.

Puxei a trava que prendia a pirla. Estava dura e comprimia a mola de metal que deveria acionar o disparo. DeValle deve ter visto a arma, mas não parou. Vi suas botas esporeadas golpeando os flancos do cavalo, vi quando ele sacou o florete e comecei a tremer, tomado de pânico e temor, com os olhos semicerrados diante da claridade refletida pela neve. Quando ele estava perto, mirei a pistola no cavalo, vi o cilindro tremer, e puxei o gatilho.

Estava demasiado rígido. Puxei novamente, quase gritando de tanto pavor, e dessa vez o gatilho se mexeu, a pirla pulou, a roda de ferro serrilhada girou e produziu as faíscas, e nada aconteceu. Tentei pular para trás, saindo do caminho do cavalo.

Então a pistola disparou.

O barulho foi imenso.

Uma fumaça fedorenta subiu do cilindro. A bucha queimou e se apagou na neve.

Ouviu-se um grito.

A princípio, pensei que fosse eu gritando, então constatei que era o cavalo, que havia desviado e empinado. Eu tinha caído na neve, derrubado pelo pânico e pelo violento coice da pistola. Estatelado, vi o brilho das ferraduras em cima de mim.

Acho que, naquele instante, gritei com medo de que aqueles cascos cintilantes me esmagassem, mas então o garanhão deu uma guinada. DeValle soltou o florete e agarrou-se à crina do cavalo enquanto o animal tombava na neve. Ele deu um grito de dor, enquanto o cavalo, que caíra sobre ele, esperneava-se para se levantar. Havia sangue da crina ao focinho do bicho, e algumas gotas vermelhas espalhadas na neve, mas ele se levantou, relinchou e saiu trotando, com um ferimento aparentemente superficial. Mas deValle praguejava, sua perna direita estava torcida em um ângulo esquisito. O chapéu, com duas grandes plumas negras, estava a metros de distância.

— Seu maldito! — disse ele, e tentou pegar o florete que estava no chão, mas chutei a arma para longe, e ele gemeu de dor quando apoiou o peso do corpo sobre a perna fraturada.

Pensei em pegar o cavalo emprestado, mas, assim que me aproximei, o animal trotou para longe. Então peguei o chapéu que pertencia a deValle e vi que havia um furo na copa. Bati a neve do chapéu e caminhei em direção à cerca viva. DeValle tentou se levantar, mas gemeu, e a perna falhou sob seu peso.

— Vai morrer por isso! — gritou ele.

Atravessei a cerca viva, com os espinhos rasgando meu manto, e me evadi. Parei e olhei para trás, e vi deValle arrastar-se em direção ao cavalo. Eu tremia, mas não de frio. Desci correndo por Leather Lane.

Eu seria Romeu!

## NOVE

Cheguei a Blackfriars no momento em que os relógios das igrejas batiam onze horas. A neve caía lentamente pelas torres dos sinos e pelos campanários da cidade, embranquecendo os telhados e misturando-se à lama cinzenta nas ruas.

Olhei para trás inúmeras vezes, com receio de estar sendo perseguido, mas não estava. Como haveria de ser perseguido? DeValle havia fraturado a perna, o cavalo dele estaria com dor de cabeça, e Strawbelly Sam se acharia por demais ocupado, enfrentando um urso. Corri tremendo, não apenas por causa do frio, mas por estar revivendo os acontecimentos daquela manhã, relembrando a fedentina do esconderijo e o pavor do momento em que o cavalo empinou em cima de mim.

Entrei na mansão pelo portão de Water Lane, onde o guarda me saudou com familiaridade.

— Está frio — disse ele, batendo com os pés no chão. — Chapéu bonito, Richard!

Eu estava usando o chapéu extravagante que pertencia a deValle, com suas duas grandes plumas.

— Ele tem um furo — falei.

— As melhores coisas também têm!

Atravessei o pátio do estábulo, onde barris estavam sendo descarregados de uma carroça imensa.

— Mais vinho para o casamento — disse um criado.

— Se beberem tudo isso, vão dormir durante a apresentação da peça — comentei.

— É mais provável que seja durante o sermão!

Quando entrei na casa, uma criada me dirigiu um sorriso conspiratório.

— Vou avisar a ela que você chegou!

Sorri, em agradecimento, e segui adiante, adentrando o salão através da porta que agora, temporariamente, dava acesso ao local escuro onde instalaríamos nosso camarim. Três lances de degraus improvisados levavam às entradas do palco, cobertas por cortinas, e no palco a trupe estava ensaiando. Parei por um instante no patamar do meio, espiando pela lateral da cortina. Richard Burbage, Henry Condell, Alexander Cooke e Christopher Saunders estavam de pé no tablado, um tanto constrangidos, enquanto meu irmão falava com Alan Rust. A julgar pela



conversa, era evidente que tinham acabado de ensaiar a peça inteira e estavam discutindo as cenas que precisavam ser mais trabalhadas.

— Você não pode ficar à direita do palco? — sugeriu Rust a Richard Burbage.

— Mas Hérnia está à esquerda.

— Ela não pode atravessar o palco um pouco antes? — perguntou meu irmão.

— Podemos tentar — respondeu Burbage —, mas e se... — então ele se calou, pois eu surgi pela cortina.

— E se... — Rust começou a dizer.

— Não faz diferença — disse meu irmão, rispidamente. Ele olhou para mim, visivelmente zangado por eu ter chegado tão tarde ao ensaio.

Era a primeira vez que a companhia ensaiara a peça inteira, e tiveram de trabalhar minhas cenas sem mim, o que aborrecera a todos. O restante dos atores estava fora do palco e, a exemplo de meu irmão, olharam-me de cara amarrada.

Ignorei a indignação geral, atravessei o tablado, pulei para o chão do salão e me encaminhei diretamente à lareira. Ali agachei-me, sentindo o calor penetrar minhas roupas congeladas.

— É muita bondade sua juntar-se a nós — disse-me Alan Rust, mordazmente.

Isaiah Humble ainda não havia retornado, e Thomas Pope servia de ponto. A mesa estava coberta com os papéis individuais, porque a cópia da peça inteira estava no saco de lona em meu braço. Will Kemp, recostado em uma poltrona perto do fogo, deu uma risadinha, enquanto os outros atores se afastavam de mim, como se temessem algum tipo de contágio.

Seguiu-se um momento de silêncio, como se a trupe esperasse que meu irmão me achincalhasse por eu ter chegado tão tarde, mas, como ele não disse nada, Richard Burbage voltou-se para Alan Rust.

— De onde você quer começar? — perguntou Burbage.

— Comece de “Ah, quando ela fica zangada” — disse Rust.

— Qual é a fala antes dessa? — perguntou Henry Condell.

Thomas Pope folheou as páginas.

— É “Não, senhor, ela não...”.

— Não, não é — eu o interrompi.

Todos olharam para mim. Eu podia sentir a indignação geral, que só precisava de uma centelha para espocar. Alan Rust tentou conter o salão.

— Comece de “Não, senhor, ela não...” — disse ele.

Eu retirei de dentro da sacola a pilha de papéis. Parei, aguardei Henry concluir sua fala, então o interrompi.

— “Duas famílias” — declamei em voz alta — “ambas dignas, na bela Verona, onde se desenrola nossa história, por causa de rixas civis irrompem em inimizade, onde um conflito civil...”

— Me dê isto! — Meu irmão veio em minha direção, então se deteve, horrorizado, porque, quando se aproximou, eu segurei a pilha de folhas sobre o fogo alto.

Esperei até ter certeza de que ele havia parado, então afastei as páginas das chamas.

— “Onde um conflito civil suja mãos civis” — continuei lendo. — “Da prole fatal desses dois inimigos, um casal de amantes traídos pelas estrelas.” — Fiz uma pausa, sorrindo. — Você quer que eu queime tudo, irmão?

— Richard! — disse ele, em tom de apelo.

— Quem vai ser Romeu? — perguntei, aproximando mais uma vez as folhas das chamas famintas.

— Não — disse ele, com os olhos nas páginas. — Não! Por favor, não!

— Quem vai ser Romeu? — perguntei novamente, dessa vez, falando mais alto.

— O que é isso? — Richard Burbage pulou fora do palco, mas meu irmão estendeu o braço para detê-lo.

— O que você fez? — perguntou meu irmão, em voz baixa.

— Eu vou lhe dizer o que fiz — falei, em alto e bom som, certificando-me de que cada homem e cada menino no salão pudessem me ouvir. — Quebrei a cabeça do Simon Willoughby. Dei um tiro num sujeito montado a cavalo. Brinquei de amarelinha com um urso e trouxe isto aqui para você — exhibi as folhas.

— Ele vai ser Romeu? — perguntou Richard Burbage, enfurecido.

Meu irmão ignorou a pergunta. Ignorou, também, as folhas que eu lhe oferecia e, para minha surpresa, vi que havia lágrimas em seus olhos. Ele veio em minha direção e me deu um abraço desajeitado.

— Obrigado — murmurou ele. — Obrigado.

Afastou-se e pegou as folhas, segurando-as como se fossem a coisa mais preciosa do mundo.

— Ele vai ser Romeu? — voltou a indagar Richard Burbage.

— Não, não — disse meu irmão, aturdido.

— Ele não pode... — começou a dizer Burbage.

— Ele não vai! — disse meu irmão, rangendo os dentes.

— Por que não? — perguntou Will Kemp, maldosamente.

— Quietos! — interveio Alan Rust, e sua voz de rei tirano fez calar o salão inteiro. Ele observou meu irmão carregar as duas peças até a mesa e ali as depositar com reverência. — Quem estava com as peças? — perguntou-me Rust.

— Sir Godfrey — falei.

— Onde os senhores querem que a gente deixe isto? — chamou uma voz de cima do tablado, e vi um criado carregando rolos de tecido verde.

Silvia vinha logo atrás dele, com os braços igualmente carregados.

— Em qualquer lugar — disse Alan Rust, impacientemente. — Podem deixar em qualquer lugar! — Então virou-se para mim: — Sir Godfrey estava com as peças?

— É ele que está encarregado dos espetáculos com animais no novo teatro — expliquei.

— Ah, por Cristo — murmurou meu irmão —, é claro!

— E ele escondeu Simon lá no Terreiro dos Lixeiros — falei.

— É lá onde eles abrigam os cães? — perguntou John Heminges, perplexo.

— É lá mesmo onde eles abrigam os cães — falei —, os galos de briga e um baita ursão maldito.

— Então como é que foi? — perguntou Heminges.

Somos atores e adoramos uma plateia. Às vezes, quando uma encenação não vai bem, é fácil pensar na plateia como o inimigo, mas, na realidade, a plateia faz parte da peça, porque o público interfere na maneira como atuamos. Podemos ensaiar uma peça durante várias semanas, conforme estávamos fazendo com *Sonho de uma noite de verão*, mas, no momento em que o teatro fica repleto, a peça se transforma. Surge um nervosismo inusitado, é claro, mas também uma energia. Frequentemente, apresentávamos uma peça inteira no Theatre sem plateia, apenas como ensaio, e muitas vezes era uma experiência entediante e cansativa, algo que se tornara rançoso após tanto ensaio. Contudo, no dia seguinte, com duas mil pessoas olhando embasbacadas para o palco, a coisa ganhava vida. Eu agora estava diante da minha plateia, e fingia não me dar conta de que Silvia me ouvia.

Vi um criado puxá-la pelo cotovelo, querendo se retirar, mas ela insistia em permanecer, e o criado ficou com ela, e ambos agora me ouviam contar em detalhes como eu tinha entrado no Terreiro dos Lixeiros. John Heminges, Deus o abençoe, ensinou-me as deixas.

— Você não teve medo dos cães? — perguntou ele.

— Morri de medo — admiti. — Então levei isso comigo — retirei o punhal do saco de lona. — Achei que teria de matar um ou dois antes de chegar à porta do galpão. — Isso não era verdade. Os mastins teriam me estraçalhado muito antes de eu sequer arranhar um deles. Eu achava que, se os cães estivessem soltos, eu teria tempo de chegar ao galpão antes que eles me alcançassem, e na saída eu poderia distraí-los oferecendo carne retirada da despensa. O que aconteceu foi que tive sorte mesmo. — Mas tive sorte — falei a John.

— Sorte? Como assim?

— Eles estavam com visita, um servidor do Conde de Lechlade.

— Como você sabe que era um servidor do conde? — perguntou meu irmão, incisivamente.

— Eu reconheci o sujeito — falei — e escutei a conversa deles. — Devolvi o punhal à sacola. — O cavalo dele estava lá dentro, e por isso os cães tinham sido presos.

— Você teve sorte — disse John, com fervor.

— Continue! — instou meu irmão.

— Consegui entrar — continuei —, e a cachorrada começou a latir, mas eu me escondi, enquanto Strawbelly Sam acalmava os bichos. Então fui até a porta da casa e ouvi a conversa deles. Simon Willoughby — ofereci a John Heminges um olhar escusatório — tinha de copiar as peças, mas as penas que deram a ele estavam ruins.

— Ah! — disse meu irmão.

— Aí Strawbelly e a mulher acompanharam deValle de volta ao cavalo dele...

— DeValle? — perguntou meu irmão.

— O servidor do conde — expliquei —, e deixaram Simon no casebre. Então eu entrei e dei uma porrada nele antes que ele pudesse gritar por socorro.

— Você deu uma porrada nele? — John Heminges parecia preocupado.

— Ele não vai saber se é Natal ou Páscoa quando acordar — falei. — Ele estava sangrando. Bati forte demais.

— Bom — disse meu irmão, firmemente.

— Eu peguei as peças — prossegui — e saí. Ah, e soltei o urso.

— Era o Washington? — perguntou Will Kemp. — Eu gosto do Washington. É um ursão desgraçado de feroz. Eu já o vi acabar com um bando de cachorros numa tarde.

— Você soltou o urso? — perguntou John Heminges. — Por quê?

— Porque achei que eles fossem me seguir — expliquei —, e o urso podia ficar no caminho deles. — A trupe apenas me olhava. — E foi isso mesmo.

— Isso mesmo o quê? — perguntou Heminges.

— O urso ficou no caminho deles — respondi.

— Não foi perigoso?

— Eu corri mais rápido que o urso — falei, como se tal explicação tornasse tudo óbvio. — Saí do pátio e continuei correndo, mas deValle me seguiu. Ele estava a cavalo. Fui em direção à Leather Lane, e ele veio atrás de mim empunhando a arma.

— Meu bom Deus — disse John Heminges em voz baixa.

— Mas eu levei isto aqui também — falei, retirando a pistola do saco de lona.

— Meu bom Deus — meu irmão ecoou as palavras de John Heminges —, não me diga que você atingiu um servidor do Conde de Lechlade!

— Eu atingi o cavalo dele — falei —, mas não foi muito grave. Eu só assustei o animal, que caiu na neve, derrubando deValle e quebrando a perna dele. Então

peguei o chapéu dele e vim para cá.

— Pegou o chapéu dele? — perguntou John Heminges, atônito.

— É um belo chapéu — expliquei —, apesar do furo causado pela bala.

Silêncio. Nós gostamos quando a plateia fica em silêncio, quando ninguém tosse, ninguém se arruma na cadeira, ninguém quebra uma noz ou saca a rolha de uma garrafa de cerveja. Silêncio significa que a peça está surtindo efeito, que temos a plateia em nosso poder. Para um ator, um silêncio ofegante é melhor que aplausos, e minha plateia naquela manhã, no salão, ficou em silêncio.

Meu relato tinha sido bastante fiel, mas eu havia omitido muita coisa. Meu irmão, certa vez, naqueles momentos em que por descuido esquecia-se de ser maldoso comigo, dissera-me que a arte de contar é uma questão de saber o que omitir, e ousou afirmar que ele tem razão, embora eu muitas vezes desejasse, enquanto aprendia as falas de suas peças, que ele tivesse omitido vinte vezes mais. Omiti meu pavor, o terror paralisante que quase me fez urinar nas calças. Omiti meu coração disparado, meu pânico quando o cavalo de deValle se agigantou acima de mim, quando acionei o gatilho da pistola, às cegas, e a arma engasgou. Não confessei que tinha sido lançado para trás pelo coice da pistola, que fiquei gritando de medo e escarrapachado na neve; em vez disso, fiz o momento parecer friamente calculado, como se eu tivesse feito pontaria, quando, na verdade, meus olhos estavam fechados e o alvo foi atingido por puro milagre. Na hora, fiquei choramingando, tremendo, quase morto de medo, mas, sabendo que Silvia estava escutando, fiz-me parecer um herói.

E herói eu fui! Meu irmão olhava para mim com um semblante que poderia até ser confundido com admiração e que, certamente, expressava gratidão. John Heminges exultava, os meninos me contemplavam com ar de espanto, e até Will Kemp se mostrava impressionado. Ele empurrou a cadeira para trás, levantou-se e deu um tapa em minhas costas, com uma violência tamanha que chegou a doer.

— Muito bem, rapaz — ele me exaltou —, muito bem!

Somente Richard Burbage se mostrava descontente. Ele puxou meu irmão de lado, conduzindo-o pelo braço até o espaço abaixo da sacada de vidro, e vi que estavam deliberando. Richard Burbage olhou para mim e, parecendo satisfeito, retornou ao recém-construído tablado. Meu irmão subiu as escadas, foi até o banco que ficava à janela da sacada e me chamou.

— Você não pode ser Romeu — disse-me ele, como saudação.

— Você... — comecei a dizer.

— Não pode — disse ele, resolutamente, mas com surpreendente amabilidade. — Sente-se. — Sentei-me. Ele olhou através da janela. O aquecimento do salão derretia os desenhos formados pelo gelo, e gotículas de água escorriam na

superfície externa do vidro, distorcendo a visão do rio congelado. — Continua nevando — disse ele. — Inverno rigoroso!

— Você disse... — recomecei a dizer.

— Eu sei o que eu disse — interrompeu-me ele mais uma vez —, e foi dito sem pensar. Romeu é um papel muito grande, grande demais, e Richard vai fazer um belo trabalho. Mas prometo que vou lhe dar um papel masculino de importância, um bom papel.

— Importância — repeti a palavra.

— Um papel digno de um sócio — disse ele. — Eu prometo.

— Um papel masculino? Nada como Francis Foles?

Ele teve a bondade de sorrir.

— Nada como Francis Foles. Você vai gostar do papel. Um papel verdadeiramente masculino. Você pode deixar a barba crescer, e vai ser devidamente remunerado. — Ele aguardou, esperando que eu falasse, mas eu não disse nada. — É uma peça boa — disse ele, demonstrando certa ansiedade. — É uma peça boa até demais, e podemos começar os ensaios assim que ela for copiada. Sua Senhoria me disse que a Rainha deseja nos ver atuar mais uma vez, então agora temos duas peças para apresentar à corte. E você vai figurar nas duas. — Ele se levantou. — E a primavera não tarda! Podemos apresentar as duas peças no Theatre quando o tempo melhorar. Você vai ter trabalho, Richard, você vai ter trabalho e vai ser remunerado. Agora precisamos concluir o ensaio. — Ele voltou a olhar para o banco à janela. — Obrigado — disse ele, então desceu a escada. Segui seu olhar e vi que ele havia deixado moedas sobre o assento forrado. Seis xelins!

— Como é o nome dele? — perguntei enquanto ele se afastava.

Ele se virou e ergueu os olhos para mim.

— O nome dele?

— Do personagem que eu vou fazer?

— Você vai precisar de um florete, então é melhor começar a treinar!

— O nome dele? — perguntei, mais uma vez.

Ele fingiu não ouvir e seguiu em frente, e eu me perguntei se poderia acreditar na promessa. O que o reverendo Venables tinha dito? Que promessas feitas no teatro eram como beijos em uma festa da primavera. Eu acabara de ser beijado.

E lá fora a neve caía cada vez mais forte.

Ainda havia tempo para ensaiar algumas outras cenas, e o ensaio correu bem, talvez porque todos estivessem de bom humor, exceto John Heminges, que ainda lamentava a traição de seu aprendiz. Até Bobby Gough conseguiu se lembrar de todas as suas falas, embora ainda estivesse nervoso, possivelmente porque era um ou dois anos jovem demais para encarnar Titânia.

Quem me surpreendeu foi Alan Rust. Ele era um homem alto, de complexão forte, e costumava fazer personagens sérios, de meia-idade. Tinha uma voz grave e uma presença cênica imponente, o que fazia dele uma escolha surpreendente para atuar como o ardiloso criado de Oberon, Puck, cujos equívocos e brincadeiras funcionavam como ganchos para quase toda a ação parte da peça. Quando copiei o texto, vi Puck como um espírito, um elfo, um duende alegre que dançava, em vez de andar, e cantava, em vez de falar. De fato, era o que meu irmão sugeria, às vezes chamando-o de “Robin Bom-Companheiro”, e não havia um homem sequer na trupe que não tivesse crescido ouvindo histórias das travessuras de Robin Bom-Companheiro. Tratava-se de uma criatura ladina, um espírito das profundezas da floresta, um endiabrado, um papel que, a meu ver, um dos meninos faria muito bem, mas os sócios tinham oferecido o personagem a alguém que normalmente representava reis, lordes ou tiranos. Ainda assim, Rust transformara o papel, chegando a rivalizar até mesmo com Will Kemp como figura cômica. Não tentou reduzir sua estatura, embora recorresse a um tom de voz mais agudo do que de hábito e adotasse movimentos propositadamente leves. Em repouso, era a dignidade em pessoa, mas a dignidade desaparecia quando ele se movimentava. Ele dançava, tremelicava, mostrava-se inquieto, era engraçado. “Meu amável Puck, venha cá”, chamava-o Oberon, e o adorável Puck deslizava pelo palco, mais do que entusiasmado, derrapava e parava, aprontando-se para zarpar mais uma vez.

— “Tu te lembras” — prosseguiu Oberon — “daquela vez que me sentei num promontório e fiquei escutando uma sereia que passeava no dorso de um golfinho” — e Puck fez que sim prontamente, todo agitado e afobado, como se quisesse sair voando logo para atender qualquer pedido a ele feito. Oberon queria que ele se recordasse do momento em que a sereia cantou e o mar revolto se acalmou, e as estrelas desceram para ouvir o canto. — “Tu te lembras?”

— “Eu me lembro!” — disse Puck imediatamente, mas era óbvio que não lembrava e que os acontecimentos seguintes seriam malogrados, porque ele tinha energia demais e bom-senso de menos. O sumo da flor mágica seria pingado nas pálpebras do amante errado, e o resultado seria casais traídos pelas estrelas e confusão sem igual.

— “Busca-me essa flor” — ordenou Oberon, apontando à esquerda do palco —, “e trata de voltar antes que o leviatã possa nadar uma légua.”

— “Em quarenta minutos eu ponho uma cinta em volta da Terra!” — disse Puck, sumindo pela porta à direita como se um urso o estivesse perseguindo.

Todos nós rimos.

Silvia também riu. Ela deixou o salão tão logo entregara os rolos de tecido, mas logo retornou, acompanhada de Jean, nossa costureira, ambas trazendo mais rolos

de tecido. Lady Anne Hunsdon, avó da noiva, havia inspecionado alguns dos figurinos finalizados, e agora exigia que fossem ainda mais requintados.

— Há dinheiro, Mestre Shakespeare — ouvi quando ela disse a meu irmão. — Gaste!

Meu irmão fez uma reverência.

— Pois não, senhora — respondeu ele, espantado.

— Gaste mais! — disse ela, imperiosamente. O Theatre tinha um vasto estoque de trajes, que eu considerava meu próprio guarda-roupa, mas, exceto para disfarçar meninos de mulheres, para vestir nobres com seda e cetim, e plebeus com fustão, não investíamos muito em figurinos. Quando encarnou Tito Andrônico, Richard Burbage usou meias compridas, uma camisa com gola postiça e botas, e uma toga habilmente improvisada com um lençol branco. As tropas de Tito, representadas por atores temporários, usavam capacetes surrados e couraças amassadas que tinham servido aos exércitos em lutas travadas na Irlanda e nos Países Baixos. O público parecia não se importar, mas Lady Hunsdon queria tudo do bom e do melhor. — Eu quero que a peça se assemelhe a uma mascarada — disse ela, mais de uma vez.

Eu nunca tinha visto uma mascarada, mas sabia que se tratava de espetáculos suntuosos encenados em mansões campestres e palácios urbanos, diante da Rainha e da aristocracia. Meu irmão me disse que as mascaradas não eram peças, propriamente, mas números repletos de deuses e deusas, coros e músicos, distintos pelos efeitos e trajes mais elaborados dos quais máquinas, criatividade, dinheiro e figurinistas pudessem dispor. Deuses voavam, sereias pareciam flutuar sobre lagos, água colorida jorrava das fontes, a relva era pintada de dourado, querubins gorjeavam e, o que era mais importante, mulheres faziam papéis femininos. “E algumas o fazem muitíssimo bem”, dissera meu irmão.

— Então por que a gente não...

— Porque os puritanos já nos odeiam o bastante! Se pusermos mulheres no palco, os puritanos vão tocar fogo nos teatros. Se tem uma coisa de que puritano tem medo, é de mulher. Além disso, as mascaradas não são peças.

— Não são? — perguntei.

— As mascaradas não passam de recitais de carolice — falou ele, com desdém —, criados para inspirar a plateia com falas infundáveis sobre castidade, nobreza, bravura e outras besteiras desse tipo. Podem até ser encantadoras de se ver, mas um tédio inacreditável de se ouvir.

Então, *Sonho de uma noite de verão* seria encantadora de se ver. Jean e Silvia tinham trazido vários metros de gaze de seda branca, cetim bege e renda fina, materiais que seriam utilizados nos figurinos das fadas. Os aprendizes mais jovens da trupe assumiriam o papel das fadas e seriam acompanhados por meia dúzia de



crianças agregadas à casa do Lorde Camerlengo, para as quais meu irmão escrevera as letras de três canções musicadas por Phil. Os pequenos eram filhos de serviçais da casa, e um deles, chamado Robin, era sobrinho de Silvia.

— Diga oi para o Francis Foles — disse ela ao menino.

— Oi — disse a criança, de seis ou sete anos.

— Oi — falei, meio sem graça.

— Esse aqui é um pestinha — disse Silvia, ajoelhando-se para envolver Robin com a gaze de seda branca. — E fique quieto, ou dou-lhe uma palmada! — Estas últimas palavras foram dirigidas à criança, que me olhou com olhos arregalados. — Ele é o filho mais velho do meu irmão — explicou Silvia. O irmão dela, Ned, trabalhava nos estábulos. A família toda, pelo jeito, estava ligada à casa do Lorde Hunsdon. Antes de Sua Senhoria adquirir a própria barcaça, o pai de Silvia tinha sido um dos barqueiros que lhe prestavam serviço, e a mãe tinha sido arrumadeira, assim como Silvia. — Espero que Robin cresça para servir à família — continuou Silvia.

— Eu quero ser soldado — disse Robin.

— Você não quer ser soldado — disse ela —, porque soldado vira picadinho. Você quer é trabalhar nos estábulos, como o seu pai. E pare de cutucar o nariz! — Ela deu um tapa na mão de Robin, então enrolou mais gaze em volta dos ombros do menino, ajustou e alfinetou o tecido, e prendeu uma fita de seda. — Pronto! Você está uma fadinha linda!

— Eu não quero ser fada.

— Bem, você é uma fada. E ainda canta. Você é uma fada que canta. — Ela amarrou a fita e ergueu os olhos em minha direção. — Ele tem uma voz linda, o Robin. Você canta como um passarinho, não é? Como um canarinho.

Robin não disse nada, apenas fixou o olhar em mim, como se quisesse minha ajuda para defendê-lo daquele monstruoso abuso feminino.

— Quer dizer que você atirou num cavalo? — perguntou Silvia.

— De raspão.

— Então não matou o bicho?

— Não, ele só ficou assustado.

Ela me ofereceu um sorriso largo e estava prestes a dizer algo mais, quando Jean chamou meu irmão.

— Vai ter tapete no palco?

— Vai!

— Então as fadas não vão precisar de sapatos?

— Fadas nunca precisam de sapatos.

— Está ouvindo? — disse Silvia a Robin. — Você não precisa de sapato, então não se esqueça de lavar os pés.

— Por quê?

— Porque eu estou mandando. — Ela inclinou o corpo para trás, a fim de contemplar o próprio trabalho. — Você está uma fadinha tão bonita! Ele não está bonito, Richard?

— Muito — falei.

— E nada de roer unha! — Silvia deu um tapa na mão de Robin.

Robin fez careta.

— A tia Silvia vai casar com o Tom — disse ele, sem mais nem menos.

Meu mundo caiu. Eu não sabia o que dizer, porque não havia o que dizer. Silvia enrubesceu e não olhou para mim. Ela estava passando a tesoura no figurino de gaze, e as lâminas hesitaram por um instante, então voltaram a cortar furiosamente.

— Você vai se casar? — perguntou Jean alegremente, ajoelhada diante de outra criança.

Seguiu-se um momento de silêncio. Silvia tinha inserido dois alfinetes entre os lábios, mas agora os removera.

— Meu pai quer que eu me case — disse ela, sem rodeios.

— Quem é Tom? — perguntou Jean.

— Um barqueiro. — Silvia ainda não tinha olhado para mim. — Ele ajuda o meu pai.

— É um bom rapaz, ele?

— A gente vai cobrir esta beirada com cetim?

— Vamos usar o azul nos coletes das crianças. — Jean, ainda de joelhos, engatinhou pelo assoalho para examinar Robin. — Ah, está bonito mesmo! Essa gola alta ficou elegante! Que tal o mesmo para Titânia? Só que dourado? A gente trouxe o tecido dourado?

Silvia reintroduzira os dois alfinetes entre os lábios, então apenas sacudiu a cabeça.

— Eu vou buscar — disse Jean, e começou a se levantar.

Silvia cuspiu longe os dois alfinetes.

— Não, eu vou!

Ela atravessou correndo o salão e desapareceu pelos portões. Robin, envolto em gaze e cetim, recomeçou a cutucar o nariz.

— É uma garota adorável — disse Jean, depois que Silvia saiu. — Esse Tom é um sujeito de sorte.

— É mesmo — falei, mecanicamente.

— E como costura! — Jean pôs-se a costurar a beirada do colete de Robin. — Faz mágica com uma agulha. Eu queria que ela viesse trabalhar comigo.

— Pois é — falei.

Jean apoiou-se nos calcanhares e olhou para mim.

— Deus do Céu, Richard! Eu não entendo os Shakespeare. Vocês vivem com a cabeça nas malditas nuvens, os dois. Fique quieto, seu danadinho! — Ela deu um tapa na mão de Robin. — Não cutuque esse nariz! Quer que o seu cérebro escorra para fora? Por que você acha que a sua Silvia ainda não se casou?

— A minha Silvia? — perguntei.

— Ela já tem dezesseis anos, pelo amor de Deus! A esposa de John Heminges já era viúva aos dezesseis. Silvia deveria ter se casado dois anos atrás.

— É mesmo?

— Não fique prestando atenção na conversa — disse Jean a Robin — e não fique roendo as unhas, ou você vai acabar com dois cotocos, que nem o Daniel Mão-Leve. Você vai ter que comer igual a um cachorro, se ficar com cotocos. Ela não quer se casar com esse Tom, não é? E o pai dela é molenga demais para obrigar ela a se casar.

— Quem é Daniel Mão-Leve? — perguntou Robin.

— Você não conhece ele, querido, mas ele faz uma tremenda lambança quando come. E também não consegue limpar a bunda, então é uma fedentina só.

Robin riu, e eu fiquei observando os portões do salão, mas Silvia não voltou. A neve caía com mais intensidade, forrando de branco a vidraça da janela, e os sócios resolveram encerrar o ensaio e mandar todos para casa.

— Amanhã a gente se encontra — anunciou meu irmão.

Fui para casa.

A neve deu uma trégua. Passamos boa parte do dia achando que afundaríamos nos grandes e leves flocos, mas, quando cheguei em casa, já havia parado de nevar. Paguei três xelins de aluguel à viúva Morrison, e ela fitou as moedas como se jamais tivesse visto algo semelhante.

— Um milagre em fevereiro! — disse ela, beijando-me a face. — Aceite um bolinho de aveia, querido. Aceite dois.

— Como vai o Padre Lourenço? — perguntei a ela.

— Ele está ocupado, querido. — Ela piscou o olho para mim, o que supus significar que ele estava confessando fiéis. — Um homem esteve aqui, perguntando por você.

— Por mim?

— Um sujeito desagradável — disse ela, e eu devo ter reagido com uma expressão de alarme. — Tudo bem, querido — prosseguiu ela —, eu disse a ele que você não tinha pagado o aluguel e que tinha sido posto no olho da rua. E quase foi essa a história mesmo, hein?

Subi até o sótão, que estava escuro e gelado. Consegui fazer uma faísca friccionando metal e pedra, acendi uma bucha de linho chamuscado e passei a

chama para uma vela de junco. Eu me sentia extremamente infeliz. Padre Lourenço estava ocupado, e eu não me sentia bem para ficar todo encolhido e sozinho no sótão. Silvia! Eu queria acreditar no que Jean me dissera, mas a mente sempre descamba e acredita no pior. E casar-se com Tom fazia sentido. Ele era barqueiro, jovem, tinha profissão e ganhava dinheiro. Por que os pais de Silvia haveriam de querer que ela se casasse com um ator que não tinha um tostão furado? Talvez Jean estivesse certa, e talvez Silvia não quisesse se casar com Tom, mas o bom-senso dizia que ela deveria desposá-lo.

Pensei nas palavras de Novelo a Titânia, depois que ela declarava sua paixão por ele, uma paixão tórrida, apesar da cabeça de asno que se erguia acima dos ombros do amado. Sob influência da poção mágica descoberta por Oberon, Titânia jurava amor eterno, ao que Novelo respondia: “Para falar a verdade, amor e razão não andam juntos hoje em dia.” Como eu queria que isso fosse verdade! Mas eu receava que amor e razão pudessem se tornar bons companheiros. Em uma peça, tudo pode acontecer. Rainhas das Fadas podem se apaixonar por monstros, mas os pais de Silvia haveriam de querer para a filha um casamento seguro, sensato, com um homem que a sustentasse e que os amparasse na velhice.

Eu não queria ficar sozinho e com frio, e tampouco continuar vestido nas roupas de artesão que tinha usado o dia todo, então vesti o melhor traje que pude furtrar do guarda-roupa do Theatre. Eu estava zangado. Dizia a mim mesmo que Silvia havia me enganado e que, quando descobri o engodo, ela fugiu de mim. Então aquela noite eu encontraria alguma outra mulher e gastaria o que restara do presente do meu irmão. Escolhi um gibão preto, com listras de veludo azul-escuro, confeccionado com a mais fina pelica espanhola. A peça tinha custado uma fortuna, mas alguma alma nobre, cansada do gibão, fizera dele uma doação ao teatro. As mangas eram fixadas aos ombros com cordões de prata enfiados em ilhoses prateados, forradas com seda branca que se estufava por aberturas nos antebraços. Os punhos eram de renda francesa. Em suma, o gibão era uma formosura. Vestir um item daquele parecia um gesto contra infortúnios do destino, contra a razão capaz de azedar o amor. Pendurei no cinto um punhal embainhado, cobri meu traje com um manto grosso e escuro, e então, com moedas na bolsa, voltei para a noite.

— Vai à taberna? — perguntou a viúva, ao me ver saindo.

— Vou dar um pulinho lá.

— Deveria poupar seu dinheiro, Richard.

Era, sem dúvida, um bom conselho, mas fui até a Dolphin na esperança de encontrar Alice sozinha. Porém, quando abri a porta do salão lotado, enfumaçado e iluminado por velas, avistei meu irmão sentado a uma mesa diante da imponente lareira. Estava acompanhado de quatro sujeitos, nenhum dos quais eu conhecia.

Fiquei às sombras, observando-o. Parecia animado e certamente contava uma história, e os companheiros riam. Parecia feliz, e por que isso me surpreendeu? Talvez porque sempre que estava comigo ele ficava sisudo? Duvidei que ele quisesse minha companhia, apesar de eu ter resgatado seus preciosos textos teatrais, e eu tampouco queria a companhia dele, portanto me encolhi nas sombras. Então vi Alice descer a escada e atravessar o salão superlotado. Parecia muito frágil e pálida, e toda descabelada, mas, quando avistou meu irmão, seu rosto se iluminou, e ele, tendo-a visto, estendeu o braço, sinalizando um convite. Ela se pôs ao lado dele, sentou-se no banco e aninhou-se em seu ombro. Muito se passara da hora de recolher, e os portões da cidade, naturalmente, já se haviam fechado, sendo assim era evidente que meu irmão não pretendia ir para casa. Ele passaria a noite na taberna. Cochichou algo ao ouvido de Alice, e ela riu. Inclinou-se e beijou-lhe a testa. Ela começou a falar, toda animada, enquanto meu irmão e seus companheiros escutavam. Estavam todos felizes.

Eu não queria permanecer ali, mas tampouco queria voltar direto para casa. Então, tendo a infelicidade como companheira, fui até a Falcon, onde, como era hábito, Marie sentava diante do fogo, Dick estava carrancudo, e Margaret e o marido batiam boca.

— Como você está bonito! — saudou-me Margaret. — Richard não está bonito?

— Basta amarrar uma fita no pescoço de um cachorro... — resmungou Harold Seboso, o marido de Margaret.

— Seu velhote miserável.

Comprei uma cerveja quente e sentei-me diante da lareira da taberna, pensando em Silvia, então lembrei-me do “sujeito desagradável” que tinha procurado por mim na casa da viúva. Desconfiei que fosse alguém enviado por deValle. De algum modo, diante de todas as emoções e decepções daquele dia, eu não tinha pensado na vingança de deValle, mas ele haveria de se vingar. Era um homem soberbo, e eu tinha quebrado sua perna e roubado seu chapéu. Senti um calafrio ao constatar o perigo que corria.

— Acho que vou dormir aqui hoje — falei a Margaret.

— Parou de nevar, Richard, mas você é bem-vindo, é claro.

— Se pagar — interveio Harold Seboso. — Pode ficar se pagar. Isso aqui não é abrigo de pobre.

— Não é, não? Mas que surpresa! — disse Margaret. — É claro que você pode ficar, Richard, não dê ouvidos a ele.

— Talvez ele tenha que dividir a cama com alguém — resmungou John.

— Dividir a cama! Você acha que alguém vai chegar aqui querendo cama numa noite dessas?

— Pode ser que sim.

— Alguém que tenha perdido o horário de recolher — interveio Marie, esclarecendo.

— Ninguém vai viajar numa noite dessas! — disse Margaret, com desdém.

E foi então que ouvimos um barulho de cascos.

— Ah, não? — disse Harold, com prazer. — Será mesmo que ninguém vai viajar?

Não se ouve barulho de cascos àquela hora da noite, não em Shoreditch, e era mais de um cavalo, uma profusão de cascos, cujo ruído a neve não conseguiu abafar. O som se aproximou e esperávamos que passasse, mas, em vez disso, parou e foi seguido de silêncio. Cavalos significavam dinheiro, e dinheiro significava poder, e poder significava encrenca, e todos na Galinha Fedida sabiam disso. Todos olhamos para a porta da rua.

— Isso não pode ter a ver com a gente. — Margaret quebrou o silêncio tenso.

O silêncio se prolongou.

— Foram embora — disse Harold, um tanto incerto.

— Preciso dar uma mijada — anunciei.

Deixei uma moeda sobre a mesa, peguei meu manto e me dirigi à porta do quartinho onde faziam a cerveja.

— Aí dentro, não, seu imundo! — protestou Harold. — Vá até o beco, como qualquer cristão!

Cruzei a porta. Dois ratos desapareceram por baixo dos barris. Abri a outra porta, que dava acesso ao pátio do estábulo, e vi um homem parado ali. Ou melhor, vi o reflexo alongado e pálido de uma lâmina de espada, a qual, no instante em que apareci, foi erguida contra mim. O espadachim não disse nada. Estava vestido de preto, e só pude vê-lo porque havia uma lamparina acesa no quarto dos fundos da casa de Nellie Cotton, que ficava em frente ao pátio. Nellie nunca dormia. Estaria costurando, na saleta dos fundos, confeccionando inacabáveis roupinhas para seus bebês, os quais jaziam todos no cemitério da Igreja de São Leonardo. Era louca.

O homem avançou em minha direção, com a luz da lamparina de Nellie refletindo na lâmina. Virei rapidamente à esquerda, atravessando o portão e entrando no beco que fedia a urina, e outro homem aguardava ali, também todo de preto e empunhando uma lâmina, uma faca curta e larga.

— O Sr. Price quer falar com você — disse ele, e o homem que estava no pátio da Falcon cruzou o portão, e a ponta de sua espada encostou na minha coluna, bem entre as escápulas.

— Quem é o Sr. Price? — perguntei.

Pensei em pular por cima do muro e cair no quintal de Davy Locket, mas a lâmina espetando minha coluna me impedia. Eu jamais conseguiria ultrapassar o muro.

— O Sr. Price — disse o segundo homem — é o cavalheiro que deseja falar com você.

— Vocês pegaram o homem errado — falei e, por um instante, cheguei a acreditar no que dizia.

O único Sr. Price que eu conhecia era peixeiro, e não tinha um tostão furado, muito menos servidores vestidos de preto e portando espadas em riste.

— Não, meu caro — disse o espadachim atrás de mim —, não pegamos o homem errado, não.

— Colabore, menino — disse o homem com a faca —, e quem sabe você sai dessa com as suas bolas...

— Ou com uma delas — disse o espadachim, então baixou a lâmina, cortou meu manto e enfiou a espada entre minhas coxas, pressionando-a para cima. — Uma é melhor que nada, hein, rapaz?

Ele tinha razão. Então fui, obedientemente.

Havia seis homens e sete cavalos. O sétimo cavalo destinava-se a mim. Era um pangaré doente, encilhado, mas sem estribos, e mesmo que eu conseguisse fazer o animal trotar, jamais escaparia dos seis homens com seus garanhões velozes. Eram todos perseguidores. Não me disseram isso, nem precisavam dizer, porque eram comandados pelos mesmos gêmeos inflados que Alan Rust humilhara no Theatre. Um dos gêmeos cavalgava à minha esquerda, e o outro, à minha direita, e conversavam entre si.

— Ele é um menino bonito, meu irmão — disse um.

— É, sim, meu irmão. Por enquanto.

— O chapéu dele é charmoso.

— É um chapéu charmoso mesmo!

— Ele não é de falar muito, é? — O gêmeo que seguia à minha direita me cutucou. — Perdeu a língua?

— É muito provável que perca mesmo — disse o segundo gêmeo —, se o Sr. Price resolver arrancá-la fora.

— Pela raiz.

— Guu-guu — disse o segundo gêmeo, com uma risada. — É só isso que ele vai conseguir dizer quando o Sr. Price tiver acertado as contas com ele.

— Não — disse o primeiro —, vai ser algo como gluu-gluu, mas só depois que ele parar de gritar.

— Guu-gluu, então.

Os gêmeos eram jovens. Teriam, talvez, vinte e poucos anos. Jovens e cheios de si. Os dois homens que cavalgavam adiante de nós e os dois que vinham atrás eram mais velhos, mais fortes e se mantinham calados. A dupla que seguia à frente ouvia

a prosa dos gêmeos e sequer se virava para trás, o que me deu a impressão de que desprezavam os irmãos.

Prosseguíamos devagar. Não se pode apressar um cavalo no escuro, a não ser que queira quebrar as patas do animal, ainda mais quando o bicho anda por um terreno irregular e cheio de neve recém-caída. Subimos pelo norte e dobramos a oeste, contornando a cidade por Hog Lane, passando entre cercas vivas cobertas de neve. As muralhas da cidade formavam uma linha escura ao sul, com a silhueta das ameias quase invisível na contraluz de Londres. A brisa noturna soprava do sul, trazendo consigo a fedentina do esgoto e a fumaça da cidade. O luar estava fraco, mal assinalando os campos lisos e brancos.

Os cavalos apertaram o passo quando alcançamos as casas erguidas ao norte de Cripplegate. Havia lamparinas acesas nos arcos das casas, e fachos de luz se projetavam através das janelas das tabernas. As ruas se tornaram mais estreitas, e tivemos de curvar a cabeça para passar por baixo de marquises e placas. Passamos pela Duck and Drake, onde certa vez eu ganhara dezesseis xelins jogando baralho com um comerciante de tecidos que tinha vindo do norte. O baralho estava viciado. Por um instante, tive medo de que os perseguidores estivessem me levando de volta ao Terreiro dos Lixeiros, mas então rumamos para o sul, em direção a Smithfield. Vigias se recolheram portas adentro, e as poucas pessoas que ainda não estavam dormindo se desviavam do nosso caminho, desaparecendo pelas ruelas, não querendo ser vistas por um bando de homens vestidos de preto e montados em garanhões.

— Talvez o menino bonito tenha uma irmã, meu irmão — disse o gêmeo à minha esquerda quando íamos chegando ao pátio aberto do Mercado de Smithfield. O hálito dele formou uma pequena nuvem diante da fraca luz da lamparina.

— Nós gostamos de irmãs, meu irmão.

— Gostamos, sim.

— Ou uma namoradinha?

— Gostamos de namoradinhas também.

— Ele deve ter uma namoradinha. É um menino bonito.

— E nós detestamos meninos bonitos, hein, meu irmão?

— Detestamos meninos bonitos, sim.

Continuei calado, e meu silêncio os desanimou, portanto eles também se calaram. Seguimos até Westminster e lá paramos diante de um grande portão guardado por dois homens de libré escarlate e iluminado por duas tochas que tremulavam na brisa leve da noite. Os guardas não falaram nada, evidentemente reconhecendo os cavaleiros, e então simplesmente ergueram as alabardas e um deles abriu o portão à direita. Eu sabia onde estávamos. Ali era o palácio onde eu tinha visto Simon Willoughby beijar aquele fidalgo no pátio alagado pela chuva.



— Pode desmontar, menino bonito — ordenou um dos gêmeos assim que cruzamos o portão, e eu obedeci.

Os gêmeos também desmontaram, e um deles pegou-me pelo cotovelo e me conduziu por uma porta baixa e depois por um corredor iluminado por lamparinas.

Palácios são como teatros. A fachada é toda vistosa e iluminada, pintada com estrelas e reluzindo mármore falso, mas por trás do palco é tudo sujeira, desordem, madeiramento tosco e gesso rachado. Estávamos nos bastidores do palácio, nas entranhas, onde a criadagem nunca dorme. Havia lenha empilhada em uma das laterais do corredor, e vapor emanava de um cômodo onde uma lavadeira enfiava uma vara dentro de um caldeirão posto sobre uma fogueira. Ela viu os gêmeos e fez o sinal da cruz. Era possível fazer o sinal da cruz no palácio sem ter de enfrentar um interrogatório por parte dos constabulários. Corria o boato de que a própria Rainha guardava um crucifixo num quartinho íntimo, uma enorme cruz pendurada na parede, com Jesus crucificado olhando-a diretamente nos olhos, e talvez fosse verdade. Mas os homens tinham suas vísceras extirpadas e queimadas diante dos próprios olhos por muito menos que isso.

— Ele trabalha até tarde — disse-me um dos gêmeos.

— O Sr. Price — explicou o outro.

— Ele trabalha até tarde.

Demonstravam um respeito estranho, não por mim, mas pelo Sr. Price, que trabalhava até mais tarde. Minha raiva pelos gêmeos se transformava em ojeriza. Eram bem menores que eu, mas tudo neles parecia avantajado: nádegas, narizes, queixos, as cabeleiras escuras sob os gorros de veludo preto, os músculos que estufavam as mangas de tecido preto. Eram dois meninos inflados e sem graça que me conduziam por um pequeno pátio estocado com barris e depois por outro corredor, onde um deles parou e bateu à porta.

— Entrem — disse uma voz.

— Entra aí. — Um dos gêmeos me empurrou porta adentro.

— Tira o chapéu — disse o outro gêmeo, arrancando da minha cabeça o chapéu que pertencia a Christopher deValle. Quando entrei no recinto, os dois me seguiram, e outros dois perseguidores os acompanharam. Todos saudaram respeitosamente o homem sentado atrás de uma mesa.

— Pegamos ele, Sr. Price — disse um dos gêmeos.

Não houve resposta.

Primeiramente, o recinto. Não grande, mas sem exagero. O piso estava coberto de junco, e as paredes eram forradas de madeira escura, enquanto o teto exibia a pintura de um céu noturno onde navios com velas enfunadas navegavam entre as estrelas. Imaginei que o Sr. Price não tivesse encomendado aquela pintura, pois parecia demasiado frívola se comparada ao restante do cômodo, e o Sr. Price não

dava a impressão de ser um homem que vislumbrasse navios navegando pelo céu. Era um homem que apreciava a ordem, e havia prateleiras contendo papéis meticulosamente empilhados em uma das paredes, e mais papéis arrumados sobre a mesa, sendo esta tão espaçosa que ocupava quase metade da sala. Devia haver trinta velas sobre a mesa, grandes velas queimando para iluminar a sala e, devido à ausência de janelas, era provável que ardessem dia e noite. Atrás da mesa, ocupando metade da parede do fundo, ficava uma grande lareira de pedra, onde um fogo também ardia. Havia lenha empilhada à esquerda do borrarho e carvão mineral à direita. O calor era intenso, mas o Sr. Price sentava-se perto do fogo, trajando um manto negro.

Agora, o Sr. Price. Estava sentado à mesa, escrevendo. A pena arranhava o papel. Não ergueu os olhos, mas continuou a escrever, arranhando, molhando a ponta da pena em um tinteiro de estanho, escorrendo o excesso de tinta, e voltando a arranhar o papel. Eu só podia ver o topo da cabeça dele, que exibía uma careca semelhante à tonsura de um monge. *Arranhando e arranhando*. Até onde eu podia ver, ele estava todo vestido de preto e não usava rufo. Seria algum puritano? Até os gêmeos usavam rufos, embora os deles fossem umas coisas encardidas, mal engomadas, pendendo abaixo dos queixos avantajados.

— De onde — o Sr. Price rompeu o silêncio, ainda escrevendo — vêm as nossas penas?

— Da oficina da Sra. Hamilton, em Grass Street, Sr. Price — respondeu um dos gêmeos.

— O nome correto é Gracechurch Street, creio eu?

— Eu quis dizer Gracechurch Street, Sr. Price, me desculpe, Sr. Price.

— Diga à Sra. Hamilton que as penas fornecidas por ela não estão suficientemente macias. E pergunte a ela se eu é que devo afiar as pontas.

— Tenho certeza de que a Sra. Hamilton pode afiar as pontas das penas, Sr. Price.

Seguiu-se um silêncio. A pena fez uma pausa, e o Sr. Price ficou absolutamente imóvel. Os gêmeos tampouco se mexeram.

— Eu... — ia dizendo o último gêmeo a falar, então parou — não... quero dizer... eu posso...

A pena voltou a escrever, e os gêmeos relaxaram. Um pedaço de carvão rolou dentro da lareira, produzindo uma baforada de fumaça no recinto.

— Lenha — disse o Sr. Price, e um dos gêmeos deu a volta na mesa para alimentar o fogo, que já ardia como as chamas do inferno.

O Sr. Price pegou um trapo de pano e, cuidadosamente, limpou a ponta da pena. Em seguida, dobrou muito bem o trapo, colocou-o ao lado do papel, enfiou a pena no tinteiro e olhou para mim.

Porco, pensei na mesma hora, lembrando-me de Lorde Hunsdon se referindo a um tal de Porco Price. E ele tinha razão, pois George Price era um porco em forma de humano. Homem rechonchudo, de estatura baixa, maxilares inchados, nariz achatado, olhos miúdos, barba rala e boca rasgada. Idade? Talvez quarenta anos. Talvez mais. Quase não tinha queixo, mas a expressão facial era petulante. Um bicho feio, pensei, feio, zangado e perigoso.

— Meu nome — disse ele — é George Price. George... Price. — Ele repetiu o nome com clareza, separando George de Price por meio de uma demorada pausa.

Então parou, provavelmente esperando que eu falasse, mas permaneci calado. Ele tamborilou a superfície da mesa com as pontas dos dedos. Tinha as unhas roídas, e a pele que as contornava estava esfolada e suja de sangue, mas não havia tinta nos dedos. Nunca vi um escritor, ou um poeta, ou um secretário ou escrivão cujos dedos não estivessem borrados de tinta, mas esse não era o caso do porcalhão Sr. Price. Era um porquinho metuculoso. O fogo rugia atrás dele, as chamas iluminando o cômodo tanto como as muitas velas ali presentes.

— Ele não é de falar muito, Sr. Price — disse o gêmeo de pé ao lado do borralho.

— Cale-se — disse o Sr. Price. Então olhou para mim, fechou os olhos e juntou as mãos com os dedos esfolados e as unhas roídas. — Oremos — disse ele.

— Fecha esses olhos pestilentos — rosnou o gêmeo que estava de pé ao meu lado.

— Senhor — disse Price —, em cujas mãos está a segurança deste reino, abençoi, rogamos, os nossos trabalhos nesta noite, para que tais trabalhos possam contribuir para Vossa glória e acelerar o advento de Vosso reino. A Vós suplicamos em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

— Amém — murmuram os gêmeos em uníssono.

George Price abriu os olhos e olhou para um dos dois perseguidores que estavam de pé à porta.

— Vá buscar o menino — disse ele.

O homem saiu, e nós ficamos aguardando. O fogo estalava. A neve em nossas botas derretia e formava poças sobre o junco espalhado pelas tábuas do assoalho.

Ouvi passos. A porta abriu e o perseguidor entrou, trazendo um menino pela gola do colete.

Era Simon Willoughby.

— Agora — disse o Sr. Price — podemos começar.

## DEZ

Simon Willoughby parecia apavorado, e a beleza que ele um dia possuiu fora totalmente arruinada. Sua face direita era uma grande equimose arroxeada e atravessada por um talho escuro e protuberante, coberto de sangue coagulado. Parecia que eu lhe havia quebrado o maxilar. O olho direito estava fechado, o lábio superior inchado, os cabelos meio lambidos, e ele tremia. Ele olhou para mim e gemeu, como se receasse apanhar mais.

— O menino pode sentar — disse o Sr. Price.

O perseguidor que buscara Willoughby arrastou uma cadeira que estava próxima à parede.

— Obrigado, senhor — choramingou Simon Willoughby.

— Vocês dois podem esperar do lado de fora — disse Price, franzindo o cenho e dirigindo-se aos dois homens que estavam à porta. Ele esperou que os dois se retirassem, e apenas Porco Price, Simon Willoughby, os gêmeos e eu ficamos no recinto demasiadamente aquecido. Um dos gêmeos ficou perto de mim, e o outro se pôs ao lado do fogo. — Você está confortável, meu rapaz? — perguntou Price a Simon Willoughby quando a porta foi fechada.

— Estou, senhor, obrigado, senhor.

— E você reconhece este homem? — Price fez um gesto em minha direção.

— Reconheço, senhor — disse Willoughby. — É Richard Shakespeare, senhor. — A fala dele soava engrolada, talvez porque eu lhe tinha quebrado um dente ou porque a face estava inchada demais, mas ainda assim conseguiu empregar um tom venenoso ao falar meu nome.

— E foi ele o homem que o atacou e roubou bens que estavam aos seus cuidados?

— Foi, senhor, foi ele, senhor.

— Seu mentiroso, filho da... — comecei a dizer, e o gêmeo que estava ao meu lado desferiu-me uma violenta bofetada na boca.

— Você vai ficar calado — disse-me Price —, exceto quando alguém lhe fizer uma pergunta. — Ele arrumou uns papéis sobre a mesa, alinhando as laterais meticulosamente. Quando já estava satisfeito, olhou para mim. — Você é ator? — perguntou ele, pronunciando a última palavra como se estivesse coberta de fezes.

Não respondi. Ele já sabia quem e o que eu era, então por que eu falaria?

— Eu posso fazer com que ele desembuche para o senhor, Sr. Price.

Price ignorou o tom de voz ansioso do gêmeo que acabara de falar. Seus dedos tamborilavam a superfície da mesa enquanto me contemplava.

— Sua Majestade — disse ele — tem uma predileção por mascaradas, interlúdios e peças teatrais. — Era visível que ele desaprovava tudo isso, mas ela era sua Rainha, e ele um servidor real, portanto, tais palavras foram ditas em tom de respeito. — Você acha que esse fato lhe confere privilégios?

— Não.

— “Não, senhor.” — O gêmeo que estava junto ao fogo me corrigiu. Ignorei-o.

— Ela não vai proteger você — disse o Sr. Price. — E você sabe por que não?

Eu não disse nada.

— Ele não sabe por quê, Sr. Price — disse o outro gêmeo.

O hálito dele cheirava a uma mistura de tabaco, peixe e cerveja.

— Porque você é ator, ladrão, mentiroso e pilantra — disse o Sr. Price, com súbita crueldade. — O que mais você é?

— Cristão — falei, sabendo que isso o deixaria irritado.

— Seu blasfemo! — disse o Sr. Price, com escárnio. — Você é papista?

— Não — respondi.

— “Não, senhor” — corrigiu-me Bafo-de-Peixe. — Tenha respeito com o Sr. Price.

Ele enfiou o cotovelo nas minhas costelas, enquanto enfatizava a palavra “senhor”. O irmão bufou alto, tentando conter uma risada. Ele tinha colocado mais carvão no fogo e cutucado as chamas com um atizador de brasas, e sua cara grosseira agora brilhava de suor.

— Ele vai aprender a ter respeito — disse o Sr. Price, calmamente. — Mestre Willoughby?

— Senhor? — disse Simon Willoughby, com avidez.

— O Sr. Shakespeare é papista?

— É, senhor, eu acho que ele é, senhor!

— Seu monte de mer... — Comecei a dizer, e recebi outra bofetada na boca, desferida por Bafo-de-Peixe.

— Como você sabe disso? — perguntou Price a Willoughby.

— Porque, antes de cada apresentação, senhor, o irmão dele faz o sinal da cruz. Eu já o vi fazer isso muitas vezes, senhor. Muitas vezes!

— E se um irmão é papista — disse o Sr. Price, olhando para mim. — Então podemos supor que o outro também é?

— Podemos, senhor — disse Simon.

— E você se mija todo antes de cada apresentação... — Comecei a dizer, e a mão de Bafo-de-Peixe golpeou-me a cabeça. — Seu mentiroso, mijão — falei,

rangendo os dentes, dirigindo-me a Willoughby.

— O sinal da cruz — disse Price, devagar, saboreando cada palavra. — O seu irmão não tem vergonha daquela credence imunda, e você mora na mesma casa que um reputado sacerdote católico. Não basta ser ator, essa escória humana, você, ainda por cima, é um cagalhão fedido que saiu do cu da Prostituta da Babilônia! O Padre Lourenço confessa fiéis?

A pergunta foi formulada subitamente, quase me pegando de surpresa.

— Não! — consegui responder.

Sua expressão facial de porco sugeriu descrença em mim, mas ele não insistiu na pergunta.

— Pode aprontar — disse ele a Cara-Sebosa, ainda agachado ao lado do fogo. O Sr. Price levantou-se, exibindo sua pancinha de porco. Empurrou a cadeira para trás, deu a volta na mesa, passando por Cara-Sebosa, e enfiou o focinho bem na minha cara. — Você acredita — inquiriu ele, com o hálito cheirando a maçã assada — na graça da salvação em nosso Senhor Jesus Cristo?

Só há uma resposta possível a essa pergunta.

— Acredito — respondi.

— “Acredito, sim, senhor!” — disse Bafo-de-Peixe.

— Está pronto, Sr. Price — falou Cara-Sebosa, próximo ao fogo, que agora ardia mais reluzente que nunca, lançando sombras fantasmagóricas aos navios que velejavam entre as estrelas pintadas.

Price o ignorou, encarando-me com indignação.

— Diga-me — questionou ele —, o que faz um ator?

— Faz? — perguntei.

— Naquele antro de pecado que vocês chamam de teatro — disse ele. — O que um ator faz?

— Nós fingimos — falei.

— Vocês falam mentiras, então?

— Nós fazemos histórias se tornarem verdade — retruquei.

Eu o olhava de cima, porque ele era cerca de vinte centímetros mais baixo que eu.

— Vocês não podem criar verdades a partir de mentiras — disse ele —, assim como não se pode fazer pudim mexendo merda dentro de uma latrina.

— Muito bem, Sr. Price — disse Bafo-de-Peixe, dando uma risadinha —, muito bem colocado.

O Sr. Price o ignorou.

— Você se veste de mulher, não é?

— Assim como Simon Willoughby — falei.

— Mas as Escrituras proíbem isso! — Price ignorou meu comentário acerca de Simon. Ergueu os olhos para mim, seu rosto tremeu de aversão, e sua voz se elevou, indignada. — “E nem vestirá o homem roupa de mulher; porque, qualquer que faz isto, abominação é ao Senhor teu Deus.” Eis o desígnio de Deus, Sua santa palavra! Viu o que Deus disse? Que você é uma abominação! Vocês enganam, vocês mentem, vocês dissimulam, vocês vestem roupas de mulher! — Ele agora estava deveras enfurecido. — O Padre Lourenço confessa fiéis?

— Não!

Ele cuspiu no meu rosto, então, enojado, virou-se.

— O que você acha, Mestre Willoughby?

Willoughby estremeceu.

— Na peça nova, senhor — ceceou ele, pois a boca e os lábios estavam tão feridos que ele não conseguia falar direito —, tem um personagem chamado Frei Lourenço, senhor. Ele fala em confissão, senhor. Na maldita confissão.

— Um personagem cativante, você diria?

— Ah, sim, senhor.

— A peça nova — falei — se passa na Itália. Não há protestantes na...

— Eu perguntei alguma coisa a você? — Price virou-se para mim. — Então fique calado. — Ele se voltou para Willoughby. — E essa peça foi escrita por William Shakespeare?

— Foi, senhor.

— O sujeito que faz o sinal da cruz?

— Antes de cada apresentação, senhor, sim, senhor.

— E como a peça foi parar nas suas mãos?

Simon Willoughby não foi capaz de me olhar nos olhos, enquanto seu olho que não estava fechado cintilava com lágrimas.

— Sir Godfrey, senhor, receava que a peça fosse uma heresia.

— Mas isso, com certeza — disse Price —, teria sido vetado pelo Mestre de Cerimônias.

— Não se a peça fosse encenada em particular, senhor — disse Simon.

Eu desconfiava de que toda essa conversa tivesse sido ensaiada, e Simon, a despeito de todo seu desconforto, estava se saindo bem.

— Entendi! — disse Price, fingindo-se surpreso. — Então você diria, Mestre Willoughby, que a trupe do Lorde Camerlengo é um ninho secreto de católicos?

— Ah, é, senhor! — O miserável disse, avidamente.

— O Lorde Camerlengo é protestante! — falei.

— Você... — Price começou a dizer, mas eu o interrompi, para variar.

— A mãe dele era da família Bolena! Não se pode ser mais protestante do que...

— Fui obrigado a parar, pois Bafo-de-Peixe me golpeou.

— Quem saberá os segredos imundos que residem no coração de um homem? — perguntou Price, com santimônia. — Você disse que o Sir Godfrey receava heresia?

— E ele me pediu para encontrar a peça, senhor — disse Simon, então acrescentou, com debilidade: — E eu a encontrei, felizmente, senhor.

— Você fez a vontade de Deus, menino — disse Price, com suposto fervor —, assim como o fez Sir Godfrey.

Porco Price não era ator e fingia mal. Ele sabia tanto quanto eu que Sir Godfrey não passava de uma criatura asquerosa, mas, por ora, a criatura asquerosa era um aliado. E isso, pensei, era interessante. Porco George Price não estava fazendo a vontade de Deus, estava fazendo a vontade do Conde de Lechlade.

— Quanto o conde está pagando ao senhor? — consegui perguntar, antes que Bafo-de-Peixe me desse mais um soco.

— Pagando? — retorquiu Price, enfurecido. — Pagando? Sua cria de Satanás! Você sabe o que fazemos neste ofício? A nossa missão é erradicar a heresia, extirpar os católicos, destruir o mal que é a Santa Sé e levar à justiça os traidores que querem matar a nossa Rainha e colocar uma Prostituta da Babilônia no trono da Inglaterra! Quando um informante me diz que está sendo propagada a heresia num teatro, eu não peço pagamento! Mesmo que o embate me empobrecesse, eu lutaria contra essa nojeira! É o meu dever diante de Deus e da Rainha. — Ele falou com paixão, com indignação, e percebi que estava sendo sincero. Alguém, evidentemente o Conde de Lechlade, estava se valendo do comprometimento de George Price com a erradicação de heresias para destruir nossa trupe. E quão rápido Price teria aceitado tal tarefa! Para sua mente febril, embriagada pela fé em Deus, aquela era a oportunidade de incapacitar um ninho de católicos e, ao mesmo tempo, fechar um dos odientos antros de pecado: o Theatre. — Vocês acham que o Lorde Camerlengo vai defender vocês contra uma acusação de catolicismo? — indagou ele. — Contra uma acusação de traição? De subversão? De heresia?

A parte interna da minha bochecha estava sangrando. Engoli o sangue.

— E se o informante do senhor estiver mentindo? — perguntei.

Price ergueu uma das mãos, a fim de deter o soco que Bafo-de-Peixe estava prestes a desferir em mim.

— Se ele mentiu — falou —, eu vou descobrir as inverdades. Ou melhor, *você* vai.

— Eu vou?

— Você é um ladrão. Ou vai negar isso?

— Nego, sim — falei, indignado. — Eu apenas peguei de volta o que nos pertencia.



— Conversa fiada! — retorquiu Price. — Você é um ladrão. Pode falar, Mestre Willoughby.

— Falar, senhor? — perguntou Simon Willoughby, lançando em minha direção um olhar assustado.

— Mestre Shakespeare é ladrão?

— É, sim, senhor — disse Willoughby, em voz baixa.

— Não tenha medo, Mestre Willoughby — disse Price, incentivando-o. — Você está sob a minha proteção agora, e nada de mal vai lhe acontecer. Conte para nós o que você sabe.

E Willoughby contou que eu e ele tínhamos ajudado um fidalgo a atravessar os Campos de Finsbury até a taberna Spanish Lady, próxima a Moorgate, e que tínhamos furtado a bolsa dele e dividido o dinheiro entre nós dois. Cada um faturou oito xelins naquele dia, mas Simon Willoughby afirmou que tínhamos conseguido dezoito xelins cada e falou como se estivesse cheio de remorso, cheio de arrependimento por ter se envolvido no furto. E desempenhou bem seu papel.

— Eu sabia que tinha feito algo errado, senhor — disse ele a Porco Price —, e a minha consciência começou a pesar.

— Ora! — debochei, apanhando de novo.

— Prossiga. — Porco Price incentivou Simon.

— Eu desobedeci a um mandamento de Deus, senhor, e sabia que ia para o inferno. O único sacerdote que eu conhecia era Sir Godfrey, então fui atrás dele, que rezou comigo. Ele disse que eu tinha que buscar o perdão de Deus, senhor, e eu busquei.

Glória ao Senhor! Era quase tudo mentira, obviamente, mas as mentiras se fundamentavam em resquícios de verdade e foram contadas por um bom ator, portanto, eram convincentes. Simon Willoughby acrescentou que eu tentara convencê-lo a furtar novamente e concluiu dirigindo-me um esgar acusatório com seu olho ileso.

— Ele é ladrão, senhor, ladrão!

— Assim como você já foi, Mestre Willoughby! — disse Porco Price, com severidade.

— É, senhor — respondeu Willoughby, com tristeza. — Fui, senhor.

— Mas agora encontrou a salvação que é o nosso Senhor Jesus Cristo?

— Encontrei, senhor, encontrei.

— Então, como o ladrão no calvário, seus pecados estão perdoados e você está mais imaculado que a neve branca.

Se pudesse aguentar mais um dos socos de Bafo-de-Peixe, eu teria caído na risada. Price voltou-se para mim.

— Vais negar as acusações feitas por Mestre Willoughby?

— É claro que vou — retruquei. — Ele é um mentiroso, um mentiroso patético e mijão.

— E você, um ladrão — disse Price —, e agora vai usar suas habilidades pecaminosas em meu benefício. É verdade — ele voltou a olhar para Simon Willoughby — que os textos dramáticos e os documentos da companhia estão escondidos na casa do Lorde Camerlengo?

— É, senhor.

— E você — a cara de porco voltou-se para mim — vai nos trazer os malditos textos. Vai me trazer a peça católica e o exemplar de *A conferência* que pertence ao seu irmão.

Eu tinha esquecido o livro subversivo que defendia a tese de tornar a princesa católica da Espanha na próxima monarca inglesa, livro cuja simples posse bastava para condenar um homem às prisões infames de Londres. Baixei os olhos e encarei Price.

— Vocês são perseguidores — falei. — Então por que vocês mesmos não fazem uma busca na casa do Lorde Camerlengo?

Ele fez uma careta. Ele sabia a resposta tanto quanto eu: não se atreveria a realizar buscas em uma propriedade do Lorde Hunsdon. Sua Senhoria era primo de primeiro grau, quiçá meio-irmão, da Rainha e um homem demasiado poderoso para ser confrontado por Porco Price diretamente. Mas uma trupe de atores era um petisco que lhe aguçava o apetite. Ele ignorou minha pergunta.

— Vai nos trazer a peça e o livro amanhã.

— Amanhã! — reagi, com surpresa.

— Não deve ser muito difícil. Sabe onde a peça está escondida?

— Ele sabe, Sr. Price — disse Simon Willoughby.

— E se eu me recusar? — perguntei.

— Você não vai se recusar — disse Price —, porque, se sair da casa do Lorde Camerlengo sem os papéis que estou lhe pedindo, vou prendê-lo, e você vai ser acusado de roubo e agressão, vai ser julgado e, pode ter certeza, condenado. E a sentença — declarou ele, com satisfação — será morte na forca.

Bafo-de-Peixe exibiu um sorriso irônico e fingiu se engasgar, como se estivesse sendo enforcado.

George Price contraiu a testa, olhando para Bafo-de-Peixe, visivelmente pouco impressionado com a encenação.

— Você e o seu irmão — ordenou ele aos gêmeos — vão ficar esperando na Igreja de São Benet, e o Sr. Shakespeare vai levar os papéis para vocês. Amanhã! — Esta última palavra foi atirada na minha cara.

— E se eu não conseguir levar os papéis amanhã? — perguntei.

Não que eu me importasse, estava apenas tentando encontrar a saída de um palco que parecia não ter nenhuma.

— Amanhã! — rosnou Price.

— A gente não tem ensaio amanhã — menti.

— Isso pode ser verdade, senhor — murmurou Simon Willoughby.

— Então você tem até depois de amanhã — disse Price —, ou dentro de três dias. E nada mais! Três dias! E, se você falhar, vai ser enforcado. — Em seguida, afastou-se de mim. — Pode trazer — ordenou ele a Cara-Sebosa, então olhou para Bafo-de-Peixe. — Arregace a manga esquerda dele. — Foi a ordem.

Bafo-de-Peixe arrancou-me o manto e levou um susto, não à toa, porque meu gibão de couro espanhol era digno de um príncipe, se não de um rei. Em seguida, riu ironicamente, sabendo que estava prestes a estragar o traje.

— Vamos... a manga — disse ele, rangendo os dentes, e sacou uma pequena faca para cortar minha manga, do punho ao ombro.

Eu ainda trazia o punhal escondido no cinto, embaixo do belo saiote pregueado do gibão, e tanto Bafo-de-Peixe como o Sr. Price estavam tão perto de mim que não viam o que minha mão direita fazia.

Bafo-de-Peixe agarrou o punho da minha manga esquerda, com seu belo acabamento em babado de renda francesa branca com formato de estrelas nas pontas, de cada qual pendendo uma pérola; contudo, antes que pudesse usar a faca para cortar a manga, ele gemeu e ficou paralisado.

— Afaste essa faca — falei.

Ele gemeu mais uma vez e afastou a faca da minha manga.

— O que... — O Sr. Price começou a dizer, e eu pressionei o punhal contra a virilha do Bafo-de-Peixe, que emitiu um ruído semelhante a um miado. — O que foi? — indagou o Sr. Price, irritado.

— Eu estou com uma faca nas bolas dele — expliquei.

— Ele está com uma faca nas minhas bolas — ecoou Bafo-de-Peixe, com uma voz tão fininha que seria digna de uma heroína em qualquer teatro.

Então o Sr. Price me surpreendeu. Era um homenzinho com cara de porco, pança de porco, olhos de porco e mandíbulas de porco, mas reagiu com habilidade e rapidez. Agarrou o colarinho do paletó do Bafo-de-Peixe e o empurrou para trás, para longe da minha lâmina, então o tolo choramingas quase caiu, cambaleando contra a parede.

— Ruthers! Carson! — berrou o Sr. Price, e os dois perseguidores, que decerto aguardavam do lado de fora, surgiram porta adentro. Eles viram o punhal na minha mão e sacaram suas espadas.

— Largue o punhal! — disse um dos dois, rangendo os dentes.

Eu duvidava que eles fossem usar as espadas, porque o Sr. Price precisava de um homem que pudesse responder às suas perguntas e furtar o texto de uma peça, e não de alguém que ficou aleijado após um ataque de espadas; portanto, não larguei o punhal. Mas não disse nada, porque não sabia o que dizer. Os dois homens tinham deixado a porta aberta, e cheguei a pensar em sair correndo, mas era evidente que eu não alcançaria a saída. Os sujeitos e suas espadas bloqueavam o caminho.

— Eu vou matar esse desgraçado — uivou Bafo-de-Peixe.

Uma espada avançou contra mim, com a lâmina ameaçando minha garganta. O que eu podia fazer agora? Degolar Bafo-de-Peixe e ter minha própria goela esfolada? Baixei a lâmina.

— Você não vai matar ninguém — disse o Sr. Price a Bafo-de-Peixe, com calma.  
— Você vai apenas arregaçar a manga dele.

Meu irmão gostava de me dizer que não confiasse demais na sorte, o que, decerto, é um bom conselho, o qual, como todo bom conselho, está propenso a ser ignorado. Contudo, naquela noite, diante de dois espadachins e uma faca nas mãos de um pilantra comedor de peixe, decidi não arriscar demais minha sorte. Estava na hora de colaborar, então empurrei Bafo-de-Peixe antes que ele atacasse meu braço.

— O senhor quer remover a minha manga? — perguntei.

— Quero — disse o Sr. Price.

— Pode deixar que eu mesmo removo — falei, e então embainhei o punhal e desamarrei a manga.

Gosto de roupas e, a despeito da crueldade que a noite me reservava, eu não queria ver um belo gibão de veludo, couro espanhol, renda francesa e seda branca ser mutilado por um tolo. Os nós eram antigos, e levei algum tempo desatando-os, mas ninguém interferiu. Por fim, a manga se desprende do ombro, e baixei-a até o pulso.

— A camisa — disse o Sr. Price, com um gesto em direção a meu braço esquerdo.

— Foi tecida por elfos — falei —, com fios de linho tingidos por fadas.

— Descubra o braço, seu idiota — falou ele, entre dentes, então olhou para Cara-Sebosa. — Traga, Thomas — disse ele. — Traga, agora.

Sou ator, um bom ator. Fazia sete anos que eu atuava para grandes plateias; eu tinha aprendido os artifícios dos atores, e confesso que existe um prazer em calar o público, fazer as pessoas prenderem a respiração enquanto testemunham um assassinato ou presenciam um beijo. Existe um prazer em ouvir os aplausos frenéticos, os gritos, o silêncio extasiado. Não existe prazer quando o público fica insatisfeito, quando os espectadores ao redor do palco vão e frutas podres voam e explodem no tablado, embora isso seja raro. Nós, atores, podemos manipular uma

plateia como alguém manipula um alaúde. É possível que você já nos tenha visto em ação, tenha pagado alguns tostões para ficar à nossa frente ou para sentar-se nas galerias acima; e, se fizemos um bom trabalho, você deve ter pensado que o que fazíamos fosse fácil.

Não é fácil. É extremamente difícil. Lembro-me de Sir Godfrey, o homem mais perverso que já mamou nas tetas do diabo, instruindo-nos quando éramos meninos: “O que vocês fazem”, dizia ele, cortando o ar com a vara de bétula com a qual adorava espancar nossas nádegas desnudas, “não é natural, e não estou me referindo às suas práticas indecentes, mas à atuação; o que vocês fazem no palco, isso não é natural, mas vocês vão aprender a fazer com que pareça natural.” E aprendemos.

“É um embuste”, dizia-nos Sir Godfrey, às vezes, posicionando-se atrás de um de nós e abrindo a braguilha dos culotes, “tão falso como os peitos de uma prostituta, mas a plateia quer ser enganada, e vocês são os ilusionistas. E o primeiro passo para fazer com que os tolos acreditem é vocês mesmos acreditarem! Vocês têm que acreditar, porque, se não acreditarem, eles não vão acreditar. Em nome do Pai e do Filho, menino, pode se curvar.”

Fingir é difícil. Pode parecer fácil, mas basta observar os mímicos na feira de algum vilarejo para perceber a diferença entre os homens que são vistos nos teatros londrinos e os tolos canhestros que não param de se tremelicar em cima das carroças que fazem de palco. Sair do camarim e surgir diante do olhar de duas mil pessoas, enfrentar um penhasco de londrinos atentos nas galerias e um mar de rostos ao redor do tablado, todos alertas, é assustador. Já vi homens que atuaram a vida inteira vomitando dentro de um balde ao lado da porta que leva ao tablado, e outros sujeitos, pálidos como a morte, tremendo de maneira incontrollável ou disfarçando um sinal da cruz; no entanto, ao ouvir a deixa, eles escancaram a porta e surgem confiantes à luz. Sorriem, seus mantos giram com grande charme e os espectadores os saúdam com interjeições, até com aplausos, e por quê? Porque eles sabem dissimular.

E foi isso o que fiz aquela noite na saleta superaquecida do Sr. Price. Eu dissimulei. A bem da verdade, eu estava apavorado, por saber que nada de bom estava prestes a acontecer, mas sou ator e, embora meu coração se debatesse como um pássaro cativo, e um músculo da minha perna direita não parasse de tremer, dissimulei bravura. Então vi o que Cara-Sebosa tinha na mão, e a dissimulação foi vencida pelo terror.

Era uma marca. Envolta em um pano grosso, ele trazia na mão uma barra de ferro em cuja ponta havia uma letra floreada, em brasa. A ponta reluzia, vermelha, fumegando no ar já superaquecido.

— Traga — repetiu o Sr. Price, e Cara-Sebosa circundou a mesa. — Segure-o — ordenou o Sr. Price, e Bafo-de-Peixe me agarrou, com firmeza, virando-me de modo que meu braço esquerdo ficasse exposto para Cara-Sebosa.

— Você vai querer fugir em vez de me trazer o que eu pedi — disse-me George Price, com uma mão suspensa a fim de deter o ferro em brasa —, por isso, vou marcar você com a letra P. Poderia ser P de Price — disse ele —, mas não é. Poderia ser P de protestante, mas não é. Poderia até ser P de palhaço, mas não é. É P de papista.

— Não sou papista — falei, não mais dissimulando.

Meu medo havia destruído minha capacidade de dissimular, e minha voz não teria se projetado para além dos infelizes que se espremem à beira do tablado e quebram nozes aos nossos pés. Meu medo era tanto que cheguei a choramingar.

— P de papista — disse o Sr. Price, mais uma vez. — A escória da Santa Sé é inimiga do nosso país e espreita pelas sombras, e vou marcar todos eles, para não se esconderem.

— Não sou papista — repeti, pouco mais que sussurrando.

— Talvez não — disse o Sr. Price —, mas vou marcar você como se fosse, e, se o senhor falhar, Mestre Shakespeare, todos os constabulários e todos os magistrados da Inglaterra vão ter conhecimento da sua marca e vão caçar você. Os comissários de todos os povoados terão em mãos o seu retrato falado. Você vai ser um homem marcado, e será meu! — Ele fez que sim, dirigindo-se a Cara-Sebosa. — Pode marcar.

Cara-Sebosa olhou-me enviesado, então pressionou a marca em meu braço esquerdo.

E eu gritei.

A dor foi instantânea e terrível. Gritei e puxei o braço para escapar da dor, mas Bafo-de-Peixe me segurava com força, então Simon Willoughby interveio, gritando e avançando pelo recinto.

— Deixem que eu faça isso! — guinchou ele. — Ele me machucou, deixem eu machucar ele!

Dito isso, empurrou de lado Cara-Sebosa, inadvertidamente afastando o ferro em brasa da pele borbulhante do meu braço, e agarrou a barra, pronto para voltar a pressioná-la contra minha carne.

Ele só ignorou o fato de que a barra estava tão quente quanto a marca na ponta. Diferentemente de Cara-Sebosa, ele não usou um pano grosso e, no instante em que agarrou a barra com a mão direita, soltou um grito. Berrou feito uma criança, largou a barra, enfiou a mão queimada entre as coxas e se agachou, soluçando.

— Que dor! Socorro, meu Deus! Que dor!

O junco que cobria o piso começou a queimar. O junco estava totalmente seco e devia ter sido trocado semanas antes, portanto, no momento em que o ferro em brasa caiu no chão, o junco explodiu em chamas que se alastraram rapidamente. Bafo-de-Peixe e Cara-Sebosa soltaram meus braços e começaram a pisotear o fogo, Simon Willoughby se esgoelou, e Porco Price berrou para Cara-Sebosa pegar a barra de ferro. Ele fez isso, mas tinha deixado o pano cair quando Simon Willoughby pegou a barra e, portanto, também estava com a mão desprotegida, então, urrando de dor, largou o ferro em brasa, e o incêndio recomeçou.

— Ruthers! — gritou Price. — Água!

O perseguidor saiu correndo da sala, deixando a porta aberta. Price estava ajudando a pisotear as labaredas, Willoughby continuava agachado, em agonia, chorando e gemendo, Cara-Sebosa, que tinha conseguido encontrar o pano, pegou a barra e, sem saber o que fazer com ela, levou-a de volta ao borralho, enquanto a fumaça produzida pelos juncos estorricados subia em direção aos navios fantasiosos pintados no teto.

— Vocês pretendem tocar fogo no palácio de Sua Majestade? — indagou uma voz à porta.

Um homem alto, de fisionomia saturnina, estava à entrada, exibindo um olhar divertido.

— Um acidente, Sir Leonard — disse Price, com veemência —, um acidente.

— Sua Majestade não vai gostar desse acidente, Sr. Price. Palácios custam dinheiro!

— Foi um acidente! — retorquiu Price. Estava envergonhado.

O estranho, que se vestia com sobriedade, porém elegantemente, e trazia um colar de identificação em volta do pescoço, entrou no recinto e abanou uma das mãos, para dispersar a fumaça insistente.

— Que sujeitos desastrados são os senhores, perseguidores. É assim que os senhores purgam o pecado?

— O fogo já foi extinto, Sir Leonard — disse Price.

— E vejo que o senhor tem um convidado — disse Sir Leonard, franzindo o cenho ao olhar para meu braço. — Por que não fui informado?

— O nosso trabalho — disse Price, recuperando a dignidade — é proteger Sua Majestade, a Rainha, da subversividade.

— E os senhores fazem isso incendiando o palácio dela? Sua Majestade, Sr. Price, estará protegida se os senhores informarem aos oficiais da Casa Real sobre a permanência de qualquer estranho no palácio durante a noite. Já passa da hora de recolher, não?

Ruthers, um dos perseguidores, esgueirou-se por Sir Leonard com um balde de água, mas as chamas já haviam sido apagadas, embora o junco enegrecido ainda

fumegasse. Meu braço latejava em volta da queimadura. A pele estava preta e avermelhada, e o sangue já coagulava. Price e seus homens estavam nitidamente constrangidos diante da chegada de Sir Leonard, então aproveitei a oportunidade e fui até a cadeira sobre a qual meu manto fora deixado. Contraí-me de dor, enquanto arrumava o manto sobre meus ombros.

— Espere! — disse Price, rangendo os dentes.

— Qual é a sua questão com este homem? — perguntou Sir Leonard.

— A questão já foi resolvida — disse Price severamente. O junco em chamas e o desdém expresso por Sir Leonard tinham estragado sua noite. — Três dias! — rosnou ele. — Você tem três dias para me trazer o livro e a peça. Ou será enforcado!

— Eu quero matar ele primeiro! — Simon Willoughby reclamou, ainda mantendo a mão queimada entre as coxas. — Antes que ele seja enforcado, eu quero matar ele!

Price o ignorou.

— Ruthers, Carson! Acompanhem esse infeliz até a rua.

Peguei o chapéu que pertencia a deValle e saí porta afora, a qual Sir Leonard, decerto um oficial do palácio real, gentilmente abriu para mim. Era certo, também, que ele não gostava de George Price, e igualmente certo que Porco Price temia Sir Leonard, que me ofereceu um frio meneio de cabeça quando o reverenciei. Ruthers agarrou meu braço ferido, fazendo-me gemer de dor, e então me conduziu pela passagem.

— Três dias — disse ele, com raiva.

— Eu escutei o que ele disse — falei, e então ousei perguntar. — Quem são os gêmeos?

Pensei que nenhum dos dois fosse me responder, então Carson deu uma risada hostil.

— Sobrinhos dele.

— Uns merdinhas — acrescentou Ruthers, falando baixo.

Escoltaram-me pelo mesmo caminho que tínhamos chegado, abriram a portinhola inserida no grande portão de entrada e empurraram-me para fora.

— Três dias! — Carson gritou para mim.

E, depois de três dias, eu seria enforcado.

Fazia frio. Tudo congelado. A noite estava quieta, coberta pela geada. A neve cintilava sempre que tocada pela luz de uma lamparina, e minha respiração formava pequenas nuvens. Meu manto era grosso, mas, mesmo assim, em poucos minutos eu tremia incontrolavelmente da cabeça aos pés. Apenas o ferimento em



meu braço estava quente, ardendo e latejando. Parei, peguei um punhado de neve e apliquei-o à queimadura, e isso ajudou, mas a dor ainda era cáustica.

Afastei-me meio trôpego do portão. Pensei em caminhar até minha casa, mas eu morreria de frio muito antes de chegar a Shoreditch. Eu precisava de abrigo, mas àquela hora da noite as tabernas em Whitehall estavam fechadas e trancadas, nem mesmo uma lamparina brilhava. Passei por Charing Cross, e a neve rangia embaixo das minhas botas enquanto eu seguia pela Strand em direção ao leste. Eu quase soluçava de tanta dor e frio. Por fim, pensei, talvez conseguisse encontrar o pórtico de alguma igreja onde, em noites frias, os mendigos se abrigavam. Então avistei a luz trêmula de um fogo numa ruela à minha direita. A ruela, ladeada por elevadas paredes de pedra, dava acesso ao rio e à escadaria de Yorke, e a luz trêmula vinha do braseiro de um vigia.

No fim da ruela, avistei o Tâmbisa coberto de gelo e um longo cais de madeira avançando em direção ao centro do rio. Cerca de vinte botes cercados de gelo enfileiravam-se atracados ao cais, e à margem, no topo da escada, havia um casebre de madeira, com uma das laterais aberta para o rio. Dois homens estavam ali sentados, aquecidos pelo carvão que queimava dentro de uma cesta de ferro. Homens como aqueles eram contratados pelos barqueiros do Tâmbisa para vigiar os barcos à noite. Quando saí da ruela, ouvi o clique metálico de uma pistola sendo armada.

— Quer ficar sem a cara, filho? — perguntou uma voz.

— Pelo amor de Deus — falei —, piedade!

— Que se dane, filho! — Vi a pistola sendo erguida contra mim.

— Eu sou amigo de Joe Lester — falei, com repentina inspiração.

— Que Joe?

— Aquele que mora ali — falei, apontando a margem sul do rio.

— Quem rema na popa do barco dele? — perguntou o outro homem, desconfiado.

— Tom — falei —, e ele tem um filho chamado Ned e uma filha chamada Silvia. Pelo amor de Deus, eu estou morrendo de frio!

A pistola foi baixada.

— Aqui tem uma banquetta — disse o primeiro homem, de má vontade. — De onde você conhece Joe?

Arrastei a banquetta para perto do braseiro e senti o bendito calor.

— Eu trabalho para Lorde Hunsdon — expliquei. Falei como se pertencesse à criadagem da casa do Lorde Camerlengo, e não como se fosse um de seus atores. — Por isso conheço Silvia e Ned.

— Silvia é bem bonita — disse o primeiro homem, deixando a pistola ao seu lado, sobre o banco. Ele viu que eu estava tremendo. — Então, o que você está

fazendo na rua numa noite maldita desta?

Eu não queria mencionar os perseguidores, porque tal menção poderia levantar suspeitas, e eu precisava da acolhida daqueles homens.

— Eu estava acompanhado — falei, batendo os dentes, em seguida fiz um gesto em direção a Westminster. — E o marido dela chegou em casa.

Eles riram.

— Que sirva de lição para você, filho. Não trepar com a mulher dos outros em noites frias, hein?

— E agora é o marido dela que está metendo no quentinho — disse o segundo homem —, e não você!

— Bom Deus! — falei, aliviado, à medida que o calor penetrava meus ossos. Encontrei um xelim na bolsa e coloquei-o sobre o banco, ao lado da pistola. — Em agradecimento pela bondade dos senhores — expliquei.

Foi um gesto extravagante, e além das minhas posses, mas eu teria pagado vinte vezes mais para escapar daquele frio terrível.

— Não há de quê, filho, não há de quê.

E assim fui acolhido.

— É manteiga — disse Silvia.

— Ai!

— Não seja um bebê chorão, estenda o braço. — Ela examinou o ferimento coagulado em meu braço. — Por que ele marcou seu braço com um F?

— É um P.

— Não é, não... É um F. F de Francis Foles. Veja!

Olhei e ela tinha razão. Cara-Sebosa não pressionara o ferro devidamente, ou então Simon Willoughby tinha arrancado a marca antes que Cara-Sebosa pudesse concluir o trabalho, e faltava a curva do P.

— F de frouxo — falei.

— Você não é frouxo, é tão corajoso quanto um homem pode ser. Agente firme. É manteiga. — Ela aplicou no meu braço um punhado de manteiga. — Isso vai dar um jeito. Manteiga é bom para queimadura.

— Minha mãe sempre usa folha de bardana.

— Ela é de Stratford. Eles não sabem de nada em Stratford. Fique quieto. — Com uma faixa de linho, ela fez uma atadura para meu braço. — Então, me conte, o que aconteceu?

Eu já havia deixado meu refúgio à beira do Tâmis quando os sinos anunciaram o fim do horário de recolher. Ainda fazia frio, mas o sol surgira, oferecendo uma ilusão de calor enquanto eu caminhava pela Strand. Entrei na cidade por Ludgate, então desci a colina, tomando o rumo da mansão do Lorde Camerlengo. Os

guardas agora já me conheciam e apenas me saudaram amistosamente. Para meu alívio, o fogo no salão ainda ardia, e eu o alimentei com mais toras, agachado diante do calor, esperando que a tremedeira passasse. Ninguém mais da companhia tinha chegado. Só começariam a chegar dali a uma hora, pelo menos. Então fiquei esperando e, enquanto eu esperava, Silvia me encontrou.

— Pebble falou que viu você chegar — explicou ela.

— Pebble?

— O guarda magricela. O que tem verrugas no nariz. Deus do Céu! O que aconteceu com esse seu braço?

Então, dez minutos depois, ela acabava de amarrar a atadura.

— Então, me conte, o que aconteceu?

— Me fale sobre Tom.

Ela olhou dentro dos meus olhos.

— Deus do Céu! Você está preocupado com ele?

— Você vai se casar com ele?

— Quando o céu ficar verde, vou. É o que a minha mãe quer.

— E o seu pai também — falei, amargurado.

— O meu pai quer o que a minha mãe quer.

— E o Tom? — perguntei. — Ele quer?

— Ele quer o quê?

— Ele quer se casar com você?

— Espero que sim... Eu não sou feia! Mas ele nunca fala nada. Acho que o gato comeu a língua dele.

— Ele daria um bom marido para você — falei, entristecido.

— E por quê, Richard Shakespeare?

— Porque ele é confiável. Ele é barqueiro, sempre vai haver emprego para um barqueiro. Ele tem renda fixa.

— Tem mesmo — disse ela —, pelo menos quando o rio não está congelado.

— Então ele daria um bom marido — falei.

— Você tem razão!

— Eu sei — concordei, totalmente infeliz.

— Você não tem razão quanto ao Tom — disse ela. — Você tem razão quando diz que é F de frouxo. Eu não vou me casar com o Tom.

— Não vai?

— Claro que não! O nariz dele é grande demais.

— Você se casa comigo, então? — desembuchei. Eu não tinha intenção de dizer uma coisa tão tola, mas disse.

— Provavelmente — disse ela. — Andei pensando nisso. Agora me conta o que diabo aconteceu! — Então contei tudo, e ela ficou agachada ao meu lado, diante da

imponente lareira do salão, escutando. Ela franzia o cenho em dados momentos do meu relato e, quando o fazia, suas sobrancelhas se aproximavam.

— Parecem lagartas — falei.

— O quê?

— As suas sobrancelhas — respondi, tocando uma delas —, elas parecem lagartas.

Ela se afastou, apoiando-se nos calcanhares, e me dirigiu uma careta de lagarta.

— Quem sabe eu não me caso com Tom mesmo?

— O nariz dele é grande demais.

— Todo mundo diz que o meu também é!

— Não é pequeno — falei.

— Deus do Céu! Narigão e lagartas! — Ela voltou a franzir o cenho. — Quer dizer que os perseguidores estão à sua espera, é?

— É.

— Então fique aqui. Eles não vão se atrever a entrar na casa de Sua Senhoria. Ele ia pedir as cabeças deles dentro de um balde. Sua Senhoria é um velho tremendamente cruel quando fica zangado.

Olhei nos olhos dela. Ela estava agachada perto de mim, ao lado da lareira, seu rosto iluminado e sombreado pelas chamas. Parecia falar sério.

— Você está sugerindo que eu fique aqui na mansão? — perguntei.

— Claro que estou! — disse ela. — Você não vai entregar ao porquinho o que ele quer, vai?

— Não — falei.

— E, se você não entregar a peça, os perseguidores vão querer prender você. Mas não vão se atrever a entrar aqui. Você vai ter que dormir aqui.

— Mas e se alguém me achar?

— Deus do Céu! Isso aqui é um caos! Tem mais gente entrando e saindo daqui do que da Ponte de Londres!

— Mas onde... — comecei a dizer.

— Venha comigo — disse ela. Então se levantou, pegou minha mão e me puxou em direção ao palco. — O Sr. Harrison — disse ela, referindo-se ao intendente da propriedade — sempre faz a ronda da casa antes de dormir, mas ele não olha aqui embaixo. — Ela havia subido a escada provisória de acesso ao tablado e agora tentava abrir o alçapão utilizado para algumas das entradas de Puck em cena. — Meu Deus! — disse ela. — Que coisa pesada. Como é que uma maldita fadinha vai conseguir abrir isso?

— Elas usam magia — falei, e abri a tampa do alçapão.

Ela espiou a escuridão que reinava lá dentro.

— Tomara que não tenha aranha aqui dentro, eu odeio aranha.

— Você quer que eu more aí embaixo?

— Você não pode ficar comigo — disse ela. — Eu divido o sótão com quatro moças. — Ela contraiu a testa, reaproximando as sobrancelhas de lagartas. — Tem muito tecido aí embaixo, os que a gente não chegou a usar. Vai dar para fazer uma boa cama. E é quentinho aqui dentro — disse ela, referindo-se ao salão —, mais quentinho que no meu sótão.

— Você dorme no sótão?

— A não ser quando Lady Elizabeth pede que eu fique na antessala, o que é raro. — Ela franziu o cenho. — Depois que se casar, ela vai se mudar, não vai?

— Vai?

— Claro que vai! Ela vai ter que morar com o marido, não? Provavelmente em Gloucestershire. Eles têm casa em Londres também, na Strand. Mas, seja onde for, ela vai querer que eu vá junto.

— Você não pode ir — falei.

— Não posso? E por quê, Richard Shakespeare?

— Porque a gente vai se casar.

— Ah, eu tinha esquecido! — Ela sorriu, então sentou à beira do alçapão e entrou. — Você não vai poder ter velas — disse ela, no escuro. — Você seria descoberto... mas não é tão ruim!

Segui-a, entrando no alçapão. A parte dianteira do palco estava aberta, voltada para o camarim improvisado, mas havia muitos lugares onde eu poderia me esconder embaixo do tablado, pois o local estava sendo usado para armazenar madeira sobressalente, barris vazios, caixotes e rolos de tecido.

— Aqui — chamou-me Silvia, no escuro —, você pode dormir aqui. Ninguém vai encontrar você. É só não roncar. — Encontrei-a na parte da frente do tablado, entre a estrutura que sustentava o pano de cena verde e uma pilha de madeira. Ela conseguia ficar quase de pé, mas eu precisava me curvar. — Ninguém vai ver você — cochichou ela, como se temesse que alguém já estivesse à minha procura. — É como uma caverninha, vai ser aconchegante.

— E solitário — falei, pensando que teria de me esconder naquele local escuro desde a caída da noite até o amanhecer.

— Não seja um bebê chorão! — disse ela. — É melhor se sentir solitário do que ser pendurado numa corda.

— E para onde eu vou quando as bodas acabarem? — perguntei.

— Bem, a gente se preocupa com isso depois — respondeu ela.

— A gente?

— A gente — disse ela, com firmeza, e lembrei-me das palavras de minha mãe, que são as moças quem botam o olho em determinado homem. Tinham colocado o olho em mim.

— Os perseguidores ainda vão sair à minha procura — lembrei a ela. — Eles querem me enforcar.

— Lorde Hunsdon não vai deixar que isso aconteça! — disse ela, convicta. Sacudi a cabeça.

— Meu irmão não quer que ele se meta.

— Não seja bobo! Ele é o patrono de vocês. Só que agora não é um bom momento para falar com Sua Senhoria, pois ele anda irritado por causa do dinheirão que está sendo gasto. Mas ele gosta de mim. Eu falo com ele, quando for pedir permissão para casar.

— Você precisa da permissão dele?

— Claro que preciso! Mas ele vai deixar. E ele acaba de dar cinquenta xelins para uma criada que se casou!

— Eu amo você — falei.

— Claro que ama — ela sentou-se no chão —, e umas cinquenta vezes mais do que amava um minuto atrás. Eu tive uma ideia, sabe?

— Uma ideia?

— A Jean e eu estávamos conversando. Ela é uma excelente costureira! Que habilidade! Eu juro que aquela mulher poderia alinhar o cu do diabo, e ele nem ia notar que tinha sido tocado. E gente rica paga bem por coisa fina. Capuzes, golas postiças, máscaras, camisolas, cintos, mangas, tiaras, espartilhos, véus, arcos, bolsas, pelerines, cintas. Nós fazemos tudo isso!

— Você e a Jean?

— Você não sabe costurar — disse ela. — Sabe?

— Não.

— Claro que não. Então, sim, a Jean e eu, e cinquenta xelins dá para comprar um montão de tecido fino.

— Então Jean vai sair do Theatre?

— Ela gosta de trabalhar para o teatro, e eu vou ajudar. A gente pode trabalhar com as duas coisas. Jean já estaria fazendo todos aqueles itens se soubesse onde vender, mas eu conheço muita criada que trabalha para a nobreza. Lady Hunsdon vai comprar na minha mão, ela gosta de mim, e outras nobres também vão.

— Eu também gosto de você — falei.

— Mas você vai ter que parar de roubar — disse ela, de repente. Comecei a falar, mas não sabia o que dizer, e ela estendeu a mão e tocou meu rosto. — Tudo bem — disse ela —, eu já sei de tudo. E sei que você andou fazendo umas bobagens, mas todos nós fazemos bobagens quando somos jovens. É só você parar. Eu não quero ver você pendurado num cadafalso.

— Você já fez bobagens? — perguntei.

— Ainda não, mas vou fazer.

— Que bobagens você vai fazer?

— Casar com você, é claro. — Ela se inclinou e me beijou, e naquele instante ouvimos a porta principal do salão sendo aberta, e passos ecoaram no piso de pedra.

— Alguém já botou lenha no fogo — disse uma voz de criado.

— Vai ver foram as fadas da peça — respondeu Walter Harrison, o intendente.

— Parece que a mansão está infestada. Vá buscar a água, então.

— A casa está acordando — cochichou Silvia —, e eu preciso ir.

Ela saiu depressa em direção ao fundo do tablado.

Amor e razão não andam muito próximos hoje em dia. Graças a Deus.

## QUARTA PARTE

### *UMA COMÉDIA AÇUCARADA*



E, caríssimos atores, não comam cebola nem alho!  
Pois precisamos falar com um hálito doce;  
e não duvido que eles digam: é uma comédia açucarada.  
Chega de palavrório. Vamos! Vamos embora!

*Sonho de uma noite de verão*  
Ato IV, cena 2

## ONZE

Lady Anne Hunsdon, a avó da noiva, sentava-se em pompa ao centro do salão. Duas criadas, nenhuma das quais era Silvia, sentavam-se em banquetas ao pé da dama, enquanto ao lado dela, sobre uma mesinha, via-se uma ampulheta. Tínhamos encerrado nosso primeiro ensaio do texto integral da peça, usando os figurinos, ou melhor, usando o máximo possível os figurinos, pois muitas das sofisticadas vestimentas ainda estavam sendo confeccionadas, e agora os atores, todos nós, estávamos alinhados no palco, um tanto constrangidos, aguardando o veredicto de Lady Hunsdon. Isso aconteceu na tarde seguinte ao meu encontro com os perseguidores, faltavam apenas seis dias para o casamento, e Lady Hunsdon solicitara uma apresentação de *Sonho de uma noite de verão* exclusivamente para si. “Depois daquele interlúdio que os senhores apresentaram durante os festejos natalinos”, anunciara ela aos sócios, “eu quero me certificar de que não vamos botar meus convidados para dormir.”

Lady Hunsdon usava um traje preto, bastante em voga, e penteara os cabelos grisalhos em formato de coque, presos com um capelo francês. Ela nos fitava, tamborilando a mesa com os dedos cobertos de joias. Evidentemente, nós a observávamos enquanto atuávamos, e sua fisionomia severa, que mal esboçara um sorriso, quanto mais uma risada, deixou-nos apreensivos. Agora, ela expressava sua avaliação.

— Quase duas horas e meia, Sr. Shakespeare, duas horas e meia!

— Tudo isso, milady? — respondeu meu irmão.

— Duas horas e meia! — repetiu ela, erguendo a ampulheta como prova.

— Deveras, milady.

— Sua Senhoria não vai concordar com duas horas e meia — disse ela, severamente.

— Lamento ouvir isso, milady.

— Mas, se fôssemos nos preocupar em satisfazer a meu marido, Sr. Shakespeare, mal teríamos nos sentado, e a peça já teria acabado.

— Sua Senhoria fez a gentileza de nos dizer... — começou a dizer meu irmão.

— A opinião do meu marido sobre peças teatrais não vale nada — interrompeu-o Lady Hunsdon, bruscamente —, absolutamente nada. Ele gosta de histórias em

que pessoas morrem. Com muito sangue e com muita frequência. Escreva mais desse tipo de peça, Sr. Shakespeare, e ele será para sempre o seu patrono.

Em resposta, meu irmão fez uma reverência.

— Já a minha opinião, por outro lado — prosseguiu Lady Hunsdon —, importa! E gostei dessa peça. Gostei bastante e ousou dizer que, se Sua Majestade nos honrar com sua presença, vai gostar também.

— É extrema gentileza de sua parte, milady — disse meu irmão, curvando-se.

— Não se trata de gentileza! Como eu disse, gostei da peça, mas não gostei do fato de ela levar duas horas e meia... — Ela fez uma pausa, obviamente esperando uma resposta, mas meu irmão nada disse, e nós todos permanecemos quietos. — Eu tenho uma pergunta — disse Lady Hunsdon.

— Claro, milady.

— A peça postula — era óbvio que ela gostava dessa última palavra, pois fora pronunciada com ênfase — que, se a pobre Hérnia não desposar o homem escolhido por seu pai, deverá ser executada. Era essa, de fato, a lei em Atenas?

— Deveras, milady — disse meu irmão, confiante.

— Extraordinário! — disse ela. — É mesmo extraordinário, mas, é claro, os gregos são estrangeiros, portanto, não se pode esperar bom-senso. — Ela se levantou, com as costas eretas e um ar imperial, e as duas criadas levantaram-se prontamente. — Preste atenção, Sr. Shakespeare. Com duas horas e meia, a peça está demasiado longa. Lembre-se de que já teremos aguentado um sermão do bispo, e Deus sabe que aquele homem é capaz de pregar por uma eternidade. Você — ela apontou para Thomas Pope —, qual é mesmo o nome do seu personagem?

— Egeu, milady.

— Ele se queixa demais, demais. E, em todo caso, é um tolo, portanto, quanto menos falas da parte dele, melhor. Você — ela apontou para George Bryan — faz o papel do Duque?

— Faço, milady.

— Duques devem falar menos. A meu ver, raramente têm algo útil a dizer, e você não é uma exceção. Quanto a você, meu filho — ela apontou para Bobby Gough, Titânia, envolto em gaze de seda —, uma das suas falas é puro tédio. A Rainha das Fadas não é um bispo e, portanto, não deve ser entediante.

Bobby, sem saber se deveria fazer uma reverência à moda masculina ou à feminina, não fez nem uma coisa nem outra.

— Sinto muito, milady — murmurou ele.

— E decore suas falas, mocinha! — Ela repreendeu Bobby, antes de apontar para Puck.

— Como o senhor se chama?

— Rust, milady, Alan Rust.

— O senhor é encantador, Sr. Rust, encantador, assim como o senhor, Sr. Kemp.  
— É extrema gentileza de sua parte, milady — disse Kemp, curvando-se.  
— Gentileza é para cães, Sr. Kemp, não para atores profissionais. E basta de poeminhas, Sr. Kemp, basta de poeminhas. E que a peça não exceda duas horas, Sr. Shakespeare, duas horas! Venha, César, venha!

Ela se retirou do salão, com toda a pompa, seguida pelas criadas e por César, um cachorrinho branco que se escondera embaixo de sua saia comprida.

Fez-se silêncio no palco depois que ela se foi, e o silêncio foi rompido por George Bryan.

— Somos mesmo atores profissionais!

— E o que mais somos, se não isso? — perguntou meu irmão.

— Encantadores — disse Will Kemp, zangado —, somos encantadores!

Will Kemp desempenhara bem o papel de Novelo, mas nós, que o conhecíamos, tínhamos percebido a raiva contida por trás da apresentação dele a tarde inteira. Estava remoendo alguma coisa, e Alan Rust, temendo uma explosão da fúria típica de Kemp, tentou mudar de assunto.

— É verdade que a lei de Atenas pune com a morte as filhas desobedientes? — perguntou ele.

— Claro que não — disse meu irmão —, mas, se eu admitisse isso, ela exigiria conformidade com os fatos. Como se os fatos importassem. É uma peça de teatro!

— Pelo menos ela ainda quer ver a nossa peça — disse John Heminges, com um ar soturno.

— Ela quer *me* ver! — disse Will Kemp, extravasando a raiva. Ele pulou fora do palco e foi até a mesa mais próxima, onde se serviu de uma caneca da cerveja do Lorde Camerlengo. — Vocês ouviram Lady Hunsdon. Qual é a melhor parte dessa peça? Vocês podem me dizer?

— Toda ela — disse Richard Burbage.

— Então por que ela quer cortes? — indagou Kemp. — A melhor parte é a parte cômica. A melhor parte é o Nico Novelo!

— Ninguém vai negar que você é bom, Will — disse meu irmão, tentando acalmar Kemp.

— Sou bom? — disse Will Kemp. — E quantas falas você me deu em *Romeu e Julieta*?

Alan Rust gemeu ao perceber o que havia provocado aquela explosão. Kemp vinha remoendo seu papel na nova peça havia vários dias, e a insatisfação dele já não podia ser contida.

— Eu lhe dei falas suficientes — disse meu irmão, sumariamente.

— Que se dane a sua suficiência! — disse Kemp, entre dentes. — Para o inferno com a sua suficiência. — Ele esvaziou a caneca, bateu com ela na mesa e voltou a

enchê-la. — Eles vêm para rir! — E apontou para meu irmão, com a mão que segurava a jarra, derramando cerveja. — Eles não vêm para se sentir infelizes. Já têm infelicidade de sobra na vida de merda deles. Eles não vêm para ver enamorados morrerem, eles vêm para rir!

— Eles vêm para ver você? — disse Alan Rust, causticamente.

— Eles vêm para me ver — respondeu Kemp, amargurado, então encarou meu irmão. — Você me deu treze linhas de falas. Eu contei. Treze! É assim que você me vê: um ator que só vale treze linhas. A merda do Theatre vai ficar vazio depois de treze minutos.

— Will... — começou a dizer meu irmão.

— Vazio depois de dois minutos — rugiu Kemp —, e você que se dane também! Todos vocês!

Ele bateu com a jarra na mesa, agarrou o manto e saiu pelo portão principal, para não precisar atravessar o palco.

— Meu Pai amado — disse meu irmão.

— Nossa companhia está toda aqui? — disse Alan Rust, citando a primeira fala de Pedro Madeira, mas ninguém sorriu.

Billy Rowley, aprendiz de Kemp, estava quase às lágrimas, sem saber o que fazer.

— Vai atrás dele, menino — disse meu irmão, fitando o portão por onde Kemp acabara de sair. — A culpa é minha — prosseguiu ele. — Eu não devia ter mostrado a ele o texto da peça.

— Ele ia ver o texto mais cedo ou mais tarde — disse Alan Rust.

— Não tem um papel maior para ele? — perguntou George Bryan, nervoso.

— Não, não tem!

— Ele vai voltar amanhã de manhã — disse John Heminges, apreensivo.

— Isso se ele não correr para o Philip Henslowe, lá do Teatro Rose — disse meu irmão.

— Vou falar com ele — disse Alan Rust. Ninguém falou nada, ninguém mais queria enfrentar a ira de Will Kemp. — Ele vai voltar — disse Alan Rust. — Tenho certeza.

Meu irmão ergueu os olhos para as vigas no teto do salão.

— Não podemos fazer mais nada hoje, e o nosso último ensaio é amanhã.

— Amanhã! — exclamei, perplexo.

— Sua Senhoria vai precisar do salão — explicou meu irmão. — O casamento será quinta-feira que vem. Se o ensaio de amanhã não for bom, a gente ainda pode ensaiar no Theatre. — Ele olhou para Bobby. — Decore suas falas, pelo amor de Cristo, decore suas falas!

— Sim, senhor — disse Bobby, deprimido.

— Então podem ir para casa — disse meu irmão. — Todos vocês... podem ir para casa.

— Você vai encurtar a peça? — perguntou John Heminges.

— O que Lady Hunsdon deseja, Lady Hunsdon consegue — disse meu irmão, em seguida sentou-se à mesa, puxou algumas velas para perto e abriu o estojo em que guardava suas penas.

Os atores e os músicos tinham ido para casa. E, a apenas uma rua dali, os gêmeos me aguardavam, na Igreja de São Benet. Estava na hora de eu me esconder.

*Sonho de uma noite de verão* tratava de um casamento. Todos os eventos nela contidos resultavam das bodas entre o Duque Teseu e sua noiva, Hipólita. Por causa desse casamento, Pedro Madeira reuniu um grupo de artesãos atenienses com o intuito de divertir o Duque com a encenação da peça *Píramo e Tisbe*. Os artesãos ensaiam a peça em um bosque perto de Atenas, e a maior parte da ação transcorre nesse bosque, que construímos com cinco galhadas de cárpino trazidas do extremo norte dos Campos de Finsbury. Evidentemente, sendo inverno, as galhadas estavam desfolhadas, mas meu irmão insistiu que tivessem folhas. Portanto, Jean e Silvia tinham passado horas a fio cortando folhas de tecido verde e amarrando-as aos galhos.

— Você bem que podia usar galhos de azevinho! — queixou-se Jean.

— Eu quero que fique parecido com espinheiros — disse meu irmão.

— Não vá me dizer que você vai querer flores brancas também?

— É uma boa ideia. Sim, vou querer flores brancas!

— Em pleno verão? — protestou Jean. — Os espinheiros florescem em maio!

— O bosque é encantado — explicou meu irmão, um tanto absorto, então Jean e Silvia usaram pequenos tufo de lã branca para fazer as florezinhas.

O bosque de espinheiros era o local onde Oberon, o Rei das Fadas, e Titânia, sua Rainha, tinham sua rixa. Titânia estava abrigando um menino de origem hindu, papel representado pelo neto de Walter Harrison, Matthew, cujo rosto seria escurecido com uma cortiça queimada. Matthew, que tinha seis anos, só aparecia em cena uma vez e não tinha falas, mas o avô, o intendente de Lorde Hunsdon, ficou radiante de orgulho ao ver o menino a caráter pela primeira vez.

— Ele está bonito, hein? — perguntou Harrison a Alan Rust, que se esforçava para manter os meninos em ordem.

— Quando para de cutucar o nariz, sim.

Matthew, com sua cutucação de nariz, era o motivo da rixa entre Oberon e Titânia. Oberon queria que o menino fizesse parte de seu séquito, e Titânia se recusava a cedê-lo. Para castigá-la, Oberon despacha Puck, seu servo, em busca de

uma flor mágica cujas pétalas, quando espremidas, vertem um líquido, o qual Oberon pingará nas pálpebras da adormecida Titânia. Quando despertar, a Rainha das Fadas haverá de se apaixonar perdidamente pela primeira criatura que vir, seja pessoa ou animal.

E ela vê Will Kemp com uma cabeça de asno.

A cabeça de asno era uma estrutura de vime na superfície da qual havíamos esticado pele de coelho. Os olhos eram grandes contas de vidro nas quais pintamos a íris e a pupila, e as orelhas do asno foram feitas com mais pele de coelho, retesadas por talos de vime para que se mantivessem eretas. A boca do asno ficava aberta, para que os convidados pudessem ouvir as falas de Kemp, mas acrescentamos dentões de madeira, pintados de branco, de modo que o animal parecia estar zurrando e rindo. De início, Kemp teve dificuldade em manter a cabeça equilibrada sobre os ombros, porque a parte da frente, com os dentes, era demasiado pesada. Então Jean pregou uma tira na parte posterior da estrutura de vime, e a tira se fixava a um cinto que ele usava debaixo da camisa. Kemp adorava a cabeça e costumava se esconder nos corredores da mansão para assustar os criados desavisados.

Era, de fato, uma peça extensa, com mais de vinte personagens. Teseu, Oberon, Titânia, Puck, Pedro Madeira, Nico Novelo, Demétrio, Lisandro, Helena e Hérnia contavam com papéis de destaque. Will Kemp, no papel de Novelo, tinha o maior número de falas na peça, o que ele achava muito justo e, antes de se evadir em sinal de protesto, se deleitou com suas ridículas cenas de amor com Titânia e comigo. Os outros enamorados da peça foram ainda mais prejudicados pelo destino, ou melhor, pelo sumo da flor obtida por Puck. Hérnia apaixona-se por Lisandro, mas seu pai insiste que ela se case com Demétrio ou então enfrentará um severo castigo. Por isso, ela e Lisandro fogem para o tal bosque das cinco galhadas. O casal é perseguido pelo próprio Demétrio, que também ama Hérnia, e por Helena, uma amiga de Hérnia que ama Demétrio. Oberon, compadecendo-se da pobre Helena, instrui Puck a pingar a poção mágica nos olhos de Demétrio, para que Demétrio pudesse assim apaixonar-se por Helena. Ocorre que Puck confunde Lisandro com Demétrio, e a situação dos enamorados vai de mal a pior. Há rusgas, bate-bocas, perseguições e gargalhadas, e, no fim, Oberon e Titânia se reconciliam, Teseu casa-se com Hipólita, Hérnia casa-se com Lisandro, Helena casa-se com Demétrio, e Píramo e Tisbe morrem.

Era, sem dúvida, uma peça sobre casamento.

Os preparativos dos festejos natalinos na mansão tinham sido intensos, mas não se comparavam ao alvoroço que precedeu o casamento. Lorde Hunsdon ainda não tinha certeza se sua prima, a Rainha, compareceria às bodas, mas convinha supor que ela viesse, e por isso um segundo tablado foi construído próximo à lareira do

salão, de modo que Sua Majestade pudesse cear em um nível mais elevado em relação àquele em que seus súditos se encontravam e para que se sentisse aquecida. As modestas mesas utilizadas para acomodar os convidados na apresentação anterior foram consideradas inadequadas, e três novas mesas foram providenciadas, uma pequena, para ficar sobre o tablado da Rainha, e as outras duas para servirem de suplemento à grande mesa central, que acomodava trinta e seis pessoas. Cadeiras novas foram encomendadas, e o barulho dos carpinteiros reverberava pelo amplo salão. Cortinas de tecido branco foram penduradas por cima do forro das paredes, mas Lady Anne Hunsdon, em inspeção mais atenciosa, considerou-as demasiado simplórias, e caras faixas de cetim logo foram também encomendadas. Guirlandas de hera foram penduradas nas cortinas novas e nas vigas do teto. Carradas de velas chegavam, todas a serem dispostas em seus próprios candelabros e castiçais. Lady Hunsdon decretou que o piso de laje do salão era demasiado frio para os pés da nobreza, portanto, tapetes foram providenciados.

— Junco teria bastado para cobrir o piso, a meu ver — resmungou Lorde Hunsdon.

— Junco atrai pulga — declarou a esposa, rispidamente.

— E tapete, não?

— Não os meus tapetes! E... Harrison!

— Milady? — O intendente se curvou.

— Encontraram ratos no corredor da copa.

— Assim ouvi dizer, milady.

— É o rio — resmungou Lorde Hunsdon. — Sempre tem rato perto do rio.

— Não na minha casa! — disse Lady Hunsdon. — Livre-se deles!

— Assim farei, milady — disse Harrison.

— E o que é isto? — Lorde Hunsdon encontrara uma caixa, da qual retirou um espeto fino e prateado, com dois dentes na ponta. — E por que tantos deles?

— São garfos — disse Lady Hunsdon.

— Garfos?

— São usados para comer. Não venha me dizer que você nunca viu isso antes! Katherine Howard usa garfos.

— O que há de errado com dedos e uma boa faca?

— Não somos camponeses.

— Garfo — disse Lorde Hunsdon, franzindo a testa enquanto pressionava a ponta do dedo num dos dentes do objeto. — Garfo! Harrison, garfo!

— É verdade, milorde — disse o inabalável intendente.

Lorde Hunsdon virou-se para o palco, onde tentávamos ensaiar. Fazia tempo que qualquer esforço para manter a peça em segredo da criadagem fora abandonado,



embora o caos fosse tamanho que eu duvidava que alguém pudesse entender alguma coisa com base nos fragmentos de diálogos ouvidos.

— Isso aí é para ser um bosque? — indagou Lorde Hunsdon, com raiva.

— É, milorde — respondeu meu irmão. — É um bosque perto de Atenas.

— Será que os bosques de Atenas são essa porcaria? Está parecendo mais uma mata rasteira qualquer. Não daria para esconder um pardal nessas folhas. Bote gaze verde, rapaz, gaze verde. Tem que ser mais denso!

A sugestão do Lorde Camerlengo deu certo. Penduramos gaze verde por cima e pelo meio das árvores, e a ilusão de mata fechada foi imediata. Ficava ainda melhor quando candelabros eram colocados por trás da gaze e a luz penetrava através do tecido.

As velas eram um problema, embora não fosse o mais grave que enfrentávamos. Com frequência, atuávamos à luz de velas, em palácios e mansões, e sabíamos que, à medida que a apresentação avançava, as velas derretiam, sendo necessário interromper a apresentação para aparar os pavios.

— Três intervalos são suficientes — dissera meu irmão.

— Quatro — rebatera Will Kemp, logo em seguida.

Se meu irmão tivesse sugerido quatro, Kemp teria dito três.

— Vamos precisar de música enquanto os pavios estiverem sendo aparados — gritara meu irmão, dirigindo-se a Phil e ignorando Kemp. — Três composições!

Phil fez que sim. Estava acabrunhado, porque os músicos da casa, que tocariam durante o baile do casamento, insistiam em ensaiar no mezanino, de modo que nossos instrumentistas tinham de esperar enquanto o outro grupo ensaiava.

— Esses sujeitos nem são músicos — resmungou Phil, dirigindo-se a mim. — Meu Deus! Você ouviu essa nota?

— Para o meu ouvido, está bom.

— Graças a Deus você não canta nessa peça. Já estou sofrendo bastante.

O caos no salão era tamanho que, uma semana antes de Simon furtar as duas peças, tínhamos tentado transferir os ensaios para o espaçoso porão que havia embaixo da velha capela, mas o recinto estava úmido, e fazia tanto frio que as centenárias paredes de pedra estavam cobertas de gelo. Uma vez, aos trancos e barrancos, até conseguimos ensaiar a primeira metade da peça, tiritando e batendo os pés no chão, mas o porão se mostrou totalmente inadequado, e ficou ainda pior quando, com a aproximação da data das bodas, criados passaram a pendurar presunto no teto. O aroma de comida começou a invadir a mansão.

Bobby Gough ainda não tinha memorizado as falas de Titânia.

Os figurinos das fadas seguiam inacabados.

Will Kemp havia abandonado a peça.

As bodas eram iminentes.

E os gêmeos me aguardavam na Igreja de São Benet.

— Não é hora de você ir para casa? — perguntou-me meu irmão.

Os demais atores já haviam ido embora. Um carpinteiro solitário trabalhava no fundo do salão, enquanto meu irmão estava sentado à mesa central e folheava um manuscrito.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Encurtando a peça, conforme Lady Hunsdon pediu. E não é hora de você ir para casa? — perguntou ele novamente.

A frieza em sua voz indicava que qualquer afeto em decorrência do fato de eu ter resgatado as peças já se extinguiu.

— Já vou — falei.

Peguei meu manto e o chapéu que pertencia a deValle e atravessei o palco. Abri e fechei os portões que davam para o corredor da copa, produzindo um barulho que pudesse convencer meu irmão de que eu tinha saído, então me enfiei por baixo do tablado. Arrastei-me até a frente do palco, até o canto onde Silvia havia preparado um “ninho” de tecido verde, e ali me acomodei. O carpinteiro solitário concluiu sua tarefa e se foi. Meu irmão seguia trabalhando. A frente do tablado estava coberta de tecido, mas eu conseguia enxergar por cima de onde o pano fazia uma barriga. O fogo da lareira iluminava o salão, lançando sombras lúridas, enquanto, uma por uma, as velas se apagavam, exceto as seis ao redor das folhas em que meu irmão trabalhava.

Ouvi a porta do salão se abrir, depois ouvi passos. Meu irmão ergueu o olhar e se levantou.

— Sente-se, homem, sente-se. — Era Lorde Hunsdon, que ocupou uma cadeira de frente para meu irmão. — Não existe paz nesta casa — resmungou ele.

— Só mais uma semana, milorde, e tudo terá terminado.

Lorde Hunsdon grunhiu, então disse:

— O senhor tem filhas, Sr. Shakespeare?

— Tenho, milorde. Duas.

— Duas!

— Susanna tem doze e Judith tem dez, milorde.

— Duas! — repetiu Sua Senhoria. — Eu tenho oito! Consegui casar todas elas, mas agora são as netas que estão se casando. — Ele se virou na cadeira e gritou em direção à porta. — Harrison! Alguém! Qualquer um!

Um criado respondeu.

— Milorde?

— Vinho, homem, e duas canecas. Depressa! — Ele voltou a olhar para meu irmão. — Duas filhas, não é? Meninas bonitas?

— Eu acho, milorde.

— Eu gosto de filhas! Elas mantêm a casa feliz. — Sua Senhoria reclinou-se na cadeira e se espreguiçou. — A Rainha me disse que virá ao casamento.

— Será uma honra para nós, milorde.

— Pelo amor de Deus! Uma honra? — Sua Senhoria riu. — Ela não suporta a mãe do noivo. Eu tinha esperança de que por isso ela não viesse. Quem sabe o mau tempo não a impeça de vir?

— O senhor tinha esperança, milorde?

— Meu bom Deus, homem! Não é fácil entreter Sua Majestade! E só Cristo sabe quantos cortesãos ela vai trazer, e todos vão querer vinho, comida e bajulação. Mas, se o rio congelar...

— Nesse caso, talvez ela venha de carruagem, milorde — sugeriu meu irmão, maldosamente.

— Ela está em Greenwich. Ou vem pelo rio, ou não vem — disse Lorde Hunsdon, então deteve-se quando o criado vinha chegando com a jarra de vinho e duas canecas. Sua Senhoria dispensou o criado com um gesto de mão e serviu o vinho. — A água embaixo da ponte não tinha congelado da última vez que dei uma olhada. Aposto que ela vai poder vir. — Ele empurrou uma das canecas em direção a meu irmão. — Talvez ela não fique para o banquete. Quem sabe?

— Se ela não ficar, milorde, vai perder a apresentação da peça.

— Minha esposa está dizendo que vocês devem apresentar a peça à tarde. Antes do banquete.

— É mesmo, milorde?

— Ela diz que muito vinho deixa os convidados sonolentos. E ela gosta da peça.

— Lady Hunsdon sabe ser discreta quanto à própria opinião — disse meu irmão, secamente.

Lorde Hunsdon riu.

— Ela estalou o chicote, não foi?

— Deveras, milorde.

— Agora você sabe do que estou falando.

— Muito bem, milorde. Também tenho uma esposa.

— Aqui em Londres?

Meu irmão sacudiu a cabeça.

— Ela fica em Stratford — disse ele, então se deteve. — É melhor assim.

— Mas duvido que você careça de companhia.

— Tanto quanto Vossa Senhoria...

Lorde Hunsdon riu.

— Você conhece Emilia?

— Eu a conheço, milorde.

— Boa mulher, boa mulher! — disse Lorde Hunsdon, um tanto melancólico.

— E hoje está casada.

— É verdade — disse Sua Senhoria, com pesar, então deu um belo gole na caneca e serviu mais vinho.

Eu escutava, fascinado. Era óbvio que Sua Senhoria gostava de meu irmão e era igualmente óbvio que meu irmão se sentia à vontade com Sua Senhoria, e me perguntei se um dia teria autoconfiança suficiente para prostrar com um Lorde. E meu irmão não estava conversando com um Lorde qualquer, e sim com o primo da Rainha. Lorde Hunsdon se reclinou na cadeira e olhou para as sombras nas vigas, de onde pendiam as caras faixas de cetim.

— Oito filhas! Oito casamentos! Cristo nos ajude.

— Talvez Ele possa transformar água em vinho.

Lorde Hunsdon riu.

— Corre o boato de que o palhaço de vocês foi embora.

— Foi, milorde — disse meu irmão, desgostoso.

— Uma pena! Anne disse que ele é engraçado. Muito engraçado!

— Lady Hunsdon está certa. Ele é engraçado, mas acha que é indispensável.

— Ninguém é indispensável — disse Lorde Hunsdon —, a não ser, talvez, Harrison. O palhaço de vocês vai voltar?

Vi meu irmão dar de ombros.

— Com o tempo, suponho. Ele costuma fazer isso. Se o conheço bem, ele vai afogar o orgulho com cerveja amanhã e depois voltar com o rabo entre as pernas.

— Mas vocês precisam dele amanhã?

— Precisamos, milorde.

— Quer que eu mande Ryker ir atrás dele?

Meu irmão fez uma pausa, surpreso e grato. Ryker era o comandante da guarda pessoal de Lorde Hunsdon.

— O senhor faria isso, milorde?

Lorde Hunsdon forçou um sorriso.

— Seria um prazer, Sr. Shakespeare. Vamos lembrar ao seu palhaço que ele é um dos meus homens, não é? E Ryker é capaz de assustar como o diabo. Ele assusta até a mim. Onde seu palhaço mora?

— Na taberna Phoenix, em Lombard Street.

— Boa taberna! Ryker vai passar lá pela manhã, e garanto que seu palhaço vai aparecer aqui num instante. — Sua Senhoria empurrou a jarra pelo tampo da mesa.

— Preciso cear. Aguardo ansiosamente pela sua peça, Sr. Shakespeare.

Meu irmão se pôs de pé enquanto Lorde Hunsdon se levantava.

— Vossa Senhoria é extremamente bondoso — disse ele, com formalidade.

— Estou velho, é por isso. A bondade flui com mais facilidade quando a gente fica velho.

Meu irmão não se demorou muito depois da saída de Sua Senhoria. Vi-o fazer algumas anotações e então colocar o texto da peça no baú, trancá-lo e deixar a chave sobre a cornija da lareira. Em seguida, vestiu o manto, pôs o chapéu na cabeça, e ouvi seus passos ressoarem no tablado acima de mim. A porta abriu e fechou, e restaram apenas os leves estalidos do fogo. Em dados momentos, das profundezas da mansão, eu ouvia música, e uma ou duas vezes ouvi passos no corredor da copa. Uma friagem começou a penetrar o recinto à medida que o fogo diminuía. O tempo se arrastava, marcado pelos sinos das igrejas que badalavam as horas na lenta escuridão. Quando estava tudo quieto, afastei o tecido que cobria a frente do tablado e segui na ponta dos dedos até a mesa. Peguei a jarra de vinho e levei-a para minha toca, onde me embrulhei no tecido verde. Houve um tempo em que eu teria me apropriado da jarra de prata para vendê-la, mas isso ficara no passado. Silvia, pensava eu, Silvia!

Peguei no sono, mas fui acordado pelo som de passos. Uma luz fraca reluzia no salão. Espiando por uma fresta na faixa de pano, vi Walter Harrison acompanhado de um criado que erguia uma lamparina, enquanto o intendente examinava o recinto.

— Está tudo bem — anunciou Harrison, e os dois saíram.

Fiquei imóvel, prendendo a respiração, até o som dos passos desaparecer. Puxei mais do tecido verde, embrulhando-me bem, mas ainda assim continuei tremendo de frio. Não fazia mais frio do que no meu sótão, mas era estranho estar sozinho num casarão daqueles, assustando-me com qualquer rangido, qualquer barulhinho, qualquer chiado de rato no porão embaixo do salão. Um leve brilho do fogo persistia, mas o fraco calor não chegava até o tablado. Os sinos das igrejas se calaram, os sineiros tinham ido embora, e Londres dormia.

Peguei no sono pela segunda vez, e despertei quando uma coberta pesada caiu sobre mim. Dei um grito, assustado, e uma voz me tranquilizou.

— Richard! Richard! — Era Silvia, sussurrando. — Meu Deus, que frio! — disse ela, e senti seu corpo se aninhar ao meu, embaixo da coberta.

Ficamos parados por um tempo, tremendo, ambos surpresos, talvez, com o que estava acontecendo. Então virei-me para ela, que balbuciou algo e aceitou meu abraço.

— Eu não podia deixar você aqui — murmurou ela. A coberta era uma pele espessa forrada de cetim, retirada, segundo ela, do armário da patroa. — Ela tem quatro, não vai precisar desta aqui. É bem quente, nós precisamos dela.

Era bem quente, e nós precisávamos dela. E mais tarde, não sei quanto tempo mais tarde, pegamos no sono.

Em muitas peças, quando tudo parece estar à beira de um desastre, surge em cena, subitamente, um personagem que resolve todos os problemas. Minha personagem, Emilia, faz isso em *A comédia dos erros*. Seu esposo, desaparecido havia muito tempo, é condenado à morte, mas Emilia surge a tempo de salvar-lhe a vida.

— “Ó grande Duque!” — exclama ela. — “Veja um homem injustiçado!”

Lembro que, na minha primeira apresentação como Emilia, pensei que os espectadores jamais achariam verossímil a súbita intervenção da personagem. Ela é uma abadessa e pensa que ficou viúva, acreditando que o marido e um de seus dois filhos tinham se afogado. Ela vive um luto de vários anos, e então, inesperadamente, o filho e o marido aparecem, ali mesmo, em Éfeso. Egeu, o marido, está prestes a ser executado, mas a Abadessa Emilia irrompe no palco com uma constatação: “Veja um homem injustiçado!” A família é prontamente reunida, a execução é suspensa, um banquete é servido, e a plateia chora, mas é um choro de alegria, não de tristeza. Lembro que Richard Burbage, que fazia o papel do filho desaparecido, desdenhou a cena quando a ensaiamos pela primeira vez.

— A vida não é assim! — disse ele a meu irmão. — Fácil demais, conveniente demais!

— Estamos no palco — disse meu irmão. — Transitamos em sonhos.

E ele tinha razão. Nenhum espectador zombava da repentina intervenção da abadessa, em vez disso, expressavam alívio, sorriam, choravam, ficavam felizes!

Eu precisava de uma Emilia. Precisava de uma personagem que exclamasse: “Veja um homem injustiçado!” Estava seguro por uma noite, mas só teríamos mais um ensaio no salão, depois do qual eu teria de sair da mansão, arriscando-me a ser detido.

— Vou dar um jeito — disse Silvia, mas a melhor sugestão dela foi que eu me escondesse na casa de seus pais.

— Mas eles vão ser presos também — falei.

— Bom Deus, não! — cochichou ela.

Eu precisava de uma Emilia, mas, em vez disso, fui descoberto por Fang e Nasty. Silvia tinha ido embora na calada da noite, murmurando que precisava acender lareiras. Ela me deu um beijo. “Fique aqui”, advertiu-me, e se foi. A mansão voltou ao silêncio, e voltei a dormir. Foi um sono de exaustão, um sono profundo, portanto, não ouvi o arranhar das patas, as vozes, os passos e acordei sobressaltado, com um cão uivando aos meus ouvidos. Um segundo cão latia.

— Eles acharam alguma coisa! — exclamou uma voz.

Eu estava zozinho de sono, e meu coração disparou. Uma luz fraca entrava pelo fundo do palco. Tentei ficar de pé, mas bati a cabeça com força nas tábuas.

— Pega ele, Nasty! — gritou uma segunda voz, e os dois cães redobram os latidos.

Eram latidos altos, estridentes, distintos do som grave e ameaçador produzido por mastins nas rinhas, mas, ainda assim, assustaram-me. Agarrei a coberta e forcei minha saída através do tecido que cobria a frente do palco, rompendo-o dos pregos. A primeira luz cinzenta da manhã surgia pela sacada de vidro, e um serviçal alimentava o fogo, que já lançava sombras pelo salão. O criado pegou o atizador de brasas, como que para se defender, então apenas me encarou, enquanto dois sujeitos atravessavam o palco, um dos quais portando uma lamparina.

— Não é rato! — disse um deles.

— Mas está pelado como um rato — disse o segundo. Os cães, ambos terriers, orgulhosos de seu desempenho, uivavam ao meu calcanhar. — Quietos! — gritou o homem. — Quietos, Nasty! Quietos, Fang!

Consegui calçar as meias compridas, vestir a camisa e o gibão antes da chegada do intendente. Outros cães tinham sido atraídos ao salão, e agora seis deles corriam por lá, latindo nervosamente e urinando nos tapetes novos de Lady Hunsdon. Eram terriers usados por caçadores de ratos, tinham o pelo sujo e embaraçado, e os focinhos lambuzados de sangue.

— Eu quero silêncio! — exigiu Walter Harrison, em voz alta. — A família está dormindo, essa barulheira é inaceitável!

Até os cães se calaram. Era provável que o intendente tivesse acabado de acordar, mas, ainda assim, estava impecavelmente vestido, com o colar de identificação cintilando sobre o gibão de botões prateados. Ele me olhou de cima a baixo, dos meus cabelos compridos e despenteados às minhas meias velhas, de cujas pontas furadas um dedão se projetava.

— Sr. Shakespeare — disse ele, com uma voz que expressava decepção —, explique-se.

— Ele estava roubando, Sr. Harrison! — Um serviçal tinha se enfiado embaixo do palco pelo rombo no tecido e agora surgia com a jarra de prata. — Eu achei isso, senhor!

Evidentemente, os terriers consideraram aquilo uma condenação, pois começaram a uivar.

— Quietos! — berrou Harrison. E franziu o cenho. — Furtando, Sr. Shakespeare?

— Eu furtei o vinho, senhor, não a jarra.

Ele pareceu aceitar a explicação, porque voltou a me olhar de cima a baixo, então disse:

— O senhor não está vestido como um ladrão. Explique-se, por gentileza?

Havia agora seis ou sete criados no salão, além dos dois caçadores de ratos, todos ao meu redor, e eu não parava de tremer.

— Eu dormi aqui — expliquei.

— O senhor dormiu aqui — disse Harrison, sem rodeios. — Por quê, eu pergunto?

— Estava tarde demais para sair da cidade, senhor.

— E o senhor se apropriou de uma das cobertas de Lady Hunsdon? — indagou ele, olhando para a requintada coberta de pele forrada de cetim.

— Eu achei essa coberta — falei, sem firmeza.

— Mas as cobertas não ficam guardadas nos aposentos de Lady Hunsdon? — perguntou Harrison, provocando uma risadinha por parte de um dos criados. Harrison virou-se para o sujeito. — Pode ir! Você tem mais o que fazer!

— Eu achei a coberta, senhor — repeti, sem conseguir inventar uma mentira melhor.

Um dos terriers urinou na lenha empilhada ao lado do borralho.

— Levem esses seus cachorros miseráveis daqui! — ordenou Harrison aos caçadores de ratos. — Os ratos estão no porão, e não aqui! Vão embora! — O intendente aguardou enquanto eles se retiravam. — Aparentemente não foi nada de mais — declarou ele, solenemente —, e a questão está encerrada. Hoje é o último ensaio dos senhores no salão, estou certo?

— É, sim, senhor — falei.

— Então vista-se, Sr. Shakespeare, ensaie e, desta vez, não deixe de ir embora.

— Ir embora, senhor? — falei, sem entender.

— Ir embora, Sr. Shakespeare. Retirar-se da mansão. Partir. Ir para casa. Ir embora. O senhor não pode pernoitar aqui! A residência de Sua Senhoria não é uma estalagem. O senhor deve se retirar.

— Mas ele não pode! — protestou uma voz à porta.

— Não pode? — Harrison virou-se para a porta, elevando a voz, indignado. — Não pode?

— Ele vai ser enforcado! — gritou Silvia.

Minha Emilia entrou em cena.

Will Kemp chegou pouco depois que os sinos das igrejas bateram nove horas. Adentrou o salão como se nenhum bate-boca houvesse ocorrido na véspera.

— Bom dia a todos! — disse ele, alegremente. — Hoje está mais quente que o normal, eu acho. — Kemp vinha seguido por seu aprendiz, Billy Rowley, e por um sujeito alto e sisudo, trajando a libré de Lorde Hunsdon, que deduzi tratar-se de Ryker, o chefe da guarda pessoal do Lorde Camerlengo. O homem alto parou, surpreso, ao ver que Lorde Hunsdon se encontrava no salão.

— Não vá embora, Ryker — disse Sua Senhoria. — Preciso de você!

— Milorde?



O Lorde Camerlengo estava furioso. Silvia tinha me dito que ele ficava uma fera quando contrariado, e estava certa. Qualquer sinal da cortesia costumeira do cavalheiro havia desaparecido, e Will Kemp, tão surpreso quanto Ryker com a presença de Sua Senhoria no salão, e temeroso de ter motivado tal ira, recuou alguns passos.

— Não admito que me desafiem! — disse Lorde Hunsdon, rangendo os dentes.

— Não fiz por mal, milorde — disse Kemp, com um tom de voz humilde que não lhe era natural.

Lorde Hunsdon o ignorou. Ninguém mais falou. Todos os atores se encontravam no salão, e todos nós ficamos nervosos. Os músicos espiavam do mezanino, enquanto Walter Harrison, o único que aparentemente não se abalava com a ira de Sua Senhoria, mantinha-se ao lado do fogo, com um braço por cima do ombro de Silvia, em sinal de proteção. Ela parecia apreensiva, desviando o olhar, a todo momento, em minha direção. A bandagem fora removida de meu braço esquerdo, e a queimadura, vertendo pus, latejava.

— Um cavalo, Ryker! — exigiu Lorde Hunsdon.

— É para já, milorde.

— Você vem comigo.

— Claro, milorde. Aonde vamos, milorde?

— Para Whitehall, agora! — Sua Senhoria retirou-se do recinto, e Ryker, ainda perplexo, seguiu-o.

— Pelo amor de Deus! — disse Kemp. — O que está acontecendo?

— Vocês! — disse meu irmão. — Todos nós. Os sócios! Vamos começar o ensaio ao meio-dia.

— Ao meio-dia? — disse Kemp, surpreso. — Mas nós...

— Nós vamos acabar mais tarde do que pensávamos, Sr. Harrison — disse meu irmão.

— Tenho certeza de que isso não vai ser um problema — disse Harrison, calmamente.

— Não tire o manto, Will — disse meu irmão a Kemp. — Você vai conosco. — Ele foi até o baú que ficava ao lado da lareira e retirou um livro, uma pilha de papéis, o estojo com a pena e o tinteiro. Levou tudo para a mesa central, onde também estavam os objetos de cena que seriam usados na peça. — Espadas! — disse ele. — Quem for sócio pegue uma espada. — Então olhou para mim. — Você não vai precisar de espada, irmão.

Ele me chamou de irmão!

Sentou-se, pegou uma folha de papel em branco e começou a escrever.

— Ralph — chamou ele enquanto escrevia —, ensaie as danças. Phil? Os cantores precisam ensaiar. — Concluiu o que estava escrevendo, aplicou o mata-

borrão e levantou-se. Os sócios, atônitos, afivelavam cintos e espadas. Meu irmão fez o mesmo. — Voltaremos logo — anunciou ele.

— Aonde vocês vão? — perguntou Ralph Perkins.

Ele ignorou a pergunta.

— Voltaremos logo — repetiu ele. — Agora, vamos.

Nós fomos.

O papel no qual meu irmão rabiscara algo às pressas continha apenas oito palavras:

# Romeu e Julieta

## Uma tragédia

### Por

## William Shaksper

Abaixo dessa página havia uma espessa pilha de papéis, isto é, a cópia que seria utilizada pelo ponto e depois arquivada. Desci por Addle Hill, levando o texto da peça e o livro, a cópia não encadernada de *A conferência*, seguido por meu irmão, Will Kemp, Alan Rust, John Heminges, Richard Burbage e Henry Condell. Cada um dos seis levava consigo uma espada ou um florete, com as respectivas bainhas escondidas embaixo dos mantos. “Nada de assassinato”, foram as últimas palavras de meu irmão quando saímos da mansão.

Uma chuva fina chegara do sul, tornando escorregadias as pedras do calçamento. Boa parte do gelo na superfície do rio já havia derretido, e os barcos tinham voltado a navegar, subindo e descendo com passageiros entre os atracadouros municipais. “Se vamos nos casar..”, dissera Silvia naquela noite demasiado curta, “...você vai ter que falar com meu pai.”

“Agora nós vamos nos casar”, falei, e ela exibiu um sorrisinho nervoso. Silvia quis nos acompanhar até Addle Hill, mas Walter Harrison desdenhara a ideia, dizendo-lhe, em tom grave, que ela devia explicações.

— Então você esteve com a moça ontem à noite? — perguntou meu irmão.

— Com Silvia, sim.

Ele resmungou.

— Talvez Sua Senhoria não vá gostar de saber que você seduziu uma das criadas da família.

— A gente vai se casar — falei, em tom desafiador.

Era estranho verbalizar aquilo, sobretudo para meu irmão.

— Meu bom Salvador! — disse ele, então deu uma risada. — “Senhor, como são tolos esses mortais!”

O riso dele me irritou, porque, como sempre, ele me fez sentir como uma criança.

— Você era mais novo que eu quando se casou — retorqui.

— Era mesmo.

— E Silvia disse que Sua Senhoria não vai se importar.

— Duvido que Sua Senhoria se importe se ela vai casar ou não — disse ele, com amabilidade —, mas ele pode lamentar a perda de uma boa criada. E, pelo que tenho ouvido, ela é uma boa moça.

— Boa demais para mim? É isso o que você quer dizer?

— Com certeza, ela vai ser boa para você — disse ele, e me perguntei se tinha sido meu irmão quem contara a Silvia que eu era ladrão. Eu estava prestes a lhe perguntar, mas foi ele quem me perguntou algo. — Você sabia que ela e Jean têm trocado algumas ideias?

— Estou sabendo, sim.

— Jean quer a ajuda dela no Theatre.

— Ela é uma excelente costureira — falei, querendo incentivá-lo.

— Tem muita costureira boa por aí — disse ele, sem interesse, então nos deparamos com o pórtico da Igreja de São Benet. — Você vai na frente — disse ele. — E, lembre-se, nada de assassinato.

— Nada de assassinato — repeti, então descii os degraus que eu conhecia tão bem.

A igreja, que, conforme Sir Godfrey gostava de se gabar, existia desde os tempos do Conquistador, ficava quase noventa centímetros abaixo do nível do calçamento de Addle Hill, de modo que os paroquianos precisavam descer quatro velhos degraus de pedra para alcançar a porta. A entrada da residência de Sir Godfrey ficava a alguns metros ladeira abaixo, e a porta estaria trancada, mas a porta da igreja só fechava na hora do toque de recolher. “Os fiéis”, Sir Godfrey aprazia-se em dizer, “precisam ter acesso à graça redentora de Deus”, o que significava, na realidade, que os fiéis precisavam ter acesso à grande caixa de coleta, reforçada em ferro e trancada com um exuberante cadeado, que dava boas-vindas a cada visitante. Sir Godfrey pregava a caridade, incentivava a generosidade e embolsava as moedas. Precisei me curvar para passar sob o arco de pedra da igreja, em cujo coro caiado de branco tantas vezes cantei salmos. No passado, a igreja era pintada com cenas bíblicas, tinha um púlpito belamente entalhado e exibia vasos de prata no altar, mas Sir Godfrey, sentindo os ventos gelados do puritanismo, certificou-se de vender ou destruir tudo que fosse belo. O púlpito já

não existia, o altar não passava de uma mesa simplória, e os castiçais eram confeccionados de madeira de faia torneada. Somente a caixa de coleta era colorida, com as laterais brancas e a frente vermelha, estampando um texto de Provérbios: “Quem dá aos pobres empresta a Deus.”

Passei pela caixa de coleta, atravessei a pequena nave e empurrei a porta da sacristia. Estava deserta. Adentrei o recinto e abri o ferrolho da porta ao fundo. Quando Sir Godfrey estava em casa, aquela porta permanecia destrancada, conforme se encontrava agora. Empurrei-a, e Sir Godfrey, sentado à mesa de sua refeição matinal, virou-se, sobressaltado.

— Richard! — exclamou ele.

— É o menino bonito — disse uma voz desdenhosa, e vi que os gêmeos a serviço de Porco Price também estavam à mesa.

Eu imaginava que eles fossem embora depois da primeira noite, mas, pelo jeito, ficariam ali durante os tais três dias. A quarta pessoa à mesa era Simon Willoughby, que estremeceu ao me ver. Os quatro comiam pão, queijo e bacon, e bebiam uma jarra de cerveja.

— Junte-se a nós, meu caro rapaz — disse Sir Godfrey, sorrindo por baixo de sua barba preta e pontuda.

— Eu quero bater nele! — pediu Simon.

Seu rosto ainda estava machucado, o lábio inchado e o olho fechado. A marca de sangue escuro e coagulado ainda era visível em seu maxilar, e a mão esquerda, que fora queimada, estava envolta em bandagem.

— Sejam os amigos — disse Sir Godfrey, diplomaticamente. — Você trouxe o que queremos, Richard?

Coloquei o texto da peça e o livro sobre a mesa. Um dos gêmeos, Bafo-de-Peixe ou Cara-Sebosa, apanhou a peça e examinou a folha de rosto.

— Você sabe ler? — perguntei.

O gêmeo levantou-se, arrastando a cadeira, querendo punir-me por minha insolência, mas Sir Godfrey ergueu uma das mãos, detendo-o.

— Não quero violência — disse ele. — Parece que o jovem Richard cumpriu seu dever, como um bom cristão. — Ele puxou o livro para perto de si, então abriu uma das persianas para deixar entrar mais luz matinal. Aquele gêmeo era Bafo-de-Peixe, pude logo perceber, porque o outro, assim como Simon, tinha uma atadura na mão chamuscada e permaneceu sentado e tristonho, enquanto Sir Godfrey lia em voz alta o título do livro.

— “*Conferência acerca da próxima sucessão à Coroa da Inglaterra.*” Este livro pertence ao seu irmão? — perguntou ele.

— Pertence, Sir Godfrey.

Ele sorriu, com um ar de ferocidade.

— Pelo jeito, pegamos o Sr. William Shakespeare num ato de subversão! — Ele deu uma risadinha e empurrou o livro para Bafo-de-Peixe. — Conforme combinamos, esse é seu, e este aqui — ele pegou o texto da peça — é meu.

— A gente pode prender o irmão dele? — perguntou Bafo-de-Peixe, pegando o livro.

— Claro que podem — disse Sir Godfrey, e eu sabia que meu irmão estaria à escuta, ouvindo o que esperava ouvir, que Sir Godfrey fizera um pacto diabólico com os perseguidores. A sedição estaria comprovada, e Sir Godfrey poderia vender a peça para algum conde abastado.

Sir Godfrey sorriu ao contemplar a folha de rosto.

— “*Romeu e Julieta*” — leu ele, em voz alta —, “*uma tragédia.*” E arreganhou os dentes amarelados noutro sorriso. — Obrigado, caro Richard. — Ele pôs de lado a folha de rosto e pegou a seguinte, e vi seu sorriso, aos poucos, desaparecer. Sir Godfrey franziu o cenho e voltou a ler em voz alta. — “Primeira cena, um tribunal inglês. Entram Guilherme, o Conquistador, e o Marquês de Lubeck com um quadro.” — Ele parou e olhou para mim, depois virou-se para Simon Willoughby. — Um tribunal inglês, Guilherme, o Conquistador. Foi esta a peça que roubaram de você, Simon?

— Não, senhor. Essa peça é *A bela Em*.

Sir Godfrey sacudiu a cabeça em sinal de tristeza e voltou a fitar o papel.

— “Como pode o poderoso conquistador da Britânia renunciar, subitamente, ao seu cajado?” — leu ele, então olhou para mim. — Como pode o jovem Richard renunciar, subitamente, ao bom-senso? — disse ele, rangendo os dentes. — Você vai ser enforcado por isso!

Bafo-de-Peixe levantou-se e partiu para cima de mim, então parou, pois a lâmina de uma espada lhe tocara a garganta.

Ele parara porque meu irmão e os demais sócios surgiram pela porta, ocupando o apertado recinto, e meu irmão apontava a espada para a goela de Bafo-de-Peixe.

Sir Godfrey foi o primeiro a se recuperar do susto.

— Papoula! — gritou ele. — Papoula!

Não houve resposta.

— O senhor o mandou comprar sal — sussurrou Simon Willoughby.

— Você quer enforcar meu irmão? — perguntou meu irmão a Bafo-de-Peixe, mas o gêmeo não respondeu. Estava com a cabeça inclinada para trás, contra a pressão da lâmina. — São esses os gêmeos que marcaram você com ferro em brasa? — indagou meu irmão.

— São.

— Os gêmeos que querem me prender por subversão?

— São, sim, meu irmão — falei.

— Nada de assassinato, meus senhores — disse meu irmão —, nada de assassinato. Agora, vamos entrar em ação.

Entramos em ação.

## DOZE

*Agora, bela Hipólita, aproxima-se  
A hora das nossas núpcias; quatro  
dias*

*De júbilo prenunciam outra lua...*

Estávamos preocupados. Nunca passáramos tanto tempo ensaiando uma peça, nunca tínhamos visto tanto dinheiro ser gasto em uma produção e nunca tínhamos ficado tão nervosos antes de uma apresentação. As expectativas, ao menos de Lady Hunsdon, eram grandes, e havia também o desafio de reconquistar o interesse da plateia. Muitos teriam assistido à montagem catastrófica de *A bela Em* e estariam se perguntando por que Lorde Hunsdon haveria de submeter seus convidados a mais sofrimento. Os espectadores já teriam tolerado a cerimônia religiosa do casamento e a homilia do bispo, e ainda teriam de tolerar nossa apresentação. Se não fosse pela presença da Rainha, e também pelo fato de que todos no salão sabiam muito bem como ela apreciava peças teatrais, o barulho da conversa teria engolido a primeira fala de George Bryan. Alguns convivas ainda cochichavam enquanto o Duque Teseu proferia as palavras iniciais, aqui epigrafadas, mas o olhar enfurecido de Sua Majestade os silenciou de imediato. Nem os criados que serviam petiscos, guloseimas e vinho ousaram se mover.

Começamos com quase duas horas de atraso. Alguns disseram que foi porque, antes de passar por baixo da ponte, a barcaça da Rainha fora obrigada a esperar que o ímpeto da correnteza diminuísse. Outros culpavam o sermão do bispo, enquanto Will Kemp, sem citar qualquer fonte, afirmou que a noiva havia desmaiado, com receio de perder a virgindade. Meu irmão tentou acalmar os nervos da trupe dizendo que todo casamento estava sujeito a atrasos. “É por isso que nos casamos às pressas”, acrescentou ele, mas ninguém riu.

Lembrei-me do casamento dele. Eu tinha oito anos e muito o admirava. Meu pai, minha mãe e eu tínhamos seguido a pé até a igreja, em Temple Grafton, em um frio dia de novembro. Todos usávamos nossas melhores roupas, e meu irmão trajava um recém-adquirido gibão preto. À época, ele tinha cabelos compridos, e minha mãe dizia que era um belo menino, e era mesmo quase um menino, com apenas dezoito anos, ao passo que Anne, a noiva, era oito anos mais velha. Ela vestia um

traje de linho cinza-claro e brotos de azevinho enfeitavam seus cabelos soltos. Uma pequena protuberância era visível na altura da pelvis da noiva, e aquela pequena protuberância, ainda que por muito tempo eu não me desse conta, tornou-se minha sobrinha Susanna. Havia apenas oito pessoas na igreja, nove se incluirmos Susanna. A cerimônia foi extremamente breve, depois caminhamos de volta a Stratford, com Anne queixando-se porque chovia nos campos devolutos, embora tivéssemos chegado a Henley Street antes de o aguaceiro despencar. “Bem”, disse minha mãe, ocupando o lugar de sempre à mesa da cozinha, “está feito.”

George Bryan tinha vomitado com tanta espera.

— Meu bom Deus — murmurava ele, continuamente, sacudindo uma das pernas.

Silvia, que ajudava Jean, olhou-o horrorizada enquanto ele vomitava em um balde de madeira entre as pernas.

— Ele está passando mal? — perguntou Silvia.

— Ele sempre fica assim — falei.

— Meu bom Deus — repetiu George.

George vestia um traje que pertencia a Lorde Hunsdon: um belíssimo manto de veludo azul-escuro com o colarinho e os punhos adornados com pele de lince. A touca também era de veludo azul-escuro, igualmente adornada com pele e exibia as duas plumas negras do chapéu que eu furtara de deValle. Usava, também, uma corrente dourada com uma insígnia. Era o Duque Teseu, e tremia, pálido e nauseado.

John Heminges caminhava pelo camarim improvisado, detendo-se, uma vez e outra, para espiar pelas frestas das cortinas que cobriam as entradas do palco, mas nada via no salão, senão criados arrumando pratos e taças. Ouvi-o murmurar sua primeira fala: “Altiva Titânia, que infeliz este nosso encontro ao luar!” Era Oberon, o Rei das Fadas, e vestia meias compridas pretas e uma saia da mesma cor, além de um manto todo feito de brocado bordado a ouro. O manto era duro, porque os fios de ouro introduzidos na seda tornavam o tecido estático. O brocado fora aproveitado do dossel que cobria o leito de Lady Anne Hunsdon, transformado em manto por Silvia, que acrescentou bordas de cetim nas quais fixou estrelas brancas.

— Você não pode sentar — ordenou ela a John —, porque o brocado vai entortar e não vai ter como arrumar de novo.

— Entortar? — perguntou ele, confuso.

— Nada de sentar, nada de se ajoelhar, senhor!

— “Naquele mesmo momento enxerguei” — disse John Heminges, segurando o pé de coelho que pendia de uma corrente de prata em seu pescoço —, “mas tu não pudeste enxergar.”



*Voando entre a frígida Lua e a Terra,  
Cupido, de arma em punho: fez mira  
Em direção à bela vestal entronada a  
Oeste,  
E disparou de seu arco a flecha do  
amor.*

— Eu tenho a flecha do amor! — exclamou Will Kemp, então agarrou Jean e beijou-a nos lábios, conforme sempre fazia antes de uma apresentação. — Mas você agora tem uma assistente — disse ele, pegando Silvia pelo braço, mas recuou no momento em que a pretendia beijar. — O que, em nome de Deus...

— Alfinetes, senhor — disse ela, retirando dois alfinetes que estavam entre seus lábios. — Desculpe, senhor. Eu costumo guardar alfinetes na boca.

Silvia enfiou os alfinetes entre os lábios quando viu Kemp beijar Jean. Ela sorriu para ele, afavelmente, então se abaixou para afivelar-lhe os sapatos.

Kemp vestia couro amarelo-claro, uma calça de lã apertada e um gorro simples, e estava de bom humor.

— Falta pouco, senhores! — exclamava ele. — Falta pouco!

Ninguém lhe dava ouvidos. Kemp tampouco esperava ser ouvido.

Meu irmão virou-se de costas para a trupe e fez o sinal da cruz.

— Preciso mijar — disse Thomas Pope.

Richard Burbage sacou a espada e beijou a lâmina.

E eu saí para o corredor da copa e subi a escada. Eu vestia um manto cor de bosta de ganso, meias toscas e um gorro de lã. Minha cabeleira se fora. Jean e Silvia, dando risadas, tinham-na tosado. “Tem um fabricante de perucas em Old Change que vai pagar bem por isto aqui”, dissera Jean, estirando cuidadosamente as longas tranças sobre um retalho de linho.

— Quanto eu vou ganhar por isso? — perguntei.

— Você? Não vai ganhar nem um tostão! Silvia vai faturar alguns xelins. Você, não!

— Deus do Céu! — disse Silvia, recuando para me dar uma olhada. — Ele parece dez anos mais velho!

De início, estranhei os cabelos curtos. Padre Lourenço, ao me ver, sorriu. “Finalmente um homem, Richard?”, disse ele.

Agora, finalmente um homem, aguardando o fim da cerimônia das bodas e esperando os convidados saírem da capela, subi ao mezanino dos músicos. Phil estava lá, junto a seus cinco instrumentistas. Robert, amigo de Phil, ergueu o cromorno, saudando-me.

— De cabelo curto! — disse ele, surpreso.

— Cresci. — Foi minha resposta.  
— É Richard? — Phil fingiu não me reconhecer. — Acho que nunca tinha visto você sem saia! — A voz dele nunca soara tão sibilante.  
— O que aconteceu com sua voz? — perguntei.  
— Arranquei dois dentes ontem.  
— Quanto custou?  
— Quatro tostões cada.  
— Deus do Céu! — falei. — Eu teria arrancado todos eles de graça!  
Ele riu e dedilhou as cordas do alaúde que tinha em mãos.  
— Por que estamos atrasados?  
— Porque nossos patrões ainda não acabaram o casório, creio eu.  
Debrucei-me à balaustrada. As velas tinham sido acesas sobre as mesas, os talheres reluziam e o fogo ardia como uma fornalha. O tablado da Rainha, com seu trono de espaldar alto e sua única mesa, fora coberto por um requintado toldo rubro. Era o meio da tarde, mas o céu visto da sacada envidraçada já estava escuro.  
— Você está com o olho roxo — disse Phil.  
— Eu sei.  
— Eu teria feito isso de graça — disse ele, e eu ri.  
Mas Sir Godfrey já havia feito sua parte.

“Agora, vamos entrar em ação”, dissera meu irmão, mas ninguém reagiu de imediato. Sir Godfrey ensaiou um protesto, que meu irmão ignorou, embainhando sua espada. Ninguém mais se mexia, talvez ninguém acreditasse que fosse haver violência. “Deve estar havendo algum engano...”, disse Sir Godfrey, nervoso.

Bafo-de-Peixe ordenou a Sir Godfrey que se calasse.  
— Nós servimos a Rainha! — disse ele, em tom desafiador.  
— Não servem, não — disse meu irmão, calmamente.  
— E vocês vão estar trancafiados em Marshalsea antes do meio-dia. — Cara-Sebosa concluiu a fala do irmão gêmeo.

— Neste instante — disse meu irmão, ainda com toda a calma —, o Lorde Camerlengo está com Sua Majestade. Os senhores logo vão constatar que terão sido dispensados.

Dito isso, ele deu um soco no estômago de Bafo-de-Peixe.

Foi um golpe duro, sonoro. Meu irmão não era um homem grande, como Will Kemp, e tampouco ágil, como Richard Burbage, mas era forte e implacável. Lembro-me de vê-lo brigar com Dick Quiney, quando ambos tinham uns dezesseis anos, e Quiney, que era um palmo mais alto que ele, apanhou e sangrou. Bafo-de-Peixe tentou reagir, mas meu irmão bloqueou o murro e atingiu com uma cabeçada o gêmeo, que choramingou e levou a mão ao punhal. Meu irmão agarrou a mão

dele e torceu um dos dedos. Bafo-de-Peixe gritou, e ouviu-se um estalo e um grito ainda mais alto, de dor, em seguida, Cara-Sebosa correu para ajudar o irmão. Foi então que todos nós entramos em ação.

Sir Godfrey se levantou e tentou me empurrar de lado, mas eu o impedi, e ele me deu um soco, deixando-me com o olho esquerdo roxo. O golpe doeu e me deixou enfurecido. Sete anos de raiva subitamente vieram à tona, então lhe dei um violento pontapé entre as coxas e uma joelhada na fuça no momento em que ele se curvou de dor. Senti que tinha quebrado seu nariz. Agarrei-o pelos cabelos pretos e escorridos, arranquei sua touca e coloquei a cabeça dele contra a parede, esmurrando-lhe o rosto até ver uma massa ensanguentada e sentir dor nas articulações dos meus dedos.

Foi tudo muito rápido. Cara-Sebosa partira para a briga, mas Will Kemp era mais ágil, mais alto e mais forte, e Cara-Sebosa logo se tornou Cara-Sangrenta.

— Não fomos nós! — alegara Sir Godfrey, com os lábios ensanguentados. Estava de joelhos, com sangue escorrendo pelo nariz. — Foi Francis Langley. Falem com ele!

— Eu vou falar — disse meu irmão, desferindo uma bofetada na orelha de Sir Godfrey. — E, quanto a você... — Ele passara por cima de Bafo-de-Peixe e avançara contra Simon Willoughby, que se lamuriava.

— Ele é meu, Will — disse John Heminges.

— Deixe esse aí comigo — exigiu Will Kemp.

— Não, ele é meu! — insistiu Heminges.

Cara-Sebosa tentou afastar John Heminges para longe de Simon, mas Alan Rust e Richard Burbage imobilizaram-no e o arremessaram contra a parede.

— O Lorde Camerlengo — disse Rust — está aborrecido com você. Ele manda lembranças — e desferiu um soco em suas costelas — e pede que você não tente furtar nada da nossa trupe. — Rust deu-lhe mais um soco, e um terceiro no nariz já fraturado.

Sentindo-se preteridos, Richard Burbage e Henry Condell dissuadiam Bafo-de-Peixe da ideia de ajudar o irmão por meio de uma sequência impiedosa de murros, enquanto meu irmão intimidava Sir Godfrey, que permanecia no chão, protegendo a cabeça com as mãos.

— Nós somos os Homens do Lorde Camerlengo — disse meu irmão, rangendo os dentes, ao clérigo acovardado —, e vocês não vão desrespeitar nosso palco!

— Não! — implorava Simon Willoughby e, quando olhamos, vimos o menino estendido no chão, e Heminges, seu mestre, em cima dele com uma faca.

— Nada de assassinato — disse meu irmão.

— Não! — implorou Simon mais uma vez, porque Heminges arrancou seu gorro, soltando seus longos cabelos louros. Então, com uma das mãos, Heminges

agarrou e suspendeu os cabelos de Willoughby.

— Os vendedores de perucas pagam muito bem por cabelo louro — disse ele.

— Não!

— Deixe de choro — disse Heminges, golpeando-o com o cabo da faca. Então começou a cortar o cabelo do menino, manejando a faca com brutalidade, quase escalpelando Simon. — Seu tempo como aprendiz acabou — disse ele enquanto rapava os cabelos, depois riu do estrago feito na cabeça de Simon. — Já acabamos o trabalho?

Meu irmão olhou em volta no minúsculo recinto, onde jaziam os quatro homens ensanguentados e surrados.

— Acabamos — disse ele, pegando o livro e o texto da peça —, e foi uma manhã de trabalho muito produtiva, meus senhores.

Rimos o tempo todo enquanto subíamos por Addle Hill. Will Kemp caminhava com o braço por cima do ombro de meu irmão.

— Você é um homem bom, Will! — exclamou ele. — Um homem bom!

— Apesar do seu papel em *Romeu e Julieta*? — perguntou meu irmão.

— O papel pode ser pequeno — disse Kemp —, mas vou dar um jeito nele.

— Então vamos dar um jeito em *Sonho de uma noite de verão* — disse meu irmão.

E assim fizemos. O ensaio final pareceu inspirado pela briga, pelo entusiasmo, pelas risadas que tinham ecoado em Addle Hill. Éramos os Homens do Lorde Camerlengo, e ninguém ia desrespeitar nosso palco.

Os primeiros convidados começaram a chegar ao salão. Vinham em pequenos grupos, todos vestidos elegantemente, com seda, cetim e peles, todos rindo e conversando, visivelmente aliviados por terem saído da capela, que decerto estava fria, pois grande parte dos convivas foi se reunir ao redor da lareira. Do mezanino dos músicos, contemplei o salão, vendo chapéus emplumados e tiaras adornadas com pedrarias. Walter Harrison, exuberante em seu traje preto de intendente, com seu colar de identificação confeccionado em ouro, batia palmas, convocando a criadagem.

— Vinho — disse ele — para os convidados. Já!

— Ah, perfeito — disse Phil —, uma plateia bêbada. A gente podia até apresentar *A bela Em* de novo.

Walter Harrison se virou e ergueu o olhar em direção ao mezanino.

— Música! — ordenou ele. — Queremos música.

— Então arranjem músicos — falei, pulando fora do alcance do tapinha que Phil ameaçou me dar em sinal de retaliação.

Desci a escada.

— Agora falta pouco — disse meu irmão quando entrei no camarim.

— Meu bom Deus! — rezava George Bryan.

— “Altiva Titânia, que infeliz este nosso encontro ao luar!” — murmurava John Heminges repetidas vezes, parando apenas para beijar o pé de coelho que pendia de uma corrente de prata em seu pescoço.

— Essa coisa aí não fede? — indagou Will Kemp.

— Não mais que você.

— Cavalheiros! — interveio Alan Rust.

O barulho produzido pelos convidados no salão aumentava. Os garotos que faziam papéis femininos estavam sentados em um banco, e Jean e Silvia cobriam-lhes os rostos, colos, as mãos e pernas com a cerusa que alvejava a pele. A cerusa fora macerada com pérolas para conferir à pele um brilho à luz das velas. Os lábios de todos os meninos foram pintados de vermelho, e os olhos foram pingados com essência de beladona e sombreados com uma pasta de fuligem e banha de porco.

— Eu tenho que mijar — disse Thomas Pope, gemendo.

— Você mijou tem cinco minutos! — disse Henry Condell.

— Preciso mijar de novo.

— Mije no balde de George — sugeriu Alan Rust.

George, largando o balde, esticava-se para tocar o teto. Outra superstição.

— Não está na hora de acender as velas? — perguntou Richard Burbage, que alongava os braços.

— Ainda não — disse meu irmão.

— Meu bom Deus! — lamentava-se George Bryan, sem conseguir alcançar o teto.

— Pule! — disse Will Kemp, e George, obedientemente, pulou e roçou o dedo na viga do teto.

— Agora falta pouco mesmo! — John Heminges agarrou-se ao pé de coelho.

— A Rainha ainda não está no salão — disse Alan Rust, espiando pela entrada principal.

Risadas reverberavam pelo salão. Juntei-me a Rust, espiando pela cortina. Os convidados ocupavam seus assentos, e os criados serviam vinho. O palco estava às escuras. Os espectadores fitavam o tablado, mas viam apenas as duas cortinas pesadas que pendiam do mezanino dos músicos, uma cobrindo um terço do lado direito do palco, e a outra, o lado esquerdo. Em cada cortina fora pintado um par de colunas brancas que ladeavam um nicho, também pintado, sobre os quais se viam estátuas, igualmente pintadas. A função das cortinas era indicar à plateia o cenário da peça, o salão de um palácio ateniense, e esconder as galhadas de cárpino cobertas de gaze.

Um criado irrompeu no salão, vindo do corredor da copa.

— Ela está chegando — disse ele, sibilando. — Ela está chegando!

— Ah, Cristo! — lamentou Bryan.

Estava sentado em cima de um baú no camarim, embalando-se para a frente e para trás, com as mãos unidas, aparentemente, orando.

— Tom, Percy! — chamou meu irmão. — Acendam as velas.

Tom e Percy eram serviçais de Lorde Hunsdon, mas, naquele dia, eram nossos contrarregras. Cada um acendeu uma vela no fogo das velas que estavam acesas no camarim, e ambos desapareceram pelas cortinas. Havia cinquenta velas em cada lado do palco, todas eram círios com mais de noventa centímetros de altura e todas fabricadas com cera de abelha, para que a Rainha não fosse agredida por cheiro de sebo.

— É só dinheiro — queixou-se Lorde Hunsdon quando os círios chegaram —, nada mais que dinheiro!

— Vou avisar aos músicos que ela está chegando — falei e, sem esperar por uma resposta, saí pela porta dos fundos do palco, subi a escada correndo e, quando cheguei ao mezanino, antes de eu sequer abrir a boca, ouvi os clarins anunciando a chegada da Rainha. Os convidados se levantaram, os homens se curvaram e as mulheres fizeram sua típica reverência. Os músicos de Phil pararam de tocar.

A Rainha Virgem! Elizabeth surgiu no salão toda vestida de um branco fulguroso, o branco da seda e do cetim, seus cabelos ruivos enfeitados com uma tiara de prata lustrosa e rubis cintilantes. Uma estola de arminho pendia frouxamente de seus ombros, sem esconder a pele alva de seu colo, sobre a qual reluziam diamantes. Ela caminhava lentamente, de cabeça erguida, ignorando os convivas empertigados, sendo guiada por seu primo, Lorde Hunsdon, até a plataforma coberta. A linha frontal do seu couro cabeludo fora raspada, deixando a testa mais alta, segundo a moda da época, e o rosto fora coberto por uma pasta branca e lisa, que contrastava com os caracóis de seus espessos cachos ruivos.

— Aquilo é peruca? — cochichou Phil ao meu ouvido.

— Claro que é — sussurrei. — Ela tem idade para ser sua avó.

— Se ela fosse minha avó — disse ele —, eu seria o Príncipe de Gales.

— Deus tenha piedade dos galeses — falei. Logo atrás da Rainha, seguiam suas quatro damas de honra, e atrás delas vinham a noiva e o noivo, ambos bastante ofuscados pela monarca. A noiva estava bonita, com um traje amarelo-claro e listras roxas, e o marido usava azul-escuro. As famílias do casal entraram em seguida e, enquanto a Rainha subia os dois degraus atapetados que davam acesso à sua mesa solitária, todos pararam e os homens se curvaram. — Vocês não vão fazer barulho? — perguntei a Phil.

— Só depois que a vovó sentar — disse ele.

Os dois serviçais ainda estavam acendendo velas, iluminando, gradualmente, o palco com suas cortinas pintadas. A Rainha sentou-se, e os músicos de Phil começaram a tocar, suavemente, de início, enquanto os convidados voltavam a seus assentos e o burburinho reiniciava. Fiquei à sombra, observando, tentando ignorar as batidas do meu coração, que aceleravam sempre que eu pensava em entrar em cena. Mais vinho foi servido, e salvas de prata cheias de guloseimas foram levadas às mesas. As famílias da noiva e do noivo ocuparam seus assentos, e a noiva contemplava o palco vazio, demonstrando ansiedade. Lorde Hunsdon inclinava-se sobre a cadeira da Rainha, atento, e vi quando ele se empertigou, virou-se e meneou a cabeça em direção a Walter Harrison, que, por sua vez, disse algo a Percy, o criado que acendia as velas do lado esquerdo do palco.

— Vamos começar — falei a Phil.

Percy terminou de acender as últimas velas e desapareceu embaixo do mezanino. Risadas ecoaram pelo salão, e o tom das vozes se elevou à medida que o vinho vertia das grandes jarras de prata. Ouvi passos nos degraus, as portas se abriram e John Heminges entrou no mezanino.

— Podemos começar agora — disse ele a Phil. Heminges, que dispensara temporariamente o longo e duro manto bordado em ouro, veio para meu lado e contemplou a plateia repleta de joias reluzentes no salão lá embaixo. — Deus nos ajude — disse ele em voz baixa.

A música parou. Fez-se silêncio no mezanino por alguns segundos, então o tambor começou a rufar lentamente, com o som reverberando pelo salão. Depois que uma dúzia de batidas silenciou o público, o trompetista levantou-se e fez soar uma clarinada, após a qual Phil e os demais músicos começaram a executar uma doce melodia dançante. Abaixo de nós, os meninos da casa e as fadas da trupe entraram bailando no palco. Não havia falas, apenas as crianças dançando ao som da música, então Percy e Tom subiram ao mezanino e puxaram as cordas que elevavam as cortinas pintadas, revelando a floresta cintilante.

A ideia de abrir a peça com uma dança, sem diálogos, tinha sido de Alan Rust, uma dança que sossegasse a plateia, uma dança semelhante a uma mascarada, algo que prenunciasse a magia iminente. O bailado não durou muito tempo, mas funcionou, pois constatei que a plateia contemplava em silêncio os dançarinos, silêncio que foi interrompido por uma súbita e forte batida do tambor e pela volta das duas cortinas pintadas, indicando que estávamos agora no interior do palácio. A queda das cortinas fez tremular as velas mais próximas, mas nenhuma se apagou. Os dançarinos, descalços, saíram pelas portas da esquerda e da direita, e ouviram-se passos pesados enquanto os atores adentravam o palco pela grande porta central. George Bryan, que pouco antes tremia de pavor, que vomitara de tão nervoso, agora surgia com a cabeça erguida e uma voz plenamente confiante.

— “Agora” — disse ele —, “bela Hipólita, aproxima-se

*A hora das nossas núpcias; quatro  
dias  
De júbilo prenunciam outra lua; mas,  
ah,  
Parece-me que esta Lua tarda a  
minguar...”*

Havia começado.

George Bryan e Thomas Pope abriram a peça. Pope era um dos sócios, sujeito tranquilo e modesto que costumava fazer papel de idoso. Ele havia adquirido a participação na companhia após a morte de seu pai, um puritano que comerciava lã e detestava o teatro.

“Toda vez que entro em cena”, gostava de dizer Thomas, “ele se contorce no túmulo.”

Thomas fazia o papel de Egeu em *Sonho de uma noite de verão*. Egeu é pai de Hérnia e abre a peça queixando-se da filha. Ele quer vê-la casada com Demétrio, mas Hérnia ama Lisandro, que, segundo Egeu, “enfeitiçou o coração de minha criança”. Egeu acusa Lisandro de ter feito serenata à janela de sua filha e de tê-la mimado com uma enxurrada de presentes: uma pulseira confeccionada com seus próprios fios de cabelo e “anéis, bugigangas, palavras poéticas, ninharias, flores, docinhos!”. Então Egeu agora exige justiça e leva a questão ao Duque, sugerindo que, ou Hérnia desposa Demétrio à força, ou então, segundo a lei ateniense inventada por meu irmão, será condenada à morte por desobediência.

A plateia no salão esboçou um sobressalto quando Thomas Pope pronunciou a palavra “morte”. Aquilo era um bom sinal. Os espectadores estavam prestando atenção. É verdade que alguns ficavam atentos somente porque receavam desagradar a Rainha, mas o audível sobressalto significava que muitos já tinham sido cativados pela história sendo contada no palco.

Teria sido diferente no Theatre. Os espectadores gostam de expressar sua opinião e teriam, sem dúvida, protestado contra a proposta ultrajante apresentada por Egeu, de que sua filha fosse executada por não querer se casar com Demétrio. As plateias nos teatros públicos costumam se dirigir aos atores no palco ou debater entre si o que estão vendo, mas isso era muito menos provável nos iluminados salões de mansões e palácios. Atuar no teatro tem a sua própria arte. Não podemos fingir que os espectadores não estão presentes, eles ficam à nossa volta, os mais próximos chegam a sentar à beira do tablado, enquanto outros ali se apoiam, ali



colocam garrafas, ali quebram nozes, de modo que criamos o hábito de nos dirigir ou dar piscadelas diretamente a eles, sempre tentando, porém, manter a ordem. “Mantenham o ritmo!”, costuma ordenar Alan Rust antes de entrarmos em cena. “Não deixem que eles tomem conta!”

Will Kemp se apraz em deixar que os espectadores tomem conta, porque, para ele, um comentário da plateia é um desafio, um embate de espirituosidade que ele se sente confiante em vencer. Kemp chega a interromper a ação da peça para trocar farpas com a plateia, incentivado por muitos espectadores que vão ao teatro apenas para se divertir com suas piadas picantes. Meu irmão odeia quando Kemp começa a improvisar, mas pouco pode fazer, porque Will Kemp é uma celebridade. A ordem para os demais atores, contudo, é de que se atenham às suas falas e que as enunciem com fluidez e naturalidade. “Não falem como um pregoeiro de rua”, diz meu irmão, rangendo os dentes, sempre que em um ensaio algum ator fala devagar, exagerando a ênfase nas palavras. “Não deixem que eles tenham tempo para pensar”, costuma nos dizer James Burbage. “Mantenham a plateia na coleira, ou ela vai começar a jogar coisas no palco!”

Deixei o mezanino e voltei ao camarim. A cena de abertura estava indo muito bem, mas a plateia começava a se mostrar inquieta enquanto Hérnia e Lisandro tramavam sua fuga, e Helena, que amava Demétrio, resolve delatar a ele a trama dos fugitivos. A cena estava longa e, de dentro do camarim, eu ouvia espectadores tossindo, sempre um sinal de que estão perdendo o foco. Eu seguia as falas de Alexander Cooke, que fazia Helena, e ouvi as palavras que precediam o fim da cena:

*O amor não vê com olhos, mas com a  
mente;  
Daí pintam Cupido cego,  
geralmente...*

Dirigi-me à entrada da direita. Will Kemp já estava a postos e meneou a cabeça olhando para mim. Éramos os artífices, os rústicos artesãos que pretendiam apresentar uma peça ao Duque e sua noiva. Cinco de nós entraríamos pela direita do palco, ao passo que Pedro Madeira, sozinho, entraria pela esquerda.

— Vamos acordar esses safados — disse Will Kemp, com um rosnado. — Divirtam-se!

Posicionei-me detrás da cortina que cobria a entrada do palco e senti medo, medo de esquecer as falas, de ser vencido pelo pânico. “Se você não sente medo”, dissera Richard Burbage certa vez, “você não é ator.” Fiquei receoso, com a súbita

sensação de querer estar em qualquer outro lugar, exceto naquele salão, diante daquele público intimidador.

Helena concluiu sua fala jurando reconquistar o amor de Demétrio. Ela saiu pelos fundos do tablado, e Will Kemp, sentindo que a plateia precisava de uma sacudida, abriu a cortina com um gesto brusco e pulou no palco. Tom e Percy, no mezanino, baixaram novas cortinas, escondendo as colunas pintadas. As velas voltaram a tremular intensamente quando as cortinas, ambas de tecido marrom liso, caíram em seus lugares. O tecido marrom sugeria que ainda estávamos em algum lugar fechado, mas já não era o palácio. Surgimos entre as novas cortinas caminhando desengonçadamente em direção à luz das velas, trajando nossos figurinos grosseiros. Percebi que Kemp pretendia chocar os espectadores, despertar a plateia, fazê-la rir, mas foi meu irmão que alterou o estado de espírito do salão.

Ele andou devagar pelo tablado, com uma expressão de perplexidade, ignorando-nos. Então correu os olhos pelo salão, mostrando-se cada vez mais perplexo, e fez uma pausa tão demorada que James Burbage, que nos servia de ponto, pois Isaiah ainda estava doente, sussurrou-lhe a primeira fala. Meu irmão ignorou o sussurro. Continuou olhando para a plateia, ainda aparentemente confuso. Então, ao olhar diretamente para a Rainha, arregalou os olhos e, por fim, enunciou sua primeira fala, mas não se dirigiu a nós, e sim ao salão, pronunciando as palavras em tom de puro espanto:

— “Nossa companhia está toda aqui?”

Todos riram. Não foi um riso por mera educação, foi uma explosão de divertimento, quase de alívio. Nosso público, apreensivo diante da ideia de ser forçado a aguentar um suplício de duas horas, percebeu que talvez até se divertisse. Já não precisávamos da presença da Rainha para manter os espectadores atentos. Tínhamos cativado nossos espectadores.

Sáímos de cena exultantes. O início da peça talvez tivesse sido arrastado, mas os artífices aqueceram a plateia. A reação positiva do público nos alimentou, e encontramos uma energia que jamais impregnara os ensaios. Dei um berro, simulando pavor, ao enunciar a fala que tanta indignação me causara naquela primeira leitura: “Não, pela minha fé, não me peçam para fazer papel de mulher!” Eu não tinha intenção de gritar, mas o grito saiu, e a plateia gargalhou. E continuou rindo por tanto tempo que Will Kemp precisou interromper sua imitação de leão rugindo. Pedro Madeira confiara o papel de Leão a Acomodado, mas Nico Novelo queria o papel para si. “Deixe-me fazer o papel do Leão também! Eu sei rugir!” E, obviamente, rugiu, urrando toscamente diante da plateia, que o recompensou com risadas. Kemp, por sua vez, improvisou falas e acrescentou rugidos. Meu irmão o interrompeu para voltarmos ao texto, sem que ninguém notasse. O público gostou

de nós e, quando saímos do palco, tendo prometido à plateia outra cena, na qual nos encontramos para ensaiar nossa peça num bosque nos arredores de Atenas, estávamos todos radiantes.

A música começou, e peguei uma tesoura. Tom e Percy tinham acendido as velas, mas eles precisavam ficar no mezanino. Então dois de nós, que fazíamos papel de artesãos, seguimos pelo lado direito do palco e outros dois pelo lado esquerdo, e aparamos os pavios para que produzissem uma chama mais firme, mais forte. Os convidados conversavam e bebiam vinho, até que o rufar do tambor e o toque do trompete anunciaram que a peça estava prestes a ser retomada. Os dois serviçais que estavam no mezanino ergueram as cortinas, e o bosque voltou a ficar visível, cintilando uma luz esverdeada. Alan Rust entrou todo de verde, até seu rosto era verde. Jean levava dias fervendo índigo e genista verde, com o intuito de encontrar uma tintura esverdeada que pudesse ser misturada à cerusa, e acrescentara sobrancelhas pretas e arqueadas à maquiagem. Puck, com seu aspecto cômico, entrou com pompa e circunstância, e a plateia o aplaudiu. “Ora, ora, espírito! Aonde vais?”, pronunciou ele sua primeira fala, e o salão ficou em silêncio, atento à peça.

— Não! — lamentou Bobby Gough subitamente no camarim.

Virei-me e vi que um dos meninos havia pisado no manto da Rainha das Fadas assim que Bobby saiu de perto, e agora o traje de Titânia, todo de gaze branca, rasgara-se do ombro à cintura.

— Meu Deus do Céu! — disse Silvia, rangendo os dentes. — Venha cá!

— Eu preciso entrar em cena! — choramingou Bobby.

— Você vai entrar em cena quando eu mandar — disse ela. — Agora, pare de tremer. E, você — ela arregalou os olhos em direção ao sobrinho, que, vestido de fadinha, esperava para seguir Titânia palco adentro —, pare de cutucar o nariz! — Silvia tirou do avental uma agulha já com linha. — Não se mexa — disse ela a Bobby, e vi a agulha descer pelo rasgão. Jean veio ajudá-la, alinhavando a barra inferior.

— “Mas, sai do caminho, fada!” — exclamou Puck. — “Eis que vem Oberon!”

— “E eis minha senhora” — respondeu a fada no palco.

Silvia cortou a linha com os dentes e deu uma palmada no traseiro de Bobby.

— Vai, mulher! — disse ela. — Vai!

Ouviu-se outra reação de sobressalto quando Oberon e Titânia, acompanhados de seus séquitos de fadas, entraram em cena. Os atores cintilavam, brilhavam, eram aparições em ouro e prata. Em seguida, o Rei e a Rainha das Fadas discutiram, e os espectadores ofereceram a eles o maior elogio possível: ficaram em silêncio total. Não se ouvia cadeira arrastar, nem prato ou caneca tilintar, nem tosse, nem nada. O palco estava tomado por criaturas mágicas que reluziam à luz das velas. O Rei e a

Rainha das Fadas se encararam e discutiram por causa da criança hindu, até que Titânia, encarnada com surpreendente confiança por Bobby, recusou-se a obedecer ao comando do Rei e, presunçosamente, deixou o palco. Oberon, fervendo de ódio, convocou Puck: “Tu te lembras”, disse ele, dirigindo-se a Puck,

*Da vez que me sentei num  
promontório,  
E uma sereia ouvi, no dorso de um  
golfinho,  
Cantando uma ária tão doce e  
harmoniosa,  
Que o mar bravio civilizou-se ante o  
canto  
E certos astros fugiram de suas  
órbitas,  
Para ouvir a música da dama do  
mar?*

Eu queria que Padre Lourenço ouvisse John Heminges pronunciar essas palavras, porque elas fluíam como a própria música da donzela no mar, como uma melodia suavemente ritmada, e a plateia continuava quieta, extasiada pela poesia. Até no camarim, ficamos calados e imóveis enquanto a magia do palco nos envolvia.

— “Eu me lembro” — disse Puck, então Oberon ordena a Puck que encontre a flor arroxçada cujo sumo encantado, vertido sobre as pálpebras de alguém adormecido, faria o indivíduo se apaixonar pela primeira criatura que visse quando despertasse. Como castigo à obstinada Titânia, Oberon decide que o sumo da flor será vertido sobre as pálpebras da Rainha das Fadas, e sabia exatamente onde encontrá-la.

*Sei de uma encosta onde tomilhos  
crescem,  
Onde prímulas e violetas florescem*

E, nessa encosta, onde sabia que Titânia estaria adormecida, Oberon unge as pálpebras da Rainha das Fadas, e

*O primeiro ser que ela vir ao acordar;  
Seja um leão, um urso, lobo, ou touro,  
Ou mesmo um macaco brincalhão,  
Ela há de seguir co'a alma  
apaixonada*

Oberon trama sua vingança, mas é interrompido pela chegada de Demétrio e Helena, vindos de Atenas. “Estou invisível!”, diz Oberon à plateia e, surpreendentemente, ninguém no salão zombou de tal afirmação, ninguém parecia considerá-la inverossímil. Todos permaneceram calados, observando Oberon, que, invisível para Demétrio e Helena, presencia a rusga de amor do casal.

— Estamos indo muito bem! — cochichou-me Bobby Gough, com seu rosto cintilando a pó de pérola.

Ele parecia surpreso. Abracei-o.

— Você está indo muito bem — disse a ele.

E estava mesmo. De todos os atores, Bobby era o que mais nos preocupava, quem receávamos ser demasiado jovem para um papel tão importante, mas, desde a primeira cena, ele investiu Titânia de uma autoridade mordaz. Bobby sabia que, em se tratando de imponência ou dignidade, não tinha condições de competir com o Oberon encarnado por Thomas Pope, portanto, concebeu um estilo insinuante, sedutor. Os homens na plateia, observando-o, esqueciam-se de que ele era um rapazola. Era uma deusa, a Rainha das Fadas, esbelta, bela, desejável e mordaz.

— “Eu não amo você!” — disse Demétrio a Helena, entre dentes, e ela suplicou, lembrando-o de que um dia a amara, mas agora Demétrio ama Hérnia, então vai embora do bosque, desprezando Helena.

Invisível, Oberon, que se mantivera imóvel e calado durante a rusga, jura que há de castigar Demétrio por sua conduta insensível. Oberon pretende utilizar o sumo da flor mágica para forçar Demétrio a se apaixonar por Helena, então ordena a Puck que procure o rapaz tolo.

— “Vais reconhecer o homem” — diz ele a Puck — “pelas vestes atenienses que ele usa.”

E Puck, ao encontrar Demétrio, vai usar o sumo mágico da flor.

— “Não tenha dúvida, meu senhor; seu criado assim o fará.”

Puck e Oberon deixaram o palco, e Phil, no mezanino, fez soar uma melodia lenta e lírica, composta apenas por uma flauta doce e cordas dedilhadas com delicadeza. As crianças da casa correram ao palco e deram início ao seu bailado. Dois aprendizes da trupe, também vestidos de fada, trouxeram ao palco o leito coberto de tomilho onde Titânia dormiria. Era uma mesa baixa, cujos pés mal chegavam a quinze centímetros de altura, sobre a qual tinham sido fixados

espinheiros com folhas de pano e ramos de flores brancas. Os meninos quase rasgaram a cortina da entrada, que enganchou em um dos pregos da mesa, mas Alan Rust deu um salto e soltou a cortina, e os dois, que faziam as fadas Mariposinha e Teia-de-Aranha, conseguiram levar a mesa até o meio do tablado. Ali Titânia haveria de adormecer, mas, antes disso, todos os meninos em cena cantaram.

— Meu bom Deus — murmurou meu irmão consigo mesmo —, a coisa está funcionando.

Silvia esgueirou-se até a entrada direita e abriu a cortina, alguns centímetros, para ver os meninos dançando e cantando.

— Que lindo! — sussurrou ela. Em seguida, virou-se, e vi a luz das velas refletida em seus olhos. — Que lindo! — sussurrou ela mais uma vez.

Fiquei de pé atrás dela, com as mãos apoiadas em seus ombros, e observei o fim do bailado, fada após fada deixando o palco, até que, finalmente, Titânia rendeu-se ao cansaço e adormeceu no leito coberto de violetas e tomilho. O som da música diminuía enquanto ela pegava no sono. Seguiu-se um instante de silêncio, então Oberon entrou pelo outro lado do tablado. O Rei das Fadas avançou lenta e furtivamente em direção à Rainha adormecida, e juro que dava para ouvir o chiado de um camundongo no salão.

Então Oberon se posicionou acima da Rainha, e os espectadores se sobressaltaram quando ele espremeu o sumo da flor sobre os olhos de Titânia, prendendo a respiração quando ela se mexeu. Titânia moveu-se e resmungou algo, adormecida. Oberon ficou petrificado, e ela não despertou. O salão se manteve em silêncio, em absoluto silêncio. O Rei das Fadas sorriu enquanto vertia as gotas mágicas sobre as pálpebras de Titânia:

— “Acorde” — ordenou ele —, “quando algo repulsivo se aproximar!”

Abri um pouco a cortina e olhei pelo salão, buscando o ponto mais iluminado pela lareira. A Rainha Elizabeth estava inclinada para a frente, atenta, com os lábios vermelhos ligeiramente entreabertos e os olhos arregalados e brilhantes como se tivessem sido gotejados de beladona.

E começou o imbróglio.

Hérmia ama Lisandro.

Lisandro ama Hérmia.

Demétrio ama Hérmia.

Helena ama Demétrio.

E ninguém ama Helena.

Mas Oberon decide que Helena deve ter sua paixão correspondida, então manda Puck pingar o sumo mágico nos olhos de Demétrio. Puck deveria reconhecer Demétrio por seu traje ateniense, que, naquela tarde de inverno, em Blackfriars, era um gibão e meias compridas de tecido prateado sobre os quais Henry Condell usava uma toga vagamente romana. Richard Burbage, no papel de Lisandro, usava um gibão e meias compridas de tecido preto também por baixo de uma toga vagamente romana. Puck, ao ver um homem adormecido trajando toga, goteja em seus olhos o sumo da flor, não sabendo, no entanto, que eram os olhos de Lisandro, e não de Demétrio. Lisandro, que adormecera perto de sua amada Hérnia, desperta e vê Helena, que acabara de esbarrar com os enamorados adormecidos.

Agora Lisandro ama Helena.

Helena ama Demétrio.

Demétrio ama Hérnia.

E Hérnia ama Lisandro.

E, como se a confusão já não fosse suficiente, nós, os artífices, ensaiamos nossa peça no mesmo bosque enluarado onde Titânia dorme e onde, não longe dali, os quatro enamorados atenienses também dormiam. Puck descobre nosso ensaio, mas, como seu mestre, fez-se invisível, de modo que não o víamos. Durante o ensaio da peça dos artesãos, Nico Novelo sai de cena, dirigindo-se a um espinheiro onde haviam improvisado um camarim, e onde Puck, num passe de mágica, transformou a cabeça humana de Novelo em cabeça de asno. Fora de cena, Will Kemp vestiu a cabeça feita de vime e pele de coelho e voltou ao palco.

O salão, contendo risadinhas na cena em que ensaiávamos *Píramo e Tisbe*, morreu de gargalhar quando Will ressurgiu.

Nós que estávamos em cena fugimos apavorados, deixando Nico Novelo, alheio à presença da nova e monstruosa cabeça, andando de um lado para o outro, diante do leito onde dorme Titânia. Nico Novelo canta sozinho.

E Titânia desperta.

Senta-se, espreguiça-se, boceja, ouve Nico Novelo cantando, observa-o caminhando e fica paralisada.

Ela o encara. Seus olhos se arregalam. A plateia, sabendo o que estava prestes a ocorrer, riu por antecipação. Foi um riso nervoso, mas era possível intuir a grande e iminente explosão de gargalhadas. Era como um arco retesado, puxado até a orelha e vibrando de tensão, aguardando para ser solto.

Nico Novelo seguia cantando. Então Titânia, embevecida diante do camponês trôpego e com cabeça de asno, fala:

— “Que anjo me acorda em meu leito florido?”

E as gargalhadas tomaram conta do salão. A Rainha Elizabeth, geralmente tão ciosa de seu comedimento, ria tanto quanto os demais. A noiva levou as mãos à boca, de olhos fitos no palco e com uma fisionomia de puro deleite.

Will Kemp estava no céu.

Certa vez, alguns anos antes de apresentarmos *Sonho de uma noite de verão*, e quando meu irmão ainda falava comigo, meia dúzia de nós tinha ido à taberna Dolphin depois da estreia de *Ricardo II*. A peça transcorrera bem, e meu irmão estava em um estado de espírito generoso e expansivo. Nell, a beldade ruiva, sentara-se ao lado dele, aninhando-se a seus braços. Meu irmão pediu ostras e cerveja, mas não falou muito, a não ser quando algum espectador vinha à nossa mesa parabenizá-lo. Era cortês com eles, embora não os encorajasse a ficar conosco. Meu irmão estava feliz.

A prosa fluía animada, pois os atores reviviam momentos da apresentação. Augustine Phillips fizera o papel de Ricardo e ria porque quase se esquecera de algumas falas.

— Entrei em pânico!

— Não deu para perceber — disse alguém.

— Quais falas? — perguntou meu irmão.

— “Por enquanto o tempo me faz seu relógio” — recitou Augustine.

E meu irmão, que costuma ser tão reticente, mostrou-se inspirado pela fala. Perguntou se algum de nós tinha visto o relógio de Sua Senhoria, em Somerset House, mas nenhum de nós tinha. Ele nos descreveu o relógio, invenção maravilhosa, com mostradores e rodas, engrenagens e correntes que empurravam um ponteiro ao redor de um disco contendo números que indicavam as horas. Para o relógio funcionar, disse ele, era preciso elevar um peso, o qual, uma vez solto, descia lentamente, impulsionando o intrincado mecanismo detrás do mostrador do relógio.

— Uma peça é bem assim — disse ele.

Will Kemp deu risada.

— A minha bunda também é, Will!

— Falando sério! — disse meu irmão, acariciando com a mão direita os cabelos de Nell.

— E como é, meu poeta demente — indagou Will Kemp—, que uma peça se parece com um relógio?

— Porque passamos a primeira parte da peça elevando o peso — disse meu irmão. — Vamos revelando o enredo, criamos confusão, enredamos as vidas das personagens, insinuamos traição ou firmamos inimizades, e depois soltamos o



peso, e a coisa toda se resolve. O ponteiro gira pelo mostrador. E assim, meu amigo, é uma peça. O movimento suave do ponteiro, o desenlace.

E Will Kemp, que costuma ser tão desdenhoso, assentiu e ergueu a caneca de cerveja.

— Ao desenlace!

E assim, quando aparamos os pavios das velas pela terceira e última vez, o desenlace da nossa peça já havia sucedido. Uma briga espetacular fora protagonizada por Hérnia e Helena, uma briga que fez a plateia gargalhar sem parar. Espadas foram sacadas, pois o povo gostava de ver lutas de espada no palco. Mas, depois da luta e da fúria, a confusão dos enamorados foi resolvida. Quando aparamos os pavios pela última vez, Hérnia amava Lisandro, Lisandro amava Hérnia, Helena amava Demétrio e Demétrio amava Helena. O pai de Hérnia, que no início da peça exigira a morte da filha, agora aceitava que ela desposasse Lisandro. Duque Teseu se casaria com Hipólita, Hérnia se casaria com Lisandro e Helena se casaria com Demétrio. Titânia, liberta de sua paixão por Nico Novelo, reconciliara-se com Oberon. Era uma peça de casamento. Era uma bobagem, uma bobagem alegre, com amantes embevecidos ao luar e futilidade, e tínhamos chegado a um final feliz.

Mas a peça ainda não tinha acabado. O peso não puxara toda a corrente, o relógio ainda batia, e o ponteiro ainda se movia. A confusão entre os enamorados fora resolvida, mas a história ainda não terminara. Segundos antes de os músicos comandados por Phil tocarem para entreter os espectadores enquanto os pavios eram aparados, Nico Novelo, agora reintegrado aos artífices, anunciou que o grupo iria ao palácio do Duque para apresentar *Píramo e Tisbe*.

— “E, caríssimos atores” — instava-nos Nico Novelo —, “não comam cebola nem alho! Pois precisamos falar com um hálito doce; e não duvido que eles digam: é uma comédia açucarada. Chega de palavrório. Vamos! Vamos!”

Tirei meu paletó verde bosta-de-ganso, as botas, o culote, as meias compridas e ajustei meus seios falsos, que eram bolsas de linho enchidas de feltro com pontas que se projetavam de modo nada natural. Eram maiores, bem maiores que os que eu usara em ocasiões anteriores. Silvia amarrou-os às minhas costas, e me sentei enquanto ela lambuzava meus lábios com rúbia. Cerusa não seria usada em Tisbe. Éramos artesãos fazendo papel de atores, e nossa aparência deveria ser grotesca, não bela. Minha Tisbe surgiria descalça e com as canelas à mostra, e eu não tinha raspado as pernas, assim como não tinha feito a barba, o que conferia ao meu rosto um tom escuro. Silvia trouxe meu vestido, um traje simples, de linho cor de palha, amarrado à cintura com uma fita azul-clara. Ela deu uma risadinha.

— Você é uma moça bonita, Richard Shakespeare.

— “Não, pela minha fé” — falei —, “não me peçam para fazer papel de mulher!”

Pendurei nos ombros um manto vermelho como se fosse um xale.

Lá fora já era noite. Escurece bem cedo em fevereiro, e havia um pretume na sacada de vidro ao fundo do salão. A música era animada, conforme convinha ao desfecho da peça. No salão, criados alimentavam o fogo, serviam vinho e aparavam os pavios das velas que estavam sobre as mesas compridas. Os convidados riam e conversavam, mas calaram-se imediatamente quando a música parou, o tambor rufou e o trompete soou para anunciar o prosseguimento da peça. Duque Teseu, acompanhado da noiva e dos cortesãos, entrou no palco.

Fiquei escutando o diálogo em cena, enquanto Jean trazia minha peruca. Raramente usávamos perucas no Theatre, eram extremamente caras, frágeis e se deterioravam em pouco tempo, mas aquela peruca era uma monstruosidade. Fora confeccionada com pelos do rabo de um cavalo cinza, tingidos de amarelo-bile e lambuzados com cera para que os fios formassem espetos desalinhados. Silvia riu, os meninos que faziam as fadas sorriram, e todos que estavam na coxia se divertiram quando Jean ajustou a peruca por cima dos meus cabelos.

— Como é que está? — perguntou Jean.

Puxei, delicadamente, um fio dos cabelos amarelados e fiz que sim.

— Está firme — falei.

— Pronto? — perguntou-me meu irmão, em voz baixa.

— Pronto — respondi.

Peguei a mão de Silvia, beijei-a e dirigi-me à entrada central.

Os casamentos da peça já haviam terminado, e agora os recém-casados aguardavam no salão do Duque pela noite de entretenimento. As cortinas pintadas foram baixadas mais uma vez, escondendo o bosque verde e mágico, e bancos foram postos ao lado direito do palco, onde os três casais se sentaram e exigiram ser entretidos.

— “Temos uma peça, senhor” — disse Filóstrato, o Mestre de Cerimônias do Duque —, “com cerca de dez palavras, e nunca vi peça mais curta do que essa, mas as dez palavras, meu senhor, já são demais.”

— “Quem são os atores que a encenam?” — perguntou o Duque.

— “Trabalhadores braçais daqui de Atenas, que nunca haviam trabalhado com a cabeça até agora.”

— “E a ela vamos assistir!” — disse o Duque.

— “Não, meu nobre senhor! Não é digna do senhor!”

Mas duques, assim como rainhas e lordes, sempre conseguem o que querem, então os artífices de Atenas, trabalhadores braçais, isto é, um tecelão, um marceneiro, um remendador de foles, um alfaiate e um latoeiro, apresentam sua

peça. E, se houve risada antes, e tinha havido muita risada, nada se comparou às gargalhadas que acolheram *A mui lamentável comédia e cruelíssima morte de Píramo e Tisbe*.

A peça iniciou com a recitação trôpega, angustiada e gaga que meu irmão fez do prólogo. Observei a Rainha por uma fresta na cortina, e a vi sorrindo. Quantas vezes ela não teria visitado algum vilarejo do reino e ouvido um prefeito ansioso a saudar com um discurso previamente preparado, mas o sujeito ficava tão nervoso que as rebuscadas palavras eram mutiladas, e seu significado, perdido? O prólogo recitado por Pedro Madeira era exatamente assim, a introdução desastrosa de uma peça ridícula. E, quando o prólogo chegou ao fim, nós, os atores, fomos apresentados, um por um.

Will Tawyer, o trompetista que trabalhava com Phil, subiu no palco e fez soar uma estridente clarinada. A plateia aguardou, na expectativa de que a clarinada introduzisse um novo personagem, mas ninguém apareceu. Correu pelo salão uma risada nervosa, pois o público desconfiava de que algum ator perdera sua deixa, então Tawyer fez soar uma segunda clarinada, e Will Kemp tropeçou palco adentro, como quem leva um violento empurrão por trás. Kemp já não era Nico Novelo, mas Píramo, trajando uma armadura frouxa que caía sobre sua barriga, uma espada de madeira presa ao cinto e um capacete amassado. Ele recuperou o equilíbrio e fez uma pose heroica, e a gargalhada estrondou diante do palco, como se fosse uma onda.

Outra clarinada apresentou Tisbe. Entrei no palco dando uns passinhos meigos, todo tímido e recatado, olhando meio de lado para a plateia, e logo desviando o olhar, com as mãos cobrindo meu belo rosto, os peitos balançando e provocando guinchos de risos pelo salão.

Meu irmão foi obrigado a fazer uma pausa até a algazarra diminuir. Will Kemp, evidentemente, manteve as risadas ecoando, arrumando-se desastradamente em cena, mas duvido que meu irmão se importasse, então, por fim, outra clarinada trouxe ao palco Richard Cowley. Ele era Bicão, o latoeiro, mas em *Píramo e Tisbe* fazia papel de Muro e vestia um enorme manto no qual Jean pintara pedras. Cowley abriu os braços, fez cara de idiota, e eis que de seus braços estendidos surgiu um muro. Ouvi uma mulher quase se engasgando de tanto rir. Ela ofegava, com falta de ar, guinchando entre cada respiração, e cada guincho fazia o restante da plateia rir ainda mais.

Pedro Madeira restabeleceu um pouco da calma, trazendo John Sinklo ao palco. Sinklo fazia o papel de Luar, pois os artífices receavam não haver luz suficiente para iluminar a encenação de *Píramo e Tisbe*, então resolveram trazer sua própria Lua. John, vestindo um manto escuro como a noite, sobre o qual Silvia fixara

estampas de luas crescentes, levava consigo um pequeno galho de espinheiro, uma lanterna e César, o cãozinho de Lady Hunsdon, preso a uma coleira.

Finalmente, surgia John Duke, no papel de Leão. Seu figurino era todo confeccionado de pele de coelho, e ele usava uma máscara meio caída, também de pele de coelho, da qual grandes presas se projetavam. Usava também luvas de cujos dedos pendiam garras. John fez um gesto supostamente ameaçador, mostrando as garras, ao que César latiu furiosamente, e o Duque Teseu, que tinha medo de cachorro, deu um pulo.

Estávamos, de fato, ridículos, e nossa peça era igualmente ridícula. Eu me perguntava se meu irmão estaria lembrando de *Dido e Arcebas*, encenada muito tempo antes. Naquele interlúdio, a primeira obra por ele composta, meu irmão pretendia fazer a plateia chorar de tristeza com a autoimolação de Dido, mas, em vez disso, os espectadores choraram de tanto rir. Agora, ele voltava a fazer a plateia chorar, mas dessa vez era de pura alegria. A história de *Sonho de uma noite de verão* chegara ao fim: os enamorados se reencontraram e casaram-se. Agora celebrávamos o amor e a felicidade dos recém-casados com outra história, esta versando sobre um amor frustrado e uma morte infeliz.

Píramo e Tisbe tinham de se encontrar secretamente porque suas famílias eram inimigas e desaprovavam o amor dos jovens. A história, que tínhamos aprendido na escola, vinha do poeta romano Ovídio, que a narrava em forma de tragédia. Os amantes malfadados se encontravam diante de um muro e conversavam por uma rachadura que havia na pedra. Richard Cowley fazia o papel de Muro e abriu os braços de modo que seu manto pintado de pedra formasse barreira, na qual Píramo rasgou um buraco com sua espada de madeira. Píramo avistou Tisbe pelo buraco que acabara de fazer. Will Kemp curvou-se, exibindo o imenso traseiro ao deleite da plateia.

— “Posso ouvir a cara da minha Tisbe!” — exclamou ele. — “Tisbe!”

— “És o meu amor!” — exclamei, desesperadamente. — “És meu amor, creio eu!” — Curvei-me diante do muro.

— “Ah, beije-me pelo buraco desse muro infame!” — suplicou Píramo.

Fiz um bico e espremi os lábios contra o tecido pintado, enquanto Will fazia o mesmo do outro lado. Seguramos o beijo durante alguns instantes, deixando o público rir, então recuei, fingindo escarrar cal.

— “Eu estou beijando o buraco do muro” — chorei de tristeza —, “e não os teus lábios!”

— “Queres me encontrar agora mesmo no túmulo do Nino?” — perguntou Píramo.

— “Viva ou morta, eu vou sem demora!” — falei e saí correndo do palco, com passos trôpegos e miúdos, enquanto Will saía pelo outro lado.

A história é bem conhecida. A caminho do túmulo de Nino, Tisbe se depara com um leão, mas escapa da fera, deixando no solo seu xale. Encontrando o xale, que o leão sujara com sangue, Píramo supõe que a amada estivesse morta, então se mata. Essa era a cena predileta de Will Kemp, uma morte cuja dramaticidade ele podia exagerar. Ele se matou enfiando a espada de madeira diversas vezes embaixo da axila, depois cambaleou pelo palco, recuperou o equilíbrio, voltou a cambalear e, por fim, desmoronou na parte frontal do tablado, dirigindo à plateia um olhar de total desespero.

— “Agora eu morro!” — exclamou ele, voltando e se ferir com a espada. — “Morro, morro, morro...” — então parou.

Uma expressão de pânico surgiu em seu rosto. Já não era Píramo, mas um ator apavorado por ter esquecido o texto. Ele ficou paralisado, com a lâmina de madeira fincada, e um silêncio constrangedor se estendeu, então meu irmão, fingindo que Pedro Madeira era o ponto, cochichou a palavra esquecida:

— “Morro!”

— “Morro!” — berrou Will.

Não existe coisa melhor que o riso de uma plateia quando gosta daquilo que ouve e daquilo que vê. Havia no salão espectadores prostrados de tanto rir. A Rainha nos observava com avidez, enquanto a noiva, acho eu, chorava de felicidade. Estávamos celebrando suas bodas.

Eu morri em seguida, matando-me em cima do corpo de Píramo e puxando do peito uma echarpe de seda vermelha para representar o sangue. Minha peruca caiu, o que só deixou a cena mais cômica, à medida que eu me esfalfava para ajeitá-la. E morri. Então os demais artífices arrastaram nossos corpos para fora do palco, as fadinhas voltaram e bailaram ao som de uma doce melodia e Oberon invocou bênçãos para o público. Os espectadores, todos sorrindo, se acalmaram, e Puck lhes ofereceu nossas despedidas na última fala da peça:

— “Palmas, eu vos peço!” — exclamou ele, incentivando-os a aplaudir, e eles aplaudiram.

Perfilamo-nos sobre o tablado, a trupe inteira. Deleitamo-nos com a satisfação do público. Havíamos transportado Sua Majestade e seus cortesãos de uma Londres invernal para um bosque mágico em Atenas. Eles aplaudiram, ficaram de pé, ovacionaram, e nós nos curvamos em agradecimento.

Poucas vezes na vida me senti tão feliz. Voltamos a nos curvar. Éramos uma companhia de teatro.

Tinha sido uma comédia açucarada.

## EPÍLOGO

Morri logo depois que os sinos da Igreja de São Leonardo dobraram a terceira hora da tarde.

Agora estávamos no Theatre. Era um belo dia de primavera, o céu estava claro, com nuvens esparsas, o pátio e as galerias apinhados de gente. Do palco, víamos apenas rostos, dois mil rostos. Todos nos fitando enquanto nossa história chegava ao fim. Era tão somente a segunda vez que contávamos aquela história, mas já corria pela cidade a notícia de que valia a pena ouvi-la, então uma torrente de espectadores fluíra pelos Campos de Finsbury, gente demais. Alguns sequer conseguiram entrar, tendo de voltar para casa com a promessa de que encenaríamos a peça no dia seguinte. Outras queriam saber quando voltaríamos a apresentar *Sonho de uma noite de verão*, peça que também sempre lotava o Theatre.

Eu usava meias compridas pretas, botas pretas, culotes pretos e aquele gibão preto, feito da mais fina pelica espanhola, com listras de veludo azul-escuro que a faca de Bafo-de-Peixe ameaçara arruinar no inverno passado. Minha camisa branca tinha babados de renda francesa, eu vestia uma gola postiça, em vez de um rufo, e meus cabelos curtos estavam cobertos por um elegante chapéu azul, enfeitado com as duas plumas negras que eu furtara de deValle e que agora gostava de usar toda vez que entrava em cena. As plumas eram meu talismã, minha proteção contra os demônios do teatro que nos faziam esquecer nossas falas. Minha barba estava curta, bem-feita. Eu era Mercúcio, o melhor amigo de Romeu.

Conforme meu irmão prometera, era um papel de peso, um papel magnífico, até. Richard Burbage fazia Romeu, e nos tornamos mais próximos durante os ensaios da peça. Ele chegou a me convidar à Dolphin, ofereceu-me uma cerveja, contou-me histórias de seu pai e, inesperadamente, falou de meu irmão.

— Não há ninguém como ele — disse Burbage.

— Ninguém como você — retorqui, e isso era verdade.

De todos os nossos atores, Richard era o mais talentoso, e seu único rival era Ned Alleyn, que trabalhava para os Homens do Lorde Almirante, no Teatro Rose.

— É, mas a gente não seria nada sem as palavras — disse Burbage —, nada mesmo. As pessoas vêm para escutar as peças, mas, na ausência das palavras, eles também se ausentam.

As palavras! Eu tinha começado a escutar mais atentamente as palavras de meu irmão e, embora um tanto a contragosto, começava a compreender a magia que elas continham.

— “Eu tive um sonho ontem à noite” — disse-me Romeu.

— “E eu também.”

— “Bem, qual foi o teu?”

— “Que sonhadores costumam mentir.”

— “Na cama, dormindo, enquanto sonham coisas verdadeiras.”

Romeu e Julieta, os amantes traídos pelas estrelas, avançavam fatalmente para seu fim, no qual, a exemplo de Píramo e Tisbe, morreriam por causa de um mal-entendido. E, assim como Píramo e Tisbe, Romeu e Julieta pertenciam a famílias rivais. Romeu, ao se apaixonar por Julieta, amava uma inimiga, e Julieta, ao se apaixonar por Romeu, desafiava sua família. Ambos estão fadados à morte, mas Mercúcio morre primeiro.

Eu morro no meio de uma briga, empunhando um florete numa luta com Teobaldo, papel encarnado por Henry Condell. Teobaldo desafia Romeu a uma luta, por nenhum motivo além do fato de Romeu ser um Montéquio e Teobaldo ser partidário da família Capuleto. Romeu se recusa a lutar, pois está apaixonado por uma Capuleto, mas Mercúcio, instado pela provocação de Teobaldo, saca sua espada.

Henry Condell estava longe de ser um espadachim inepto, e nossa luta, mesmo com floretes de lâminas longas, era espetacular. Percorriamos todo o tablado, de um lado ao outro, e nossas lâminas tremulavam como se fossem línguas de cobras, chocando-se, deslizando, apartando-se. Tínhamos ensaiado todos os movimentos, mas, mesmo assim, eu constataria que Condell era ágil como uma víbora. A plateia se sobressaltava com a luta. O público ama luta de espadas. Muitos dos espectadores eram espadachins e conheciam a prática à qual assistiam, e precisávamos fazer com que a luta parecesse autêntica. A luta chegava ao fim quando eu empurrava Condell para trás, fintando e me esquivando, bloqueando seus contra-ataques, movendo-me com mais celeridade do que ele até que Romeu, sabendo que duelos nas ruas eram proibidos, tentou encerrar a luta, colocando-se à minha frente para impedir meus ataques. Então Condell, isto é, Teobaldo, desfere uma estocada por baixo do braço estendido de Romeu e me atinge no peito.

O sino da Igreja de São Leonardo bateu a terceira hora da tarde.

— “Fui ferido!” — gritei. — “Que a peste assole as casas de vocês dois!”

Eu cambaleio, com a mão esquerda agarrada ao ferimento, espremendo a bexiga de porco para que o sangue de carneiro possa verter. No teatro reina um silêncio absoluto, ouvindo-se apenas o som dos meus sapatos arrastando-se sobre as tábuas do tablado.

— “Coragem, homem!” — disse Romeu a mim. — “O ferimento não há de ser nada!”

— “Não, não será tão profundo quanto um poço” — falei, ainda agarrado ao corte —, “nem tão grande quanto uma porta de igreja, mas será o bastante, vai servir! Perguntem por mim amanhã e verão que estarei sisudo como um túmulo. Estou furado demais, eu garanto, para este mundo. Que a peste assole as casas de vocês dois! Diacho! Um cão, um rato, um camundongo, um gato desses é capaz de arranhar um homem e levá-lo à morte! Um fanfarrão, um patife, um vilão que luta seguindo regras aritméticas! Por que diabos te meteste entre nós dois? Fui ferido por baixo do teu braço.”

Então morro aos poucos e, por ser sempre difícil remover um corpo de um palco à luz do sol, saio tropegamente e morro fora de cena.

— “Leve-me para dentro de alguma casa, Benvólio” — pedia eu a meu irmão —, “ou vou perder os sentidos. Que a peste assole as casas de vocês dois! Fizeram de mim comida de verme!”

E assim, com o braço apoiado nos ombros de meu irmão, e com o braço dele à minha cintura, cambaleei de volta ao camarim, onde minha esposa me esperava. Silvia trabalha agora para o Theatre e moramos no quarto antes ocupado por Padre Lourenço, que virou comida de verme, tendo nos abençoado antes de morrer em uma noite de abril.

Não vi mais Christopher deValle desde aquele dia fatídico. Corre o boato de que ele se mudou para a casa de seu mestre, o Conde de Lechlade, em Berkshire, onde trabalha como intendente, enquanto o referido mestre, que espreitou nosso texto o inverno inteiro, foi banido da corte.

George Price, o Porquinho, deixou Londres, e só Deus sabe aonde foi, levando consigo seus sobrinhos. Os perseguidores seguem em ação, mas não chegam nem perto de nós.

Francis Langley conseguiu encontrar peças, e o Teatro Swan conseguiu encontrar público. Vi Langley e meu irmão caminhando de braços dados por Bankside, conversando animadamente. Fez-se a paz entre os dois.

Sir Godfrey, sendo o pároco de Blackfriars, foi obrigado a ler os proclamas de meu casamento com Silvia, mas foi o reverendo Venables que celebrou nosso matrimônio na capela de Sua Senhoria. O reverendo levou-me de lado, depois da cerimônia, e disse-me que eu não estava muito feio de barba. Sir Godfrey ainda se encarrega de disponibilizar os cães e o urso Washington para o Teatro Curtain e, às vezes, para o Swan, mas corre o boato de que ele está prestes a deixar Londres e abrir uma escola para meninos em alguma cidade no oeste em que haja uma catedral metropolitana.



Simon Willoughby, com uma baita cicatriz na face direita e o olho direito vazado, foi visto, pela última vez, pedindo esmola no largo da Cruz de São Paulo. Diz que foi soldado e que foi ferido por um espanhol nos Países Baixos, e convence nesse papel.

Sua Majestade ordenou que encenássemos *Romeu e Julieta* no Palácio de Richmond. Faremos isso em breve. Contamos com o afeto de Lorde Hunsdon e mais ainda com o afeto de sua esposa.

Meu irmão vive com uma mulher chamada Anne. Ela é simpática, bonita, risonha e casada. Ele e eu nos reconciliamos, talvez porque ele goste de Silvia. Ele manteve a palavra e me ofereceu o papel de Mercúcio e, depois da nossa primeira apresentação, ele me abraçou.

— Você atuou bem, irmão. — Foi tudo o que disse.

Agora ele me ajudava a sair do palco do Theatre.

— Mas que lambança! — disse Silvia, esfregando o sangue de carneiro que manchava minha camisa branca. — Isso não vai sair!

Eu a silencieiei com um beijo.

Somos os Homens do Lorde Camerlengo. Contamos histórias. Fazemos a magia surgir no palco. Transformamos sonhos em realidade. Somos atores.

## *NOTA HISTÓRICA*

Algo bastante extraordinário ocorreu nos últimos anos do século XVI: nasceu o teatro profissional. Havia peças e atores antes, é claro, mas tais companhias não contavam com uma sede permanente. Faziam turnês pela Inglaterra e pela Europa, apresentando-se em mansões, pátios internos de tabernas e em salões paroquiais, mas, na década de 1570, as primeiras casas de teatro foram construídas em Londres. James Burbage, que iniciara sua vida profissional como carpinteiro, tornou-se ator e construiu em Shoreditch um dos primeiros teatros, perto dos Campos de Finsbury. Em 1595, ano em que transcorre a ação deste romance, o Teatro Curtain ficava próximo ao teatro de Burbage, enquanto do outro lado do rio, em Bankside, o Teatro Rose já atraía plateias, e o Teatro Swan era construído. Em tempo, haveria muitos outros teatros, o mais célebre sendo o Globe, que só seria construído em 1599.

Burbage chamou sua casa de espetáculos de Theatre, palavra por ele tomada do grego clássico e que hoje designa um variado campo de atividade profissional que se estende pelo mundo inteiro. No entanto, em 1574, quando arrendou um terreno e construiu um teatro, Burbage assumiu grandes riscos financeiros. Nem todos os teatros vingaram. O Red Lion tinha sido um fracasso, e o Curtain padeceria de tempos difíceis, mas o Theatre e o Rose se mostraram lucrativos. Tais teatros também mudaram a natureza das companhias profissionais. Até então, quando saíam em turnê pela Britânia, as trupes de atores apresentavam a mesma peça em cidades distintas, convictos de que a plateia em Warwick não seria a mesma daquela que assistira à peça duas ou três noites antes em Kenilworth. Portanto, era possível sobreviver com um repertório de poucas peças. Contudo, com o advento da sede permanente, as companhias se apresentavam diante do mesmo público, semana após semana, e o público exigia algo novo, e assim nasceu a dramaturgia profissional. Sabemos, com base no diário de Philip Henslowe, que o Teatro Rose apresentava cerca de trinta peças diferentes por ano, e o Theatre deve ter sido igualmente pressionado a encenar material novo e inédito. Londres, em 1595, tinha uma população de cerca de duzentos mil habitantes, sendo, de longe, a maior cidade da Britânia, e era preciso uma grande população para ensejar plateias permanentes a teatros permanentes. E tais casas de espetáculos eram grandes. Tanto o Rose quanto o Theatre acomodavam cerca de dois mil espectadores, ao

passo que o Swan tinha capacidade para três mil pessoas. Esses números são comparáveis aos dos maiores teatros de hoje em Londres e Nova York! Portanto, em um dia como outro qualquer, uma proporção significativa de londrinos comparecia aos teatros, e tal público exigia, continuamente, material novo. Muito desse material era, sem dúvida, medíocre, mas aqueles anos iniciais viram também o surgimento de um grupo de autores tremendamente talentosos, entre os quais Ben Jonson, Christopher Marlowe, Thomas Kyd e William Shakespeare. Não será descabido sugerir que nenhum desses dramaturgos teria alcançado a fama, e que poucas, ou mesmo nenhuma, de suas peças teria sido escrita, muito menos sobrevivido ao tempo, se não fosse a avidez de novas peças resultante da grande procura imposta pelos teatros permanentes. Tijolos e argamassa, ou melhor, madeira e gesso foram os catalisadores do surgimento de uma das glórias da civilização: as peças teatrais de Shakespeare.

No entanto, as companhias de teatro, a despeito de seu sucesso, eram vulneráveis. Eram odiadas pelos puritanos e, bem sabemos, pelos governantes da Cidade de Londres, hegemonicamente puritanos, motivo pelo qual todos os teatros foram construídos fora dos limites da cidade. As novas casas de teatro eram populares, atraíam um público entusiasmado, fato que tão somente exacerbava as tentativas dos puritanos de fechá-las. O que salvou a profissão foi o apoio da Rainha Elizabeth e da nobreza. O mais azedo dos puritanos ficava impotente diante da aprovação concedida pela Rainha às peças e aos atores. Quando o escocês Jaime VI se tornou Rei da Inglaterra, em 1603, o apoio real ficou ainda mais explícito, e os Homens do Lorde Camerlengo tornaram-se os Homens do Rei. O mundo tem um débito de gratidão à monarquia e à aristocracia inglesa, porque, sem elas, o teatro poderia ter sido natimorto, e não teríamos Shakespeare.

As companhias integradas por meninos existiam e, por uma brecha na lei, eram autorizadas a se apresentar no interior da Cidade de Londres. Uma dessas instituições ficava em Blackfriars, embora não estivesse em funcionamento em 1595. Os meninos encenavam peças de adultos e, por se apresentarem em ambiente fechado, não estavam sujeitos às intempéries. Em 1596, James Burbage, ciente das vantagens de um teatro fechado, adquiriu um salão em Blackfriars, o qual, após intensas disputas jurídicas, se tornou um local para apresentações de sua trupe. Tal salão — ou talvez os grandes salões das Faculdades de Direito onde muitas peças de Shakespeare estrearam — é o verdadeiro ancestral da maioria dos teatros modernos. O Globe merece a fama que tem, mas cumpre lembrar que muitas das melhores peças de Shakespeare estrearam no Theatre. No entanto, Blackfriars, um “teatro de salão”, mudou a prática cênica. Em uma casa de espetáculos aberta, como o Teatro Globe, os atores compartilhavam a mesma luz natural com o público e, sendo o palco uma plataforma que avançava pátio adentro, ficavam

cercados pelos espectadores. Tinham de atuar levando em conta a totalidade da plateia, sendo que, quando se posicionavam na parte frontal do palco, quase metade dos espectadores estaria atrás deles, como são apresentadas hoje em dia as peças em um teatro de arena. No teatro de salão, no entanto, a plateia inteira se posicionava diante do palco, conforme ocorre atualmente com a maioria das salas de teatro. Além disso, no teatro fechado, a plateia ficava protegida das intempéries, o que propiciava lucros e, considerando as limitações da iluminação à base de velas, os espectadores sentavam-se em relativa penumbra, enquanto os atores trabalhavam à luz. Não havia a chamada “quarta parede” em um teatro aberto, e contamos com muitas evidências de que o público não tinha vergonha de dirigir-se diretamente aos atores. Já a conduta no teatro de salão era mais decorosa. A capacidade dos teatros de salão era inferior àquela dos teatros abertos, mas o preço do ingresso era mais elevado, para insatisfação dos aprendizes londrinos.

A peça em que Richard faz o papel da Rainha Uashti intitula-se *Hester e Assuero*, de autor desconhecido (definitivamente não seria o reverendíssimo William Venables, figura ficcional), e foi encenada pelos Homens do Lorde Camerlengo na década de 1590. As falas aqui citadas não são da peça, cujo texto não sobreviveu ao tempo, mas de um desfile civil que celebrava Hester, apresentado à Rainha Elizabeth na cidade de Norwich, ou então da peça *A virtuosa e piedosa Rainha Hester*, de 1561, de autor igualmente desconhecido.

O texto de *A bela Em, filha do moleiro* sobreviveu, e a versão integral do título é *A agradável comédia da bela Em, a filha do moleiro de Manchester. Com o amor de Guilherme, o Conquistador*. Não consta o nome do autor nas duas edições sobreviventes que remontam ao século XVI. Já foi sugerido que a peça seria uma das primeiras obras de William Shakespeare, mas tal sugestão parece bastante improvável. Tampouco temos evidências de que a companhia do Lorde Camerlengo houvesse encenado a peça, mas tal possibilidade é, com certeza, plausível.

É consenso entre os estudiosos que *Romeu e Julieta* foi escrita depois de *Sonho de uma noite de verão*. É certo que as duas peças foram compostas em momentos bem próximos, em meados da década de 1590, e desconfio que o interlúdio sobre Píramo e Tisbe, em *Sonho de uma noite de verão*, e cujo desfecho é o suicídio grotesco do casal enamorado, seja uma releitura burlesca que o próprio Shakespeare nos oferece de *Romeu e Julieta*. A versão citada por Richard, no Capítulo Nove, do soneto que abre *Romeu e Julieta*, a célebre fala das “duas famílias”, é o texto conforme impresso no Primeiro In-Quarto de 1597, o qual, penso eu, seria a versão que estreou no palco, antes de ter sido revisada por Shakespeare e disponibilizada em sua forma mais conhecida.

A giga *Jeremias e a vaca* é totalmente ficcional, mas as peças eram sempre seguidas por uma giga, que, com efeito, era um esquete picante atrelado à peça principal. Os textos de algumas gigas sobreviveram, e consistem em um enredo único, geralmente versando sobre sexo, algumas piadas improvisadas e danças por parte dos atores. Sabemos que as gigas não eram apresentadas após encenações diante da realeza, mas não sabemos, ao certo, se em tais momentos os atores se perfilavam e faziam reverências, conforme sugiro no Capítulo Um. Com certeza, registros apontam que as companhias faziam reverências a partir da Restauração, em 1660, quando as gigas caíram em desuso, e não me parece irracional especular que tal protocolo decorresse das apresentações formais de peças em mansões aristocratas e palácios reais. O poema que Will Kemp recita depois da apresentação de *A bela Em, a filha do moleiro* é “Deitar sozinho”, editado no livro *Reliques of Ancient English Poetry*, coligido no século XVIII pelo bispo Thomas Percy. Devemos também ao bom bispo o texto de “Panche”, isto é, a “canção do peido” que Will Kemp não conseguiu concluir. Kemp foi um célebre ator cômico, provavelmente mais célebre para o público londrino que o próprio Shakespeare. Nico Novelo foi um personagem esplêndido para Kemp, e talvez ele tenha enriquecido o papel com falas extemporâneas, prática que Shakespeare abominava. “E que aqueles que fazem papel de bobos não digam mais do que o que foi escrito para eles”, registra ele no conselho de Hamlet aos atores. Os bobos que acrescentavam suas próprias palavras eram “vilões”, escreveu Shakespeare, e demonstravam uma “triste ambição”, e desconfio que ele tivesse lembranças de Will Kemp quando expressou essa crítica. Will Kemp aparece identificado no In-Quarto de *Romeu e Julieta* como o ator que encarnava o criado Peter, papel bastante pequeno para um humorista tão proeminente, mas Kemp teria, sem dúvida, protagonizado a giga apresentada depois da tragédia. Kemp deixou a companhia dos Homens do Lorde Camerlengo em 1599.

A obra *Conferência acerca da próxima sucessão à Coroa da Inglaterra* foi publicada em 1594 e, de fato, enfureceu Elizabeth I. É quase certo que o pseudônimo R. Doleman esconda a identidade de Robert Persons (às vezes, Parsons), padre jesuíta e líder da missão encarregada de reconverter a Inglaterra ao catolicismo. Persons era um homem inteligente, sagaz, e seu livro foi proibido na Inglaterra. A Rainha idosa detestava qualquer debate acerca da sucessão. Ela não tinha herdeiro direto, como sabemos, e, embora a maioria das pessoas na década de 1590 imaginasse que o protestante Jaime VI, da Escócia, a sucederia (ele era bisneto de Henrique VII e, de fato, sucedeu ao trono de Elizabeth), a Rainha se recusava terminantemente a apontá-lo ou a qualquer outra pessoa. No instante em que apontasse um herdeiro, é claro, ela começaria a perder poder, pois os cortesãos passariam a buscar a aprovação e o apoio do monarca seguinte.

Quanto à ortografia, adotei versões modernas, a não ser quando cito um documento que seria contemporâneo a William Shakespeare, ou Shakspeare, conforme ele grafava o próprio nome. Seis assinaturas de William Shakespeare sobreviveram ao tempo, todas díspares entre si, e nenhuma apresenta a forma Shakespeare!

A ideia de que Shakespeare escreveu um interlúdio intitulado *Dido e Acerbas* é absolutamente fantasiosa, mas a noção de que Shakespeare teria sido mestre-escola antes de se estabelecer em Londres não é totalmente desprovida de fundamento. John Aubrey, antiquário e conhecido “mexeriqueiro” do século XVII, frequentemente considerado tão divertido quanto não confiável, escreveu em seu livro *Brief Lives* que Shakespeare “tinha sido, na juventude, mestre-escola no interior” e registra na margem do manuscrito que tal informação resultara de uma lembrança do “Sr. Beeston”. O Sr. Beeston era o ator e proprietário de teatro William Beeston, indivíduo que gozava de má reputação e filho de Christopher Beeston, ator e contemporâneo de Shakespeare na companhia do Lorde Camerlengo. O período que vai de 1585 a 1592 costuma ser denominado “anos perdidos”, porque não dispomos de registros de atividades então realizadas por Shakespeare, mas a referência de Aubrey ao Sr. Beeston sugere a tentadora possibilidade de que a lembrança corresponda à realidade.

Alguns leitores podem se opor à descrição de William Shakespeare como um homem propenso a recorrer à violência, mas, um ano depois dos eventos tratados em *Tolos e mortais*, ele recebeu uma ordem judicial expedida por magistrados de Surrey para se conduzir pacificamente. O episódio está cercado de mistério, mas, em novembro de 1596, um sujeito chamado William Wayte registrou queixa contra William Shakespeare, Francis Langley (do Teatro Swan) e duas mulheres, Dorothy Soer e Anne Lee. Wayte alegou ter sido agredido e temia pela própria vida. Wayte, a julgar por outros documentos que sobreviveram ao tempo, não era santo, mas o incidente, por mais misterioso que seja, é um lembrete de que os teatros londrinos, durante os períodos Tudor e Jaimesco, estavam muito próximos ao mundo dos criminosos e dos bordéis.

A menção feita por Silvia ao “cavaleiro da cruz vermelha” e ao dragão remete ao extenso e inacabado poema épico *The Faerie Queen*, de autoria de Edmund Spenser. O autor era parente distante de Elizabeth Spenser, a Baronesa Hunsdon, esposa de Sir George Carey, filho do Lorde Camerlengo, e mãe de Elizabeth Carey, a noiva. Elizabeth Spenser era uma conhecida patrona das artes, e não é inconcebível que ela apoiasse, com entusiasmo, a primeira montagem de *Sonho de uma noite de verão*. Emilia, a quem breve menção é feita no Capítulo Onze, foi Emilia Lanier, amante de Lorde Hunsdon durante muitos anos. Quarenta e cinco anos mais jovem do que o Lorde Camerlengo, Emilia era filha de um músico

italiano da corte. Quando Lorde Hunsdon a engravidou, ela recebeu uma generosa pensão e casou-se com um primo. Alguns estudiosos acreditam que Emilia Lanier seja a Dama Morena que figura nos sonetos de Shakespeare.

A diatribe intitulada *Tratado contra jogos, danças, peças e interlúdios, junto a outros passatempos ociosos*, de autoria do reverendo John Northbrooke, foi publicada em 1577, não muito tempo depois da construção do Theatre, e configura um dos primeiros ataques puritanos às casas de teatro. Os excertos por mim citados no Capítulo Oito foram encurtados, mas sugerem o que teria sido a campanha, em última instância bem-sucedida, em prol do fechamento dos teatros londrinos. H. L. Mencken definiu o sujeito puritano como um indivíduo “acossado pelo medo de que alguém, em algum lugar, possa estar feliz” e, quanto mais felicidade os teatros propiciavam, mais virulentos se tornavam os ataques por parte dos pregadores puritanos. Um deles declarou, do púlpito: “A causa da peste é o pecado (...) e a causa do pecado são as peças teatrais; portanto, a causa da peste são as peças teatrais.” Em 1594, o Lorde Prefeito de Londres, John Spencer, tentou convencer o Conselho Privado a fechar todos os teatros, descrevendo-os como “corruptos e profanos”, contendo nada além de “fábulas indecentes, procedimentos libidinosos (...) e coisas assim”. Ele descreve os teatros como “locais de encontro de todos os vagabundos e desocupados que perambulam pela cidade, larápios, ladrões de cavalo, cafetões, falsários e vigaristas. Praticantes de traição e outras pessoas ociosas e perigosas”. A vitória do Parlamento na Guerra Civil Inglesa resultou no sucesso dessa campanha implacável e, para a satisfação dos puritanos, os teatros londrinos foram obrigados a fechar suas portas em 1642, permanecendo fechados durante todo o Interregno. Foram reabertos em 1660, com a restauração da monarquia e, felizmente, floresceram a partir de então.

Tem-se debatido a hipótese de que as companhias teatrais do fim do século XVI recorriam a um diretor. É certo que não o chamavam por este nome, visto que a palavra só viria a adquirir uso corrente no século XIX, mas a evidência de que um homem assumia a responsabilidade pela direção dos atores e pela forma da ação está presente no texto de *Sonho de uma noite de verão*. Pedro Madeira ensaia os artifícios para a apresentação de *Píramo e Tisbe*, a peça dentro da peça, como um diretor moderno o faria. Ele distribui os papéis aos atores, elabora uma lista dos objetos de cena, marca os ensaios, sendo que, na primeira cena do terceiro ato, assistimos a um dos ensaios. Ele diz aos atores quando devem entrar ou sair de cena, onde devem ficar, o que devem dizer, e quando o devem fazer. “Ora!”, diz ele a Francis Foles, “não é pra dizer isso ainda (...). Disseste a tua fala inteira, com as deixas e tudo! Píramo, entra! Tua deixa já passou; é ‘nunca se cansa’.” Isso é dirigir! E trata-se, nitidamente, de um retrato afetuoso do processo de encenação vigente em 1595. Madeira, é claro, também atua na peça por ele dirigida, o que

constitui uma sugestão decisiva de que um dos atores principais figurasse como diretor. Designei grande parte da direção a Alan Rust, figura ficcional, mas Shakespeare, na condição de autor das melhores peças apresentadas no Theatre, deve ter assumido para si tal encargo, sobretudo no caso da encenação de peças de sua autoria.

Temos com John Heminges e Henry Condell uma dívida incalculável, porque, sete anos após a morte de Shakespeare, eles produziram o célebre livro hoje conhecido como o Primeiro Fólio. Muitas das peças de Shakespeare tinham sido publicadas anteriormente na forma de in-quartos (fólio e in-quarto se referem às dimensões dos livros, o in-quarto corresponde ao tamanho de um livro em brochura, e o fólio se assemelha mais às dimensões de um volume de enciclopédia), mas, se não fosse o Primeiro Fólio, não teríamos dezoito peças de Shakespeare: *Macbeth*, *A tempestade*, *Júlio César*, *Os dois cavalheiros de Verona*, *Medida por medida*, *A comédia dos erros*, *Do jeito que você gosta*, *A megera domada*, *Rei João*, *Bem está o que bem acaba*, *Noite de Reis*, *O conto do inverno*, *A primeira parte de Henrique VI*, *Henrique VIII*, *Coriolano*, *Cimbeline*, *Tímon de Atenas* e *Antônio e Cleópatra*. Estudiosos estimam que as casas de teatro de Londres apresentaram cerca de três mil peças entre 1570 e o fechamento dos teatros em 1642, mas, dessas três mil, só dispomos dos textos de duzentas e trinta; portanto, é um milagre que algumas tenham sobrevivido, e um milagre ainda maior o fato de termos trinta e oito de autoria de Shakespeare. O título *Trabalhos de amor vencidos*, mencionado no Capítulo Seis, não é um lapso. É bastante possível que uma peça com tal título tenha existido e, nesse caso, seria, ao lado de *Cardênio*, uma das duas peças de William Shakespeare perdidas no tempo. A primeira menção a *Trabalhos de amor vencidos* data de 1598, e a referência pode ter sido a uma peça perdida ou, talvez, ao título alternativo de alguma outra peça, possivelmente *Bem está o que bem acaba*, ou *Muito barulho por nada*.

E seriam as peças encurtadas? As peças de Shakespeare, se apresentadas em suas versões integrais, costumam ser bastante extensas, com encenações que levam, muitas vezes, três ou até quatro horas. Contudo, em *Romeu e Julieta*, o próprio Shakespeare se refere a “duas horas de tráfego em nosso palco”, e acredito que as peças fossem encurtadas durante o processo de ensaio para não demorar muito mais que duas horas. Não havia intervalo no Theatre, embora houvesse nos salões iluminados à luz de vela, para que os pavios pudessem ser aparados. Puristas defendem a apresentação das peças em suas versões integrais, por mais longas que sejam e por mais obscura que possa ser a linguagem dos séculos XVI e XVII, e a despeito da provação que tal prática possa impor ao público. No entanto, há forte evidência de que os textos publicados não correspondam às peças originalmente encenadas. Tal evidência é fornecida por um contemporâneo de Shakespeare, Ben



Jonson, que, na folha de rosto de sua peça *Every Man Out of His Humour*, publicada em 1600, declara, especificamente, que o texto ali impresso é aquele “escrito primeiramente pelo autor B. J., contendo mais do que foi falado ou representado em público”. Limites impostos à duração das apresentações e a própria experiência dos ensaios com certeza determinariam cortes às peças, conforme ainda ocorre hoje.

Alguns leitores podem se decepcionar com o fato de eu não ter feito a menor menção à possibilidade de William Shakespeare não ter sido o autor das peças a ele atribuídas. A ideia de que a educação formal do autor estava aquém da autoria das peças predomina em determinados círculos, e o debate acerca de “quem seria o verdadeiro Shakespeare?” segue fazendo alarde. Tal argumento é bobagem. Dispomos de evidências cabais de que o William Shakespeare de Stratford foi o William Shakespeare dramaturgo. Recomendo a qualquer leitor que queira examinar tanto as evidências como os argumentos do debate o excelente livro de James Shapiro, *Quem escreveu Shakespeare: A história de mais de quatro séculos de disputa pela herança de uma autoria* (Nossa Cultura, Curitiba, 2010). É pena que tenha sido necessário escrever esse livro, mas, como diz Puck: “Senhor, como são tolos esses mortais!”

Sou imensamente grato a Amanda Moore, que compilou um extenso dossiê de pesquisa, abrangendo os antecedentes do mundo shakespeariano e das companhias teatrais na década de 1590. Amanda tem o direito de se ressentir porque pouco da pesquisa foi incorporada ao romance, mas a investigação impregna a história como um todo e mostrou-se preciosa. Todos os equívocos remanescentes são inteiramente minha responsabilidade.

Sou grato também a Terry Layman, que, atuando no papel de Nico Novelo, criou o jogo de cena em que Píramo esquece a última palavra da sequência: “Agora, morro, morro, morro, morro, morro!” Funcionou maravilhosamente!

Em *Do jeito que você gosta*, Shakespeare indaga: “Quem amou, se não amou à primeira vista?” Na verdade, ele roubou essa fala da peça *Hero e Leandro*, de autoria de Christopher Marlowe, e quero aqui dizer que, embora *Tolos e mortais* seja dedicado aos muitos colegas que tornaram meus verões tão agradáveis (e tensos) no Teatro Monomoy, em Chatham, Massachusetts, tenho certeza de que nenhum deles vai ficar magoado em dividir a dedicatória com Judy, minha mulher, que torna tudo possível. A todos eles, e sobretudo a Judy, obrigado.

# Tolos e mortais

*Site oficial do autor:*

<http://www.bernardcornwell.net/>

*Facebook do autor:*

<https://www.facebook.com/bernard.cornwell>

*Wikipédia do autor:*

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bernard\\_Cornwell](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bernard_Cornwell)

*Goodreads do autor:*

[https://www.goodreads.com/author/show/12542.Bernard\\_Cornwell](https://www.goodreads.com/author/show/12542.Bernard_Cornwell)

*Goodreads do livro:*

<https://www.goodreads.com/book/show/35889274-tolos-e-mortais>

*Skoob do autor:*

<https://www.skoob.com.br/autor/7-bernard-cornwell>

*Skoob do livro:*

<https://www.skoob.com.br/livro/808894ED813218>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.



# O último reino - Crônicas saxônicas - vol. 1

Cornwell, Bernard

9788501058577

364 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ÚLTIMO REINO é o primeiro romance de uma série que contará a história de Alfredo, o Grande, e seus descendentes. Aqui, Cornwell reconstrói a saga do monarca que livrou o território britânico da fúria dos vikings. Pelos olhos do órfão Uthred, que aos 9 anos se tornou escravo dos guerreiros no norte, surge uma história de lealdades divididas, amor relutante e heroísmo desesperado. O ÚLTIMO REINO não se resume a cenas de batalhas bem escritas e reviravoltas cheias de ação e suspense. O livro apresenta os elementos que consagraram Cornwell: história e aventura na dose exata. Uma fábula sobre guerra e heroísmo que encanta do início ao fim.

[Compre agora e leia](#)

CONN IGGULDEN

# O IMPERADOR

VOL. 3



## CAMPO DE ESPADAS

"Uma história brilhante, com personagens vivos,  
ação e ritmo fantásticos. Eu queria tê-la escrito."

**BERNARD CORNWELL**

autor de *A Crônica de Arthur* e da série *As Aventuras de Sharpe*



# Campo de espadas – O imperador – vol. 3

Iggulden, Conn

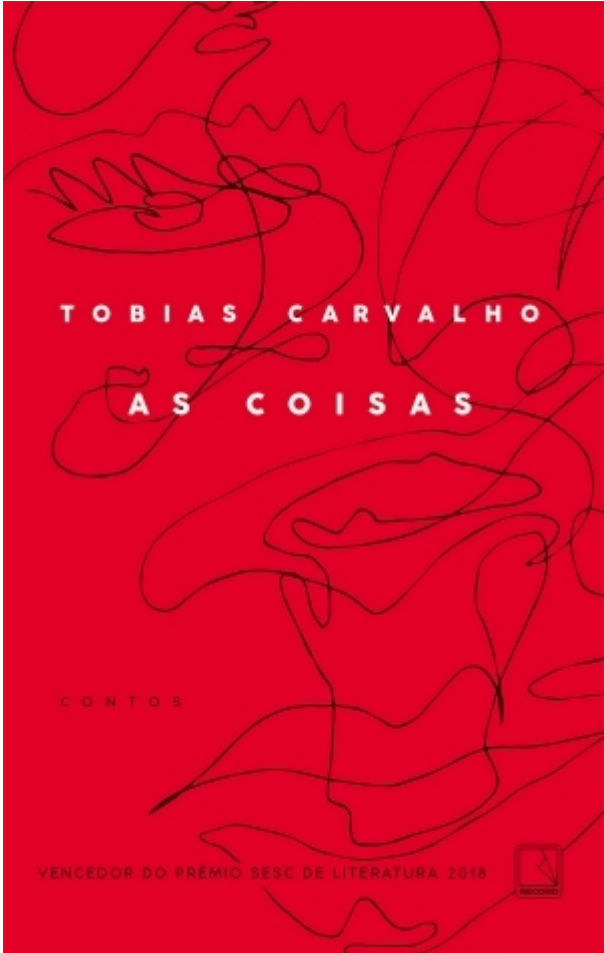
9788501113344

488 páginas

[Compre agora e leia](#)

Terceiro título da série O Imperador. Campo de espadas acompanha o retorno de César das campanhas na Espanha e as alianças com os inescrupulosos Pompeu e Crasso para a conquista da Gália, da Britânia e do sonho de se tornar um novo Alexandre, o Grande. Ao voltar a Roma em companhia do leal general Brutus, César inicia uma aliança com políticos influentes e inescrupulosos que apoiam sua eleição como cônsul. Com o novo cargo, assume a expedição à Gália com plenos poderes para reclamar os espólios e governar em nome de Roma. César põe seu exército em marcha, atravessa a Gália e o Canal da Mancha e enfrenta os selvagens bretões. Em uma série de combates sangrentos, a lenda do grande Júlio César é forjada. Enquanto isso, os adversários políticos em Roma tornam-se ainda mais fortes e destemidos. Romance empolgante que revela fatos históricos sobre as aventuras do maior imperador de todos os tempos.

[Compre agora e leia](#)



TOBIAS CARVALHO

AS COISAS

CONTOS

VENCEDOR DO PRÊMIO SESC DE LITERATURA 2018





# As coisas

Carvalho, Tobias

9788501403735

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sensível e implacável por trás de uma escrita limpa e simples, *As coisas* traz uma costura de vivências humanas sob a ótica de um jovem homossexual. O personagem constante dessas histórias trabalha, viaja, estuda, cruza ruas de metrópoles agitadas, passa horas em aplicativos de encontros sexuais. Não há maquiagens para a solidão, nem disfarce para o sexo. Ele sente, ele quer, ele ganha e perde, transformando-se de história em história e construindo um arco narrativo que alicerça todo o livro.

[Compre agora e leia](#)

UM CLÁSSICO DA LITERATURA EM NOVA TRADUÇÃO

ROBERT LOUIS STEVENSON

# O MÉDICO E O MONSTRO



O ESTRANHO CASO  
DE DR. JEKYLL  
E MR. HYDE



# O médico e o monstro

Stevenson, Robert Louis

9788501107084

110 páginas

[Compre agora e leia](#)

Robert Louis Stevenson escreveu em seis dias uma história que lhe veio de um pesadelo. Assim nasceu o clássico da literatura O médico e o monstro ou O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. O livro é uma intrigante combinação entre história de terror e alegoria moral. É a luta de duas personalidades opostas — uma essencialmente boa e outra o puro mal — pelo controle de um homem. O suspense, a inteligência e o retrato sensível da natureza dupla do Dr. Jekyll revelam a habilidade e a originalidade do autor, e o poder de sua obra reverbera até os dias atuais. Essa nova tradução, feita por Ana Julia Perrotti-Garcia, é uma edição comemorativa do aniversário de 130 anos da publicação original

[Compre agora e leia](#)



# O silêncio dos inocentes

Harris, Thomas

9788501116093

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição capa dura do clássico que inspirou o filme vencedor do Oscar de Melhor Filme e Melhor Roteiro Adaptado. Com texto de apresentação de Raphael Montes. O assassino em série Buffalo Bill persegue um tipo específico de mulheres. Ele tem um propósito em mente, mas ninguém consegue entendê-lo. Clarice Starling, aluna da Academia do FBI, fica surpresa quando é convocada por Jack Crawford, chefe do Departamento de Ciência do Comportamento. Sua missão: interrogar o Dr. Hannibal Lecter, um psiquiatra brilhante e um assassino perigoso mantido na ala de segurança máxima do Hospital Estadual de Baltimore para Criminosos com Transtornos Psiquiátricos. O trabalho de Clarice se resume a alimentar o banco de dados do FBI com informações sobre o prisioneiro; entretanto, a capacidade de Lecter de entender a mente de pessoas com transtornos mentais pode ajudá-la a encontrar e capturar Buffalo Bill. Ainda que seja forte e inteligente, Clarice é abalada pela relação estranha e intensa que mantém com Lecter. As misteriosas pistas do psiquiatra – sobre Buffalo Bill e sobre ela própria – lançam Clarice em uma busca que pode salvar uma vida e que, ao mesmo tempo, faz dela um potencial alvo de

Buffalo Bill.Com um enredo inteligente e instigante, O silêncio dos inocentes já é um clássico do suspense e da própria literatura.

[Compre agora e leia](#)